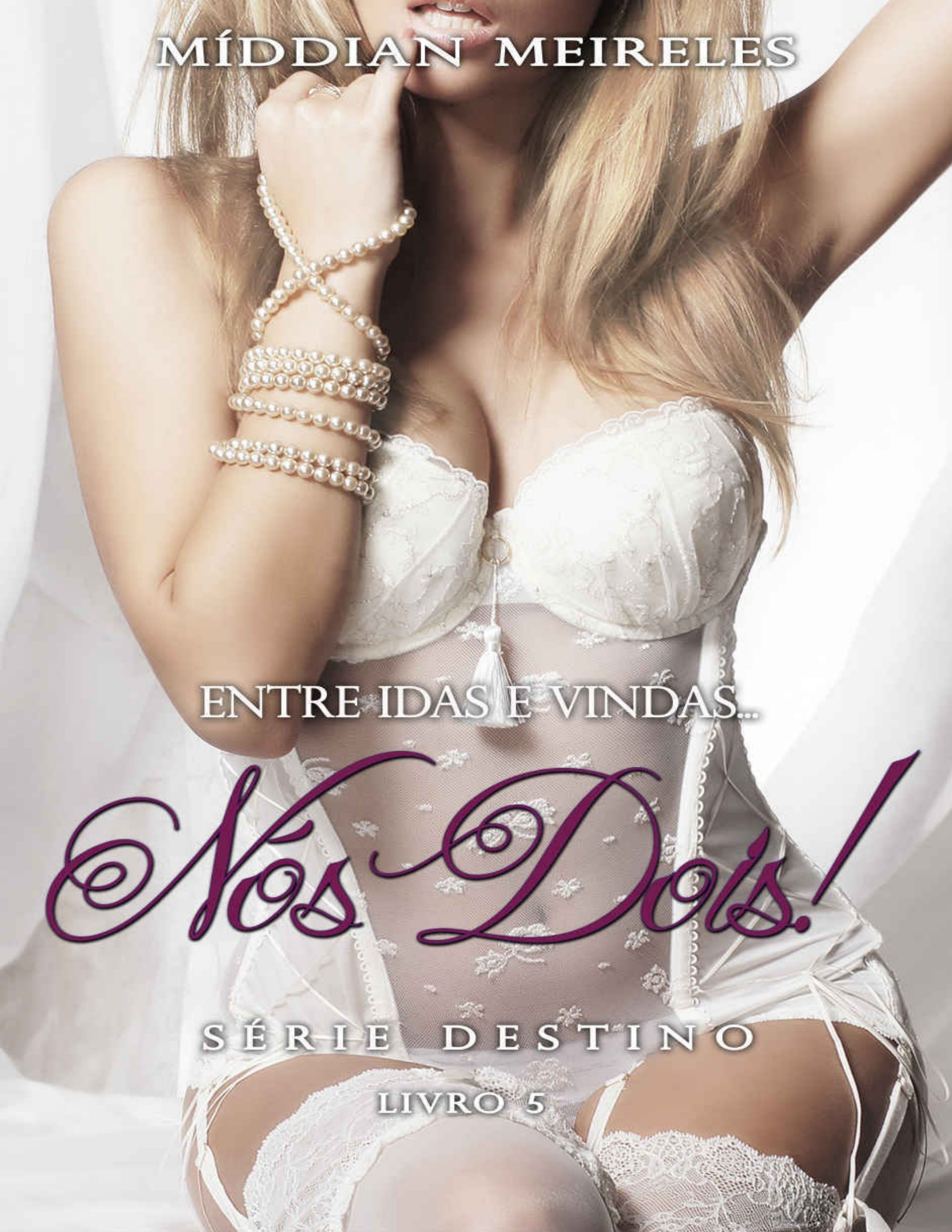




MÍDDIAN MEIRELES

ENTRE IDAS E VINDAS...

Nos Dols!

SÉRIE DESTINO

LIVRO 5



Copyright © 2018 MÍDDIAN MEIRELES

Todos os direitos reservados à Míddian Meireles. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização da Autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98, punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Equipe Editorial:

Capa & Diagramação Digital: Míddian Meireles

Revisão: Evelyn Santana

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Essa obra foi escrita e revisada de acordo com a Nova Ortografia da Língua Portuguesa. O autor e o revisor entendem que a obra deve estar na norma culta, mas o estilo de escrita coloquial foi mantido para aproximar o leitor dos tempos atuais.



Sinopse

Henrique e Mia se apaixonaram quando crianças e ainda jovens descobriram a paixão e viveram sentimentos irresistíveis, além de lutarem contra dificuldades, dramas e até mesmo conflitos familiares para viverem esse amor.

Depois de muito tempo separados, Mia está de volta e Henrique decide reconquistá-la, nem que para isso tenha que lhe provar seu amor e confessar os segredos que por anos escondeu e os afastou.

No entanto, a vida de ambos não é fácil e chegou a hora de eles não apenas enfrentarem os demônios do passado, mas também descobrirem que o verdadeiro amor é capaz de transpor todos os obstáculos, perdoar e finalmente acabar com as idas e vindas que por anos os separou.

Aviso antes da Leitura

Sei o quanto demorei para chegar e o quanto deixei todas ansiosas pelo encerramento da história de Henrique e Mia, mas infelizmente muitas coisas aconteceram e acabei não chegando mais cedo. E antes que vocês comecem, quero dar alguns avisos para vocês, para não deixar ninguém na dúvida.

Assim como no primeiro livro da duologia, nós voltaremos alguns anos por meio de flashbacks, pois tratar as emoções com realidade é algo que nós, autores, trabalhamos duro, e focar naquela dor imediata oprimiria a nossa história e então o passado tinha que ser retratado para que o presente pudesse ser entendido. Então se preparem para continuar me xingando e também os personagens.

A conexão e o amor de Henrique e Mia é imensurável, e mesmo com todos os percalços, ou a raiva que eu inevitavelmente sentia enquanto eles contavam sua história para mim, ainda assim me cativavam como poucos fizeram. Além de qualquer problema que um casal tenha, ter essa presença forte um na vida do outro faz muita diferença. Não quero romantizar certas atitudes, mas realmente essa conexão com alguém é de longe uma das coisas que costumamos ver hoje em dia e era isso que eu queria mostrar nesse livro.

E como eu sempre digo, apenas confiem nessa pessoa que vos fala!
kkkkkkk

Obrigada por todas que ansiavam por esse momento. Mandaram mensagens (muitas), me ameaçaram (demais)... rs Enfim...

Espero que vocês embarquem comigo em mais essa história e se apaixonem. <3

*“Se duas pessoas foram feitas para
ficarem juntas, eventualmente
encontrarão seu caminho de volta.”*

Gossip Girl

Doze anos antes, aquela noite...

Prólogo

Não sabia que horas eram quando decidimos por fim voltar para casa. Havia perdido a noção de tudo desde o momento em que nos beijamos. E quem poderia me culpar? Não queria que nosso tempo acabasse. Não queria me afastar de Henrique. Tudo que queria era estar com ele. Mas embora a felicidade se fizesse presente como nunca outrora, havia um aperto no peito que insistia em não ir.

Poderia ser besteira, eu não sabia, afinal, estávamos tão bem desde o momento em que ele finalmente confessou querer estar comigo, então por que a sensação de perda era tão grande?

Dizem que quando estamos prestes a perder alguém nosso coração sabe. E sabia mesmo. O olhar e sorriso de Henrique durante todo o caminho deveriam ser o suficiente para me acalantar, mas não foram. Eram como uma xícara de café quente em um dia frio como aquele. Porém, a cada passo dado em direção à casa, era como se, embora a xícara ainda estivesse com café, ele houvesse esfriado, esfriado porque não resistira à temperatura. E eu me sentia assim, cheia de algo que inevitavelmente esfriou. Ou melhor dizendo, cheia de amor que que encontrara seu fim antes mesmo de começar.

E foi exatamente isso que aconteceu quando abrimos a porta...

Tempos Atuais...

Capítulo 1

MIA

Eu sempre gostei de ler, aprendi com meu *nonno* a apreciar um bom livro. Quando era criança, ele lia todos os contos de fadas para mim e eu escutava encantada cada uma das lindas histórias infantis que me faziam sonhar e fantasiar com uma vida como aquelas descritas.

Quando fui crescendo e aprendi a ler sozinha, nós passávamos horas sentados um ao lado do outro na poltrona da sua biblioteca particular, apenas lendo em um silêncio confortável. Assim que terminávamos, conversávamos sobre o livro e nossa “aventura” em meio às palavras. Era um momento só nosso e para mim era sempre maravilhoso dividir outras histórias com ele.

Mas quando fui ficando mais velha, pude perceber por que eu sempre me interessei pelo mundo da literatura, pois gostava de ir para outro lugar. De ficar perdida no tempo. Fingir um pouco que estava vivendo uma vida diferente. E depois descobri o mesmo refúgio quando colocava minhas emoções no papel. Ler e escrever eram a minha fuga. Viver em meio às palavras, personagens e tantas histórias mantinha minha sanidade e por isso aprendi a amar esse mundo.

Olhando para frente eu podia ver o quanto isso me modificara. Meus diários estavam empilhados e organizados por ordem decrescente quando resolvi abrir o baú que os guardava, mais conhecido como “minha caixa de Pandora”. No início eles eram aqueles comuns com cadeado para crianças, coisa que descobri logo que poderia abrir com qualquer coisa afiada. Posteriormente, comecei a utilizar agendas sem data, porque não era todo dia que eu me sentia bem o suficiente para transcrever minhas emoções.

Porém, embora não existisse uma regra pré-estabelecida sobre o que era escrito ali, todas as agendas tinham algo em comum: contavam a minha vida, falavam sobre meus medos, sonhos e desejos. Eram minhas melhores amigas. Muitas delas guardavam mais do que segredos, guardavam o que eu não tinha coragem de confessar em voz alta. Escrever era basicamente a minha metáfora para controle.

Fui vasculhando entre eles, até encontrar o diário do ano que eu queria, de doze anos atrás. Eu não sabia por que estava fazendo isso, no entanto, algo me impulsionou a buscar por uma resposta daquele dia, uma resposta que eu achava nunca ter tido. Uma resposta para o dia em que inevitavelmente me modificou.

“Eu não entendia por que Henrique resolveu andar a cavalo e ainda por

cima me levar até a cachoeira àquela hora da madrugada. Eu não estava com medo. Primeiro porque eu não tinha medo do escuro e segundo porque estava com ele. Eu só não sabia que deveria ter medo do depois...”

Fechei-o de uma só vez. Não consegui prosseguir. Apertei os olhos enquanto tentava de alguma maneira empurrar o nó da minha garganta, em uma tentativa vã de controlar aquela escuridão que ameaçava me dominar ao ler apenas as primeiras linhas de um dos meus maiores pesadelos.

Depois de tantos anos, eu me achava mais forte e pensei que conseguiria, mas eu não podia estar mais errada. Não importava quanto tempo de terapia eu tivesse tido, não importava que não tivesse um ataque de pânico há anos, ainda assim algo em mim travava e eu simplesmente não conseguia lidar com os acontecimentos daquela maldita noite.

Engoli em seco minha frustração e, limpando as lágrimas que eu nem havia reparado que estava derramando, comecei a guardar os diários de volta no baú de madeira, antes de trancá-los novamente, como se fazer isso trancasse também todos os meus temores e angústias nunca curados.

— Está pronta? — Thiago perguntou, batendo na porta do quarto e entrando em seguida, fazendo um suspiro de algo parecido com alívio me escapar.

— Estou — respondi-lhe com a firmeza que eu precisava. E eu esperava que estivesse forte o suficiente para enfrentar o que viesse.



Eu adorava verdadeiramente viajar. Não era à toa que meu passaporte era realmente carimbado. Mas se tinha uma coisa que eu odiava, era a parte do “caminho” até o destino. Não que eu tivesse medo de avião ou coisa assim, eu apenas não gostava de ficar parada por horas a fio, sem fazer nada e sem poder sair. Se pudesse pular essa parte e simplesmente me teletransportar ou aparatar como em *Harry Potter*, eu adoraria.

Sentia uma saudade imensa dos meus amigos que moravam em Manaus. Por mais que eles sempre fossem até o Rio, Luca e Sophia por causa do trabalho e Mariah por causa de Thiago, eu achava mais do que justo ir visitá-los também. Fora que eu precisava me manter mais tempo fora de casa, por isso resolvi passar uns dias em Manaus, quando meu ator preferido me chamou para ir.

Estávamos nas semanas que antecediam o Carnaval, então como Manaus não era uma cidade muito turística quando se tratava desse tipo de festa popular, como Salvador e Rio de Janeiro, eu estava mais do que grata pelo voo até lá ter sido tranquilo.

Thiago era meu companheiro de viagem e fez com que a ida até lá fosse o

mais agradável possível apenas pelo fato de eu ter meu melhor amigo ao meu lado. O motorista de Luca nos aguardava quando desembarcamos no aeroporto e, depois de pegar nossas malas, fomos em direção à nova casa do casal.

Passando pelos enormes portões de ferro da propriedade, segurei o fôlego ao avistar a enorme mansão branca com uma belíssima vista para o Rio Negro. A nova e milionária moradia dos recém-casados fora presente de noivado de Luca e projetada pela Sophia.

Como eles haviam se mudado apenas há alguns dias, eu ainda não conhecia sua nova casa, pois na última vez que estive em Manaus ela ainda estava em fase final de acabamento. O que já era de se esperar e não fora surpresa alguma, para mim, foi que Sophia realmente havia arrasado no projeto, o lugar estava simplesmente divino.

O motorista nos ajudou com as malas e entramos em uma imensa sala, decorada divinamente com tons claros e neutros, de uma forma luxuosa.

— A Sra. Campanaro pediu para avisar que se atrasou para recebê-los porque estava fiscalizando uma obra, mas que logo estará em casa — a governanta de Luca disse e assenti, embora tivesse vontade de rir.

Por mais que Luca e Sophia formassem um casal lindo e eu soubesse o quanto se amavam, ainda era estranho, para mim, ouvir alguém se referir a ela como Sra. Campanaro, porque parecia que ela era uma velha senhora, e não a jovem linda que eu conhecia e tinha aprendido a amar. Além do mais, a própria Sophia já havia nos ligado para falar sobre o contratempo, mas ainda assim a governanta se desculpou por ela.

— Vou acompanhá-los até seus quartos — ela voltou a falar de forma solícita.

— Obrigada.

— Obrigado. — Thiago e eu agradecemos ao mesmo tempo.

Mariah costumava morar em um apart-hotel pequeno que pertencia ao grupo da Campanaro aqui em Manaus, mas desde que ela e Thiago ficaram noivos haviam comprado um terreno no mesmo condomínio da casa de Luca e Sophia, e naquele momento tinham uma casa em construção, mais um projeto fabuloso da loira.

Como o apart era pequeno e queríamos ficar todos juntos, Mariah e Thiago também ficariam aqui nos próximos dias e talvez estar com todos meus amigos fosse o suficiente para me fazer esquecer a escuridão e inquietude que ameaçavam me consumir.



— Já que Mia está aqui e Thiago também, sabem o que eu estava

pensando? — Luca perguntou, enquanto jantávamos horas mais tarde.

— Não — Thiago e eu respondemos juntos.

— Que talvez devêssemos viajar no Carnaval — sugeri animado, e alcei minha sobrancelha enquanto olhava de volta para meu velho amigo.

— Viajar para onde, Amor? — Sophia perguntou parecendo mais intrigada do que eu.

— Não sei. — Deu de ombros. — Vocês escolhem e eu preparo o jatinho. Pensei em irmos para Cancun — Luca sugeri cada vez mais entusiasmado e abri um enorme sorriso de expectativa, que pareceu se refletir em sua irmã.

— Uau! Adorei! — Mariah bateu palminhas animada e Carol limpou a garganta, mas não disse nada, assim como os outros amigos de Sophia.

Foi então que olhei para minha amiga loira e em choque descobri que ela não estava muito feliz com a sugestão. Na verdade, ela não parecia nada satisfeita, o que era completamente estranho. Nunca ouvi uma pessoa que não quisesse ir a Cancun. Não ficar feliz em ir para lá era a mesma coisa de não ficar animada com uma liquidação da *Dolce & Gabbana*. Tipo, completamente insano. Fora que Sophia adorava a expectativa de sair com todo mundo e se divertir. Poucas pessoas que eu conhecia costumavam ser tão alto astral quanto ela.

— O que houve, *baby*? — Luca perguntou à sua esposa, nitidamente preocupado com a reação dela.

— Hm... Desculpe, mas acho que não dá. — A resposta chegou sem jeito, sem nem ao menos olhar para ele enquanto falava.

— Por quê? Você não gostou da ideia de irmos para Cancun? — ele insistiu.

— Não é isso... ela começou e seu marido logo a cortou:

— Podemos ir a outro lugar se você quiser. Tenho certeza de que ninguém irá se opor. — Ele se virou para a gente, e tratamos de concordar, embora seus amigos ainda permanecessem indiferentes e um tanto estranhos.

— Podemos ir para Margarita, já que você gosta de lá e também estou curiosa para conhecer — sugeri em uma tentativa de ajudar.

— Não, gente, não é isso. É que lá não tem TV — balbuciou a resposta, a voz sumindo na última palavra.

— O quê? Lógico que tem TV. — Luca riu, sem entender completamente nada. E nem eu.

— Luca — Carol chamou sua atenção —, Sophia não vai confessar, então melhor acabar de vez com o mal-entendido. Ela quer dizer que lá não pega os canais do Brasil.

Oi?

— Por que isso? — Luca voltou a se dirigir à sua esposa, em uma tentativa

clara de resolver o problema.

— É porque eu não saio de frente da TV no carnaval, ok? respondeu desafiadoramente.

— Que diabos! O que você quer dizer com isso? — inquiriu, enquanto eu a olhava sem entender.

— Sophia não sai da frente da TV, porque ela assiste a toda a programação do Carnaval de Salvador. Todo mundo aqui sabe que é inútil tentar arrastá-la para qualquer lugar nessa época do ano. Se depender dela, ficamos no sofá todo o feriado de Carnaval — Duda foi quem respondeu por ela, que parecia cada vez mais envergonhada.

Isso era sério?

— Baby, é isso? — Luca perguntou com carinho.

— É confessou por fim, e ele sorriu amorosamente para ela, antes de lhe tirar um enorme sorriso ao sugerir:

— Ok. Então o que vocês acham de irmos para a Bahia?

Nove Anos atrás...

Capítulo 2

MIA

Já era péssimo acordar com uma notícia ruim, mas era ainda mais horrível sermos acordados com uma trágica. E foi em meados de dezembro, próximo à nossa viagem de volta para o Brasil, para passarmos as festas de fim de ano e depois retornarmos nosso ano letivo, que recebemos a notícia da morte da mãe de Luca.

Pela primeira vez na vida, eu não vi apenas meu melhor amigo chorar, eu o vi desabar. A fortaleza impenetrável que o jovem Luca Campanaro parecia ser com seus mais de 1.80 m havia se resumido a um menino completamente perdido.

Perder alguém sempre era doloroso e eu bem sabia disso. Porém, a perda de tia Paola afetou a todos nós, pois ela era muito querida e especial. Meu melhor amigo se fechara completamente. Mariah estava inconsolável, bem como tio August, que parecia completamente perdido sem a mulher que amava. E nós guardávamos nossas próprias dores e tentávamos amenizar o sentimento deles de perda, assim como fizeram conosco anos atrás.

O enterro de Paola Di Pallaci Campanaro mais parecia de uma artista, pois ela era uma pessoa tão adorada pelos que tinham a honra de lhe conhecer que o lugar estava lotado. Dar adeus a ela foi doloroso e só acreditei de fato que era ela quem estava ali naquele caixão, indo embora tão jovem, quando Luca e Mariah jogaram os primeiros punhados de terra.

Quando Henrique notou que eu estava emocionada, me puxou em um abraço, onde coloquei minha cabeça em seu peito, enquanto eu chorava por esse adeus que nenhum de nós queria dar. E por mais que tentasse controlar aquele ardor no peito, que tentasse acreditar na palavra do padre quando ele falou sobre “tudo acontecia no momento de Deus”, ainda assim, não consegui me livrar daquela sensação de que era apenas um prenúncio de que mais coisas ruins aconteceriam.



Um tempo longe de tudo, talvez seja a melhor forma para lidarmos com o luto. Enquanto Mariah e tio August tentavam seguir a vida, trazendo um pouco de normalidade a ela depois da tempestade, Luca preferira se isolar na fazenda. Tentávamos apoiá-los da melhor maneira possível, porém meu amigo preferira ficar sozinho e nos dispensou, mesmo com a nossa existência, e acabamos entendendo que era aquilo de que ele precisava.

Apesar de não termos estabilidade emocional para darmos prosseguimento às festas de fim de ano que eram tradição da nossa família, papai achou melhor todos irmos para a fazenda e assim ficarmos juntos. Também pudera, depois do que houve ele temia que acontecesse alguma coisa, que algo tão frívolo como um acidente de carro pudesse tirar mais alguém do nosso seio familiar.

Luca já tinha nos dito que não voltaria mais para Roma e entendíamos sua decisão. No entanto, meu retorno para lá com Henrique parecia, agora, tão incerto, que não tinha nem mesmo vontade de falar sobre isso e resolvi deixar esse assunto em *stand by*.

Por meses havíamos ensaiado como falaríamos para nossa família sobre nós dois e como seria isso quando voltássemos para as festas de fim de ano. Porém, mesmo que Henrique viesse escondido para meu quarto toda noite, agora que estávamos aqui não parecia a hora e muito menos o momento certo para se fazer aquilo.

A ceia de Natal fora comemorada sem muita festa, apenas uma família grande em torno de uma mesa farta. Ninguém estava muito entusiasmado. No entanto, algo parecia prestes a mudar e ainda assim tentei afastar aquele aperto em meu peito.

— Er... Eu queria falar algumas coisas — meu pai falou, um pouco depois que começamos a jantar. Ele então pegou a mão de minha dinda e sorriu de modo cúmplice. — Decidimos esperar um pouco para falar, mas acho que talvez seja o momento. — Seus olhos brilharam em expectativa enquanto ele olhava para todos. — Conhecemos um pequeno garotinho que nos conquistou. — Riu baixinho.

— Ele parece tanto com você, filho — minha dinda falou emocionada.

— Ele é tão pequeno e ainda assim tão esperto. Quando pusemos nossos olhos sobre ele, sabíamos que ele era o nosso menino — papai continuou a relatar.

— Eu virei para o Vittorio e disse que não sabia como ele se sentia, mas que eu havia encontrado nosso menino e que eu não sairia daquele lugar sem ele. — Minha dinda limpou suas lágrimas e eu tive que fazer o mesmo.

— E por mais ansiosos que estivéssemos para trazê-lo para casa e que vocês o conhecessem, tivemos que esperar. Não queríamos dizer nada enquanto não tivéssemos certeza de que conseguiríamos a guarda dele. No entanto, nosso advogado entrou em contato conosco essa manhã e nos garantiu que em breve nosso pequeno poderá vir para casa — garantiu, também emocionado.

Pela primeira vez em dias, nossa família sorriu. Uma emoção nova tomou conta de nós e em nosso peito já brotara o amor pelo caçula dos Guiotto, que nem ao menos conhecíamos ainda, mas já o amávamos como nosso. E ao pensar

nele surgiu também um novo sentimento: esperança.

— Como nossa família vai crescer, vamos ter que contar com a ajuda de vocês. — Ele se virou para Henrique e continuou: — Você tem uma namorada ou alguém especial? — perguntou, fazendo-nos engolir em seco.

Henrique olhou para mim disfarçadamente e achei que esse seria o momento em que finalmente contaríamos sobre nós. No entanto, o que eu ouvi foi:

— Não.

Olhei chocada para Henry, sem acreditar que ele não apenas tivesse perdido a chance de admitir perante nossa família que nos amávamos, mas também tinha acabado de negar o que tínhamos. Isso doeu, e muito.

— Ótimo. Então isso torna as coisas mais fáceis. O que acha de trabalhar comigo diretamente? Aprender o que tem que aprender, para daqui a algum tempo, quem sabe, assumir o lugar que será seu? — meu pai inquiriu, animado.

— É tudo que mais quero, dindo — Henrique disse, fazendo-me perder o ar que ainda parecia existir em meus pulmões.

E enquanto eles discutiam a sua volta, tentei disfarçar sorrindo, mas doeu muito. Não, isso era mentira. A verdade é que parecia que ele tinha acabado completamente comigo. Eu não poderia acreditar que ele estava realmente fazendo isso comigo. Não depois de tudo.

Parecia que não havia espaço deixado entre mim, as paredes e a mesa. Eu tinha a impressão de que iria ficar esmagada entre eles, se não conseguisse sair de lá. Precisei me lembrar de que precisava ficar ali e não deixar o pânico me dominar, e com esse pensamento em mente continuei o jantar, evitando olhar para Henrique. Assim que terminei, pedi licença e saí da mesa.

Tudo o que eu sabia era que mal podia respirar. Realmente precisava sair dali e rápido. Andei até a escada, praticamente pulei degrau por degrau e me pus a correr quando alcancei o corredor do andar superior. Quando cheguei à porta do meu quarto, ouvi o bastardo chamando por mim.

— Deixe-me explicar, Mia! Por favor, deixe-me explicar! — ele continuou gritando.

Foda-se! Ele só podia estar brincando comigo!

Como ele achava possível explicar o motivo de ter aceitado a oferta de meu pai para voltar ao Brasil? E ainda por cima negou que estava com alguém, quando nós dissemos que falaríamos disso quando chegássemos aqui? Ele achava que eu era estúpida?

— Mia, por favor — implorou, e a dor na sua voz me fez virar para encará-lo.

De frente para ele, eu esperava ver qualquer coisa, menos a dor no seu

olhar.

— Deixe-me ir, Henrique — pedi em um sussurro, voltando minha atenção para a porta do meu quarto, e ele segurou meu cotovelo.

— Eu não quero que nós...

— Não existe mais “nós” Henrique! — gritei e ele negou com a cabeça.

— Você não está entendendo, eu só fui pego de surpresa...

— E você acha que eu não fui pega de surpresa quando meu pai perguntou se você não teria alguém especial lá e você disse que não?

— O que eu fiz de errado? O que você queria que eu fizesse?

— Nada. Você não fez nada. Eu não queria que você fizesse nada que não quisesse. Esse é o problema. Acho que nossas exatidões simplesmente não são as mesmas. — Ri com escárnio, tentando segurar o bolo que ameaçava romper minha garganta. — E já que você decidiu por si só o que faria, me vejo no meu direito de fazer o mesmo. Vou voltar para Itália. E espero, de coração, que você seja feliz pela sua escolha.

Não esperei que ele dissesse mais nada, apenas entrei no meu quarto e bati a porta em sua cara, antes que me arrependesse do que faria. Com as costas contra a porta, desci meu corpo até o chão enquanto lágrimas dolorosas escorriam.

Podia até ser verdade quando diziam que você não podia morrer de um coração partido. Meu coração estava despedaçado e eu me senti enjoada enquanto aquela dor não cessava. O inferno doía tanto, que naquele momento eu preferiria estar morta.

Tempos Atuais...

Capítulo 3

MIA

Ah, Bahia, meu amor!

Essa era certamente a frase que explicava meu sentimento de contentamento por estar naquele lugar tão mágico. Dizem que o ano só começa realmente depois do Carnaval e depois de tantas mudanças em minha vida eu precisava mais do que nunca de um recomeço. E como ter jeito de melhor de fazer isso do que na *Capital da Alegria*?

O Carnaval de Salvador é, com certeza, o maior evento de participação popular do mundo. A cada lugar que meus olhos enxergavam era possível ver os foliões dominarem completamente a cidade para semana de festejo. Na verdade, essa “invasão” costuma durar o verão inteiro com todas as festas e os chamados ensaios para festa de fevereiro.

Uma coisa inegável para se dizer é que a folia do Carnaval baiano é secular. Ele costuma acontecer, ao mesmo tempo, em vários bairros da Cidade. Nenhum outro no mundo chega perto da contagiante folia baiana.

Mas nem só de axé, samba e frevo vive o Carnaval da Bahia. O sucesso do evento atrai músicos de todo o Brasil, misturando vários ritmos, transformando o festejo nessa mescla perfeita que faz com que todos se apaixonem. E não teria como ser diferente comigo.

Não era a primeira vez que curtiria o Carnaval, muito menos que visitava esse lugar tão maravilhoso, afinal, minha madrinha era uma baiana legítima e costumávamos visitar sua família vez ou outra. Mas de alguma maneira me sentia diferente estando ali.

Desde que os conheci, apaixonei-me por eles e os amigos de Sophia acabaram se tornando meus também. Era bom demais estar com eles, mesmo que cada um tivesse sua vida e problemas, quando nos juntávamos eramos como uma família meio disfuncional que se completava de um jeito difícil de explicar. Eles rapidamente se tornaram parte de mim e a cada momento ao lado deles podia sentir que a recíproca era mais do que verdadeira.

Só que embora eles alegrassem ainda mais os meus dias de carnaval, que juntamente com Luca e Thiago fossem muito mais do que eu esperava ter como amigos, sempre parecia faltar alguma coisa. E mesmo que não admitisse, eu sabia muito bem o que era. Ou melhor, quem era.

No nosso segundo dia de carnaval havíamos festejado em um dos camarotes patrocinados pela *Campanaro Empreendimentos*, que ficava

localizado na área central do Circuito Barra-Ondina e justamente enquanto “curtia” a ressaca da noite anterior durante o café da manhã que descobri que dali em diante as coisas mudariam.

— Henrique está vindo — Luca nos avisou, fazendo-me engasgar com o pãozinho delícia, que eu tão emocionalmente devorava.

— Você está bem? — Carol perguntou, ao mesmo tempo em que batia em minhas costas.

— Acho que sim. — Minha resposta foi dada em um fio de voz, enquanto tentava voltar a respirar normal e Nick me estendia um copo com água.

— Tem certeza? — O tom de voz desconfiado, acompanhado do olhar que parecia “me ler” tão bem me disse que Sophia não acreditara em mim e me limitei a assentir, mesmo que estivesse longe de me sentir bem.

E aparentemente ela não estava sozinha na sua clara amostra de que não acreditara em minha asserção, pois, quando olhei ao meu redor, vi que todos à mesa pareciam se sentir da mesma maneira. Todo mundo ali sabia o que tinha acontecido entre nós. Ao menos parte do que houve, e isso não ajudava em nada a maneira como me sentia e nem fazia as coisas mais fáceis, afinal, me sentia envergonhada por saber disso.

Uma frase de um dos meus livros preferidos de Emily Brontë me veio à mente como acontecia a cada vez que me via em uma situação como essa: *“Entreguei-lhe o meu coração ele se apoderou dele, destroçou-o e, depois, o devolveu...”*

Eu nunca mais me senti inteira depois de tudo. Era isso que eu tinha que pensar.

— Acho que preciso de uma bebida — desabafei, por fim.



Depois do café da manhã, resolvi sair um pouco para espairecer e evitar um encontro antes de ter álcool suficiente em meu cérebro para estar na presença de Henrique sem demonstrar o quanto isso mexia comigo. Mas embora tivesse pensado que teria um tempo sozinha para fazer isso, meus amigos pareciam discordar de mim, pois no momento que avisei que daria uma volta na praia praticamente todos se ofereceram para fazer uma caminhada comigo, como se não estivessem com tanta indisposição para uma caminha por causa de ressaca como eu me encontrava.

Por saber que não adiantava tentar fugir, acabei aceitando a companhia de Carol e João, que, de fato, me distraíram com os problemas que a morena aparentemente parecia enfrentar com o noivo, que não havia viajado com a gente.

Como a casa de praia da família de Sophia aparentemente não comportaria todos, Luca havia alugado uma bela mansão para passarmos esses dias de festa, na Costa do Sauípe, localizada em um local paradisíaco no litoral norte da Bahia, a pouco mais de 70 km de Salvador.

Além das belíssimas praias que a banhava, a Vila Nova da Praia me ajudou a abstrair um pouco, pois poucos lugares que frequentei tinham um shopping a céu aberto com a cara de um típico e charmoso vilarejo baiano, que também contava com diversas opções gastronômicas.

Depois de muito caminharmos, almoçamos uma deliciosa moqueca de camarão e foi quando admiti para mim mesma que não adiantava continuar a postergar, tínhamos de voltar para casa. E juntando toda minha coragem adquirida pelas doses de caipiroska de umbu finalmente voltamos para casa.

Não o vi imediatamente ao entrarmos na casa e fiz cara de paisagem, tentando fingir que estava tudo bem enquanto relatava aos nossos amigos o que havíamos feito. Deitei na espreguiçadeira da piscina assim que tornei a encher meu copo com mais uma rodada de *roska* e, quando levantei meus olhos, dei de cara com Henrique usando unicamente uma sunga vermelha.

Porra! Eu não estava com álcool suficiente para esse reencontro!

Era como uma cena de *Magic Mike* ao vivo. Não, na verdade era muito, muito melhor. Naquele momento não achei nem um pinga de graça em Channing Tatum, Joe Manganiello ou qualquer outro dos homens do filme que por ventura me fez suspirar outrora.

O que era uma coisa estranha, afinal, eu estava falando do filme com maior concentração de homens gostosos que a história do cinema já viu. Fora que eu tinha visto Henrique seminu e até mesmo nu mais vezes do que poderia contar, mas uma coisa era certa: a cada vez que acontecia, era como um espetáculo que não deixava de me surpreender.

Afff, isso era homem pra mais de 3 camas!

Mesmo tendo cuidado de controlar o desejo eterno que me fazia sentir, eu não era imune a ele. Qualquer mulher com ovários — ou até mesmo sem, afinal, a página do fã clube e *Instagram* de Henrique eram provas vivas disso — seriam afetadas por ele. Então, quando o vi caminhando pela área de lazer, preendi minha respiração enquanto não conseguia parar de olhar. Juro que tentei, mas duvidava que até mesmo uma freira pudesse ter tanto autocontrole, e mais do que isso: força de vontade para não fazê-lo.

O homem era lindo. Uma tentação que simplesmente escorria beleza e *sex appeal*. Era como uma mistura perigosa de linda aparência e inteligência,

envoltas em um ar de *bad boy* que nos deixava sem ar. Se ele fosse ator, claramente seria digno de receber o prêmio de "*Melhor Performance Sem Camisa*" do MTV Movie Awards.

Seu tanquinho... Deus! Por que seu tanquinho era assim? Todo ondulado, duro e outras coisas...

— Respire, Thuca... Respire — Luca sussurrou em meu ouvido, me tirando do meu momento de insanidade temporária.

Depois dessa, achei que precisaria respirar com ajuda de aparelhos, mas fui obrigada a fazer por mim mesma e agradei aos óculos escuros por esconder parcialmente meu deslize e finalmente olhei para longe, não querendo que ele soubesse que eu estava admirando seu peitoral e abdome bronzeados e aquele físico mais do que perfeito. Meus pulmões se apertaram.

Deus, não posso respirar. Me ajude a respirar!

Resfoleguei, sentindo-me culpada só por olhar, agoniada porque sentia outras coisas que eu não gostaria.

— Você está bem? — foi Luca quem sussurrou a pergunta, que estava começando a me irritar.

A verdade era que eu não estava. Eu era impotente quando se tratava de Henrique. Embora ficasse feliz de saber que meu melhor amigo se preocupava com a forma que eu me sentia, ainda assim me irritava não apenas a sua preocupação, mas o fato de que me achasse fraca para passar por isso.

E mais, por eu não saber esconder minha consternação. Essa inútil conversa sobre como me sentia diante dele era psicologicamente dolorosa. Era como um inferno particular quando você tem pensamentos e sentimentos que não podia compartilhar com ninguém. Eu ao menos não podia. Anos mais tarde e ainda achava difícil dizer e me sentir como só ele me fazia sentir.

— E por que não estaria? — era a resposta certa a se dar e tratei de virar a bebida de uma só vez.

Sabe o que é Déjà-fu? Aquela sensação de que você já se fodeu com isso antes? Então... era quase como uma premonição sobre o que estava por vir!

E por que não fugi é a pergunta que aparentemente eu nunca saberei responder.

HENRIQUE

Se alguém perguntasse o que havia mudado para que eu decidisse ir até a Bahia atrás dela, não saberia responder de fato. Mas a verdade era que depois de meses dando espaço para Mia, eu simplesmente não suportava mais essa distância que nos impus e achei que em um lugar longe de tudo que nos trazia lembranças dolorosas as coisas entre nós poderiam mudar.

Desde o Natal decidi que tinha de me afastar, foquei no trabalho e tentei lhe dar o que eu achava ser o melhor para ela, mesmo que estivesse me matando estar tão perto e ainda assim tão longe da mulher que eu amava. Queria estar com Mia mais do que quis alguém um dia. Queria tudo o que vinha evitando desde que me vi apaixonado por ela quando ainda era um moleque. Entendia que não estava pensando apenas em mim, estava pensando em nós. Eu a queria, queria nós dois. Queria o “nós” que por tanto tempo nos foi negado.

Só que fazer isso em pleno carnaval na Bahia talvez, apenas talvez, desse muito, mas muito errado. Afinal, tem tudo para você curtir o verão do seu jeito: festas, praias, roteiros incríveis e alegria em cada canto da cidade. E, claro, solteiros à procura de curtição.

Embora tenha sido impossível não notar como ela ficara mexida assim que me viu, Mia havia me evitado durante todo o restante do dia. E mesmo quando estávamos na van a caminho da folia, ela não se importou em dirigir a palavra a mim. O que eu não sabia era se a sua indiferença me doía mais do que seu distanciamento.

Quando chegamos ao camarote onde ficaríamos durante a noite, eu queria ir até Mia, mas ainda assim algo me prendia. Eu só não sabia discernir o que era. O que decerto era uma despropósito, afinal, eu havia me deslocado do Rio de Janeiro para a Bahia para ficar justamente com ela. Mas enquanto os foliões esperavam pela próxima atração que passaria pela avenida, perdi um momento ou dois olhando para Luca e Sophia.

Era incrível como o amor que sentiam um pelo outro parecia nítido a cada sorriso e olhar que compartilhavam. Enquanto conversavam entre si, sua barriga um tanto arredondada era acariciada e a felicidade no rosto de Luca e principalmente no de Sophia, em especial quando os três estavam na presença de Giovanna, como mais cedo, nos fazia querer lançar o maldito controle de natalidade para longe.

Claro que eu já havia pensado em ser pai por tantas vezes, especialmente quando estava com Mia no passado, mas desde que nos separamos não havia

desejado isso tanto quanto naquele momento. O que era um despropósito da minha parte, afinal, tinha uma relação muito complicada e cheia de idas e vindas para resolver antes de pensar em ter um filho.

Meus olhos inevitavelmente me levaram para o objeto do meu desejo, e quando isso aconteceu, por um segundo, um mísero segundo, nos perdemos um no outro e me vi mergulhado naquele azul límpido e profundo. Mas tão logo me vi preso, rapidamente a vi desviar o olhar. E isso me doía profundamente, essa tentativa ridícula de tentar se afastar e se manter distante de mim. Era um tipo singular de dor. Uma dor que eu já conhecia bem.

Sua opinião me importava, eu precisava acabar com tudo que nos mantinha separados. A única coisa de que eu precisava e queria era o seu amor e respeito. Queria seu sorriso alegre, o sexy e provocativo e também aquele tímido de menina pelo qual me apaixonei há tantos anos. Queria seu olhar no meu, seu corpo colado em mim e segurar sua mão sem sequer pensar em nos separar uma vez mais.

Eu precisava vê-la. E tocá-la. E só... saber... Saber que ela ainda me amava, que ainda poderíamos ser felizes juntos mesmo depois de tanta infelicidade passada. Por precisar tanto de ao menos uma migalha sua, quando dei por mim, me aproximava e a vi prendendo a respiração.

— Oi — foi o que consegui dizer, e ela olhou para o seu lado, para descobrir que Mariah não estava ali, o que eu, decerto, agradeceria depois. Embora tenha notado o quanto isso a deixou um tanto perdida.

— Er... Oi. — Mia continuou a não olhar para mim.

— Ah! Fico aliviado! Juro que pensei que você havia perdido a fala. — Coloquei a mão sobre o coração, em uma tentativa de intensificar meu gesto dramático.

Ela pareceu pronta para me torturar até a morte, o que não diminuiu em nada seu fator de gostosura. Muito pelo contrário, vê-la irritada me fez lembrar das nossas pirraças adolescentes, o que conseguia, como se fosse possível, deixá-la ainda mais sexy.

— Idiota! — resmungou, virando o copo da sua caipirinha de uma só vez.

— Uou... *Miamor*, vá devagar! Mal chegamos, você não quer perder a festa, não é? — fui irônico de propósito e ela bufou, demonstrando ainda mais sua irritação.

— Não é da sua conta o que vou ou não deixar de fazer. Aliás... O que você está fazendo aqui mesmo, Henrique Ferraz? — inquiriu de forma agressiva, com aquela voz sexy e um tanto rouca dela.

Jesus! Ela estava me matando!

Quase gemi ao escutar o som delicioso da sua garganta, bem como o quanto

ela conseguia ficar mais linda ainda quando eu atiçava seu gênio um tanto arredio.

Desacelere, entre no clima do verão, entre no clima da Bahia, entre no clima da estação...

Gostaria de não ter reparado seu decote, porque do jeito que ela estava revoltada, um tanto altiva enquanto esperava por uma resposta minha, eu tinha uma boa visão do sutiã de renda preta através do abadá e a memória dos belos seios fartos dela em minhas mãos era quase impossível de tirar da minha mente naquele momento.

— Vim por sua causa — consegui dizer, depois do que me pareceu um tempo interminável.

Mas diferente do que pensei que aconteceria, Mia não pareceu satisfeita com a minha resposta. Muito pelo contrário, ela parecia se sentir até mesmo insultada.

— Você só pode estar de brincadeira, Henrique! O que te leva a acreditar que sua vinda mudaria alguma coisa? Parece pensar que é único homem que existe para mim. Sinto muito, mas você se garante demais! — Sua voz mostrava claramente seu ultraje, mas isso não foi o bastante para me parar.

Aquela coisa da minha audição seletiva estava de volta, porque tive uma puta dificuldade em me concentrar em suas palavras, pois seus seios eram a única coisa que eu conseguia ver em minha frente.

O quê? Sou homem! E todo homem é assim!

Henrique, rosto, olhe para o rosto!

— Tudo bem por aqui? — Sophia perguntou um tanto cautelosa, enquanto se colocava entre nós dois, o que certamente me ajudou a focar no rosto da loirinha.

— Você sabe como tratar acesso de raiva? — perguntei a ela, em uma nítida tentativa de irritar Mia.

— Claro que sei. Já fiz muito isso, então perguntou à pessoa certa. Com uma garrafa de bebida e alto teor alcoólico. — Sua resposta foi tão honesta que me fez cair na gargalhada. Só que embora estivesse a ter convulsões de tanto rir, o que Mia disse a seguir acabou com toda graça que poderia ter:

— Às vezes, nem todo álcool disponível é necessário para acabar com a raiva e especialmente fazer esquecer as mágoas que um babaca nos infligi.

De boca aberta, completamente atordoado, a vi se afastar. Sophia pareceu tão chocada quanto eu, embora não tivesse perdido tempo em ir atrás dela. Quis fazer o mesmo, mas não pude. Lágrimas de verdade começaram a arder nos meus olhos, algo que há muito tempo não me acontecia.

Porra! Eu era o babaca!

— O que diabos está acontecendo com você? — Luca me perguntou irritado, aparentemente ele havia escutado nosso pequeno embate.

Ainda estava sem conseguir reagir. Precisava fazer alguma coisa. Precisava mudar essa situação de merda que vivíamos. Então apenas respirei fundo e fiz a pergunta que deveria ter feito há tanto tempo:

— Você vai me ajudar a reconquistar Mia? Se não for ajudar, me faça o favor de me deixar quieto. — Eu precisava resolver nossa situação o quanto antes.

Talvez precisasse mudar minha abordagem, tentar provar para ela que eu a amava de verdade, caso contrário, poderia perdê-la definitivamente. E isso eu não poderia suportar.

Nove Anos atrás...

Capítulo 4

MIA

O silêncio reinava na sala do nosso apartamento quando entrei e isso era assustadoramente intimidador. Por vezes eu gostava de ficar sozinha, mas nunca havia me sentido tão insanamente solitária como me senti desde o instante em que pisei em Roma. Tudo parecia fora de lugar, nada parecia se encaixar e eu simplesmente não sabia o que fazer quando coloquei minha mala ao chão.

Estava exausta, mas não poderia ir para minha cama porque durante meses ela foi “nossa” e meu quarto foi o “nosso”. Suas coisas ainda estavam lá para reforçar isso, o que, decerto, não ajudava. Eu também não poderia ir para o sofá, porque assistimos a tantos filmes abraçadinhos ali que eu sentia náuseas apenas em olhá-lo. Então só me restara ficar com o quarto de Luca.

Arrastei-me até lá e olhei ao meu redor, à procura de algo que pudesse me fazer sentir menos solitária. Eu queria tanto que ele estivesse aqui, queria tanto que fosse meu ombro para chorar, mas entendia que meu melhor amigo não poderia voltar, não poderia contar com ele para passar por essa.

Céus! Ele tinha perdido a sua mãe!

Eu sabia o quanto essa dor nos esganava, mesmo que a minha não fosse nem 10% do que tia Paola era, ainda assim era minha mãe. A verdade era que Luca precisava reconstruir sua vida depois dessa perda tão grande. Tinha que se refazer, juntar seus pedaços. Ele precisava do controle sobre tudo e principalmente sobre ele mesmo.

Joguei a bolsa em cima da cômoda e tirei meu casaco antes de seguir para o banheiro, onde abri a torneira para encher a banheira e tomei uma respiração profunda, antes de começar a me despir. Eu não me sentia muito bem dias antes de saber que voltaria sozinha, mas a impressão que eu tinha era de um mal-estar prolongado.

Sentei na banheira com água pela metade e suspirei, tentando controlar aquilo que sentia. Foi em vão, porque voltei a chorar como havia prometido não fazer. Como alguém parava de ter pânico de ser deixado para trás? Por que meu coração doía tanto? Por que eu não conseguia simplesmente arrancar essa dor do meu peito e esquecê-lo? Por quê? Seria tão mais fácil.

No entanto, as semanas seguintes em nada foram simples para mim. O primeiro dia sozinha foi terrível: perdi a hora e até mesmo cheguei atrasada à aula. A culpa disso era inteiramente minha, porque parecia sempre procurar por algo, como se estivesse esquecido alguma coisa. E eu sabia o quê. Não demorei

a descobrir que o algo que me faltava era Henrique, pois era como se ele fosse um complemento meu, talvez até mesmo parte de mim.

Sempre fui dependente dele, afinal, havíamos crescido juntos e ele sempre esteve ao meu lado, mas desde que nos acertamos que tornei-me ainda mais e não sabia como fazer para mudar isso. A verdade era que uma parte minha queria que ele entrasse pela porta a qualquer momento e dissesse que estava errado, que voltara para mim. Mas eu sabia que isso não aconteceria.

Henrique havia escolhido o que queria para si e sua decisão, obviamente, não era uma na qual eu estava incluída. Por mais que doesse, que por vezes me deixasse em pânico, completamente fora de mim, eu tinha que aprender a viver com isso... Com essa dor.

Os dias continuaram a seguir e descobri que havia adquirido insônia. Não conseguia fechar os olhos, não estava mais acostumada a adormecer sem ele ao meu lado. Tantos meses juntos, acordando e dormindo abraçadinhos. Era só esticar os braços e poderia tocá-lo sem moderação, exatamente como eu gostaria de fazer. Era tão meu. Todo meu. Era tudo nosso. Sua respiração e seu calor que me acordavam de manhã cedo e apenas pensar em adormecer era uma tarefa árdua, como se fosse meu corpo querendo me lembrar do quanto ele era importante para mim.

Desde que retornei passei a acordar pela manhã me sentindo como se não tivesse adormecido nada, e era verdade. E a impressão que eu tinha, era de ir para as aulas em uma névoa sonolenta.

Sempre fui apaixonada por Henrique, mas não sabia verdadeiramente o quão grande esse sentimento era. Talvez soubesse, mas descobri da pior maneira o poder que ele tinha sobre mim: no seu abandono. Eu estava completamente sozinha e no local que foi a nossa casa. Desde então, eu preferia ter pesadelos a carregar o peso da solidão da minha cama.

Os outros dias que se seguiram não foram tão diferentes, pareciam até mesmo piores pelo silêncio sombrio que fazia um enorme barulho dentro de mim, bem como a falta desmedida que sentia dele comigo. Por vezes batia uma vontade de pegar o telefone, ligar para ele e conversar, mas daí eu me lembrava de que se Henrique quisesse falar comigo me chamaria. Ele não queria, tinha feito sua escolha e eu não podia fazer nada além de aceitar.

Tinha horas que me dava um desespero e eu me via chorando, mesmo que me odiasse por fazê-lo. Por vezes era inevitável me perguntar se ele também não se sentia sozinho como eu. Será que sentia a minha falta? Sabia que era loucura, mas algo me dizia que sim, quando me perguntava. Mas isso não importava... Ao menos não mais.

Meu antigo quarto virou oficialmente de hóspedes, pois eu não podia mais

ficar em torno dele. O quarto que fora de Luca se tornara oficialmente meu e o de Henrique virou meu Studio/Closet. Troquei o sofá bege e sem graça por um vermelho-sangue confortável e comprei uma enorme televisão para continuar com meus programas de preguiça.

Depois de muito postergar, embarquei na vida de estudante em Roma e finalmente escolhi meu curso de graduação. Estava determinada a assumir o controle da minha vida, que nunca tive. Queria deixar para trás meu passado conturbado e não queria lembrar o que já passei antes de chegar ali. Não queria mais nenhum drama, nem mentiras e definitivamente nada de relações. Queria viver para mim.

Voltei a frequentar os *Pubs* de antes e apesar de poder beber legalmente desde os 16 anos em boa parte da Itália, comecei a fazer valer realmente minha maioridade legal brasileira. O bom do álcool era que ele substituíria o antidepressivo e nem precisávamos de receita médica para comprar. Era como uma espécie de sedativo, porque toda vez que eu bebia, fazia isso ao menos até perder a consciência. O que era bom. A bebida entorpecia a dor, e isso era tudo de que eu precisava, o que sempre quis. Eu gostava da sensação confusa que a bebida me dava. Gostava de me iludir um pouco, porque minha vida não parecia tão ruim com ela.

Meus pais não puderam vir me visitar durante o ano letivo, pois ainda estavam em processo de adoção, que infelizmente estava demorando um pouco mais do que o esperado e por isso não podiam se ausentar do país. Eles queriam que eu fosse para casa pelo menos no feriado de páscoa, mas nem mesmo nas férias de verão fui, e o resultado foi arranjar inúmeras desculpas para isso. Eu simplesmente não conseguia ainda.

Luca e Thiago sempre me ligavam e eu ficava feliz em saber que mesmo longe ainda os tinha em minha vida. Depois do casamento ridículo do tio August com Anitta, Luca voltou para faculdade de Economia no Rio de Janeiro mesmo e decidiu morar com Thiago no prédio onde nossos pais haviam comprado apartamentos para cada um de nós.

Luca também havia tomado conta da herança que seu avô e sua mãe lhe deixaram, comprou as ações do pai de Anitta e assumiu a presidência da *Campanaro & Velasque Empreendimentos*, que acabou por se tornar apenas *Campanaro Empreendimentos*. Eu estava muito orgulhosa dele por estar seguindo com a vida.

Thiago e Mariah ainda estavam juntos, felizmente. Eles não pareciam se importar com o fato de ela estar vindo em breve para Itália, muito pelo contrário, estavam cheios de planos para quando acontecesse. Não me surpreenderia se Thiago estivesse planejando pedir a mão dela em casamento. Tinha grandes

suspeitas para isso.

Lorena me ligava todos os dias e as notícias eram quase sempre as mesmas: ela terminou com Caio ou ela voltou para ele. Sério, eles eram inacreditáveis. Eu tinha a leve impressão de que veria isso de perto e mais constantemente quando ela estivesse morando aqui também.

Como sempre, nos dando orgulho, Leonardo tinha conseguido uma bolsa de estudos na *Columbia* e estava se mudando para Manhattan no próximo semestre. Apesar de adorar morar em Roma, fiquei morrendo de inveja por ele estar indo, o que me deixou tentada a fazer o mesmo. Ao menos assim não ficaria sozinha.

Henrique era a única pessoa com quem eu não havia falado desde então. Com exceção da mensagem de texto no meu aniversário que dizia apenas: “*Parabéns, Miamor! <3*”, que abri sem querer, não havia tido nenhum sinal de vida seu. Na verdade, se os tinha não sabia, pois seus e-mails iam direto para uma pasta bloqueada na minha conta que eu nunca abria.

Antes de embarcar para as férias de fim de ano no Brasil, tive uma das melhores notícias do ano: consegui um Estágio na Revista *Moda ON*. Não era um estágio incrível, mas depois desse tempo de faculdade descobri que não queria fazer parte da produção, e sim dos bastidores e holofotes da moda. Tinha quase certeza de que me encontraria por lá.

Zane me deixou no Aeroporto e chorosos nos despedimos. Apesar de pouco tempo de amizade, ele se tornara um amigo maravilhoso e foi realmente importante tê-lo ao meu lado. Na verdade, não sabia o que teria sido de mim por todo esse tempo sozinha na Itália se não fosse por ele comigo, me mantendo sã.

Eu gostava de viajar à noite, porque poderia dormir e chegaria cedo em casa, pronta para um café da manhã, minha refeição favorita do dia. No entanto, não consegui dormir mais do que quinze minutos durante o voo de doze horas, e foi quando eu soube que não estava realmente pronta para voltar. Estava em um estado de nervos horrível.

Quando desembarquei no aeroporto do Rio de Janeiro, era um pouco mais de seis da manhã. Não fiquei surpresa ao ver apenas meu pai, minha madrastra e meu avô à minha espera, pois tinha certeza de que viriam me buscar, enquanto o restante dos preguiçosos seguiam dormindo em suas confortáveis camas. Eles sorriram quando me avistaram e eu não pude conter a emoção que tomou conta de mim, pois estava realmente contente em vê-los depois de tantos meses.

Papa foi o primeiro que me abraçou, e quando senti seu amor em forma do calor dos seus braços em torno de mim comecei a chorar. Eu não gostava de chorar, não me permiti chorar nem mesmo no enterro da minha mãe. Mas pela primeira vez em meses me senti segura e não sabia que era exatamente isso que precisava até estar em seus braços.

— Minha princesa, como você está linda! Eu senti tantas saudades. — Seu murmúrio amoroso veio acompanhado de um carinho em meus cabelos.

Minha madrastra também estava chorando quando me abraçou. Ela balbuciou tantas palavras carinhosas, afirmou tantas vezes o quanto sentira minha falta, que foi inevitável que eu chorasse ainda mais. Achei que não tinha como verter mais lágrimas depois de tantas que já derramara, mas aí meu *Nonno* me abraçou e quando me chamou de “Estrelinha”, fui enganada por elas, que insistiram em prosseguir.

Quando chegamos do aeroporto, a extensa mesa estava posta para o café da manhã. Dirigimo-nos direto para lá, enquanto minha madrastra pedia todos os detalhes sobre o que eu havia feito durante o tempo longe e também sobre o meu novo estágio. Minha Sabá também veio emocionada me cumprimentar, com abraços e bolinhos de chuva, que me deixaram ainda mais feliz por estar de volta.

O primeiro a descer para o café foi Léo e ficamos conversando sobre sua bolsa e ele insistindo que eu fosse para Nova Iorque tentar a sorte lá e assim ficarmos juntos. Lorena entrou logo depois com um grito, que provavelmente acordaria toda a casa se não estivessem acordados e veio correndo em minha direção. Antes mesmo que terminasse de me levantar, ela já estava se jogando sobre mim para um abraço, que nos derrubou no chão da sala de jantar.

Nós duas rimos e choramos ao mesmo tempo. Nunca havia ficado tanto tempo longe da minha família, nem dela. Ficamos diversos minutos assim, com todo mundo rindo da nossa maluquice enquanto matávamos as saudades. Ao menos até que escutei uma risada profunda que gelou a minha espinha... Henrique.

Engoli em seco, enquanto paralisava. Há meses não nos víamos também, mas meu corpo parecia ciente da sua presença, como se voltasse a viver. Tudo em mim se ouriçou, desde o aumento dos meus batimentos cardíacos aos cabelos da minha nuca que até mesmo se arrepiaram. E tive que fazer um esforço para me lembrar de que ele fora o único que me deixou sozinha. Que fora para ele que entreguei meu coração, e mais uma vez ele não apenas não se importou com meus sentimentos, como também me abandonara.

Henrique estava parado na porta, usando apenas seu short de dormir branco e nada mais. Mais forte do que eu me lembrava e parecendo um pouco mais velho também. E muito, muito mais bonito do que achei ser possível. Não tive forças para me mexer quando Lorena começou a levantar, diferente de mim, ela ainda estava rindo, mas o sorriso escorregou do meu rosto no momento em que o vi.

Não queria que isso acontecesse, não queria demonstrar uma reação como

aquela, porque uma vez que meu humor mudasse, todo mundo perceberia que tinha algo a ver com Henrique. E a última coisa que gostaria era dar esse gostinho para ele.

— Que saudades! — Ele me abraçou sem pedir permissão, antes mesmo que eu pudesse fugir, sequer correr.

E lá estava aquela sensação de lar, de estar no lugar certo novamente.

Que Deus me ajudasse!

Tempos Atuais...

Capítulo 5

MIA

Dizem que o ano só começa depois do carnaval. Ao menos parecia começar para mim. Ano novo, celulite nova. Lá se vai mais um ano da minha vida, sem realizar meu sonho de voltar a usar 36. Lá se vai mais um ano da minha vida sem dar para o Johnny Depp. Aconteceram tantas coisas nos últimos meses que tinha horas que eu tentava me lembrar o quê. Também se engorda mais entre o Natal e o Ano Novo do que entre o Ano Novo e o Natal... Ano novo, cabelo antigo, assim ficava difícil, mas tinha que prosseguir.

A vinda de Zane para o Brasil fora o que eu precisava depois dos acontecimentos com Henrique no Natal. Para minha grande alegria, sua estadia passara de temporária para permanente, quando juntamente com Lorena resolveram dar início a própria grife.

A *Dolce Carma* nasceu de uma verdadeira fábrica de ideias que os dois tinham, porém acabavam não as colocando em prática por não seguirem de acordo com a proposta das grifes que eles trabalhavam anteriormente. Então, depois de tudo organizado, eles partiram para o início do sonho deles.

A ideia era tão incrível, que logo conseguiram um sócio patrocinador que acreditasse no talento que eu sabia terem e não precisaram apelar para a bondade do meu pai, embora soubéssemos que os ajudaria com gosto. E eu estava feliz por eles, porque era apenas a primeira conquista de muitas que viriam.

Nos próximos meses eles trabalharam incessantemente para construir a *Dolce Carma*, cuidando de cada detalhe para que tudo fosse perfeito. Embora tivesse me formado em moda também, não havia me especializado na parte de produção, e sim nos bastidores, que era o que eu gostava. Ainda assim, os ajudava como podia, dando meus pitacos aqui e ali, até porque ainda tinha o meu trabalho para dar conta.

Uma coisa boa era que estive tão entretida com a minha vida profissional, que acabei não tendo tempo para me preocupar com meu vizinho, pois depois do Natal e o desastre do carnaval, eu havia me dado uma severa palestra sobre como evitá-lo e vinha conseguindo isso com sucesso. Por vezes nem parecia que morávamos no mesmo andar, porque malmente nos esbarrávamos pelos corredores e nos víamos mais nos encontros familiares. O que eu tentava incutir na minha cabeça que era o melhor para nós.

Uma parte minha estava aliviada por ele não ter tentado uma nova aproximação depois do nosso primeiro beijo em anos, mas a outra parte também se sentia decepcionada, porque, no fundo, esperava que talvez as coisas pudessem mudar entre nós. Porém eu não podia estar mais errada.

Não importava o quanto eu sentisse sua falta, especialmente dele como meu amigo, nós havíamos atravessado a linha tênue entre amor e amizade havia anos. A cada novo encontro, éramos apenas como dois estranhos que um dia se amaram — ou ao menos eu acreditava que sim — e se magoaram no processo. Eu não queria que tivesse sido assim, afinal, Henrique fora aquele que esteve comigo desde que eu me entendia por gente, porém, depois de tudo falar que “ainda podíamos ser amigos” após um término como o nosso era tipo um sequestrador falar “vamos manter contato” depois de te libertar. Não tinha lógica. Ao menos não para nós dois.

— Você ouviu o que eu disse? — Zane perguntou, tirando-me do meu torpor.

— Er... Não — admiti envergonhada, fazendo-o revirar os olhos de maneira impaciente.

— Presta atenção, meu anjo, porque eu não estaria te pedindo isso se não fosse realmente importante. — Concordei, embora meu cenho estivesse franzido, devido à minha preocupação pelo que viria a seguir.

E notei que meu melhor amigo não estava brincando quando tirou seus espalhafatosos óculos de sol transparentes e se ajeitou na espreguiçadeira da piscina apenas para me encarar, forçando-me a fazer o mesmo.

Ok. Eu estava ficando realmente preocupada!

— Nosso sócio...

— O misterioso. — Foi minha vez de revirar os olhos e ele assentiu, porque desde que fecharam essa sociedade que a identidade da pessoa se mantinha em mistério. Até mesmo para mim, pois eles não abriram o bico, embora eu insistisse nisso constantemente. Desde então ele passou a ser chamado por nós de *Mr. M.*

— Sim... Bem. Fomos lhes apresentar os primeiros croquis do que queremos para o lançamento. Falamos sobre nossa ideia do desfile, porém com sua experiência no mercado de vendas, ele sugeriu que fizéssemos uma campanha de fotos, para começarmos a divulgar a marca e chamar atenção da mídia para esse lançamento — explicou do seu modo expansivo de ser.

— Sim. É uma estratégia de mídia para mostrar um pouco do que está por vir, para chamar a atenção da sua audiência antes mesmo de o produto ser lançado e atrair o público com um aperitivo. Bem esperto — atalhei, realmente impressionada. Afinal, grandes nomes da moda faziam isso, promovendo

divulgação e vestindo os artistas para dar ao público uma ideia do que seria a nova coleção.

— Exatamente — animou-se. — Ele quer que mostremos a nossa identidade visual, que façamos fotos com algumas das nossas peças, para irmos divulgando em revistas, mídias sociais, outdoors etc. Anteriormente ao desfile, com o “aperitivo” podemos explorar muitas opções, como uma pré-venda, por exemplo. As pessoas poderem comprar antes do lançamento oficial. Tipo como um cadastro reserva.

— Isso tudo foi ideia dele? — perguntei realmente surpresa e impressionada, e Zane concordou com um sorriso. — O cara realmente é visionário.

— A maioria das ideias a ver com marketing e vendas que colocaremos em prática são dele. Ele sugeriu também que vistamos, como você disse, artistas e blogueiras de moda. Já foi providenciado uma equipe de assessoria de marketing para cuidar disso — continuou.

— Estou realmente impressionada. Ele certamente tem experiência no ramo para saber trabalhar tão bem. — Zane sorriu, de modo enigmático.

— Se você considerar um leitor de revista de moda experiente, então ok. — Riu da própria piada. — Ele na verdade é um empresário respeitável, que sabe o que fazer. Sabe como chamar atenção do público, tanto que a empresa da qual está à frente quadruplicou suas vendas apenas nos últimos quatro anos. Ou seja, o cara sabe principalmente fazer dinheiro. No entanto, ele não trabalha ou tem sequer experiência com moda.

— Fico feliz por terem alguém assim ao lado de vocês. — Sorri de maneira genuína.

— Obrigado. Mas precisamos de você — disse simplesmente e alcei a sobrancelha, esperando que prosseguisse.

— Como assim precisam de mim? — tive que perguntar.

— *Mr. M.* exigiu que a campanha fosse feita por alguém que mostre a verdadeira beleza natural. Alguém com beleza e atributos da mulher brasileira... alguém como você.

Olhei para Zane chocada e esperei que dissesse que estava apenas brincando, porém ele continuava a me encarar em expectativa, como se estivesse aguardando minha resposta.

— Você não está falando sério, não é? — Tive que engolir em seco, sem realmente acreditar no que me pedia.

— Sim. — Sorriu, dando de ombros. — Você, melhor do que ninguém, traria para a *Dolce Carma* o que queremos mostrar. Você é ex-miss, pelo amor de Deus! Quem melhor do que você com suas curvas, sua beleza e esse carão?

— Eu não faço mais isso há anos! — aponteí o óbvio e me pus de pé, começando a me sentir irritada, e ele me acompanhou.

— Não faz porque não quer, Mia, falta de convite não é. — Fez uma careta. — Até um pouco antes de receber a proposta para ser colunista da *Vogue* você ainda fazia bicos como modelo! — lembrou-me.

— Mas fazia isso porque o que eu ganhava no estágio não dava para pagar minhas contas. Você bem sabe. E sabe principalmente que eu não gostava nada de ter de fazer isso! — elucidei, apontando o dedo para ele.

— *Mr. M* quer especificamente você, Mia! — Perdeu a paciência. — Ele conhece suas campanhas ainda adolescente e quer que seja a estrela e também a cara da *Dolce Carma*. E honestamente? Lorena e eu também! Você é exatamente o tipo de mulher que nossa marca representa: a de verdade.

Eu estava verdadeiramente chocada. Não esperava por nada disso. Especialmente vindo do misterioso sócio da *Dolce Carma*, que parecia conhecer a fundo o trabalho de modelo que eu não fazia há muito tempo. Eu não era mais adolescente e estava longe de ser aquela menina que fazia esse trabalho por pura obrigação, para agradar uma pessoa que nem mesmo merecia qualquer esforço de minha parte.

No entanto, anos depois via o pedido mudo para que eu aceitasse no rosto do meu melhor amigo e não sabia o que fazer diante disso. Nunca fora minha pretensão prosseguir com a carreira de modelo, mas eu também acreditava muito neles e no que queriam levar para o mercado de moda brasileiro. Então como dizer não quando eu queria mesmo fazer isso por eles?

— Tudo bem. Eu aceito — eu me ouvi dizendo, enquanto ele pulava de alegria sobre mim.



Nas vésperas do casamento de Mariah e Thiago, toda minha família fora para Petrópolis. Nossa fazenda ficava perto da dos Di Palacci e por isso, em vez de nos preocupar com problema de deslocamento, decidimos passar um tempo de qualidade juntos.

Eu não ficava tão perto de Henrique desde o Natal. Porém, foi na fazenda que havíamos passado por tanta coisa, inclusive nosso primeiro e último beijo. Sendo assim, era impossível não me lembrar de cada uma delas, afinal, em cada canto daquele lugar, daquela casa, havia um pedaço nosso. E o pior de tudo: Era triste lembrar como eu era feliz e ria com ele.

Estar perto dele e ainda assim não estarmos juntos, de algum modo bizarro, era como se ele continuasse indo embora, e eu o visse levar partes de mim das quais, antes de voltar, eu nem mesmo sentia falta.

Era aquela coisa, não importava o quanto tentássemos, a cura pelo que sentia por ele não vinha. Henrique era daquele tipo de homem que precisávamos de anos de *Rivotril* para esquecê-lo e ainda assim nem mesmo o remédio dava jeito, servia mais como um paliativo, que apenas atenuava a dor e abrandava temporariamente o mal que era amá-lo.

— Você está bem? — minha dinda perguntou, pois, aparentemente, em vez de prestar atenção no jogo musical que eu dançava com Lia, praticamente entreguei o jogo.

Resolvi passar minha vez para Lorena, pois não estava concentrada. Estava mesmo era atrapalhada e perdida em minhas próprias lembranças e confusões.

— Estou sim — menti, antes de beber um gole da água que ela me entregou. — Só um pouco cansada. — Suspirei. — E um tanto sufocada — admiti e ela sorriu do seu jeito terno e também preocupado.

Não queria lhe dizer que me sentia assim porque estava frustrada comigo mesma. Que estava cansada dessa distância autoimposta que havia dado entre mim e Henrique e o quanto isso parecia me incomodar ainda mais quando estávamos embaixo desse teto repleto de recordações. Porém, por mais que ela fosse como a minha mãe, não poderia lhe dizer a verdade. Não poderia falar como me sentia pelo seu filho.

— Por que não vai dar uma volta, filha? Você sempre gostou de cavalgar e costumava dizer o quanto isso lhe fazia bem — sua sugestão foi feita enquanto apertava minha mão de maneira carinhosa.

— Talvez eu deva fazer isso — ponderei, por um momento.

— Faça. Coloque uma roupa, suas velhas botas e vá dar uma volta. Quem sabe ar puro e um banho de cachoeira não sejam tudo que precise?



Depois de selar minha velha égua cor de mel, Candy, cavalguei pela propriedade por mais de duas horas, não me permitindo pensar em nada além da natureza ao meu redor, do sol que brilhava quente e o vento ricocheteando em minha pele. Andar a cavalo tinha me feito um bem danado, como minha dinda me lembrou que faria, e achei que talvez fosse uma ótima ideia ir à cachoeira também como me sugerira.

Eu conhecia aquele caminho com a palma da minha mão, o fazia desde muito pequena e aquele lugar fora palco de momentos felizes com aqueles que eu amava. E outros nem tanto. Após cavalgar por algum tempo, cheguei ao local destinado e, antes mesmo de me aproximar, reconheci o manga-larga malhado preto e branco que pertencia a Henrique.

Estaquei e puxei as rédeas de Candy no processo, fazendo-a parar também.

Porém, olhando com mais calma, percebi que o animal estava sem sela. Embora montar sem uma não fosse algo impossível, exigia um pouco de prática. Mas era muito desconfortável e menos seguro, para ambos, pois os cavalos, por mais mansos que fossem, podiam se assustar e causar uma queda. Henrique era louco pelo seu, muito cuidadoso, então eu duvidava muito que fizesse isso com Dalm.

Com medo que tivesse acontecido alguma coisa com o animal, aproximei-me devagar e saltei do meu cavalo, antes de ir em direção a ele.

— O que você está fazendo aqui, menino? — perguntei, acariciando sua crina macia. — Você não está machucado, está? — Continuei a acarinhá-lo e olhei rapidamente para ele, mas felizmente não encontrei nenhum ferimento aparente e nenhuma reação que pudesse sugerir esse fato.

Ouvi um barulho de mato e olhei ao meu redor, um tanto receosa. A fazenda era segura, tinha cerca elétrica e segurança por toda extensa propriedade. Porém seguro morreu de velho.

— Quem está aí? — gritei, tentando me fazer ser ouvida, e continuei tentando não demonstrar meu temor, para que nem Dalm ou Candy se assustassem, porque isso sim poderia gerar um grande problema.

Por um minuto interminável ninguém respondeu, e quando estava prestes a gritar novamente, pois ouvia os passos de alguém pela mata se aproximando cada vez mais, eis que surgiu Henrique, trajando apenas calça jeans, camisa de flanela aberta, botas e chapéu.

Não pude me impedir enquanto meus olhos se deliciavam com a visão dele, uma mistura perfeita de Henry Cavill e James Dean. Mesmo com o suor em sua pele, eu podia ver suas tatuagens e uma parte delas cobertas pelos tecidos da camisa e do jeans. A calça estava pendurada deliciosamente em seus quadris, que mostravam as minhas preferidas. Fechei os olhos para bloquear qualquer coisa que não fosse obter o ar em meus pulmões. Eu pude ouvir meu coração batendo de forma acelerada e temi que estivesse prestes a ter um ataque cardíaco por vê-lo dessa maneira.

Deus, por que ele tinha que ser gostoso assim?

— Não sabia que estava aqui — consegui dizer quando ele parou em minha frente, tentando manter a naturalidade que eu estava longe de sentir.

— Decidi andar um pouco e esse rapazinho acabou me seguindo. Não é, Dalm? — ele perguntou ao animal, acariciando sua crina, e ele relinchou em resposta, realmente apreciando seu carinho. — Como já estava na metade do caminho, decidi trazê-lo — continuou sua explicação, enquanto ainda o acarinhava.

— O que veio fazer aqui? — perguntei, engolindo em seco quando seus olhos verdes se puseram em mim.

— Eu que deveria estar te perguntando isso — apontou em tom de deboche.

— Eu... vim tomar um banho de cachoeira... E você? — hesitei em perguntar.

— Também. — Sorriu com malícia, seu olhar quente e recheado de promessas descendo pelo meu corpo.

— Já que chegou primeiro, acho melhor eu ir, então. — Dei um passo para trás e suas sobrancelhas alçaram-se enquanto ele insistia em olhar para mim.

— Por quê? — inquiriu curioso, se aproximando de mim.

— Porque... porque... você deve querer sua privacidade — disse de uma vez quando consegui e continuei a andar para trás.

— Mentira! — Seu sorriso era grande enquanto diminuía o caminho entre nós. — Você quer ir porque tem medo de ficar sozinha comigo.

— Por-por que teria? — gaguejei a pergunta.

Não deveria me sentir dessa maneira diante dele. Ao menos não depois de tudo. Henrique me fazia esquecer até mesmo meu nome e abandonar meu bom senso com um simples olhar.

Foco, Mia! Foco!

— Porque é isso que você tem feito, pois tem medo de não resistir a mim.

Porra! Por que ele tinha de me conhecer tão bem?

— Isso é absurdo! Não seja ridículo, Henrique! — Soltei um bufar cético, embora soubesse que ele estava certo.

— Absurdo é você continuar a insistir em negar o que sente por mim! Você me ama, porra! — rugiu, demonstrando uma irritação que há muito não via.

Meus lábios tremeram e logo senti as primeiras lágrimas serem derramadas. Eu estava prestes a falar mais alguma baboseira que, provavelmente seria mentira, para ao menos tentar me portar diante dele, mas quando dei por mim, Henrique enrolava seu braço em minha cintura e estava me beijando. E, dessa vez, longe de parar.

Tentei empurrá-lo, ciente de que aquilo era um erro, mas não conseguia. O que eu sentia por Henrique era mais forte do que meu desejo de me afastar. Ainda chorava, pois meu orgulho e sensatez estavam sendo violentados, só que a raiva inibia a minha força e fazia com que o desejo de continuar beijando-o se tornasse cada vez mais voraz.

Henrique me beijava com loucura e desejo, enquanto descia as mãos pelo meu corpo. A fome em seus lábios era emocionante. Pequenos rosnados lhe escapavam enquanto ele explorava a minha boca como um homem faminto. E eu também estava, pois sugava a sua de volta com necessidade, e a forma que ele me fazia sentir me elevava a um mundo onde tudo era lindo entre nós e nossa vida tivesse voltado no tempo.

Sem interromper o beijo, tirei sua camisa e Henrique levantou meus braços para tirar a minha. Ele se afastou da minha boca apenas o tempo suficiente para o que nos impedia de continuar e o puxei de volta para mim, buscando o cinto dele, que logo comecei a desafivelar.

— Mia — ele gemeu quando deslizei a mão para dentro do zíper dos seus jeans, encontrando seu membro rígido e faminto por mim, tanto quanto eu estava por ele.

— Eu preciso disso. Preciso de você. Agora — praticamente implorei, fazendo-o soltar um barulho gutural e desesperado.

Logo estávamos despidos e ele me levava para dentro da água gelada, que naquele momento não me assustou. Corri minhas mãos pelos seus cabelos quando abaixou a boca para meu seio e sugou um dos meus mamilos de maneira gananciosa. Com cada puxão de sua boca, eu perdia mais e mais o pensamento. Nossas bocas se encontraram novamente e eu queria mais. Eu o queria. O calor entre as minhas pernas estava se tornando mais desconfortável e difícil de conter.

Com as pernas enroladas em sua cintura, minha calcinha foi afastada, enquanto Henrique deslizava seus dedos em meu calor úmido.

— Porra! Você está tão molhada! Tão pronta e pedindo por mim! — murmurou enquanto descia a boca do meu pescoço até os seios, prendendo um mamilo em sua boca, e quase explodi naquele momento.

— Por favor — não me envergonhei de implorar.

Ele não disse mais nada, apenas atendeu meus suplícios e pressionou seu membro dentro de mim, rígido e faminto. Rebolei contra ele conforme me penetrava mais profundamente, fazendo minha respiração falhar enquanto me preenchia completamente. Minhas mãos acariciaram suas costas, onde cravei minhas unhas, apertando-o com meu canal, negando-lhe o movimento conforme me deliciava com a plenitude que era tê-lo dentro de mim novamente.

— Porra! Não faz isso! É tão bom! Tão... porra! Perfeito! — gemeu, os olhos fechados, o rosto marcado pela necessidade.

Henrique começou a se mover, longos e poderosos golpes, o barulho da água provocado pelo encontro das nossas carnes, o suor dos nossos corpos movendo-se juntos e se misturando com nossas respirações irregulares, tornando a cena ainda mais erótica.

A sensação de senti-lo, de ser preenchida por ele, era tão maravilhosa. Uma mistura de prazer, de contentamento... de volta para casa. Era apenas tão bom, tão certo. Eu nunca havia me sentido assim com alguém como me sentia com ele. Henrique me fazia sentir mais do que desejada, me fazia sentir amada. Erámos como dois quebra-cabeças que se completavam.

Seus dentes morderam meu mamilo, forte o suficiente para

causar dor, e foi quando me perdi, meu corpo contraindo em torno dele, completamente absorvida por sua paixão, por seus olhos, por seu toque, por tudo que vinha dele. E perdi-me inteiramente quando meu corpo sucumbiu à agonia do meu orgasmo.

Ainda sentia meu corpo convulsionar em torno dele, mas tive que abrir meus olhos, porque precisava vê-lo. Ver Henrique gozar era uma das cenas mais lindas que já presenciei na vida. Seu pescoço tenso, seus olhos fechados, os dentes cerrados enquanto jogava a cabeça para trás e se enterrava ainda mais profundamente dentro de mim, seus quadris pressionados contra os meus conforme estremecia, rendendo-se completamente ao seu prazer.

O prazer de vê-lo se entregar foi tão forte para mim, que novamente encontrei meu próprio clímax, mal sendo capaz de respirar conforme pulsava em torno dele. Sua testa encostou na minha, seu peito ofegante, os olhos bem fechados, como se tentasse se recuperar. A sensação que ele me proporcionara era tão incrível, que era possível senti-la correr pelas minhas veias, forçando-me a fechar meus próprios olhos, e me agarrei a essa sensação pelo tempo que pude. Era como emergir após perder a respiração depois de tanto tempo.

Mas conforme nossos corpos se esfriavam e as respirações retornavam ao seu curso normal, meu cérebro voltou a funcionar. Henrique pareceu perceber que minha razão começava a voltar e sabia bem o perigo iminente que isso envolvia, pois logo encontrou uma maneira de distrair minha mente. Sua boca retornou à minha, seu corpo voltou a trabalhar contra o meu e começamos tudo novamente.



— Mia... — Henrique chamou meu nome quando comecei a me vestir.

— Não faça isso. Eu não quero ouvir. E muito menos quero saber o quanto está arrependido — falei entre os dentes.

— Isso está longe do que eu queria dizer. — Fiquei surpresa com sua resposta, afinal, eu já estava cansada de ouvir isso, embora ainda tentasse manter meu olhar longe dele.

Não queria pensar no que tínhamos feito. Não queria pensar no quanto isso mexera comigo, nas feridas que reabriu. No entanto, estava me sentindo mais uma vez em suas mãos e não podia permitir isso. Só tinha que me afastar.

— O que era então? — eu me ouvi perguntando.

— Precisamos conversar sobre nós. — Engoli em seco, enquanto tentava tirar do meu cabelo o máximo de água que conseguia.

— Vamos andar rapidamente com essa conversa, para que eu possa deixar de perder meu tempo. — Encarei-o, também completamente vestido.

Graças a Deus! Ao menos isso não me distrairia tanto!

— Me dê uma chance. — Engoli em seco novamente, sem conseguir acreditar no que ele me pedira, e tentei me recuperar, mantendo o que eu esperava ser uma pose confiante.

— Por que daria, Henrique?

— Você quer mesmo ouvir o óbvio? Eu te amo, você me ama. Não importa o quanto tente negar, o que você sente por mim não mudou. — Segurei meu rosto, enquanto me encarava com seriedade. — Vai ser diferente agora, você não confia em mim?

Isso foi o suficiente para fazer com que eu caísse de volta em mim.

— Sério? Você vai me perguntar isso? — Eu me afastei de pronto do seu toque, porque não podia estar tão perto assim, pois isso me fazia mais vulnerável. Então comecei a assinalar com os dedos, não apenas para ele, mas também para mim. Para me lembrar dos motivos que me faziam permanecer longe: — Só nos últimos nove anos, eu já ouvi que você estava com mais de quarenta mulheres diferentes. Isso sem contar todas as outras que pode ter tido. Fora que não sei nem se posso mais contar nos dedos quantas vezes você me deixou ou me magoou. O comportamento passado é a melhor predição do comportamento futuro, Henrique. Por que iria acreditar que seria diferente agora? — Meu tom de voz magoado certamente entregara o quanto ele me fez sofrer.

— Porque eu prometo! Prometo a você que será diferente! Eu te amo! — gritou, beirando o desespero.

Fechei os olhos e tive que controlar as batidas incessantes do meu coração. Tinha que me controlar. Tinha que respirar. Tinha que ir, antes que cometesse mais uma burrice.

— Eu não posso. A verdade é que o que acha que ainda sinto por você é apenas tédio. Não existe mais amor, Henrique. Acabou.

Mais uma vez tentei mentir e ignorar o óbvio. Tentei fingir que meus sentimentos não eram como antes, mas todo o esforço não fez diferença. Eu sempre soube que, apesar de tudo, nada tinha mudado, embora tivesse escondido isso durante a vida que vivi.

Tinha muitas mágoas e muitas dores a serem curadas. E outras que eu sabia que nunca seriam. Eu poderia não ser capaz de resistir a ele completamente, mas também não iria tornar mais fácil. Ainda assim, o pior disso tudo era que eu queria acreditar que Henrique me amava mesmo depois de tudo. Queria mesmo acreditar que ele daria seu melhor por nós. O quão idiota não era por pensar assim?

No entanto, o tempo e a história que construímos nos separavam. Anos de

entre idas e vindas entre nós. Por isso que mais uma vez virei as costas e o deixei ali.



Apesar do casamento de Mariah e Thiago ter sido tão lindo, de ter me emocionado com as palavras do padre e ter ficado feliz por vê-los tão radiantes, eu esperava sinceramente que não tivesse que estar em um novo casamento tão cedo. Até me sentia mal por pensar assim, mas infelizmente me via amarga por causa das arestas que a vida colocou em meu caminho.

— Está tudo bem? — Sophia perguntou, parecendo bem preocupada.

— Está, só estou um pouco cansada. — Sorri, embora não acreditasse que tenha sido muito convincente, pois ela franziu o cenho para mim.

— Me desculpe, mas eu não acredito — falou simplesmente, enquanto acariciava sua enorme barriga de gêmeos. — Eu sou *expert* em fazer cara de “está tudo bem”, mesmo quando não está — apontou, com um sorriso compreensivo no rosto.

— Está tão na cara assim? — indaguei um tanto frustrada pela minha má interpretação, e ela negou.

— Não, mas como eu disse, sou *expert*. — Piscou para mim e me abraçou, não apenas para me acalmar, mas para sussurrar em meu ouvido: — Duvide de você, de todo mundo, mas não faça como eu, não duvide do amor.

Fiquei de boca aberta, sem saber o que dizer, como reagir, pois ela parecia saber que eu precisava ouvir aquelas palavras naquele momento. E estava prestes a desabafar com ela depois de tanto tempo sem fazer isso, quando alguém interrompeu:

— O que vocês acham de um brinde? — Henrique perguntou, se aproximando ao lado de Luca, e respirei fundo, porque eu parecia sentir que vinha dele mais uma provocação.

A verdade era que desde nosso momento na cachoeira que as coisas se tornaram ainda mais difíceis. E desde que chegamos à fazenda *Di Palacci* para o casamento que ele estava com um copo de bebida na mão. O que significava apenas uma coisa: problemas.

— Henrique, acho que está na hora de você parar um pouco — Luca elucidou, completamente contrariado.

— Não se preocupe, Luca. Juro que esse é o último e vou providenciar um café para mim depois. Prometo logo estar completamente lúcido, embora também esteja para o que vou falar nesse momento. — Estendendo o copo para frente ele começou: — Um brinde à felicidade desse casal que se ama... A todos os casais que se sentem da mesma maneira e lutam por esse amor. E, claro, às

mulheres que partem seus corações todos os dias. — Ele curvou a cabeça para mim, seus olhos tinham perdido o foco e engoli em seco. — E ao horror de perder sua melhor amiga, porque você foi idiota o bastante para se apaixonar por ela e ferrar com tudo depois. Saúde! — falou simplesmente, antes de beber o líquido âmbar em um só gole e, quando o esvaziou, jogou o copo de vidro no chão, espatifando-o, e deu as costas, saindo dali.

Resfoleguei. Completamente chocada, incrédula, sem saber o que fazer além de piscar naquele momento. Lágrimas se formaram em meus olhos e meu coração se apertou contra meu peito. A culpa era minha. Eu sabia. Queria me chutar por ter deixado o que houve acontecer, embora meu corpo discordasse completamente.

— Eu deveria saber de alguma coisa? Isso por um acaso tem a ver com a “cavalgada inocente” de ontem e a cara amarga dele de hoje juntamente com a bebida? — Luca cortou o silêncio, sua voz em tom de acusação, e engoli em seco.

— Eu acho que posso ter ficado com ele acidentalmente — admiti, sentindo meu rosto queimar de vergonha.

— Me explique como se fica com alguém acidentalmente. — O tom do seu pedido foi um tanto irônico.

— Bem... É quando simplesmente não se pode ficar perto um do outro, porque um olhar já te deixa sem ar e quando vê já aconteceu... — Coloquei a mão na cabeça e fechei os olhos. — Oh, meu Deus! Eu estava indo tão bem! Isso não foi um acidente, foi uma catástrofe! — gemi frustrada e Luca e Sophia gargalharam.

— Ok. Não preciso de mais detalhes sobre meus melhores amigos se pegando. Por favor — Luca implorou de modo teatral.

— E agora, o que eu faço? — perguntei olhando para os dois, beirando o desespero.

— Nós não podemos dizer o que deve fazer, Mia. Só quem pode dizer isso é você. — Sophia sorriu. — Mas creia: Não é problema algum tentar mais uma vez.

Eu sabia que ela estava certa, no entanto, as coisas entre nós não eram tão simples assim.

— O problema não é tentar mais uma vez, mas errar pela quarta. Ou quinta... ou sexta... Não sei. Perdi as contas. — Fiz uma careta, tentando manter a compostura, embora meus olhos me traíssem, pois começaram a verter lágrimas. — Estou cansada dessas idas e vindas... — Não consegui completar meu raciocínio, o nó que se formou em minha garganta e as lágrimas que insistiram em cair me disseram que era realmente a hora do nosso fim. Era hora

de, enfim, seguir em frente.

Oito anos atrás...

Capítulo 6

MIA

O dia fora cheio, onde fiz o que pude para matar as saudades das pessoas que eu amava. Embora tenha tentado, fugir de Henrique tornara-se uma tarefa difícil, especialmente quando tantas pessoas nos cercavam. Por fim, decidi que era inútil correr, pois era, de fato, inevitável que ficássemos juntos, especialmente quando não apenas dividíamos a mesma família, mas também os amigos.

Luca e Thiago vieram ficar comigo o quanto puderam, porque feliz ou infelizmente, os dois ainda tinham trabalhos dos quais não poderiam se ausentar apenas porque a boba da Mia sentia falta de tê-los ao seu lado. E chegar a essa conclusão me trouxe a inevitável compreensão de que as coisas haviam mudado em nossas vidas, que o tempo passara e havíamos crescido. Ou eu ao menos esperava que isso tivesse acontecido comigo.

Refletir sobre esse assunto me deu ainda mais certeza de que eu não poderia me esconder quando se tratava de Henrique, pois mais dia menos dia, chegaria o momento em que teríamos de nos encarar e falar sobre o que nos aconteceu. Por isso, mesmo que ele tenha feito hora extra na empresa para ficar conosco no nosso momento em família, sabia que chegaria o instante de encarar de frente a verdade sobre nós. E também teria de me acostumar com o fato de que não existia um “nós”.

Após o jantar, estava muito cansada, e depois de matar um pouco mais das saudades dos meus amigos jurei para Luca e Thiago que faríamos alguma coisa no dia seguinte. Lorena aceitou a derrota, não sem antes colocar para fora seu descontentamento, mas ao menos se deu por vencida e resolveu ir ao cinema com Caio.

O dia havia sido não apenas exaustivo de forma psicológica, mas também física, e eu estava animada com a expectativa de dormir finalmente. Bem, pelo menos era o que eu pretendia fazer quando me deitasse.

Apesar de ter tomado mais de um banho durante aquele longo dia, outro se fez necessário, porque apesar de o Brasil estar na estação do inverno, aparentemente eu havia me desacostumado com o clima tropical e me habituado com o delicioso clima italiano. Saí do banheiro após uma chuvairada relaxante, ansiando ainda mais pela minha caminha, que apesar de todos os percalços me fazia falta, e acabei dando de cara com Henrique.

Deus! O que aquilo tudo fazia ali?

Sentado à minha cama, ele parecia preparado para dormir com seus costumeiros shorts de seda, que eu sabia bem que usava apenas para sair do quarto, pois ele não os usava realmente entre quatro paredes. E não apenas ver que estava me esperando me fez engolir em seco, mas também pensar sobre esse fato e ter a certeza de que eu o conhecia tão bem me deixou desconsertada.

— O que quer aqui, Henrique? — Continuei a enxugar meus cabelos úmidos em uma tentativa de não demonstrar o quanto sua presença mexera comigo, como apenas ele parecia fazer.

— Me desculpe entrar sem avisar, mas eu precisava.

O que ele precisava não poderia dizer e não tinha tanta certeza de que realmente gostaria de saber. Por isso não pude sustentar seu olhar fixo em mim enquanto falava, apenas não conseguia. Henrique ainda tinha muito poder sobre mim e ele sabia, mas a última coisa que gostaria era que sua ciência sobre meus sentimentos continuasse a comandar não apenas meu coração, mas a minha vida, como sempre fizera.

— Tudo bem... — Emudeci, não consegui prosseguir, porque me vi forçada a olhar para ele e o que li naquelas órbitas verdes me fez esquecer o que diria.

— Só escute. — Henrique levantou enquanto me pedia e não pude fazer mais do que assentir, antes de voltar a desviar meus olhos dos seus.

Ninguém olhava para mim como Henrique Ferraz fazia. Era como se ele visse através de mim, camada por camada. Como se me conhecesse como ninguém conhecia. Como se soubesse como me sentia e conhecesse cada segredo do meu coração. E essa certeza de não ser imune a ele, de ser um livro tão aberto, só me deixara ainda mais vulnerável.

O quarto ao meu redor parecera engolir o ar que entrava e saía dos meus pulmões, tornando ainda mais difícil a tarefa de respirar. Eu não gostava de me sentir tão fraca, frágil e tão impotente diante dele. Mas não existia outra verdade, senão essa: eu o amava e não tinha forças para lutar contra como me sentia por Henrique.

— Me desculpe. Me desculpe por tudo — seu pedido sussurrado veio acompanhado da mão segurando meu queixo, obrigando-me a olhar para ele, e impotente engoli em seco quando entendi o que viria. — Por tudo mesmo. Sei que demorei demais para dizer isso, que estou fazendo com meses de atraso, quando na verdade esse pedido de perdão não deveria ser feito e muito menos aceito por você. A verdade é que fui um covarde. Não fui homem o suficiente para lutar por você. E desde o momento em que aconteceu, sei que cometi um erro enorme e só a empurrei para longe. Fui um filho da puta, mas, no fundo, também tive medo de nos machucar de novo, e venho sofrendo desde que se afastou. Eu tinha que ficar. Eu fiz isso por mim e para você, por nós, Mia... Mas

nunca foi minha pretensão me afastar e muito menos ficar sem você.

Definir como me sentia diante de suas palavras era como tentar expressar as coisas inexplicáveis do Universo. Ainda assim, tentei lutar contra como sua confissão me fazia sentir, mas era completamente inútil. Era difícil afastar os olhos dos verdes dele quando brilhavam assim, com tanto amor. Difícil de negar qualquer coisa que me pedisse para fazer. Difícil de duvidar de qualquer coisa que ele dissesse. E eu sentia a cada respiração fraca, a cada batida incessante do meu coração que o que ele dissera era verdade, mais do que isso, queria desesperadamente que fosse.

— Me perdoa. Por favor. — Limpou com os polegares as lágrimas que eu insistia em derramar sem controle. — Me dá uma chance para te fazer feliz. Me dá uma chance para te provar meu amor.

Ai, Senhor! Eu não tinha psicológico... SOCORRO!

Era tudo que por meses queria e precisava ouvir. Mas, ao mesmo tempo, sentia-me traída, irada, por causa de tanto sofrimento que poderia ter sido evitado caso ele tivesse tido a coragem de confessar o que tínhamos perante nossa família.

Eu recuei, dando um passo para trás. Engoli em seco a saliva grossa que parecia presa à minha garganta. E tentei me lembrar de respirar. Mas seu olhar ardente e ansioso me tirou do equilíbrio em que me mantive desde que nos separamos.

Era inútil tentar esconder como me sentia. Mas era ainda mais inútil fugir do que eu queria, apegando-me a detalhes que não passavam disso, eram apenas detalhes insignificantes diante do amor que nos enchia o coração.

Ergui os olhos para ele e balancei a cabeça, mesmo que estivesse decidida a nos dar mais uma chance, não conseguia proferir qualquer palavra. Mas Henrique não pareceu se importar com a falta delas, ele parecia saber exatamente o que eu diria, pois rapidamente deslizou suas mãos debaixo de mim e me levantou em torno de sua cintura, carregando-me exatamente para onde eu queria.

Não sabia dizer quem se inclinou primeiro, mas nossos lábios se entrelaçaram e me entreguei, sentindo-me segura novamente em seus braços. Segura do mundo. Segura de mim mesma.

E eu esqueci todo o resto. Porque estava com ele. Eu gemi em sua boca quando sua língua deslizou sobre a minha possessivamente, me afirmando. Eu adorei e puxei seus cabelos, não querendo largá-lo. Suas mãos apertaram minhas coxas, enquanto nossas respirações eram frenéticas, nossas bocas furiosas. Porém, subitamente ele se afastou e antes que eu protestasse, com a voz rouca começou a falar:

— Mas dessa vez farei as coisas certo. Como deveriam ter sido desde o início.

Quando Henrique lentamente se colocou sobre seu joelho no chão e enfiou a mão no bolso, eu coloquei as mãos sobre minha boca. Eu não poderia explicar ou sentir qualquer coisa ao meu redor, pois tudo o que via era o homem que eu amava de joelhos diante de mim, abrindo uma pequena caixinha azul-clara, uma cor que conhecia tão bem.

— Mia Guiotto... — Meu nome foi dito com uma voz embargada e bastante emocionada enquanto ele abria a caixa e me apresentava o maior e mais lindo anel de diamante que eu já tinha visto na minha vida. — ... você me dá a honra de se tornar minha esposa?

Eu não sabia que estava segurando a minha respiração até estar completamente ofegante. O mundo poderia se desfazer ao meu redor, mas eu duvidava que teria notado de qualquer maneira. Mais lágrimas brotaram nos meus olhos quando resfoleguei, tentando ficar estável, mas muito atordoada para qualquer coisa, até mesmo me mover.

Tudo parecia surreal demais para mim. Depois de meses de sofrimento, de passar tanto tempo querendo algo, alguém, esperando por ele mesmo que dissesse o contrário, quando finalmente aconteceu, quase não acreditei. Fiquei esperando para acordar... mas não acordei. Era real. Apenas real. Henrique me amava. Henrique me queria em sua vida. E mais do que isso: ele queria se casar comigo.

— Eu não posso viver uma vida em que você não esteja nela, Mia, porque a minha vida é você. Eu te amo, Mia. Casa comigo?

Não sabia se era possível dizer se eu estava rindo ou chorando, mas ele não parecia se importar, enquanto apenas parecia ansioso pela minha resposta. E ela veio com um aceno, pois era o máximo que poderia fazer naquele momento lindo e tão perfeito, mas isso lhe pareceu o bastante para lhe tirar o sorriso mais bonito que vi.

Depois de colocar a bela joia em meu dedo, Henrique deu um beijo na minha mão, um pouco acima do diamante, e eu sorri para ele através das minhas lágrimas. Quando ficou de pé outra vez, tomou meus lábios com os seus e, enquanto nos beijávamos com amor, cheguei a acreditar que era o caminho certo, que seríamos felizes com nosso “para sempre”, mas ele estava apenas começando e estava bem longe de acabar. E mais do que isso, ainda não tinha ideia de que nosso caminho seria galgado com muitas lágrimas, mágoas, feridas e tantas dores.

Tempos Atuais...

Capítulo 7

MIA

Entre as piores coisas da vida, rola um empate certo entre a segunda-feira e depilar a virilha. Poucas coisas tão ruins quanto acordar em uma segunda de manhã com um despertador barulhento na sua orelha e, ainda por cima sozinha, sem um boy para aliviar a *sofrência*. Era definitivamente o pior dia da semana, mais como um domingo de ressaca. E uma coisa que aprendi nos quase trinta anos de vida é que a quantidade de água que tomamos é proporcional à diversão que tivemos na noite anterior.

Ainda que a ressaca fosse descomunal, a ponto de parecer figurante do *The Walking Dead*, mas seria apenas eu chegando ao trabalho mais tarde naquele, tinha de dizer que ainda assim valera a pena. Desde que voltei ao Brasil e Zane tinha se dedicado juntamente a Lorena ao lançamento da grife deles que eu meio que vinha deixando minha vida baladeira no *time*. Mas nada como uma necessidade de tequila para nos tirar da cama após passar o dia de domingo quase todo de preguiça na cama, assistindo a uma maratona de Channing Tatum, porque Channing Tatum nunca é demais. E o resultado havia sido um salto quebrado, uma ressaca daquelas e aquele rombo enorme no cartão de crédito.

Não se julga a prioridade das pessoas! Sim, antes vinha meu fígado, depois a vontade de comprar bolsas!

Após tanto tempo sozinha, visto que eu não tinha um relacionamento desde que terminei com Paco, há mais de quatro anos, chega um momento que temos que rever o que estamos fazendo na nossa vida. Refletindo sobre meu futuro, decidi que era horar de parar de andar para trás e finalmente seguir em frente. Havia perdido tempo demais sofrendo com meus próprios traumas e problemas do passado, esquecendo-me do que realmente importava: a minha felicidade. Era hora de recomeçar.

Eu já passara por tanta coisa, sofrido calada, aguentando sozinha, não havia nenhuma maneira de ter chegado até aquele momento e deixasse que o Henrique me superasse em força. Inevitavelmente nesses momentos de reflexão lembrei-me da frase de um filme que jamais esqueci: “*Algumas pessoas estão destinadas a se apaixonarem uma pela outra, mas isso não significa que elas estão destinadas a ficarem juntas.*” E era a verdade.

Nós dois tínhamos vivido uma história bonita, uma paixão de infância como as mais belas histórias que se eternizaram na literatura, mas também fora dolorosa, cheia de obstáculos e pedras no nosso caminho. Depois de tantas idas e

vindas, estas que só reafirmaram uma verdade, a verdade que não adiantava tentar insistir em uma coisa que estava fadada ao fracasso, chegara a hora de me permitir algo novo.

As pessoas ao meu redor pareciam estar todas se casando, tendo filhos, outras namorando, e eu parecia apenas engordar e envelhecer. Esse parecia ser o ano em que eu estava mais perto de, literalmente, ficar para titia. Segundo pesquisas recentes, sexo cura dores de cabeça. Como? A relação faz com que o corpo libere endorfinas que, naturalmente, reduzem a dor. Quem seria eu para contestar essa descoberta científica? E mais, quem seria eu para não aproveitar dos benefícios da atividade sexual? Ninguém. Estava apenas acatando o conselho e por isso resolvi aceitar jantar com Daniel.

Tudo bem que havia dito que não voltaria a andar para trás, mas quando namoramos no passado, Daniel e eu ainda éramos tão jovens, e, em minha defesa, apesar de sempre tê-lo adorado, não entreguei-me como deveria e ele tanto merecia. Então por que não dizer que seria como se fosse a primeira vez?

Daniel seria perfeito para mim naquele momento, em um momento novo de descoberta e reencontro comigo mesma e por isso talvez fosse o melhor ficar sozinha, mas a verdade era que não tinha um relacionamento sadio há muito tempo, se é que posso dizer que tive um dia, pois todos eles foram inevitavelmente assombrados pelos fantasmas do meu passado e eu sentia falta de ter alguém ao meu lado. Eu precisava parar de ruminar sobre o inatingível e começar a finalmente pensar sobre o que estava bem na minha frente.

E não, definitivamente não era meu maldito vizinho!

Ao revolver as memórias e guardados do meu coração, redescobri em um baú trancado a sete chaves toda a esperança que eu havia perdido. Precisava me reencontrar e encontrar um novo alguém que pudesse ajudar a dar um novo significado para minha vida. E essa esperança, que há muito não sentia, me dizia que talvez essa pessoa pudesse ser Daniel.

Depois de fazer meu agradecimento a Deus de todas as manhãs pela invenção da maquiagem, em especial pelo tamanho das minhas olheiras, naquela segunda, e tentar domar meus cabelos, que Vanessa da Mata os entenderia certamente, fui fazer meu desjejum. Eu não apenas precisava da minha dose dobrada de cafeína, mas também precisava de um pão de queijo para melhorar minha dignidade, pois poucas coisas me deixavam de bom humor como comer pão de queijo com café quente.

E foi quando daria a primeira mordida naquele pedacinho sagrado com sabor de queijo, que a campainha tocou. Estranhei não ter sido avisada pela portaria sobre a chegada de um visitante, mas mesmo contrariada resolvi largar o pãozinho quentinho no prato e atender quem quer que fosse que resolvera me

incomodar tão cedo.

Esperava que não fosse nada de mais, mas quando abri a porta cheguei a uma conclusão: Se você acorda com ressaca, mas ainda assim feliz, com certeza é a vida te preparando para as merdas que vão vir. E essa merda tinha mais precisamente 1,93 m de altura e um rosto e corpo perfeitos capazes de enlouquecer qualquer uma.

Putá merda! Me dá estrutura, oh, Deus!

Não importava que ele não estivesse seminu como frequentemente o via mais do que gostaria, o que me dava um certo alívio, devo ressaltar, mas ainda assim vê-lo usando um terno de corte italiano era quase como um atentado ao pudor, tamanha agressão à minha libido.

Eu vivia em uma máquina de tortura chamada minha mente, pois mesmo com todas minhas restrições contra sua pessoa, eu não era imune a Henrique, especialmente porque ele poderia facilmente colocar atores de Hollywood no chinelo.

— Bom dia. — A saudação veio acompanhada de um sorriso capaz de derreter qualquer calcinha.

Seu olhar foi para meus seios por alguns segundos a mais do que era educado e, mais um pouco ainda do que os homens normalmente costumavam fazer, afinal, era difícil não recordar que ele era tarado nos meus seios. Mas apesar do sorriso safado de canto, ele não se incomodou com o fato de ter sido pego, pois logo voltou seu olhar para o meu rosto.

Não era justo que ele tivesse aqueles olhos, que faziam com que eu me sentisse assim... confusa. Esforcei-me para encontrar meu centro e me equilibrar, só que aparentemente demorei tempo demais para conseguir voltar a raciocinar, e quando isso aconteceu, ele já havia passado por mim e entrado em meu apartamento sem pedir licença, como se dominasse e fosse dono de tudo. E se eu fosse sincera comigo mesma, de fato, era.

— Você não tem comida na sua casa? — tentei demonstrar minha irritação quando o vi começar a comer do meu prato e beber da xícara de café fumegante que havia me servido.

— Já acordou impaciente? — O sarcasmo estava mais do que implícito na sua direta.

— Deixei para trás minha paciência com gente babaca em algum lugar ao longo da vida! — bufei, minha irritação subindo rapidamente, e tomei o pão de queijo que estava em sua mão.

— Não seja tão amarga. Jesus disse que temos que dividir o pão, *Miamor*. — Sua voz rouca arrepiou-me por completo, como acontecia a cada vez que ele chamava-me assim, ele aproveitou-se disso para roubar uma mordida do pão

quentinho em minha mão, mas respirei fundo, tentando me concentrar no que deveria fazer.

— E-eu-eu preciso ir — gaguejei o que tinha que fazer e demorei mais um segundo para fazer com que meus pés acompanhassem meu raciocínio e se afastassem da minha tentação.

— Não vai terminar de tomar café? — Seu sorriso dizia que ele sabia o que eu estava fazendo e isso me irritava completamente.

— Perdi a fome — eu me forcei a mentir, soando um tanto ríspida, e seus lábios se alargaram ainda mais.

— Não quer uma carona?

Muitas das nossas decisões são difíceis para se colocarem em prática. Principalmente quando o coração está em jogo. Mas eu tinha de me lembrar que sofrer era opcional, mas na hora certa, no momento oportuno, dar o troco era obrigatório. E eis que chegara o momento de fazer isso.

— Obrigada. Mas já tenho uma. — Meu sorriso era imenso enquanto eu pegava minha bolsa e olhava para ele.

— Acho que não entendi. — Ele estava confuso e isso era tão bonitinho. Mas ainda mais maravilhoso era sentir o gostinho de vingança.

— Como fui forçada a fazer todo procedimento, inclusive autoescola, para voltar a ter minha carteira de habilitação, e esse processo, como você deve saber, não é nem um pouco rápido, Daniel se ofereceu para me dar carona para ir e voltar do trabalho enquanto isso. — Tornei a passar o batom em minha boca, tentando soar casual.

— O quê? — Sua voz subiu alguns tons enquanto perguntava e tive que me segurar para não rir.

— Isso que você ouviu. — Sorri. — Ele é tão gentil, não é mesmo? Vamos jantar depois do trabalho.

— Você só pode estar brincando! — Colocou de volta o pãozinho na mesa.

— E por que estaria? — Dei de ombros.

— Vocês estão juntos novamente?

— Estamos caminhando para isso. — Pisquei para o Henrique, boquiaberto e um tanto pálido diante de mim, antes de virar as costas para ele.

— Você não pode voltar para ele! Perdeu o juízo? — gritou no momento que cheguei à porta, pronta para sair. E apesar de não querer uma discussão naquele momento, me vi obrigada a me virar e aparentemente ele me seguira, pois dei de cara com ele enquanto respondia:

— Sim. Logo quando perdi a virgindade.

Henrique pareceu ferido e procurou nos meus olhos um sinal de que isso não passava de uma brincadeira ou insanidade, talvez. Mas ele não encontrou

nada além da determinação de uma mulher ferida que cansara de sofrer por alguém que não merecia seu amor. Ele não disse mais nada, apenas abaixou a cabeça, aparentemente derrotado, e respirei fundo, antes de me virar e sair dali.

Finalmente, depois de anos, havia cansado de ser aquela menina ferida e dado o primeiro passo em direção à minha felicidade!

Ou ao menos eu acreditava que sim.



Estar com Daniel era fácil, diferente de todos os relacionamentos que tive antes. Ele era uma pessoa muito querida, que só me fazia bem. Adorava estar com ele, ter sua companhia e dividir momentos simples e deliciosos ao lado de alguém tão especial, então, antes que me desse conta, foi inevitável me ver namorando-o.

Já haviam se passado quatro meses desde meu último confronto com Henrique naquela manhã e, diferentemente da minha relação com Daniel, as coisas entre nós não poderiam estar mais distantes. Nós malmente nos víamos e nos falávamos ainda menos. Sendo sincera comigo mesma, passamos a nos ignorar e fingir que não éramos ninguém importante na vida um do outro, era como ter de volta os últimos quatro anos que ficamos sem nos ver ou falar.

Se em algum momento pensei que seria fácil nos afastar e o melhor para nós dois, não podia estar mais enganada. Só que não podíamos simplesmente esquecer tudo que passamos e muito menos as mágoas infligidas, tínhamos apenas que seguir em frente e talvez um dia as coisas entre nós se tornassem mais amenas. Mas esse dia certamente não era em um futuro próximo, especialmente quando Henrique não facilitava em nada as coisas entre nós, pois além de fazer questão de ser desagradável com Daniel, até mesmo na frente da nossa família, descobri uns dias antes que ele estava de caso com ninguém menos do que a entojada da Bia Soares, que ele sabia muito bem que eu odiava.

Henrique não era nada meu e a vida era sua, mas embora insistisse em dizer para mim mesma que não estaria me sentindo dessa maneira se ele tivesse escolhido outra pessoa, tentei não ficar mexida com o que ele fazia ou deixava de fazer e por isso decidi aceitar o convite de meu pai para passar o fim de semana na fazenda com a família. E claro, estava dando o meu melhor para não ter que cruzar com os dois nos corredores ou elevador do prédio e não ouvir nada que não queria do apartamento ao lado do meu.

— Bia está vindo — Lorena sussurrou durante o jantar e eu olhei para ela enojada.

Só podia ser brincadeira! Por que diabos eles estavam indo até lá quando eu tinha ido para a fazenda justamente para fugir dos dois?

Isso era o que eu realmente gostaria de perguntar, no entanto o que eu disse foi:

— Pelo amor de Deus, não fale esse nome de novo, porque fico com vontade de vomitar só de você falar o nome dela.

— Desculpe, mas acho que vai ser mais difícil controlar sua crise bulímica quando ela se sentar à mesa conosco e achei por bem avisar para que não seja pega desprevenida. — Deu de ombros. — Ele apenas disse que estava trazendo ela, me mandou mensagem avisando.

Eu não precisava ser muito inteligente para deduzir que Henrique havia feito isso de propósito. Ele sabia que a irmã correria para me contar sobre sua iminente chegada. O que, decerto, me irritava ainda mais.

— Desculpe, eu quero muito vomitar, mas não quero estragar o clima do jantar com meu vômito — avisei à mesa, quando me pus de pé.

— Você está se sentindo bem, querida? — minha dinda perguntou, um tanto preocupada.

— Deve ter sido algo que ela comeu, mãinha — Lorena veio ao meu socorro, embora não parecesse tão sincera quando ela claramente segurava o riso.

— Você não está grávida, está? — A pergunta de meu pai me deixou de boca aberta, e enquanto todos começaram a rir, Daniel começou a se engasgar na cadeira ao lado da minha.

— Claro que não, *papa!* — Meu tom saiu uns decibéis mais alto do que eu gostaria, mas havia sido pega despreparada para aquela pergunta.

— Ah, bom! Estou louco por netos, mas não acho que esteja preparado para isso sem um casamento. — Sorriu, fazendo-me emudecer, e quando vi que Daniel estava preparado para abrir a boca, tratei de puxá-lo dali rapidamente.

Ah, vida, não, né? Cê tá de sacanagem com a minha cara?



Eu não era uma pessoa que tratava mal as outras. Afinal, fui educada a tratar todas de forma igual, e como dizia minha dinda, “Bom dia, boa tarde, boa noite, por favor e obrigada falamos até para cachorro!”. Então não, não trataria mal ou ignoraria Bia apenas por não suportá-la. O que não significava que eu era falsa por ser gentil com alguém de quem não gostava. Significava apenas que eu era madura o suficiente para ser educada.

Fiz questão de usar a minha “indisposição” para não estar presente na chegada de Henrique e da sua acompanhante desagradável. Sabia que, apesar de enorme, o casarão colonial ainda assim não seria grande o suficiente para nos manter sem nos ver, mas não custava nada adiar esse momento o máximo que

pudesse.

A manhã chegou um tanto quente para o inverno e com ela também trouxe aquele formigamento sobre o que viria com esse encontro.

— Pode parecer um pouco infantil, mas estou um pouco sem jeito de sair do seu quarto e dar de cara com seu pai. Sinto-me um pouco adolescente de novo — Daniel confessou com uma careta e eu ri.

— Você não tem que se preocupar com isso. Ele está muito animado porque voltamos a namorar. Como você percebeu, sua esperança que eu lhe dê netos reacendeu. Ele provavelmente vai tentar te convencer a propor casamento — brinquei, embora falar sobre isso ainda me incomodasse.

— Eu não preciso de muito convencimento — eu o ouvi dizer.

O que ele disse?

— Hmhm, sei — murmurei para não deixar um silêncio desconfortável se formar.

Fui para frente do espelho e comecei a passar batom, tentando não surtar, mas Daniel pareceu perceber o quanto suas palavras mexeram comigo, pois ele colocou as mãos sobre meus ombros enquanto tornava a falar:

— Estou falando sério.

Foi o suficiente para fazer com que eu me sentisse dominada por um sentimento que conhecia muito bem. Aquela sensação ruim que surgia sempre que eu me recordava da primeira vez que fui pedida em casamento. Aquele mesmo sentimento de pavor que vivia nas vezes em que Paco me propôs casamento quando estávamos namorando. Era algo que me fazia mal do estômago e parecia querer me dominar completamente. Mas eu não queria me sentir assim. Não mais. Não com Daniel.

— Mia? — Sua voz chamando meu nome me fez voltar a razão e procurei sugar o máximo possível de ar para os meus pulmões.

— Dan, não se sinta forçado a nada. Sei que estamos juntos há poucos meses eu me obriguei a dizer, em uma tentativa de aliviar não apenas o que eu sentia, mas a preocupação que via em seu olhar diante minha reação.

— Vou tentar não levar para o lado pessoal o fato de você ter ficado mais pálida do que o normal. Só vamos mudar de assunto por agora, ok? — Sorriu um tanto sem jeito e resfoleguei aliviada, embora o sentimento que borbulhava em meu peito não me fizesse sentir melhor.



Como de costume, a mesa de café da manhã já estava posta quando Daniel e eu nos sentamos minutos mais tarde. Cumprimentamos minha família, mas antes de ocupar meu lugar habitual, beijei meu pai, meu nonno e minha dinda.

— Bom dia! — cantarolei o cumprimento, tentando demonstrar uma animação que eu estava longe de sentir.

— Bom dia! — responderam em uníssono.

— Está melhor, meu amor? — a pergunta foi feita pelo meu nonno e assenti.

— Sim, nonno. Apenas uma indisposição momentânea — quis garantir, enquanto começava a me servir das melhores delícias caseiras.

— Eu não ouvi nada que não quisesse ouvir, então vou assumir que não precisamos ter aquela conversa com ninguém — foi a primeira coisa que meu pai disse, em um tom sério que não combinava muito com ele.

— Pai! — gritei exasperada, enquanto Daniel empalidecia ao meu lado.

Deus, que humilhante! Sério que estávamos falando sobre isso quando eu tinha 27 anos?

— Ele não está tentando te dar a conversa sobre sexo, não é? — Leonardo perguntou, enquanto entrava na sala, esfregando o rosto bonito com as mãos e tropeçando em direção à mesa antes de se sentar.

— Ugh, podemos, por favor, não fazer isso agora? Eu acabei de acordar — retruquei envergonhada, minha pele muito branca certamente não escondendo meu enrubescimento.

— Meu Deus! Mia não é mais virgem? — Lorena perguntou teatralmente, antes de dar uma risada em seguida, assim que entrou na sala, continuando a minha humilhação.

Porra! Estava ficando cada vez pior!

— Querido, eu acho que é um pouquinho tarde para isso — minha madrinha comentou rindo e a carranca enorme que meu pai ostentava diante das gracinhas conseguiu ficar ainda maior.

Mal sabia ela...

— Se é, mãinha. Como se ela já não soubesse do A-B-C há anos. — Henrique chegou com todo seu sarcasmo, que fez com que todos olhassem para ele.

Eu vou matar Henrique!, pensei sombriamente.

Olhei para ele e lhe dei um olhar que prometia morte por esquartejamento. Eu estava a ponto de explodir e seu comentário não estava ajudando em nada.

— O que foi? Eu disse algo errado? — sua cara inocente não convenceu ninguém quando perguntou e eu bufei.

— Se não for pedir muito, gostaria de manter a discussão sobre a minha vida sexual para depois do almoço, para não ter uma indigestão. E, de preferência, com um pouco de álcool, para que eu possa esquecer isso depois. — Meu tom era cortante e meu Nonno começou a rir, sendo acompanhado pelos

outros, embora meu pai tivesse mantido a carranca o restante da manhã.

HENRIQUE

— Aonde você vai? — a voz irritante de Bia me perguntou.

Fechei os olhos e respirei fundo, porque estava começando a me arrepender de tê-la trazido. Não, na verdade o arrependimento começara desde que inventei de procurá-la, semanas atrás, e não apenas porque eu havia lhe dado ótimos momentos no passado que a fizeram querer ficar comigo, como também por ser uma boa atriz de quinta e alpinista social que gostava de aparecer, obviamente ela não negara.

— Andar a cavalo respondi tentando controlar minha impaciência, enquanto terminava de calçar minha segunda bota.

— De maneira nenhuma que eu vou andar naquelas coisas sua voz soou aguda demais para meus ouvidos quando falou.

— Não estou mandando você andar, Bia. Estou dizendo que eu vou andar. — Não tentei esconder minha impaciência. E pela milésima vez, desde que a reencontrei, perguntei-me por que caralho havia tido essa ideia infantil de usá-la para provocar ciúmes ou qualquer que fosse a reação de Mia.

— Achei que fôssemos ficar na piscina. Já coloquei até um biquíni. — Dando uma volta sobre seus próprios pés ela chamou atenção para si mesma e foi nesse momento que consegui notar que usava um biquíni minúsculo branco.

Deus, o que estava acontecendo comigo, que nem havia notado que uma mulher estava seminua em minha frente?

Nem esperei por uma resposta, porque eu sabia muito bem qual era. Apenas tratei de respirar fundo mais uma vez, coisa que estava fazendo desde que o “motivo” do meu desinteresse súbito pelas outra começou e ainda por cima inventara de começar a namorar.

— Você pode ir. Vou andar a cavalo. — Não me importei em dar as costas para ela, afinal, não estava mesmo interessado.

— Você vai me deixar sozinha para montar aquelas “coisas”? A irritação estava mais do que explícita em sua voz quando ela fez a pergunta idiota, bem como sua expressão que tomou um ar de espanto.

— Bia, para sua informação, eu amo aquelas “coisas”. Então sim, eu vou. Você pode muito bem encontrar o caminho para a piscina sozinha. Tenho certeza de que não irá se perder e muito menos se afogar.



Apesar de já estar usando meus jeans e botas, acabei indo parar na piscina, porque Bianca havia me enchido tanto o saco para passar protetor solar em seu

corpo, que mais parecia um galinheiro inteiro falando. Estava decido a recusar, porém me toquei que as pessoas da casa notariam, caso ela antecipasse o Apocalipse, quando na verdade a única reação que eu queria não era dela.

Bia disse algo ou cacarejou, mas não escutei. Eu tinha essa coisa maravilhosa chamada audição seletiva acontecendo no exato instante que senti meu corpo todo arrepiar.

Depois de anos de experiência nesse tipo de reação, não precisava ser muito inteligente para saber que Mia se aproximava. Eu podia sentir isso. Era sempre assim. Segui minha intuição e levantei meus olhos para vê-la andando até Léo.

Put a que pariu, ela estava linda!

Usando um short jeans curto desfiado e uma camisa quadriculada sem mangas, amarrada embaixo daqueles seios deliciosos, que estavam provocativos, devido ao enorme decote, mostrando sua barriguinha sarada e aquele piercing no umbigo, que me deixava louco desde que ela o pôs aos dezesseis anos. Seus cabelos loiros estavam presos em duas mairias-chiquinhas altas e, para completar o pacote, Mia calçava um par de botas de cowboy marrons.

Put a merda! Eu nunca vi nada tão fodidamente sexy quanto ela nessa roupa!

Não me intimidei ou pensei em tentar esconder o que fazia, apenas deixei meus olhos se deliciarem pelas suas pernas longas e torneadas, sua bunda cheia e depois voltaram para seu decote. Depois dessa viagem maravilhosa, tive que me remexer na espreguiçadeira, para poder aliviar minha ereção crescente, que pressionava minha calça um tanto eufórica e mais do que ansiosa para se libertar.

Ela era a porra de uma fantasia real de qualquer homem!

Seus olhos então encontraram os meus e o sorriso que Mia ostentava simplesmente se desfez. Mas apesar de o contato ter sido rápido e ela ter tentado esconder, foi impossível não distinguir a dor que eu gostaria tanto de ver em seus olhos quando ela viu que eu estava com Bia. Só que isso não me satisfiz em tudo.

Alguém chamou seu nome e logo vi Daniel vindo em sua direção. Ele sorriu apaixonadamente para Mia, bebendo-a, e eu quis dar um soco no cara só por olhar para ela. Mas foi a minha vez de desviar o olhar quando ele parou em sua frente, porque eu podia ser masoquista demais, mas não suportava vê-lo tocando-a, beijando-a, exatamente como eu gostaria de fazer. Apenas não conseguia.

Não adiantava tentar me fazer de forte. Tão estúpido quanto parecia, ela perpetuamente possuía a porra da minha alma e todas as partes dela que se quebraram com o tempo. Eu não sabia dizer como ela fizera isso, como conseguira se transformar daquela menina loirinha banguela por quem eu me

apaixonara para se tornar a mulher linda e exuberante que se metamorfoseou em tudo que eu era e precisava. Não sabia como podia estar me sentindo tão merda em um minuto e, no seguinte, bastava ela sorrir para toda a dor ir.

Deus, como eu a queria! Porra! Queria demais!

Mas eu precisava me controlar. Ela tinha um namorado e, bem, eu também tinha uma “namorada”, por mais que estivesse decidido a me livrar dela o quanto antes. Só que não queria fazer mais nada de errado, ainda que muitas das minhas atitudes e decisões fossem infantis. Por mais que eu quisesse me convencer do contrário, que ela quisesse me provar que não tínhamos mais chance.

Porra! Eu não a merecia! Ela não era para ser minha, mas seria!

Oito anos atrás...

Capítulo 8

MIA

Depois do pedido de desculpas e da proposta de casamento mais linda e emocionante que Henrique fez, eu não poderia estar mais feliz. Conversamos tanto, nos abrimos completamente um para o outro, discutimos como seria nossa vida dali para frente e não acho que já tenhamos estado tão próximos como naqueles dias.

Havíamos decidido morar no Brasil, já que ele tinha um emprego com um salário muito bom para nos sustentar e um apartamento para morarmos, o que logo nos levou a lojas para começar a mobiliar e decorar. Eu sabia que teria de abrir mão da minha vida em Roma, o que incluía meu estágio na revista, mas sacrifício maior seria se eu abrisse mão dele, que era realmente a minha vida.

Adiamos por alguns dias, porque com a notícia maravilhosa de que o juiz havia permitido a adoção do meu irmãozinho depois da longa espera, também descobrimos que mesmo sem esperar minha dinda também engravidara, e decidimos dar um tempo para curtirem a euforia de tanta benção.

No entanto, aquela noite havia sido a escolhida para dividir os planos que tínhamos com nossa família e, finalmente, depois de tanto tempo tentando fugir ou negar, contaríamos sobre nosso relacionamento. Não sabia ainda como seria a reação deles, mas esperava que apoiassem nosso casamento e estava confiante de que isso acontecesse.

Eu me sentia feliz como nunca antes. Parecia estar sonhando, porque isso não poderia estar acontecendo, meu desejo de menina estava prestes a se realizar e eu não queria acordar nunca.

Como estávamos esperando o momento certo para falar tudo, costumávamos nos encontrar às escondidas ainda, e por isso o nosso futuro apartamento havia se tornado meio que nosso ninho de amor. E era à sua espera que eu estava enquanto organizava as almofadas novas do sofá confortável que fora entregue aquela tarde, quando ele chegou.

— Oi, amor — eu me dirigi até ele animada e fiquei na ponta dos pés, buscando a sua boca para beijar, mas não encontrei o calor que esperava.

— Mia, nós precisamos conversar — ele disse em um tom sério e um tanto gélido enquanto se afastava, e, pelo frio que senti, soube que não ia gostar nada do que viria.

Esperei por Henrique sem me mover, meu coração disparado enquanto ele andava de um lado ao outro pela sala que eu acreditava que seria nossa em

breve, e foi quando notei que sua atitude não era apenas pelo nervosismo sobre o que me diria, pois eu o conhecia bem demais para saber que estava fazendo isso para me manter longe dele, o que me doeu de uma forma inexplicável. Estava tudo ótimo entre nós até horas antes, a expectativa sobre o que diríamos no jantar era grande, mas estávamos confiantes de que tudo daria certo. Eu não entendia o que estava acontecendo. Ou ao menos não queria entender.

— Nós não podemos mais — quando começou a falar, ele apertava sua nuca, enquanto olhava para o teto, como se segurasse o peso do mundo em suas costas.

— O quê? — minha pergunta foi feita em um sussurro, pois mais do que nunca tive medo da sua resposta.

— Sinto muito — ele continuou, e eu pisquei quando o ar saiu de meus pulmões. — O que aconteceu entre nós não deveria ter acontecido, e eu estou arrependido pra caralho.

Minha boca se abriu em completo choque. Eu não sabia se conseguiria respirar mais. Esqueci completamente como falar, me mover... porque não poderia emitir um único som e sequer conseguia me mover. Era como se meu coração tivesse perdido o ritmo e esquecido como bater.

Ele estava arrependido? Inferno!

Eu preferiria que ele me desse um soco no estômago, a ter me dito que se arrependeu do que vivemos. Imaginar nunca estar com ele novamente, imaginar que terminaríamos as coisas me fez começar a hiperventilar. Não podíamos terminar... simplesmente não conseguia. Amávamos um ao outro. Não era apenas luxúria. Eu o amava tanto que quase sentia meu coração bater apenas por ele.

Anos de provocações, paqueras e tudo que nós vivemos na Itália e desde que me pediu em casamento, provou-me que o que realmente tínhamos era muito mais do que uma atração incontrolável.

Ele me amava. Eu sabia disso. Eu sentia isso!

Eu preferiria que ele tivesse dito que não queria mais nada comigo, em vez de dizer que estava arrependido. Se estava arrependido, por que veio atrás de mim quando voltei, fez tantas promessas e me deu esse estúpido anel, dizendo que queria ficar comigo para sempre?

De repente, senti o nó que tinha se estabelecido em meu peito começar a inchar. Eu não conseguia respirar. As paredes ao redor de mim pareciam se fechar. Meu coração começou a bater contra meu esterno, tão forte, que achei que pudesse explodir. Lutei para sugar ar, mas minha garganta estava apertada e eu ofegava a cada respiração.

— Mia? — sua voz aflita me chamou enquanto a escuridão ameaçava

fechar meus olhos.

O rosto desesperado de Henrique apareceu em minha frente, pisquei para ele depressa, ainda lutando para respirar. Mas simplesmente não conseguia evitar a escuridão ao meu redor. Era como se meus pulmões estivessem se congelando, mas por mais difícil que fosse, eu lutei. E consegui enxergar o que estava acontecendo, apesar da minha visão nublada e da dor no meu peito.

— Estou bem. Só preciso sair daqui. — Eu me levantei rapidamente, tentando me afastar dele o quanto antes.

— Não. Você não está bem. Você precisa...

— Não! Eu não preciso de nada de você! — gritei, recuperando minha voz, a dor do meu peito parecendo prestes a rasgá-lo.

Senti uma lágrima escorrer pelo meu rosto, mas não podia sequer mover a mão para limpá-la. Tudo doía dentro de mim. Mas eu não era a única, pois Henrique parecia sofrer tanta dor quanto me infligia. Ainda assim, sem pedir ou esperar permissão, ele se adiantou e estendeu a mão para enxugar as lágrimas que eu inevitavelmente derramava. Mas por mais que desejasse desesperadamente o seu toque, o menor que fosse, não podia permitir que me tocasse depois de tudo que dissera. Por isso que fiz o máximo que podia para me afastar.

— Não faça isso. Você. Nunca. Mais. Toque. Em mim. De novo. Seu bastardo idiota! Eu não posso mais acreditar em você! Não posso mais viver perto de você! — gritei a plenos pulmões.

A dor era o que ele tinha me deixado, então simplesmente entreguei-me a ela, me descontrolei e parti para cima dele, esmurrando seu peito. Queria que Henrique sentisse dor. Queria que se sentisse como eu. Queria que doesse nele tanto quanto doía em mim. E ao contrário do que pensei que aconteceria, ele não reagiu e muito menos tentou me parar.

— Como pôde? Você me pediu em casamento! Como pôde fazer isso comigo? — continuei gritando e batendo nele, colocando para fora tudo de ruim que eu sentia.

Depois de um tempo muito longo sem sequer se mexer, Henrique agarrou-me e me segurou enquanto eu ainda batia os punhos em seu peito. Ele não reagia, apenas me segurava. Meu corpo estava mole. Minhas pernas, trêmulas. Não aguentando mais o peso do meu corpo, comecei a escorregar para o chão e ele veio até mim, me abraçou e me segurou enquanto eu chorava.

E eu chorei tudo que podia. Tudo que precisava. Por minutos intermináveis meus tormentos foram vertidos em lágrimas, que foram acompanhadas pelas suas, que banhavam a minha pele. Eu o odiava. Odiava-o com toda a força que tinha. Com todo ardor que me provocou.

NÃO. Eu não queria que ele encostasse em mim!

Henrique não tinha permissão para me consolar, depois de ter sido o motivo de rasgar meu coração. Ele que causara tudo aquilo. Era o único culpado. Por isso o empurrei para longe de mim e me levantei do chão, afastando-me rapidamente dele. Ele se levantou também e estendeu a mão para mim, como se precisasse daquilo. O homem que eu amava chorava descontroladamente, mas eu não dava a mínima. Não mais.

— Eu. Odeio. Você! — gritei entre os dentes, antes de virar para partir.

— Mia, você...

— Não... não, você não pode mais ficar e me dizer suas desculpas fodidas! Eu nunca vou te perdoar por isso. Você me entende, Henrique? NUNCA! Eu odeio você! Odeio você!

Gritei tão alto, que Henrique pulou para trás em choque. Eu não me importava com as lágrimas que escorriam no seu belo rosto. Não queria mais saber. Não queria mais me importar com nada que tivesse a ver com ele. A partir daquele momento, eu o odiaria com todas as minhas forças.

Antes do que nos aconteceu, apesar de brigarmos muito, nós sempre havíamos sido grandes amigos. Mesmo depois do que vivemos, naquela noite maldita, conseguimos manter as coisas. E agora? Tudo estava arruinado. Isso doía tanto, porque era como se naquele instante em diante eu percebesse que perdi um pedaço importante da minha vida. E fatalmente perdi.

Com uma força que eu não sabia de onde veio, consegui sair da casa que não seria mais nossa sem que Henrique me impedisse, e de alguma maneira me arrastei até o elevador e na portaria pedi que me chamassem um táxi. Quando me perguntou para onde eu iria, pedi apenas que ele seguisse sem parar, pois não sabia para onde ir dali em diante. E chorei. Chorei e chorei até que finalmente me senti pronta para voltar para casa e arrumei minhas coisas. Voltei a chorar até adormecer, decidida a começar a resolver as coisas dali em diante.

Na verdade, isso fazia as coisas ficarem bem resolvidas entre nós. Bem resolvido que estava tudo acabado. Eu estava pronta para viver minha vida sozinha, longe dos pesadelos que assombravam meu velho quarto, minha vida... meu mundo inteiro.

Tempos Atuais...

Capítulo 9

HENRIQUE

A imaturidade nos faz cometer tantas burradas, mas a maior delas ainda é aquela que insistimos em persistir errando. Passei a maior parte da minha vida tentando não estragar tudo com Mia e principalmente tentando não magoá-la, mas ainda assim falhando miseravelmente. *Errar é humano*, já dizia o velho ditado, mas certamente eu já havia acabado com a minha cota de absolvição nesse quesito.

Exatamente por isso que, depois de vê-la indo cavalgar acompanhada de Daniel, resolvi chamar Bia para conversarmos e acabei com o que quer que fosse que ela acreditava que tínhamos.

Poderia soar um pouco cruel, mas não me importei com seu choro de crocodilo, o que certamente lhe renderia um troféu de pior atriz, ainda que suas falsas lágrimas fossem o que ela tinha de mais verdadeiro.

Sério, onde eu estava com a cabeça?

— Você ainda vai se arrepender, Henrique Ferraz. Você não será de outra a não ser meu! — foi a última coisa que ela disse, antes de eu despachá-la com a certeza de que trazê-la de volta para minha vida tinha sido um erro.

Isso era uma ameaça? Ela que ficasse sonhando com isso!

Não me importei com suas palavras, que mais me pareciam uma promessa de algo que jamais aconteceria, nem com o olhar enfurecido que havia no seu rosto quase todo modificado por cirurgia plástica. Afinal, eu precisava focar no que eu realmente queria: voltar para Mia. Sempre de volta para ela.

Por algum motivo Daniel voltara do seu passeio com Mia não muito tempo depois que saíram. E sozinho. Sem Mia. Ele não parecia inteiramente feliz, nem mesmo quando anunciou para minha família sua partida repentina. Ainda assim ignorei minha vontade de ir atrás dela e tentei pensar em qualquer coisa que me ajudasse com essa árdua tarefa.

Quando achei que era seguro sair, assim o fiz. Mesmo que minha intenção não fosse encontrá-la. O ar frio ricocheteava em minha pele, bem como como o vento assobiava em meus ouvidos enquanto eu cavalgava pela grama úmida das terras a perder de vista, dizendo que uma tempestade se aproximava, e ainda assim não foi o suficiente para me parar.

Continuei montando meu velho manga-larga, que obedecia com astúcia os meus comandos como fazia há tantos anos, sem nem mesmo se importar ou deixar se intimidar por qualquer que fossem as barreiras impostas, exatamente

como seu dono fazia, pois confiava nele.

Não demorou muito para que a chuva nos alcançasse, mas, ainda que molhado, com a pele arrepiada pelo frio e a visão um tanto turva, continuei a seguir sem rumo definido, apenas sendo guiado pelos meus instintos e coração, como sempre fiz.

Diminuí a velocidade apenas quando as primeiras luzes cortaram o céu através de raios, e apesar de não demonstrar temor algum, sabia que seria arriscado para mim e para Dalm prosseguirmos com a forte tempestade, pois em algum momento ele poderia se assustar com o som de um trovão.

A cabana em que estive com Mia meses antes tornou-se meu destino, mesmo que estar ali não fosse o que eu gostaria de fazer depois do ocorrido. Não quando as lembranças daquele nosso reencontro carnal ainda estavam tão vívidas, queimando minha pele e não apenas aumentando as batidas do meu coração e tornando minha respiração mais descompassada, mas também a vibração do meu pau, que resolvera acordar, endurecendo rapidamente, certamente querendo um *bis* de algo que não poderia ter. Ao menos não por enquanto.

A chuva rapidamente se intensificou enquanto eu amarrava Dalm na varanda coberta, fazendo meu melhor para que ele ficasse confortável enquanto não estiava. A porta entreaberta foi a primeira coisa que notei, porque apesar de não ser muito utilizada, a cabana de pescas costumava ficar fechada e a chave reserva para abri-la ficava devidamente escondida na tábua solta do assoalho.

— Tem alguém aí? — fiz a pergunta, enquanto adentrava o velho casebre de madeira.

— Sim — a voz um tanto trêmula e baixa respondeu no mesmo instante em que meus olhos a encontraram.

Mia estava tão molhada quanto eu, embora a loira estivesse encolhida sob uma coberta de retalhos que encontrara ali. As marias-chiquinhas, que antes estavam bem-feitas, foram praticamente desfeitas, e seus cabelos despenteadas grudavam nela, sua pele alva mais pálida do que o normal e os lábios roxeados acompanhavam o tremular do seu queixo.

— Aconteceu alguma coisa? — Fui em sua direção preocupado e ela suspirou, antes de assentir.

— Sim. Estava aqui perto quando Candy se assustou com um trovão e me derrubou, antes de fugir. — A preocupação estava explícita em seu tom de voz, quando me respondeu e assenti, tentando demonstrar uma calma que estava longe de sentir, por estar um pouco preocupado.

— Você está bem? — Eu me abaixei em sua frente, procurando nela qualquer indício de que estava machucada.

— Estou. Foi apenas um susto, machuquei o joelho, mas ainda assim estou bem. Só estou preocupada com Candy perdida por aí.

Resfoleguei um tanto aliviado por ter certeza do seu bem-estar, ainda que compreendesse o motivo do receio de sua égua estar à solta sozinha naquela chuva. Fomos criados naquela fazenda, cuidando de cada animal, por extensão aprendemos a amá-los e nossos cavalos eram como um filho para nós.

— Não se preocupe. Assim que a chuva passar te levo para casa e vou com os funcionários à procura dela. — A resposta veio em um aceno fraco e Mia abaixou a cabeça, tremendo encoberta pelo tecido grosso da coberta que se encharcara por causa das suas roupas ensopadas.

Eu não sabia como me portar dali em diante, a única coisa que tinha certeza de que tinha que fazer era cuidar de Mia. A chuva caía cada vez mais forte e por isso fui até a frente da lareira, onde tratei de arrumar as toras de madeira cortadas com o propósito de fazer lenha, acendendo-a rapidamente, em uma tentativa de esquentar o ambiente gélido.

Depois fui até o armário de onde eu sabia que ela havia tirado a coberta com a qual se cobria e, além de uma nova, peguei também uma toalha e uma camisa surrada minha que deixava ali para uma ocasião ou outra.

— Sei que posso ser mal interpretado, mas você precisa tirar essa roupa, Mia. Caso contrário pode ficar doente.

Era de fato minha intenção. Poderia passar quase todo meu tempo com indiretas mais do que diretas, que apenas refletiam o meu querer e louca paixão por ela, mas naquele instante não estava pensando em mais nada além do seu bem-estar. E, felizmente, ela pareceu discernir.

Ainda que trêmula de frio, seus olhos acompanharam as gotas de água que pingavam da minha roupa também ensopada e sua sobrancelha subiu em um esgar, de quem claramente debochava do meu estado parecido com o seu.

— Também vou me enxugar e ficar quente, mas faça isso primeiro. — Ela pareceu convencida da minha promessa quando terminei de falar e tratou de fazer exatamente como pedi.

Eu mexia na lareira, em uma tentativa de aumentar as chamas e a sensação de calor, enquanto esperava que ela se trocasse no apertado banheiro da cabana, mas também para diminuir outra coisa. Deveria aproveitar a ausência de Mia e fazer o mesmo, no entanto, fazer isso naquele instante, sabendo que a poucos metros de mim ela se trocava, não facilitaria em nada meu autocontrole.

Eu adorava o barulho de chuva sobre a telha, bem como o cheiro de terra molhada que dominava nosso nariz e o friozinho que traziam consigo, que pediam tanto por uma cama e um edredom quentinho para poder desfrutá-los como deveriam, que me davam aquela sensação de aconchego, de casa, de lar.

Mas aquele ensejo era a última coisa em que conseguia pensar.

O frio do corpo fora esquecido, pois o calor da alma e coração o sobrepujava. Tentei não pensar na situação em que nos encontrávamos, os dois sozinhos, longe de tudo e todos. Tantas lembranças me dominaram, desde as mais felizes e tristes ao seu lado, mas especialmente aquelas em que tanto desejei que estivéssemos juntos, mas não estávamos.

Pensar nisso sempre me trazia um aperto enorme ao peito, porque eu estava ciente de que talvez esses momentos sem sua presença tivessem sido evitados. Mas eu tinha apenas que me lembrar de que não foram por uma escolha minha de não lhe dizer a verdade, verdade esta que me levava a deixá-la acreditar que era isso que eu queria e desejava. E esse era, sem dúvidas, um dos meus maiores erros em toda nossa história: deixá-la crer nisso.

Apesar da culpa e dor que me corroíam a cada dia, eu precisava parar de lembrar, de me recriminar, de viver e reviver o que se passou e não passou, afinal, cada momento que foi vivido, ou não, não voltaria mais. Eu me perdi há tanto tempo, que meu único desejo era reencontrar aquele jovem impulsivo e disposto a lutar e brigar apenas para tê-la. Havia perdido tempo demais e não havia mais desculpas para procurá-la em outras, quando a tinha bem ali e Mia era a única pessoa que me importava e que eu queria ao meu lado.

Não podia mais deixá-la ir, podia ter chegado a essa conclusão tarde demais ou ter repetido para mim tantas vezes, mas estar sem ela era dar vãs esperanças para o mal que morava em mim e me dominava, confundia, machucava e me forçava a fazer o que não devia apenas em uma tentativa sempre falha de esquecê-la. Era infinitamente em vão. Desde que eu conseguia me lembrar, Mia me alegrava, me salvava e, por tantas vezes, me tirou do meu próprio naufrágio, apenas porque não podia mais me suprimir. Precisa nos salvar. Precisava me salvar.

Eu não sabia precisar quanto tempo se passara desde que Mia entrou no banheiro para tirar suas roupas encharcadas, mas quando retornou, de alguma maneira as coisas pareciam diferentes. Apesar de ser mais alta do que a maioria das mulheres, minha camisa, que lhe dei para que se vestisse, mais parecia um vestido, quase chegando ao meio das suas pernas longas e torneadas. Ela parecia um tanto tímida, o que há muito tempo deixara de ser, e isso me lembrou a garota por quem me descobri apaixonado anos antes.

Engoli em seco, tentando controlar a sensualidade que lhe era tão natural e evidente. Mas tive mesmo que me segurar, fazer um esforço hercúleo, porque Mia observava-me com uma nova intensidade. Uma intensidade que por tantos anos não vi por trás dos seus olhos tão claros.

Um trovão rugiu e senti como se o raio que veio antes dele tivesse me acertado. O choque de olhar para ela dessa forma tão aberta sendo tão grande

para mim que acabei dando uns passos para trás, antes de finalmente tomar coragem para dizer como me sentia:

— Mia...

— Você não se trocou — foi o que disse quando me interrompeu, e quase ri sem acreditar que ela me dizia isso quando eu estava prestes a falar algo que poderia mudar nossas vidas infinitamente.

— Preciso falar umas coisas para você e depois disso farei. — Recuperei-me como pude, um tanto desconcertado, mas ainda assim tomando aquela dose de coragem que apenas um homem loucamente apaixonado tinha, e a passos largos me vi em sua frente antes de continuar: — Quero você. Quero ficar, quero que fique, quero ficar com você. Não importa para mim que você continue tentando se enganar estando com outro, quando tem que ficar comigo, mesmo que eu tenha sido tão burro para não ter ficado e te dado motivos para continuar comigo desde o primeiro beijo. Estou cansado de fingir que aceito essa distância, que agora não é mais geográfica, que aceito que não fiquemos juntos. Estou cansado. Tão cansado de tudo. Eu simplesmente não posso e não consigo mais suportar estar sem você, Mia. Não vou partir e muito menos deixá-la fazer isso outra vez. Pode rir, espernear, fugir, ainda assim, por mais que lute, que tente correr, eu não vou desistir de te amar.

Com lágrimas nos olhos, os lábios trêmulos, achei que Mia me dirigiria algum insulto como era de costume e até isso eu aceitaria de bom grado, porque era uma maneira de ela expor seus sentimentos, mesmo que eles fossem de raiva. No entanto, ela fez a última coisa que acreditei que faria, embora tenha desejado e ansiado por tanto tempo: me beijou.

Seus lábios se chocaram aos meus e não havia nada no mundo mais saboroso do que isso, era como um milagre dos milagres, como se o tempo tivesse parado. No mínimo, o meu coração tinha. Eu poderia ter acabado de proferir a verdade como me sentia para o mundo e, embora não tivesse dito uma só palavra, ainda assim Mia se abriu para mim. Abriu seu coração.

Nós nos beijávamos como se tivéssemos fome e por tanto tempo foi assim que me vi sem ela, sedento dos seus lábios, dos seus beijos, do seu sabor. Completo e loucamente necessitado dela. Minhas roupas encharcadas logo se foram, bem como as suas recém-vestidas, e tive que respirar fundo quando a vi completamente desnuda, tão linda, diante de mim. Seus dedos tocaram minha pele, fazendo-me estremecer, e novamente tive que ir em busca de ar pelo simples prazer do seu toque.

— Mia, por Deus, me mande parar! — gemi o pedido, embora internamente meu desejo fosse outro. Suas mãos passeavam pelo meu corpo, seus dedos passando entre os meus cabelos loiros e úmidos, conforme nossas bocas se

devoravam. Tentando manter o resquício de sanidade que me restava, interrompendo o beijo uma outra vez, pressionei a testa contra o seu ombro e gemi quando uma mão encontrou meu membro rígido, compelindo-me a fechar os dentes com força ao implorar: — Me mande parar, por favor.

Outra vez sua resposta foi tomar a minha boca, e isso foi mais do que suficiente para mim. Não queria perder mais tempo e por isso voltei a saboreá-la, me deliciando com o turbilhão de emoções que apenas ela me fazia sentir. Meus braços se enrolaram em seu corpo e, quando nossas peles se encontraram, perdi completamente o controle sobre mim.

Levantei-a sem nem ao menos quebrar o beijo. Meus instintos conseguindo dominar tudo, não querendo pensar em nada que não fosse nós dois e esse momento, que para mim poderia ser eterno, não me importaria. Com ela em meu colo, nos levei até a cama, nosso destino. Nossas línguas se enroscavam em uma dança erótica e a forma que ela mexia seu corpo sobre mim, como se pedisse por mais, me aproximava cada vez mais do ponto de ruptura.

Tentei recobrar um pouco da sanidade e me afastei de rompante, buscando um pouco de ar, e Mia não disse nada. Nem eu disse, pois no fundo receei que qualquer coisa dita pudesse colocar tudo a perder, e por mais que quisesse fazer as coisas certas não apenas para nós dois, mas principalmente para ela, tive medo de que ela considerasse isso apenas mais um erro e fosse tarde demais para nós.

Com os olhos presos um no outro, Mia pareceu saber como eu me sentia, e, resfolegando quando seus dedos acariciaram meu rosto com tamanha ternura, tive vontade de chorar. Fechei os olhos em uma tentativa de tentar conter as lágrimas que ameaçaram se formar e mais uma vez ela respondeu sem palavras, quando seus lábios encontraram os meus novamente, provocando uma corrida alucinante de sensações.

Entreguei-me. Minha boca traçou um caminho de beijos pela pele de seu pescoço, fazendo-a gemer. A cada segundo, a cada som que saía da sua boca, meu corpo inteiro doía ainda mais por ela, querendo, necessitando de muito mais do que poderia me dar.

O corpo de Mia definitivamente era uma obra divina para se apreciar. Desde os seios fartos, durinhos, arrebitados, tão apetitosos, perfeitos para mim... à cintura fina, suas curvas, pernas grossas e sua bocetinha, linda e carnuda. Minha boca tratou de encontrar os biquinhos rosado dos seus mamilos e chupou-os com avidez, com apetite sôfrego de um homem apaixonado e completamente necessitado. Seus gemidos apenas intensificaram meu apetite, enquanto meus dedos encontraram o caminho para o outro seio e trataram de fazer seu trabalho, com movimentos circulares delicados, apertando-o o suficiente para lhe

proporcionar prazer na medida certa.

Nossos lábios se encontraram uma outra vez, enquanto eu levava a mesma mão que lhe acariciava os seios até o seu sexo, me deliciando com o prazer de senti-la depilada, macia, lisinha, tão molhada e entregue para mim.

Cacete! Ela só poderia querer me deixar ainda mais alucinado!

Mia estava tão encharcada, que logo meus dedos se lambuzaram pelos seus líquidos, o que me fez gemer em sua boca, deixando-me tão louco para provar do seu sabor, que não me contive e retirei meus dedos de lá, antes de afastar-me apenas o suficiente para colocá-los em minha boca, arrancando um som rouco de satisfação da minha garganta.

Suguei meus dedos com vontade, exatamente como queria fazer com seu sexo, lambendo-os de forma faminta, pois apesar de achar que sentia falta do seu gosto, não fazia realmente ideia do quanto estava necessitado. Seu gosto era simplesmente perfeito, e não era à toa que nunca deixara de ser o meu favorito da vida.

— Estava com saudades do seu sabor, *Miamor*.

O amor da minha vida fechou os olhos e estremeceu diante de minhas palavras, me provando que eu não era o único rendido, mesmo que ela ainda não tivesse aceitado inteiramente esse fato. Tão linda... tão minha. Mal sabia ela o quanto tinha-me aos seus pés, mas eu provaria isso dali em diante.

Determinado a começar certificá-la de tal fato, meus dedos refizeram o caminho para o seu sexo, se movimentando de forma intensa. Mia tremeu, desde seu corpo ao seu sexo vibrando em torno de mim, enquanto empurrava seu quadril contra eles, como se precisasse de mais e eu tão bondosamente lhe dei. Acelerando meus movimentos, minha boca voltou à sua enquanto eu bebia seus delírios de prazer, que apenas espelhavam os meus.

O som que lhe escapou quando encontrei o ponto certo em seu corpo fez com que minha pele se arrepiasse, pois todos os meus sentidos trabalhavam exclusivamente para ela, a necessidade de lhe proporcionar o melhor dos prazeres se igualando à vital de fazê-la minha.

Enquanto meus dedos continuavam a trabalhar sem parar para o seu prazer, tratei de marcar cada pedaço da sua pele alva com meus lábios, antes de encontrar seu sexo, para aplacar a outra fome que sentíamos. Seu gosto e cheiro invadiram os meus sentidos, tão afrodisíacos, levando-me para um lugar cujo caminho apenas ela parecia saber.

Meus dedos continuaram a brincar nela, trabalhando de forma rítmica com os movimentos da minha língua, e não demorou para que Mia explodisse seu prazer em minha língua, expelindo doses deliciosas de seu gosto, doses estas das quais fiz questão de não perder nada, e quanto mais tirava, mais desejava me

embebedar.

Apenas quando seus tremores cessaram que me afastei de onde não queria partir. Ainda que não tivesse recuperado completamente seu fôlego, Mia me puxou para ela como se precisasse de mais, e eu daria tudo que me pedisse. Mais uma vez nossos lábios se encontraram, os movimentos dos nossos corpos eram frenéticos, combinando com o sentimento dentro do meu peito. Cada mudança de seus quadris, a cada beijo concedido, e a cada roçar de suas mãos e os dedos significava algo infinito para mim.

Seus olhos sobre mim, sua respiração na minha pele, suas mãos no meu corpo. Todos os sentidos estavam sendo compartilhados entre nós. E, antes mesmo de penetrá-la, era como se tivéssemos fazendo um sexo tântrico.

Mia parecia alucinada enquanto me beijava, fazendo questão de testar minha capacidade de aguentar suas provocações, enquanto esfregava sua boceta úmida em meu pau, que não me lembrava de ter visto tão duro na vida.

— Porra, Mia, assim não aguento!

Como não era homem de passar vontade e muito menos de torturar quem queria mim, tratei de penetrá-la e ela gemeu alto com a invasão sem aviso, mas não recuou. Muito pelo contrário, apenas se abriu ainda mais para mim, enquanto eu estocava em seu canal apertado, rápido e duramente.

— Diga que sentiu saudades! Diga! — implorei quase sem ar, fazendo-a gemer quando acelerei meus movimentos para tirar dela a resposta que eu queria.

— Sim! Sim! — gritou a resposta de forma ensandecida, enquanto jogava sua cabeça para trás.

Satisfeito por ter a reação esperada, eu era muito guloso, especialmente quando se tratava de Mia e queria mais. Minha boca desceu para o mamilo rosado, enquanto uma das minhas mãos foi massagear seu clitóris e depois o beliscou com intensidade suficiente para fazê-la gozar, e foi exatamente isso que aconteceu.

Seu corpo estremeceu sob mim, enquanto ela gritava fora de si, em completo êxtase, ainda assim não parei. Alternava meus lábios entre um mamilo e outro, chupando-os de forma dura, sugando-os com vontade, a ponto de saber que ficariam doloridos, tamanha minha avidez. Por mais coisas que quisesse lhe dizer, nada mais eu disse, pois naquele momento nossos corpos falavam por si. Queria apenas adorá-la e lhe dar prazer.

Meu pau entrava e saía do seu canal apertado, ao mesmo tempo em que eu pressionava seu ponto sensível com o polegar. Nossos sons se confundindo, nossas respirações cada vez mais difíceis. Os dois perdidos, completamente entregues, nos movendo em direção ao limiar dos prazeres. Sentindo-a vibrar ao

meu redor, soube que ela estava perto outra vez, e não querendo perder nada, querendo cada vez mais, apenas aumentei minhas estocadas, precisas, profundas, quase de forma bruta, o que inevitavelmente me levou para perto do orgasmo que tanto desejei, mas me controlei para que chegasse.

— Goza para mim, *Miamor*. Me dá tudo de você — foi meu pedido, enquanto não parava de investir contra ela.

Mia prontamente me atendeu, com um grito agonizante encontrou o clímax mais uma vez, levando-me ao limite do orgasmo, ao êxtase pleno, enquanto derramava-me por completo dentro dela.

Totalmente exaurido, caí sobre ela e, antes mesmo de sair de seu corpo, mudei nossa posição, deitando-a com cuidado em cima de mim, antes de voltar a beijá-la. Com minha boca na sua, meus braços ao seu redor, eu não queria soltá-la. Não queria desgrudar do seu corpo, dela. Precisava desesperadamente de mais e queria ficar assim para sempre... Sem mais idas e vindas, apenas nós dois.

MIA

Terminar com Daniel talvez não fosse algo esperado diante de um namorado tão bonito e cheio de predicados, mas foi algo que precisei fazer. Embora fosse minha intenção recomeçar com alguém especial ao meu lado, começar um relacionamento com uma mentira seria errar uma outra vez. Afinal, apesar de tudo que nos aconteceu, eu ainda amava Henrique. E mesmo que muitas vezes sentisse que estava começando a me apaixonar por Daniel, seria mesmo possível amar duas pessoas ao mesmo tempo?

Desde as tragédias gregas, poemas shakesperianos a novelas mexicanas, os triângulos amorosos faziam parte da história, mas embora pudesse parecer burrice não me envolver com dois gatos gostosos como eles eram, eu não queria que fizesse parte da minha vida. Afinal, não tinha vocação para pornô barato, não que tivesse alguma objeção, apenas não era para mim.

Por isso que havia terminado com Daniel e, após o ocorrido, não esperei muito para me jogar nos braços de Henrique. E embora o distraísse de uma maneira que ele não podia reclamar, eu estava meio que fugindo para falar sobre nós dois, e, mesmo a contragosto de Henrique, desde então nos escondíamos até mesmo dos nossos amigos, como dois adolescentes que não queriam ser pegos. Apesar de que Thiago nos flagrara na tarde anterior à nossa viagem a Vegas, para as despedidas de solteiros de Caio e Lorena.

Mas ainda que eu quisesse correr de algo parecido com um triângulo, no café da manhã na nossa primeira noite na Cidade da Perdição, Lorena não parecia concordar comigo.

— Aqui estão as tarefas divididas para cada madrinha — a noiva mais estressada e problemática decretava, jogando na mesa, uma pasta para cada uma de nós.

— Por favor, alguém me mate — gemi, um tanto frustrada com a Hitler que nos assombrava desde que finalmente marcara a data do seu casamento, após anos de noivado.

— Podemos fazer assim, Mia, eu te mato e você me mata. O que acha? — Mariah sugeriu com sarcasmo, embora não escondesse sua própria frustração e o cansaço, que nos vinha sido infligido por meses a fio.

— Podem dizer que sentem saudades de Sophia, a melhor noiva da história — a loira disse, enquanto dava de mamar para Paolo, ou Pietro, eu sempre confundia, e o outro esperava pela sua vez no carrinho ao lado.

— Sim — a resposta veio em uníssono e Lorena fechou a cara para nós.

— Parem de reclamar e leiam antes da festa mais tarde. — Tornou a jogar sobre nossos colos as pastas. — Falar nisso, tenho uma pergunta importante para fazer: Vocês já fizeram *Ménage*? — Lorena perguntou parecendo muito interessada.

— Bom dia. — Olhei para ela com os olhos arregalados. — De onde surgiu essa pergunta? — indaguei, completamente assustada pelo desvio de assunto.

— Sim. Essa pergunta foi no mínimo estranha — Mariah comentou desconfiada.

— Ok. Estou um pouco grávida novamente, mas certamente preciso de uma dose de tequila para “digerir” essa questão, que me parece um pouco séria demais para se tratar às... — Olhou para o relógio no pulso e completou: — ... dez da manhã. — Sophia também parecia tão assustada quanto nós, que esperávamos por uma resposta de Lorena tanto quanto ela parecia esperar de nós.

— Bem. É que estou com Caio há tantos anos, que não sei muito mais o que podemos fazer. — Deu de ombros simplesmente, deixando-me ainda mais horrorizada.

— Ok. Eu não preciso de uma imagem mental sobre isso. — Estremeci enquanto falava.

— Duas Mariah concordou enfaticamente.

— Eu sou muito ciumenta e egoísta para fazer algo do tipo Sophia admitiu depois pensar por alguns segundos sobre o assunto. — E Luca também.

— Duas Mariah repetiu a resposta, embora ainda parecesse um pouco chocada.

— Três — adicionei, bebericando meu expresso triplo.

— Mas vocês já tiveram vontade? — Lorena perguntou olhando para nós três.

— Não — respondemos em uníssono.

— Sexo a três é como uma teoria darwinista safada Sophia quem respondeu e tive que concordar, antes de nós quatro cairmos na gargalhada. E, felizmente, o assunto fora esquecido.



Depois de cumprir com as tarefas ordenadas pela Noiva Hitler, que incluíam desde compras de lembranças de casamento a escolhas de tecido para mesa de jantar do evento, finalmente pude começar a dizer que estava me divertindo.

Saímos para jantar todos juntos, o que incluía nós, mulheres, e nossos homens, embora esse fato ainda não tivesse ficado claro para alguns de nós, com

exceção de Thiago, que insistia em nos dirigir risadinhas irritantes e comentários ácidos, mas embora a minha vontade fosse chutá-lo nos ovos, eu apenas fazia cara de paisagem e fingia não ser comigo.

Após o jantar, Sophia e Luca deixaram os gêmeos e a Gio com a babá, no quarto, e acabamos indo para uma boate beber e dançar um pouco. Quando virei a primeira dose de bebida, minha vontade foi de levar as mãos aos céus, porque era disso que estava precisando, mas me contentei em pedir a próxima.

Depois da dose não sei qual número, minha cabeça estava girando levemente, mas não me importei, porque estava feliz. Eu adorava a sensação de euforia que a bebida me dava. Amava a liberdade que me trazia. E talvez esse fosse o maior perigo de se ter algumas doses a mais.

Como era de se esperar, Luca e Sophia voltaram para o quarto deles, pois ela reclamara de saudade dos filhos e estava um pouco enjoada com a gravidez inesperada. Conhecíamos a loira, ela não era do tipo que fugia de uma festa, muito pelo contrário, até invejávamos sua disposição mesmo com três filhos, mas o Baby Número Quatro aparentemente estava lhe dando um pouco mais de trabalho, o que entendíamos.

Então, quando os dois se foram, resolvemos ir para outra boate e, claro, bebemos ainda mais. Nem conseguia me lembrar dos nomes das bebidas que Thiago trazia para nós em rodadas cada vez mais confusas e coloridas. Nem mesmo quantas já havia bebido. Só sabia que eram deliciosas e potentes para caramba.

Mas quem se importava quando estávamos nos divertindo tanto?

Certo, eu deveria ter me importado.



Abri os olhos para perceber que despertava no chão do banheiro. Por um momento me senti perdida, mas mais rápido do que podia consegui discernir, não sabia como, que estava no banheiro do meu quarto de hotel. Quando uma nova onda de enjoo veio, comecei a achar que estava em pré-coma. Talvez estivesse mesmo, pois todos os pedacinhos do meu corpo doíam. Desde o fio de cabelo, da primeira vértebra ao cóccix, ao dedinho do pé. E, bem, eu acordara no chão gelido do banheiro, e não na cama macia que eu pagara com propósito de usar para dormir.

Minha garganta ardia como o inferno e o gosto da minha boca me dizia que eu tinha comido algo como... lixo. Naquele momento, eu não duvidaria se alguém me dissesse que foi exatamente isso que eu fiz. Afinal, não conseguia nem mesmo me lembrar de como havia parado ali.

Passei a mão direita no meu cabelo e quase a perdi lá por dentro, tamanho

emaranhado que ele havia se tornado. Olhei para baixo e constatei que usava apenas calcinha e a camisa do meu *babydoll*. Meu vestido estava jogado ao meu lado, sujo, e vendo-o dessa maneira quase tive vontade de vomitar outra vez.

O que diabos tinha acontecido na noite passada?

Infelizmente, a última coisa de que eu conseguia me lembrar fora do brinde que fizemos no bar do hotel, para comemorar a despedida de solteiro de Lorena e Caio. E mais algumas coisas. Ainda estava um pouco difícil de raciocinar. Se eu não me enganava, tinha feito algo como virar uma taça inteirinha de champanhe e, em seguida, uma carreira de *shots* de tequila com limão e sal. Então, BANG! *Mais e mais tequilas*.

O que fora aquilo, Mia?

Se minha memória não estava pregando peças, talvez eu tenha pedido para o tequileiro ir com calma, mas fui praticamente exorcizada quando ele chacoalhou minha cabeça. Só de lembrar algo mexeu dentro de mim e tive vontade de vomitar novamente.

Tudo o que diziam sobre Vegas era verdade. Coisas ruins aconteciam naquele lugar. Ou melhor, coisas terríveis. Claro que, das outras vezes que eu tinha ido, havia enchido bastante a cara, mas não tinha tido uma ressaca assim nunca na vida. Fazia muito tempo que eu não visitava Vegas e estava começando a lembrar por quê. Com essa constatação, tudo que eu queria fazer era rastejar para minha cama em uma bola e morrer. Se eu tivesse forças para tal, claro.

Jesus, o que eu estava pensando para beber tanto?

Tudo bem. Tinha que me dar um crédito, afinal, eu não estava pensando claramente quando fiz tudo na noite anterior. Ouvi um gemido de lamento e percebi que tinha vindo da minha própria garganta, e o simples fato já fez minha cabeça latejar ainda mais. Essa dor definitivamente não fazia parte do plano da grande Despedida de Solteiros de Lorena e Caio.

Eu apenas queria morrer. Seria pedir demais?

— Você está melhor, Mia? — uma voz conhecida perguntou e fechei os olhos, porque doía raciocinar, em uma tentativa de discernir a quem pertencia.

— Acho que não — uma voz rouca que respondeu, logo descobri ser a minha, ainda que até mesmo respirar viesse sendo uma tarefa um tanto árdua.

Muito bom, Mia. Dormindo com um desconhecido. Perfeito!

Um arrepio passou por mim, apesar de toda a minha dor. O meu pobre corpo extremamente quebrado agitou-se no mais estranho dos lugares. Não sabia dizer se esse era um ruim ou um péssimo sinal. Talvez ambos. Nunca fui santa, Deus era prova de que não, mas dormir com um completo estranho quando estava em um relacionamento um tanto quanto complicado e, ainda por cima, não me lembrar de ter feito isso, com certeza não era uma decisão das mais

inteligentes. Eu não queria nem mesmo pensar em como Henrique reagiria sobre esse equívoco. Bem, era fato que isso fora um grande erro.

E onde afinal ele estava que não deu uma de neandertal, bateu contra seu próprio peito enquanto urrava uga-uga e repetia “Minha”, para não permitir que isso acontecesse?

— Se você vai vomitar de novo, abre a tampa — praticamente implorou.

Oh, não! Estava ficando cada vez pior!

Abri os olhos e sentei, empurrando o ninho de passarinho que se tornara o meu cabelo para o lado. O rosto embaçado do desconhecido se aproximou e lentamente foi entrando em foco.

Era Henrique... Graças a Jeová!

Se por um lado eu me sentia extremamente aliviada por não ter ido para cama com o primeiro cara que apareceu, por outro, estava puta da vida por ter cedido para ele bêbada, quando claramente tínhamos coisas a resolver, embora eu insistisse em ignorar esse fato. Devo ter esquecido que prometi a mim mesma nunca mais ir para a cama com ele, ao menos em frente dos nossos amigos. Ou melhor, *Mia Bêbada Guiotto* esqueceu esse pequeno detalhe. *Tanto faz.*

— Peguei um *Engov* na sua bolsa. — Ele me entregou uma garrafa de água juntamente a um comprimido e a esperança de que eu poderia sobreviver a essa ressaca finalmente nasceu.

— Obrigada. — Minha voz estava tão fraca e rouca que quase não a reconheci, ainda assim consegui agradecê-lo.

Enquanto bebia a água e engolia o comprimido, não pude deixar de notar que, apesar dos olhos vermelhos, Henrique ainda continuava sendo o cara incrivelmente lindo que eu amava odiar. Usando apenas uma cueca boxer branca, que contrastava com sua pele dourada, recheada de tatuagens, nem mesmo com minha monstra ressaca seria possível ter a vista prejudicada. Como se algo pudesse ser capaz disso.

Devido à minha inspeção um tanto exagerada para alguém que nem mesmo podia se manter de pé, Henrique me deu aquele seu sorriso malicioso e respirei fundo, tentando me acalmar. Claramente esse bastardo idiota e lindo tinha feito coisas comigo que eu certamente gostaria de lembrar, além de ter me visto em toda a minha glória, vomitando várias vezes. Poderia ter me afogado na vergonha, que não me importaria. Juro que não.

— Você tem certeza de que está bem, Mia? — Henrique perguntou com sua gloriosa e deliciosa boca se contorcendo em um sorriso.

Dada a minha condição, não pude discordar de mim mesma que ele era demais para minha pessoa. O cabelo, rosto, corpo, tatuagens, tudo isso. Eram nessas horas de fraqueza que eu entendia o porquê de ainda ser extremamente

louca por ele e isso ter perdurado a vida toda.

Após um longo momento em silêncio, apenas olhando para Henrique e tentando acalmar o meu estômago e estado miserável, dei-me conta de que ele ainda esperava uma resposta para a pergunta que me fez.

— Acho que vou morrer avisei da melhor maneira que pude e ele pareceu achar graça.

— Acho que você está melhorando. — Tornou a rir, deixando-me cada vez mais chocada.

Melhorando? Ele falava sério? Não queria nem mesmo pensar em como estive antes. Que merda tinha acontecido na noite passada?

Minha cabeça estava uma bagunça latejante. Os detalhes sobre a noite anterior vinham de forma confusa e pareciam até incompletos. Cenas e mais cenas de bebidas e mais bebidas apareciam em lampejos que me deixavam enjoada. A verdade era que eu via tanto álcool nos meus flashes, que não sabia como não havia parado em um hospital...

Ou fui?

Beber é uma coisa, mas beber a ponto de nem mesmo ter certeza de que não foi parar em um hospital era o cúmulo. Sério. Eu não queria nem pensar no que havíamos feito. Será que poderia ficar pior?

— Pedi serviço de quarto, com um café da manhã para gente. Você precisa de café, apesar de ser mais de meio-dia. — Ele me ajudou a levantar do meu estado lamentável no chão e respirei fundo quando me vi sobre meus pés, com medo de cair novamente.

Novamente? Ai, Senhor!

— Não sei se consigo comer qualquer coisa. Fiz uma careta, o pensamento de comida não era divertido para o meu estômago frágil. Tadinho.

— Avisei a todo mundo que estamos bem, mas, se te serve de consolo, além de Sophia e Luca, ninguém parece melhor do que nós — Henrique continuou falando enquanto enchia a banheira, e achei que um banho pudesse ser providencial naquele momento.

Apesar da trágica situação, não deveria me sentir envergonhada por estar nua ao seu lado, afinal, já havia perdido as contas de quantas vezes ele me viu sem roupas ou bêbada. Mas algo sobre aquela situação me deixou um pouco constrangida. Parecia tudo muito errado.

— Henrique... comecei a falar, empurrando a mão pelo meu cabelo emaranhado, tentando controlá-lo, mas algo se prendeu em meio aos bolos. Merda! — Como uma minhoca ginasta eu tentava soltá-la, mas era em vão.

— Espera, me deixa te ajudar — ele se ofereceu, enquanto tentava fazer isso, e felizmente conseguiu. — Pronto.

— Obrigada.

Senti-me aliviada, embora ainda não soubesse como conseguiria fazer meu cabelo voltar ao normal, mas foi pensando nisso que vi um brilho em minha mão esquerda, que pegou completamente minha atenção. No meu dedo anelar estava um anel, mas não qualquer um. Era um anel com um enorme diamante brilhante, incrivelmente lindo e estupendo. Era simplesmente o mais lindo que já vi em toda a minha vida.

— Puta que pariu! praguejei, ainda examinando-o, completamente boquiaberta.

O diamante era tão grande que chegava a beirar o obsceno. Uma pedra desse tamanho com certeza deveria custar uma pequena fortuna. Ou melhor dizendo, uma fortuna bem grande. Era como ter o valor de uma casa, mais para mansão, no meu dedo. E com certeza era.

Olhei, completamente confusa, virando minha mão para pegar a luz e admirá-lo como deveria. Rodeado por pequenas pedras de diamantes, a pedra central com o maior deles brilhou quase me cegando.

Minha nossa! Isso não poderia ser real!

— Você me comprou isso? — tive que perguntar a Henrique, que parecia completamente alheio à joia magnífica em meu dedo enquanto verificava a temperatura da banheira.

— O quê? — Voltou a olhar para mim e pareceu confuso com a minha pergunta. — Claro, *Tiffany*. — A naturalidade com que falou me deixou um tanto quanto aturdida, mas tentei manter-me sã.

— Sim. *Tiffany* — repeti ainda incerta do que aquilo significava, e Henrique olhou de volta para mim parecendo assustado.

— Foi você disse que queria um da *Tiffany*. Não lembra? — Boquiaberto, ele esperava por uma resposta, que eu não tinha certeza como dar.

— Bem, apesar de ser algo que eu com certeza diria, minhas memórias são um pouco nebulosas nesse momento fui honesta com ele, mas no instante que as palavras saíram da minha boca, eu gostaria de tê-las retirado ao ver o olhar em seu rosto.

Henrique olhava de volta para mim parecendo ferido, enquanto procurava nos meus olhos um sinal de que isso não passasse de uma brincadeira ou insanidade, talvez.

— Você está brincando né, Mia?

— Sinto muito, mas eu não lembro. Dei de ombros, embora até mesmo esse simples gesto me causasse enjoo

— Mia, já te vi bêbada milhões de vezes, você não parecia tão bêbada como já vi antes. Seu tom incrédulo não me ajudou em nada, muito pelo contrário,

só me deixou mais irritada.

— Henrique, se eu não estivesse tão bêbada, acho que me lembraria de alguma coisa que fiz ontem à noite. Então não me julgue! Julgue a tequila!

Minha resposta deveria ser o suficiente, mas não foi, porque Henrique começou a andar de um lado ao outro, parecendo um tanto quanto frustrado. Não compreendi muito bem sua reação, mas entendi quando sua voz dura veio em forma de rosnado, me fazendo querer que isso fosse apenas um pesadelo e desejar, em troca, acordar ainda mais ressaqueada do que me encontrara:

— Você está falando sério? Porque nós nos casamos, porra!

Oito anos atrás...

Capítulo 10

MIA

Mais uma vez eu havia voltado para casa com o coração partido, e, como se fosse possível, tudo parecia ainda mais doloroso do que foi um dia. Retornava a Roma novamente sozinha, decepcionada, sem ter certeza de que poderia ser inteira novamente.

Embora tentasse, que repetisse para mim uma e outra vez o que tinha acontecido, ainda era difícil processar tudo. Era como se estivesse no meio de um pesadelo e eu não conseguisse acordar, por mais que tentasse.

Henrique não me procurou mais, e ainda que que achasse bom que não fizesse, os dias se passaram assim, um pior que o outro, mesmo que me forçasse a cada segundo a seguir em frente. Mas, ainda assim, um dia parecia mais difícil que outro.

O primeiro mês se passou e logo depois mais um, então na segunda sexta-feira do terceiro mês, era véspera do meu aniversário, mas por mais tempo que já tivesse passado, ainda assim me neguei a sair com Zane, prometendo que comemoraríamos essa data no dia seguinte.

Sabia que não poderia continuar assim, fugindo em cada oportunidade, chafurdando em minha própria miséria, mas estava muito baixo-astral para querer contaminar a animação dele, que acabara de conhecer um carinha de quem gostava, por isso ficar em casa parecia ser a melhor opção para todos.

Preparei-me para fazer meu programa favorito dos últimos tempos: comer pizza congelada, enquanto assistia a filmes de comédia. O escolhido da vez era um dos meus preferidos da vida, que só no cinema havia assistido duas vezes, *Tudo para Ficar com Ele*. Não me importava com julgamento, mas cantava e dançava com as atrizes ao som de *The Penis Song* e *Pina Colada*. E também *I Don't Want To Miss A Thing*, que era uma das minhas canções preferidas. Costumava rir até chorar e depois chorava de tão emocionada. Era muito louco, mas depois sempre me sentia um pouco realizada através do final feliz da personagem e um pouco normal com a minha vida.

*Você é grande demais pra caber aqui
Grande demais para caber aqui
Grande demais pra caber aqui*

*O que um agradável passeio
Seu pênis é uma emoção*

*Seu pênis é um cadillac
Um gigante coupe de ville
Seu pênis embalar um soco
Seu pênis traz uma carga
E quando se faz uma entrega
Ele precisa do seu próprio código postal
Nove - duplo zero - pênis*

*Seu pênis é tão forte
Seu pênis é tão suave
Seu pênis tem um ritmo
Seu pênis me faz sulco
Seu pênis é um sonho
O maior que eu já vi
É oozy e é verde
(Falado) ewww
(Falado) desculpe*

*Seu pênis é tão grande
Seu pênis é tão grosso
Seu pênis é tão bonito
Você tem um pau bonito*

*Seu pênis é tão forte
Seu pênis é tão grande
Meu corpo é um filme
E seu pênis é a estrela
"Estrelando o seu pênis"*

Havia dançado a coreografia com ela e estava meio sem ar pelo esforço, por isso dei uma pausa no filme e fui encher meu copo de refrigerante. E foi quando senti uma dor forte no ventre que me fez derrubar o copo, me fazendo cair em seguida. A dor era tão forte que não conseguia focalizar minha visão e me vi cada vez mais tonta, de acordo com que ela se intensificava.

Eu não sabia precisar quanto tempo fiquei chorando de dor no chão, mas a última coisa de que conseguia me lembrar foi do rosto preocupado de Zane e sua voz me chamando, como se estivesse longe demais para me alcançar. Então a escuridão simplesmente me dominou.



Acordar depois desse pesadelo foi algo que tantas vezes desejei não ter de fazer. Culpava-me, me odiava, sofria sem saber o que fazer para aplacar a dor que parecia me corroer a cada segundo que ainda respirava. Passei meses para me recuperar do acontecido, embora tivesse certeza de que nunca conseguiria por completo. Ninguém além de Zane sabia do que houve e, apesar de ser contra minha decisão, ainda assim ficou ao meu lado, entendeu que eu não queria falar

sobre isso e me respeitou.

Passei mais de um mês enfurnada no meu apartamento, sem sair para qualquer lugar, nem mesmo para as aulas. Tive mais ataques de pânico naquela época do que tive em qualquer momento da vida e eles me aterrorizavam ainda mais.

Estava num inferno! E... sozinha!

Talvez isso fosse o pior para mim, porque tantas pessoas passam por algo assim e ainda conseguem seguir em frente, mas eu parecia ser fraca demais para conseguir fazer isso sem alguém. Ou melhor, sem Henrique.

Depois de um tempo entendi que não poderia continuar assim, com a tecla *pause* apertada, e que precisava dar um *play* na minha vida. Precisava seguir. Depois de tanto postergar, resolvi procurar um psicólogo e, quando encontrei um que me agradou, comecei a frequentar consultas semanais.

Estava ciente da baboseira de sempre que os profissionais da área insistiam em nos falar, mas ainda assim ouvia. Após a segunda consulta ele havia me aconselhado a tentar acabar com o marasmo em que mergulhei, mudar um pouco minha rotina, fazer coisas que eu gostaria de fazer e nunca fiz e até mesmo sair mais, então, mesmo que relutante, comecei a seguir seus conselhos.

Assim como viver um dia de cada vez, sabia que não seria fácil, mas precisava começar de alguma maneira. A primeira parada que fiz quando saí do consultório foi em um salão de beleza. Não era tão fácil mudar, mas fazia um bem tão grande sair da “zona de conforto”, e era isso que faria.

Desde que eu me entendia por gente que mantinha meus cabelos compridos, então decidi fazer um *Chanel* curtíssimo com um tom de loiro claríssimo. Saí do salão me sentindo bem mais leve e até mesmo me sentindo bonita, coisa que não achava desde o acontecido. Demorei um pouco para me acostumar com meu cabelo novo, porque era estranho passar a mão e não encontrá-lo mais. Mas fiz exatamente do jeitinho que eu queria e foi bom.

Era isso, cabelo cresce e a vida segue adiante. Essa seria a “nova eu”!

A segunda coisa que fiz foi mudar completamente o apartamento. Já que moraria só durante tempo indefinido e provavelmente apenas Mariah e Lorena se juntariam a mim alguns meses depois, decidi dar um toque feminino e muito mais cor em todo o apartamento. Zane ficou empolgado com a minha ideia e ajudou com todos os detalhes. Mas ainda que eu estivesse grata por tê-lo comigo nessa empreitada, tinha horas que era obrigada a lembrá-lo de que não íamos fotografar nada para a *Vogue* para ver se ele acordava e parava de querer gastar meu rico dinheirinho.

O próximo passo dado foi quando lembrei-me da sensação que tive ao fazer o piercing do meu umbigo. Apesar de não gostar de pensar sobre ele, lembrei

que Henrique dizia, a cada vez que fazia uma tatuagem nova, querer eternizar um desenho, um significado, um sentimento em sua pele. E foi quando decidir fazer o mesmo e escolhi tatuar um singelo coração com asas de anjo no pulso, representando a dor que eu estava marcada para nunca esquecer.

Aproveitei o ensejo e também fiz um piercing no nariz, pois achava um charme aquela argola e adorei quando fiz, até me julguei por não ter feito isso antes. A cada vez que olhava, era impossível não pensar em como minha mãe reagiria se me visse assim, o que seria um ótimo motivo para que surtasse e desse um ataque de pelancas. Ela nunca gostou dessas coisas e certamente diria que era coisa de vagabunda e marginal. Conhecendo-a melhor, me diria que eu estava parecendo uma vaca. E o que eu diria?

Foda-se! Não me importava com sua opinião... Não mais!

Embora tivesse me esforçado a retornar à faculdade, por mais fácil que os dias tivessem começado a se tornar, todas as manhãs eu acordava sentindo como se não tivesse dormido nada e ia até as aulas em uma névoa. Malmente conseguia acompanhar o que os professores falavam, quanto mais assimilar as matérias. Na verdade, não sabia dizer como consegui chegar ao final do semestre e principalmente como consegui passar em todas as matérias.

Durante um tempo, Zane era o meu botão de desligar. Ele me fazia companhia e até mesmo rir, coisa que se tornara raro desde o acontecido. Fazia-me esquecer tudo o que passei e mais do que isso, era o responsável por eu não me sentir completamente sozinha, mas de certa forma protegida. Decerto eu não teria resistido e não sobraria nada de mim se não fosse por ele. Eu seria eternamente grata por tudo.

Assim como meu médico e ele disseram, voltei a me sentir melhor com o decorrer dos meses. Minhas consultas com o psicólogo começaram a surtir efeito e não tinha tido mais um ataque de pânico desde então. O que era um maldito alívio, pois assim não me sentia uma doente e desequilibrada como de fato era. Com tudo isso, tornei a me sentir um pouco normal de novo. Então, comecei a viver como tal.

Sentada na cantina da faculdade, planejava com Zane nossa saída para a festa de final de semestre, que seria mais tarde naquele dia, e foi quando recebi uma mensagem de texto no celular. Talvez olhar tivesse sido um erro, era como se pressentisse, mas a verdade era que parecia que o Universo sempre queria me lembrar das dores do passado e de tudo que eu queria esquecer.

De: Henrique Cel

Ei, como está? Eu queria muito falar com você. Posso te ligar? Bjs.

Obviamente estranhei que Henrique quisesse falar comigo, pois não havíamos nos falado desde a noite fatídica em que ele praticamente afirmou que eu era um “erro” e simplesmente cancelou o pedido de casamento que havia feito. Não o vi e nem mesmo nos falamos desde então, pois no dia seguinte ao ocorrido parti de volta para a Itália. Nem mesmo quando ele teve um acidente de moto, há algumas semanas, eu o procurei, mesmo que inevitavelmente tivesse ficado preocupada.

Então o que diabos ele poderia querer dizer depois de tanto tempo?

— Pela sua cara, nem preciso adivinhar de quem é essa mensagem — a careta de Zane certamente demonstrava seu desagrado e suspirei.

— Sim. É Henrique.

— O que ele queria? — Tomando um gole do seu café, ele fez sua tentativa de soar casual, embora eu soubesse que por dentro ele estava se corroendo, pois Zane não costumava limitar os palavrões quando se tratava do cara que partira meu coração.

— Perguntou como estou, disse que queria falar comigo. Se ele poderia me ligar. — Minha resposta foi dada enquanto eu tornava a olhar para a mensagem do celular, um tanto ansiosa demais para querer saber o que ele poderia querer, mesmo que não devesse.

— Então ligue logo. — A voz amarga de Zane não me passou despercebida e levantei a cabeça para olhar para ele.

— Como assim? Você, o fundador do “Clube Odiamos o Henrique Gostoso”, está mesmo me mandando ligar para ele depois do que aconteceu? — Eu estava de fato confusa, mas ele apenas deu de ombros.

— Claro. Se não ligar para esse idiota delicioso, sabemos que você vai ficar se consumindo querendo saber o que ele quer. — Revirou os olhos. — Mas se me permite uma opinião, não preciso dizer que orgulho é algo que os dois compartilham, então se ele está mandando mensagem para você, é porque com certeza se debateu muito antes e não deve ser algo sem importância. Fora que também estou megacurioso para descobrir o que ele poderia querer falar depois de tanto tempo — seguida de uma piscadinha, sua resposta foi dada, e por um momento ou dois ponderei se ele estava certo ou não.

— Tudo bem. — Eu me dei por vencida e pensei muito no que escrever antes de responder:

Para: Henrique Cel
Tudo bem. Pode sim.

Por mais que eu estivesse tentando ignorar o turbilhão de emoções que se

formava dentro de mim apenas por vê-lo à minha procura, eu não queria dar muita ousadia, então tentei soar o mais fria e distante possível, mesmo que de alguma maneira me sentisse de forma contrária. Felizmente sua resposta não demorou muito.

De: Henrique Cel
Você está na faculdade? Ou posso te ligar agora? Bjs.

Para: Henrique Cel
Já saí das minhas aulas de hoje.

Era como se ele estivesse esperando apenas por uma resposta minha, pois não demorou nem mesmo dois segundos antes que meu telefone começasse a vibrar em minha mão e seu nome piscasse no visor. Com o coração na boca, olhei do aparelho para Zane, que me incentivou a fazer o que tinha que fazer com apenas um olhar. Fechei os olhos e respirei fundo, antes de finalmente apertar o botão para atender.

— Oi.

— Mia... oi. — Meu nome dito por ele me forçou a respirar fundo mais uma vez, porque era como se eu tivesse perdido mais um pouco do ar que me restava desde que me deixou.

Foi impossível não notar que mesmo do outro lado da linha e a milhares de quilômetros de distância sua voz parecia ansiosa e também nervosa. Não sabia como reagir a isso, mas algo dentro de mim dizia que ele estava sofrendo tanto quanto eu. Só que não poderia me sentir assim depois de tudo. Tentei esquecer meus instintos protetores em relação a ele e comecei a lembrar-me do que me fez, como uma maneira de autodefesa.

— Hm... Você disse que queria falar comigo — fui direta, estava decidida a não estender a conversa por mais tempo que o necessário.

— Sim. Foi. — Pude ouvi-lo respirar, o ato descompassado demonstrando que ele se sentia tão perdido, se não mais, que eu. — Recebi um convite de uma festa de final do semestre que vai rolar por aí, acho que ainda estou na lista de e-mails do pessoal. Então me dei conta de que o seu semestre deve ter acabado.

— É. Na verdade, hoje foi a última prova.

Olhei para Zane, sem entender aonde Henrique queria chegar, e ele também fez cara de quem não fazia ideia do motivo de isso ser relevante.

— Bom... Isso não era o que eu queria saber realmente. — Riu um tanto sem jeito, mais uma vez sua falta de modos me deixando mais perplexa diante de um Henrique que jamais conheci. — Só... bem, é... ninguém lá de casa

comentou nada sobre você vir para cá durante as férias de verão. Nem mesmo Thiago ou Luca. Então, isso quer dizer que você não está vindo? — Sua pergunta me pegou totalmente desprevenida, meu coração batendo cada vez mais descompassado apenas pelo som da sua voz.

Isso era sério? Ele queria realmente saber se eu ia para o Brasil?

— É. — Parei de falar por um tempo para decidir se deveria ou não dividir essa informação com ele e achei que talvez não fosse nada de mais. — Ainda não sei como ficará a folga do meu estágio na revista, então não confirmei nada com *papa*. Devo saber mais tarde, mas acho um pouco difícil, porque teremos o lançamento das coleções da próxima estação.

— Hmm — seu murmúrio foi a única resposta que obtive, antes que ele ficasse em silêncio, que logo se tornou desconfortável para ambos.

— Henrique? — chamei por ele, decidida a não prolongar mais aquela tortura.

— Sim?

— Por que me ligou? — tomei coragem para perguntar e ele emudeceu, antes de finalmente me responder:

— Eu quero falar com você. Precisamos conversar, para falar a verdade. É que aconteceram algumas coisas... Mas eu realmente gostaria que tivéssemos essa conversa pessoalmente.

— Bem... Acho isso um pouco difícil, levando em conta que não devo passar as férias por aí. A não ser que você traga seu rabo para Roma — brinquei, tentando demonstrar uma normalidade que estava longe de sentir, e antes que eu percebesse que falei demais, ele me perguntou:

— Se eu fosse aí, você conversaria comigo? — Sua voz pareceu ansiosa enquanto ele esperava por uma resposta e olhei em choque para Zane.

Deus, o que eu faria?

— Henrique... O que você quer? — cada vez mais nervosa, me ouvi exigindo uma resposta.

— É só que... E-eu preciso da minha amiga. Não. Na verdade, preciso de você. — Não apenas sua voz fraca me quebrou, mas também o que dissera, e isso inevitavelmente me levou lágrimas aos olhos.

— Henri...

— Você está feliz sem mim? — cortou qualquer coisa que eu diria, essa conversa me chocando cada vez mais.

Putá merda! Ele não perguntou isso! Não pode ser!

— Mia, eu quero te ver. Te explicar algumas coisas... Mas se me disser que está feliz, não vou insistir e não aparecerei aí. Então, por favor, me diga, você está feliz sem mim? — voltou a perguntar, deixando-me sem saber o que fazer

ou pensar.

Meu Deus! O que eu poderia responder?

Eu estava realmente feliz? Realmente precisava respondê-lo? Mais do que isso, ele merecia uma resposta depois de tudo que me fez passar? Mesmo depois de ter me deixado sozinha?

As respostas para essas questões eram dolorosas, mas estavam mais do que claras para mim, e por isso não demorei muito tempo para proferi-las:

— Você não tem que vir para cá. Não sei se realmente temos o que conversar. Na verdade, não temos. As coisas ficaram bem claras. Não entendo o que a minha felicidade tem a ver com a sua vida, mas sim, estou. Feliz sem você, Henrique.

Era mentira, eu sabia. Mas talvez fazer essas afirmações em voz alta, de alguma maneira, pudesse ajudar-me ou ao menos ajudá-las a se tornarem verdadeiras. Eu esperava que sim.

— Mia, sobre isso. Eu preciso te explicar...

— Você fez sua escolha quando disse que fomos um erro. Já está tudo muito claro para mim, Henrique. — Minha voz foi cortante, até mesmo para mim, mas tentei não me importar. Precisava ser feito.

Parei até mesmo de respirar, quando fechei os olhos e antes de dizer o que de certa forma era o que eu mais temia depois de tudo. Mas, no fundo, de alguma maneira eu sabia que tinha chegado a hora. Eu precisava de um encerramento definitivo para nós. Principalmente de um encerramento para mim.

— Estou bem. Estou feliz. Precisamos seguir em frente... — As primeiras lágrimas escorreram pelo meu rosto quando terminei de falar, mas tentei não me importar.

— Mia, por favor ... — Sua voz soou trêmula, mas ainda assim tornei a cortá-lo:

— Desculpe, Henrique. Não temos mais nada para falar. Acabou. Eu preciso ir. Nos vemos nas férias de Natal. — E simplesmente desliguei a ligação.

Sendo conhecedor do que eu necessitava, Zane abriu os braços e no mesmo instante me joguei contra ele, antes de começar a chorar. E no conforto do amor que precisava, derramei as lágrimas tão necessárias.

Por que era tão difícil aceitar que as coisas boas e ruins um dia chegam ao fim? Por que era tão difícil seguir, mesmo sabendo que era o certo?

— Henrique é um idiota. Não sei por que diabos ele te ligou e realmente gostaria que não tivesse feito. — Abraçando-me ainda mais forte, ele beijou o topo da minha cabeça, como se dissesse que estava comigo. E estava. Eu sabia que sim.

— Também não sei por que, Zane. Mas algo dentro de mim me diz que ele

estava sofrendo. — Meu comentário foi acompanhado de um fungado, enquanto eu tentava, em vão, limpar as lágrimas que insistia em derramar.

— Isso importa? Ele se importou com o quanto já te fez sofrer? — ele me lembrou e neguei com a cabeça.

— Só eu sei o quanto. Mas, ainda assim, você não sabe o quanto foi difícil, para mim, colocar um ponto final nisso tudo. — O aperto no meu peito se intensificou e ele me apertou ainda mais contra si, como se tivesse sentido isso.

— Eu sei, mas esqueça-o. — Seu pedido foi feito em um murmúrio, que praticamente não ouvi enquanto minha mente me traía e eu me forçava a lembrar os momentos ao seu lado.

Mas eu não podia. Por mais que quisesse, não poderia esquecê-lo!

— Não posso — balbuciei, tornando a chorar.

— Mia, amor, não fica assim. O que estou querendo dizer é que você não merece um cara que corre atrás de você, te ignora por meses e depois volta arrependido.

— Eu sei.

— Você é tão linda, gata. — Levantou meu queixo, forçando-me a encarar seus olhos bondosos cor de mel. — Há tantos caras por aí que fariam de tudo para ter uma chance com você. Mas para que isso aconteça você precisa se dar essa chance primeiro.

— Eu sei — repeti a afirmativa, misturando o meu desejo de seguir em frente com a necessidade de voltar atrás... voltar para ele.



Apesar de ter conseguido uns dias para viajar, decidi que ir para o Brasil só faria com que a ferida aberta sangrasse ainda mais, então menti para meu pai, dizendo que não tinha conseguido folga no estágio. O que foi ótimo para mim, porque me joguei no trabalho e participei da edição da coleção da estação.

Setembro trouxe um novo clima para casa, bem como Mariah e Lorena. Elas estavam tão animadas por virem para Roma, que de certa forma foi quase impossível não me contagiar pelo clima delas. Era como se elas tivessem trazido a alegria que eu havia perdido nos últimos meses e que por ventura achei que jamais poderia encontrar.

Na manhã seguinte da primeira festa da faculdade, Mariah estava na cozinha, de frente à máquina de café expresso, seu cabelo todo emaranhado de quem acabara de despertar de uma noite de ressaca. Mas não importava o quão ruim seu cabelo acordasse, como um passe de mágica estaria lindo antes de ela colocar os pés para fora de casa.

— Bom dia — sua saudação veio através de um murmúrio rouco quando

me avistou.

— Ei, bom dia. — Soltei um beijo para ela antes de me sentar no balcão da cozinha e a observei se mexer com desenvoltura no ambiente.

Mariah era uma madrugadora como Luca. Assim como acontecia quando ele morava aqui, não havia um dia em que eu acordasse em que não a visse de pé, já com o café da manhã pronto. Mas com Mariah tínhamos a sorte de ela realmente adorar cozinhar e ser uma mestra na cozinha, não era à toa que fora para Roma estudar gastronomia.

E como todos os dias desde que ela chegara, o balcão estava repleto de delícias. O que era um bônus para quem não sabia cozinhar mais do que torradas e pipoca.

— De ressaca? — indaguei depois de tomar meu primeiro gole de café, lhe tirando gemidos descontentes.

— Sim! Parece que estão batendo na minha cabeça repetidamente com um rolo de macarrão! Nossa! Bem que Luca me avisou, você e Zane batem certinho. — Riu da própria piada, fazendo-me cair na gargalhada também.

— Sinto falta do idiota do seu irmão. A não ser do fato de ter pelo menos quatro mulheres por semana aqui no apartamento — comentei com pesar, balançando a cabeça para espantar a careta por me lembrar de tal fato, e ela riu, enquanto eu voltava a bebericar meu café.

— Ele é um idiota. Tão prostituto! — Revirou os olhos e tive que concordar. — Mas um dia é da caça e o outro do caçador, eu sei que no futuro, que espero não ser muito distante, ele cairá de quatro por uma mulher.

— Ah, sim! Cansei de avisar isso pra ele. Ele está subestimando os poderes do coração. — Mariah riu, enquanto beliscava um panini quentinho com tomate seco e queijo derretido.

— E falar em coração... — ela começou a falar depois de um tempo em silêncio, e eu a interrompi quando vi para onde aquela conversa iria.

— Se você for falar de Henrique, por favor, nem continue. — Embora tivesse soado séria com meu pedido, meu coração bateu fortemente apenas pela lembrança dele.

— Tudo bem. — Suspirou, se dando por vencida. — Prometo que não falarei, embora eu quisesse muito te dizer que ele tem se comportado como um monge desde o acidente — Mariah falou como quem não queria nada, enquanto tirava um pedaço da baguete e passava manteiga para mim, como sabia que eu gostava. Jogo baixo. Pão quentinho e falar de Henrique não eram algo difícil de me fazer cair em tentação.

Mas ela só podia estar brincando, certo? Não podia estar falando do mesmo Henrique conhecíamos, né?

— Hm... Sério? — Minha curiosidade foi obviamente maior que minha sensatez. E me vi revirando os olhos internamente.

— Seríssimo. — Ela acenou com a cabeça, antes de prosseguir: — Tanto Thiago quanto Luca estavam me falando sobre ele estar estranho desde que as coisas terminaram entre vocês da última vez. Thi acha que ele estava farreando para tentar esconder o que de fato sentia. Mas depois do acidente... — Ela se calou, a cabeça virando de um lado ao outro, como forma de negação, ganhando o tom dramático que ela certamente planejara desde o princípio. Quiçá, há meses.

— O quê? — minha pergunta saiu um tanto estridente.

— Ele andava triste, depressivo, não saía mais de casa, a não ser para o trabalho. Se tornou alguém que não conhecemos.

Novamente me vi sem palavras, mas embora a minha vontade de continuar com essa conversa fosse grande, consegui restabelecer a sensatez que não deveria ter perdido quando se tratava dele.

— Eu preciso ir. Tenho que chegar cedo na aula. Prometi passar o assunto para uma colega. — Nem esperei pela sua resposta antes de me levantar da cadeira e os olhos azuis, tão parecidos com os do meu melhor amigo, me encaravam com atenção.

— Tudo bem.

Era mentira e Mariah sabia. Eu esperava que ela entendesse minha atitude, mas fora um erro começar com esse assunto. Decidi que não queria mais saber, porque embora Henrique não merecesse minha compaixão, era inevitável que me sentisse culpada por tê-lo deixado sozinho, quando claramente procurar por mim meses antes tinha sido um grito de socorro.

E mais uma vez repeti para mim mesma: Esquece, Mia. Apenas siga e deixe o passado para trás!



Mesmo depois de tanto tempo sem ter um relacionamento, ainda assim eu achava que o melhor era ficar sozinha. Mas com o passar dos dias, novas amizades surgem, bem como novos acontecimentos, novas risadas, gargalhadas, beijos, paixões... E foi após um ano sem ninguém que, depois de muita insistência, comecei a ficar com Paco.

Paco Adams era muito diferente do *bad boy* mulherengo que eu acreditava que ele fosse, quando o conheci ainda na minha época de caloura em Roma. Embora soubesse do seu interesse, que em muitas oportunidades quase fora um problema para mim, quando estava com Henrique, quando começamos a sair, fui de fato surpreendida, pois nunca poderia imaginar que ele realmente gostava de

mim no sentido romântico da coisa, e não apenas sexual.

Ficávamos juntos cada vez mais e me vi feliz por ter a companhia de alguém tão incrível, que me fazia rir e de quebra ainda era lindo, gostoso na cama e fora dela e tinha um beijo alucinante. Após um tempo, ele me pediu em namoro, e apesar das minhas restrições a relacionamento, depois de tudo, começamos a namorar.

No nosso sexto mês de namoro, após muita insistência da parte da minha madrinha, decidimos passar as férias no Brasil para minha família conhecê-lo. No início fiquei receosa por motivos óbvios, mas Paco era meu namorado e eu estava feliz com ele, além do que não poderia fugir para sempre. Por motivos óbvios, pensei uma e outra vez em não ir, mas alguma coisa dentro de mim me dizia que esse era o primeiro passo para finalmente esquecer Henrique por completo.

— Chegamos — Paco disse animado, no exato momento em que o avião pousou em solo brasileiro e lhe dei um sorriso fraco em resposta.

Que Deus me ajudasse!

Tempos atuais...

Capítulo 11

MIA

OH. MEU. DEUS! Puta que pariu! Nós nos casamos?

Por alguns segundos esperei, ansiosamente, que Henrique dissesse ser apenas uma pegadinha, fiz minha melhor cara sexy enquanto procurava pelas câmeras, mas obviamente não as encontrei. Foi quando a incredulidade me pegou em cheio, me fazendo não ser capaz de fazer nada além de piscar.

Isso não poderia ser sério... apenas não poderia!

Como pude me casar com Henrique depois de tudo, quando nem mesmo tinha certeza do que tínhamos? Tudo bem que as coisas entre a gente estavam meio enroladas, mas era por sua causa que eu havia adquirido um certo trauma do matrimônio, e mesmo que todas as pessoas ao nosso redor parecessem zombar de mim, se casando o tempo todo, justamente por eu ter mil motivos, especialmente a parte que não havíamos nos resolvido, que casar estava fora de cogitação. Eu já disse fora de cogitação? Por isso simplesmente não acreditava que havíamos cometido tal burrada.

Era certo, dali para frente, não beberia mais!

Eu não poderia nem começar a colocar minha cabeça no lugar... Casada. Eu estava casada. E com Henrique. Não deveríamos ter feito isso. Apenas a realização desse pensamento era o suficiente para meus pulmões resolverem não funcionar.

Era isso. Depois de tanto tempo ele estava chegando, meu ataque de pânico estava à espreita, apenas esperando o momento para me dominar e voltar a controlar aquela menina frágil que tinha medo das próprias lembranças, que havia lutado por tanto tempo para ter esse controle sobre si. E aparentemente esse era o momento ideal para ele me arrebatar de vez.

Quanto mais pensava, pior me sentia. Tentei controlar meus sentidos, minha respiração, enquanto isso, porque não podia simplesmente me entregar. Nossos pais nos matariam se descobrissem a besteira que fizemos em uma noite de tequilas desregradadas. Sendo sincera comigo mesma, não conseguia sequer imaginar como poderíamos começar a explicar isso para eles. Meu pai certamente ficaria louco e não nos perdoaria. Henrique provavelmente perderia tudo na empresa. Eu seria deserdada. Não, acho que ele me mataria.

A bem da verdade, Henrique e eu não tínhamos um relacionamento estável em anos, nem mesmo conseguíamos nos entender fora da cama. Nossa história estava marcada, eram tantas idas e vindas, que até mesmo nós nos perdíamos

nelas, por vezes guardávamos mágoas e até mesmo raiva sem saber por quê. E ainda assim eu tinha um enorme anel no meu dedo para rir da nossa cara ou da minha. Mas não qualquer anel, e sim um estupendo anel. De jeito nenhum isso fazia sentido. Eu estava fodida e condenada.

Embora pudesse ficar o dia todo listando todas as inúmeras razões pelas quais esse casamento era um absurdo, eu não podia ficar parada, não sem tomar uma atitude. E era isso que precisava ser feito, tomar uma atitude. Eu estava entrando em desespero, querendo que alguém atirasse em mim, mas simplesmente me ouvi dizendo:

— Preciso de um banho.

Eu estava tentando fugir, claro, ainda assim Henrique não pareceu se importar muito, ao menos não externou isso, apenas acenou em concordância, antes de se retirar do banheiro e fechar a porta em seguida. Ele me conhecia, sabia me dar espaço quando eu pedia, e não me ajudava em nada chegar a essa conclusão.

Em vez de entrar na banheira que ele havia preparado com esse propósito, adentrei o box e liguei o chuveiro, antes de me enfiar embaixo do jato quente. Enquanto a água caía sobre mim, desejei que eu ainda estivesse dormindo e que tudo isso não passasse de um sonho louco.

Cadê um raio para cair na minha cabeça quando eu mais precisava de um?

Era tudo além de louco. Esse maldito casamento motivado pelo excesso de álcool e falta de lucidez não era algo que eu poderia esconder. Ou poderia?

— Por que não? — perguntei para mim mesma.

Não era uma ideia absurda, senão, muito astuta. Nossos pais não poderiam descobrir, nossa família idem. Jamais, nada de compartilhar esse desvio de percurso. Ao longo dos anos me habituei a não envolvê-los nos meus problemas ou em coisas desnecessárias, ou simplesmente estúpidas. Esse casamento muito possivelmente se encaixava em todas as três categorias.

— Sim. Exatamente isso — continuei a falar comigo mesma, felizmente começando a me sentir um pouco humana outra vez, enquanto esfregava meu couro cabeludo com shampoo.

Eu não sabia precisar quanto tempo passei refletindo sobre o que deveríamos fazer dali em diante, mas enquanto a água do chuveiro caía sobre mim e embaçava o vidro do box, cheguei a três conclusões:

- 1) nós precisaríamos anular o nosso casamento o quanto antes;
- 2) eu nunca mais beberia;
- 3) era mentira, beberia sim, mas precisava aprender a não ficar bêbada o suficiente para me casar e esquecer.

Claro! Isso seria perfeito!

— Você ainda está viva, Mia? — Henrique perguntou ao mesmo tempo em que batia na porta.

— Sim. — Desliguei o chuveiro quando notei o quão enrugadas estavam minhas mãos, antes de vestir o roupão rapidamente e começar a secar meus cabelos com a toalha felpuda do hotel.

— Precisamos conversar. — Sua voz saiu abafada e eu não tinha certeza se era apenas por causa da porta, mas decidi que esse fato não era importante.

Precisávamos conversar mesmo. Eu sabia disso. Henrique certamente queria resolver logo essa situação e eu estava sendo egoísta em postergá-la com meu banho.

Claro que era por isso!

— Oi. — Finalmente abri a porta do banheiro ao me dar conta disso e, olhando para ele, percebi que parecia um pouco... irritado.

Ele estava ali. Estávamos sozinhos. Zangados... Isso que eu chamava de *déjà vu*.

— Acho que precisamos conversar — eu me forcei a começar a falar, quando notei que ele não seria aquele quem daria o primeiro passo, principalmente por causa da sua irritação evidente.

— Sim. E estou ansioso para saber o que você quer. — Engoli em seco, pois sua voz era dura e eu o conhecia bem demais para saber que não conseguiria dissuadi-lo tão facilmente.

— Er... bem... eu acho que... bem... — As palavras me faltaram e olhei para ele, tentando não entrar em pânico.

— O quê?

— Dá para parar?! Com você falando e me olhando assim não consigo raciocinar direito — praticamente implorei e ele suspirou, demonstrando sua insatisfação enquanto cruzava os braços sobre o peitoral definido. Os bíceps quase indecentes e fortes e as tatuagem deliciosas e...

Foco, Mia, tínhamos uma conversa séria para prosseguir!

— Acho que precisamos da anu..

— Eu não vou dar a anulação! — ele me cortou antes mesmo que eu pudesse completar e me vi de boca aberta, diante de suas palavras.

Henrique não podia estar falando sério. Obvio que não. Isso era absurdo de tão ridículo.

— Claro, porque vamos continuar casados. — Gargalhei, achando muito engraçada sua brincadeira. Porque só podia ser brincadeira.

Continuei rindo, chegando até mesmo a chorar e perder o ar de tanto que ri. Mas embora aquilo parecesse muito engraçado, parei no exato momento que o vi ainda mais sério, demonstrando sua total seriedade sobre o assunto.

OK, isso não tinha mais graça!

— Por que você não está rindo? — minha voz saiu alguns decibéis mais alto do que o normal.

— Porque não estou brincando — respondeu simplesmente e foi quando tive uma pequena pane cerebral.

— Você não pode estar mesmo falando sério! — Ele congelou e me olhou como se eu tivesse anunciado sua iminente morte.

— E por que não estaria?

Outra vez me vi sem palavras e procurei o lugar mais perto para me sentar. Precisava me acalmar, tomar um remédio tarja preta, uma dose de tequila ou qualquer coisa assim. Embora meu fígado discordasse e tivesse ficado completamente agitado apenas com a sugestão da palavra com “T”.

O pânico inundou meu cérebro e me fez sentir um pouco louca. E eu era. Afinal, apenas uma pessoa assim poderia se encontrar na minha situação, principalmente quando casamento era como um tabu para mim.

— Não é simples assim — aponte, voltando a me pôr de pé, andando de um lado ao outro, como se pudesse cavar um buraco e me enterrar, mas ele me parou, puxando-me pela cintura.

— É sim, basta você querer, eu quero tanto. — Segurou meu queixo e com o coração disparado me fez olhar novamente para ele enquanto prosseguia: — Não adianta dar uma de louca agora, estamos casados e você tem que aceitar esse fato. — E então me beijou.

No segundo em que seus lábios tocaram os meus, saí de toda aquela loucura que me encontrava e me senti de volta à vida. Eu culpei a tequila. Mas tinha certeza de que não era aquela bebida maligna que tinha feito com que eu me sentisse tão satisfeita como naquele momento.

Mais uma vez tentei mentir e ignorar o óbvio. Tentei fingir que meus sentimentos não eram como antes, que eu não era mais aquela menina boba que se apaixonara tão cedo pelo garoto dos seus sonhos e acreditava em contos de fadas, mas todo o esforço não fez diferença. Eu sempre soube que, apesar de tudo, nada tinha mudado, embora eu tivesse escondido isso em nossas idas e vindas.

Mas o pior era que, apesar de todo o medo e receio, eu queria acreditar que ele me amava mesmo depois de tudo. Eu estava sendo muito boba por desejar loucamente aquilo?

Nosso passado sempre estaria ali, nos impedindo de estar realmente juntos. Mas até quando eu mentiria para nós mesmos? Apesar de tudo era com ele que eu queria ficar.

— Concordamos em algo? — Henrique perguntou, me olhando com aquele

sorriso cretino e irresistível, antes de beijar meus lábios de forma, desta vez, mais deliberadamente do que fazia. Era como se Henrique tivesse calculado cada movimento, cada amostra, cada respiração enquanto suas mãos se enrolavam pelo meu cabelo e me faziam louca e ansiosa por ele.

— Desculpe, não diremos esse absurdo que é concordarmos em algo a ninguém. — E voltei a beijá-lo, decidida a não pensar sobre esse pequeno detalhe, quando claramente tínhamos coisas mais importantes para fazer... na cama.



Embora Henrique tivesse encontrado maneiras mais do que deliciosas de me distrair da minha ressaca da bebida e moral, em tempo a sobriedade e sensatez retornaram, especialmente quando o momento em questão foi quando meu “marido” me chamou para apertar a aliança.

Eu não precisava nem dizer que quase tive um ataque cardíaco completo quando ele me fez essa pequena sugestão, mas disfarcei e disse que não me sentia bem e ainda assim ele saiu para tal empreitada. Fingi estar dormindo quando ele bateu à porta do quarto, mas logo me vi sentada em busca do celular, porque eu precisava falar urgentemente com alguém.

— Tá acordada? — indaguei quando Lorena atendeu, não deixando de olhar para a porta, com medo de que ele retornasse.

— Acordada, porém nem tanto. Viva, porém nem tanto também — gemeu, me fazendo rir, embora até mesmo tal gesto me embrulhasse o estômago.

— Preciso te contar uma coisa — sussurrei, mesmo que ninguém pudesse me ouvir.

— Sim. Estou definitivamente acordada e você tem toda a minha atenção.

— Então esteja na minha suíte em 5 minutos, antes que Henrique volte.



— Estão todos vivos? — perguntei quando ouvi passadas na porta minutos mais tarde, sendo que Lorena não estava sozinha e havia ido até ali acompanhada de Mariah, Sophia e seus respectivos maridos.

Enquanto Luca e Sophia esbanjavam beleza e riqueza, o típico casal de família perfeita, que chega davam raiva de tanta inveja que nos provocava, Lorena parecia uma Chacrete que tinha tomado três litros de café de uma vez só, porque ante sua cara de ressaca, chamar de exagero era pouco. Já Mariah lembrava uma lombriga que caiu do caminhão de mudança sem saber onde estava. Zane poderia facilmente se confundir com um figurante de The Walking Dead, embora fosse muito mais bem vestido.

— Aparentemente sim. Embora ache que perdi meu fígado em algum lugar. Espero encontrá-lo em algum achados e perdidos — Mariah quem respondeu primeiro.

— Bom. Se estão todos vivos, eu só queria saber que porra aconteceu para vocês deixarem a gente se casar! Se casar, gente! Que tipo de amigos vocês são? — inquiri, querendo descontar minha frustração em cima daqueles traíras.

— Ei, nos tire desse bolo. Fomos os únicos responsáveis para retornar para o quarto antes de ver vocês se afogarem na tequila! — Luca tratou defender a ele e Sophia, embora nenhum dos dois parecesse descontente com tal fato. Mas decidi relevar.

— Desculpe, mas isso me pareceu uma boa ideia na hora — Thiago comentou, depois de beber uma garrafa de água em um só gole.

— Não sei, mas sei que vomitei em minha bolsa — Mariah adicionou, me arrancando uma careta.

— Eu fiz um *striptease* no altar, então, se eu não podia me impedir, quanto mais impedir vocês. — Lorena deu de ombros e eu tive que rir, tentando de alguma maneira imaginar a cena que ela protagonizara.

— E eu estava preocupado em impedi-la de ser presa por atentado ao pudor, então não tenho culpa — Caio explicou com uma seriedade de quem parecia ter uma escola de samba batendo em seu cérebro.

— Vamos ter que processar o bar — Zane disse sabiamente, depois de tempo demais em silêncio para sua pessoa.

— Mas você lembra o nome dele? — Sophia perguntou, embora parecesse estar segurando o riso.

— Eu não lembro nem o meu nome nesse momento, buchuda. Quanto mais...

Fechei os olhos e respirei fundo, sem saber o que fazer dali em diante.

— Meu Deus! Isso não pode ser um casamento. É a pior e épica ressaca do mundo! — afirmei bufando, ao me jogar no sofá, enquanto todo mundo resolvia rir da minha desgraça.



Exatamente como imaginei, depois da despedida de solteira, Lorena programou outro evento piegas de filme de mulherzice americano: seu jantar de ensaio.

Na véspera do seu casamento, quase todos os convidados estavam hospedados na mansão da fazenda, nas casas de hóspedes ou em qualquer hotel da região para o evento. Apesar do que as pessoas diziam, nem tudo que acontece em Vegas fica em Vegas, especialmente quando você malha todos os

dias, no mesmo horário e na mesma academia e o cara insiste em deixar de ser vizinho para morar na sua casa.

Desde nosso retorno de Vegas eu seguia ignorando o fato de estar casada, embora Henrique fizesse questão de me lembrar desse fato e até mesmo tivesse aparecido na minha casa com um par de malas com suas roupas.

Entrei em pânico real enquanto ele as carregava pela sala e o segui ao passo que ele abria espaço e começava a pendurar suas roupas no closet, como se fosse dono de tudo, e ignorou propositalmente minha tentativa de fazê-lo voltar para sua própria casa. Na verdade, eu estava mais ansiosa e nervosa do que o normal pelo casamento de Lorena, porque ele afirmara estar esperando apenas isso acontecer para contar ao resto da nossa família sobre nós.

Sim, eu estava prestes a ficar louca!

Uma mesa enorme decorada com rosas vermelhas perfeitas e grandes castiçais foi posta no jardim da fazenda. Os noivos estavam sentados na cabeceira, com seus respectivos pais. Ao lado dos pais, encontravam-se os casais de padrinhos.

Sentada do lado direito da minha dinda, Henrique estava do meu outro lado por ser meu par. Ele estava absolutamente irritante aquela noite, e eu ainda não sabia dizer por que Lorena me colocara com ele, em vez de com Leonardo, que era par de Mariah, embora tivesse uma vaga ideia.

Um pouco antes de o jantar ser servido, os brindes em homenagem aos noivos começaram, e depois do discurso um tanto irônico de Henrique, era a minha vez. Fiquei de pé carregando minha taça de champanhe e comecei o discurso que sequer havia ensaiado, pois com tanta coisa acontecendo, acabei mesmo improvisando:

— Como parte da festa inclui falar mal dos noivos, não poderia ficar de fora, porque além de adorar uma boa fofoca, afinal sei coisas terríveis a respeito deles... — Os convidados riram. — ... é meu dever como madrinha falar.

Esprei o garçom encher minha taça outra vez, antes de prosseguir:

— Vou começar a falar sobre Caio, porque depois de um estudo minucioso nos últimos... — Fiz uma pausa proposital para contar nos dedos da mão. — Hum... mil anos... — Todos riram novamente. — ... aprendemos um pouco sobre com quem a gente convive. E uma coisa tenho que dizer é parabéns a Caio, porque ele tem a qualidade mais importante para ter chegado até aqui: ele é paciente. Muito paciente!

A mesa explodiu em gargalhadas, afinal, eu estava mais do que certa e todos sabiam disso, porque Lorena era osso duro de roer e fizera Caio cortar uns dobrados ao longo do relacionamento.

— Vou deixar para os padrinhos de Caio falarem mal dele, afinal, não acho

justo falar tudo. — Os padrinhos dele concordaram quando fiz uma medida com a minha taça. — Depois dos inúmeros volumes e os milhares de capítulos do romance deles, acho que comecei a ter certeza de que chegaríamos hoje aqui no quinto volume. — Mais risadas acompanharam minhas palavras. — Mas vou confessar uma coisa para vocês: Quando Lorena vinha contar que eles terminaram, eu, Henrique, Leonardo e Mariah fazíamos bolão sobre quanto tempo ia durar esse termino. Então nada mais justo do que agradecer a eles por meus inúmeros pares de sapatos, bolsas e todos os outros prêmios que ganhei graças aos noivos. Obrigada!

A mesa explodiu em gargalhadas e Lorena me deu língua em um ato muito adulto.

— Ok. Mas vamos para a parte mais chata: falar sobre a noiva. — Foi minha vez de fazer uma careta. — Bom, não sei se sou a pessoa certa para isso e nem mesmo sei por onde começar a falar sobre Lorena, pois não tenho certeza se a conheço direito, só 26 anos, gente, isso não é nada — fui irônica de propósito, antes de olhar para ela. — Lógico que essa é a pior mentira de todas e todo mundo sabe disso, porque, se tem algo que posso falar com toda certeza do mundo, é que Lorena é a minha vida. — Minha garganta travou e as lágrimas começaram a cair, perto de mim, ela já soluçava. — Gente, ela foi minha primeira amiga, enquanto eu cuidava dela como uma boneca. Minha pequena boneca morena. Vocês têm noção de quantos milhões de pessoas passam por nossas vidas? Mas é isso, aconteceu e foi mútuo.

Dei de ombros, tentando de alguma maneira controlar-me.

— Podemos não ter laços sanguíneos, mas nossos laços são mais do que reais. — Ela assentiu enquanto Caio lhe entregava um guardanapo de pano para enxugar suas lágrimas. — Somos irmãos e cúmplices. — Tomando uma respiração profunda continuei: — Foi como se Deus tivesse dito: “Sra. Cegonha, pode mandar mais um na barriga da Socorro, mas manda uma menina porque ela e Mia vão precisar colocar um pouco de graça juntas na Terra!” — falei com uma voz grossa, que fez todos rirem. — E bem, acho que Papai do Céu deve estar orgulhoso, pois temos cumprido nosso papel desde então.

Mais risos vieram, juntamente a mais lágrimas, mas não me importei.

— Lorena esteve comigo nos primeiros sorrisos, no primeiro aniversário. Estávamos juntas na primeira queda de bicicleta, que por sinal foi ali na frente. — Nós duas ríamos com lágrimas. — Também estávamos juntas quando nosso primeiro dente caiu e esperamos acordadas e ansiosas a Fada do Dente chegar e entregar nosso dinheiro. — Mais risos. — Estávamos juntas na primeira vez que sofremos por amor e demos uma à outra nosso ombro para chorar. Estávamos juntas quando ficamos “mocinhas” e a gente se sentiu o máximo achando que

éramos grandes o suficiente, até sentirmos a primeira cólica.

A gargalhada de meu pai se sobressaiu às outras, certamente lembrando-se da ocasião, e senti minha voz travar no que disse a seguir:

— Estávamos juntas no pior momento das nossas vidas, a morte dos nossos pais, e ainda que compartilhássemos da mesma dor, nós conseguimos nos confortar.

Tomei uma respiração profunda e mais lágrimas escorreram pelo meu rosto quando vi que acontecia o mesmo com ela. Henrique me entregou seu lenço e segurou minha outra mão, mas não soltou. Era como se ele quisesse demonstrar que estava ali por mim desde então, e embora tivéssemos tido nossos problemas, de alguma maneira eu sempre soube disso.

— E depois — eu me forcei a prosseguir —, estávamos juntos no estresse e depois na alegria da faculdade. Juntas quando éramos eu, ela e Mariah, vivendo de “Pão e Circo” na Itália. Depois éramos as duas protagonizando nossa própria versão do seriado *Sex and City* em Nova Iorque.

As pessoas voltaram a rir e Mariah e eu fazíamos o mesmo entre nossas lágrimas.

— Ou quando fazíamos nossas dietas malucas e preferíamos economizar para comprar um bom vinho, ou não comíamos quase nada para garantir um par de sapatos fabulosos. Afinal, prioridades são prioridades!

Mais risadas e pequenos comentários se fizeram presentes, quando fiz mais uma pausa, e então respirei fundo mais uma vez, para dar seguimento.

— E agora estamos aqui. Na véspera do seu grande dia, o dia que ela planejou desde a primeira vez que vimos um casamento. — Sorri e ela retribuiu, certamente se lembrando do momento. — Mas o que eu tenho a dizer sobre isso? Lorena Ferraz... — Balancei a cabeça em negativo, antes de fazer um bico para ela, que era tão dela. — Será horrível acordar de ressaca e não ter você para compartilhar dela comigo no sofá. Será horrível ter um closet só para mim e não ter mais suas coisas para roubar. — Ela voltou a chorar concordando. — Será horrível planejar mais uma dieta que nunca vamos começar. — Todos à mesa voltaram a rir. — E quem vai dizer que estou linda, mesmo que eu esteja nos meus piores dias? Quem vai trocar insultos comigo, da mesma forma que trocávamos de roupa e sapatos? Você não será mais a primeira pessoa que verei quando acordar. — Tentei empurrar a dor do meu peito ao pensar sobre esse fato. — E eu não serei hipócrita em dizer que não estou triste para caralho por tudo isso, porque sou um pouco egoísta e no fundo estou. Mas estou realmente feliz, porque você está feliz por se casar com o homem que vem provando nos últimos dez anos que é merecedor do seu amor, e sei o quanto vai te fazer feliz.

Sorri ao vê-los trocando sorrisos cúmplices.

— E eu também sei que podemos morar uma no Norte e a outra no Sul — prossegui baixinho de propósito: — Você que não ouse fazer isso comigo, entendeu, Caio? Senão você realmente vai se ver comigo! — A mesa caiu em gargalhadas com minha ameaça irônica, embora tivesse um fundo de verdade. — Enfim, nada, nada vai nos afastar. É oficial: infância, adolescência, homens bonitos e safados... “ops”! — Soltei a mão que Henry segurava para tapar minha boca de forma irônica. — TPM, inúmeros términos de relacionamentos, dietas sem noção, Itália, Nova Iorque, casamento e em breve bebê... nada pode nos parar. Sempre, sempre seremos nós duas. — Respirei fundo uma última vez antes de finalizar: — Bem... é isso. Acho que falei demais. Apenas quero completar, agradecendo por você estar ao meu lado, e não posso deixar que esqueça que pode contar comigo, sempre. Eu te amo, minha irmã. Felicidades. — Levantei a minha taça para um brinde e todos repetiram a última palavra, antes de brindarmos.



No dia seguinte, eu estava arrumada para a cerimônia, enquanto esperava por Henrique no meu quarto. Desnecessário seria dizer que minha maquiagem estava arruinada, pois em meu rosto lágrimas escorriam e em minhas mãos estava seu aparelho celular contra o peito.

Esse dia havia sido escolhido para finalmente contarmos a verdade sobre nós, e por mais assustada que eu estivesse com a chegada desse momento, uma parte de mim estava aliviada, pois não haveria mais segredos. Ao menos foi isso que acreditei que aconteceria.

No entanto, como todas as noites que nos encontrávamos na fazenda, Henrique havia escapulido para o meu quarto de madrugada e bem cedo, naquela manhã, havia saído, para que ninguém o flagrasse ali. Mas com a sua partida, ele acabara esquecendo seu aparelho, e foi quando acabei no estado que me encontrava.

Ana Renata...

Mais uma vez o mesmo nome, a mesma pessoa e outra vez ele mentira para mim. Outra vez me deixei enganar pelas suas promessas depois de tudo.

— Mandou me chamar, *Miamor*? — Abriu a porta logo após bater. — Nossa, como você está linda! — ele me elogiou sem saber como me sentia por dentro, o quanto aquilo me magoava e seu sorriso lindo se desmontou quando viu que eu chorava. — O que foi, Mia?

Não demorou para Henrique estar em minha frente, aparentemente preocupado pelo que via em mim, mas dei um passo para trás, tentando me afastar. E mais do que isso, precisando desesperadamente me afastar dele.

— Acabou, Henrique. É a minha vez de dizer: Isso, nós dois, fomos um erro. Jamais deveria ter acontecido e muito menos voltar a acontecer. Acabou. Acabou definitivamente.

O olhar em seu rosto quase me convenceu do quanto estava magoado pelas minhas palavras, mas decidi não me importar com seus sentimentos, quando claramente ele não se importara com os meus. Nunca havia se importado, de fato.

— Mia, eu não estou entendendo... eu amo...

— Me ama? — Ri com escárnio, embora até mesmo fazer isso doesse dentro de mim. — Não seja ridículo, Henrique. Vamos parar de perder tempo e vá ficar com aquela com quem aparentemente você tem ficado há muitos anos. Aquela por quem você me deixou da última vez. O nome dela não é Ana Renata? — Joguei o celular contra ele e o seu olhar assustado só me confirmou o que eu já sabia.

Henrique a amava. Ele não negou, sequer tentou se explicar, apenas ficou parado, olhando para mim. Várias emoções apareceram no seu lindo rosto, e a pior dela estava ali: medo.

Eu não queria mais olhar para ele, não queria ouvir nada que me dissesse. Simplesmente acabou.

Juntando todas as forças que me restavam, me dirigi até a porta do quarto e abri.

— Por favor, saia. Nós dois acabamos. Quero o divórcio assinado até amanhã. E avise a Léo, que vou entrar com ele, simplesmente não posso estar mais perto de você.

Embora, no fundo, eu quisesse desesperadamente que Henrique dissesse ou fizesse alguma coisa para tentar mudar o que eu disse, ele nada fez. Apenas abaixou a cabeça, parecendo derrotado, e simplesmente saiu sem dizer uma palavra.

Quando bati a porta atrás dele, comecei a perder o ar e fui direto para a cama, tentando evitar que um novo ataque de pânico viesse. Tantas lembranças me dominaram, tantas memórias. Lembranças da pessoa que dizia que me amaria para sempre, das nossas tantas idas e vindas... As vezes em que me deixou sozinha e do quanto sofri precisando dele... tudo... Mas principalmente a dor.

Levantei da cama quando percebi que não poderia ficar ali. Precisava ir para o casamento da minha irmã. Precisava estar lá para o dia mais feliz da sua vida.

Segurando a esponja em frente ao espelho, comecei a ajeitar a maquiagem que o maquiador fez com tanto esmero e que, antes de eu cair no pranto, estava

quase uma obra de arte. Deslizei o pó sobre a pele úmida enquanto recitava que eu apenas precisava ser forte. Apenas precisava ser aquela que sobreviveu a tudo. Foi pensando exatamente nisso que segurei as lágrimas que ameaçavam cair, respirei fundo, antes de forçar um sorriso no espelho.

— Eu posso passar por isso. Sei que posso.

Cinco anos atrás...

Capítulo 12

HENRIQUE

Dizer a Mia que eu queria terminar nosso noivado foi, definitivamente, uma das coisas mais difíceis que já passei, senão a pior. Mas embora ela não soubesse a verdadeira razão da minha escolha, fiz apenas o que achava que deveria ser feito, mesmo que logo depois tenha me arrependido profundamente e continuasse me martirizando desde então.

Os dias que se seguiram não foram mais fáceis como acreditei que pudessem ser, na verdade, parecia se tornar cada vez mais insuportável a cada novo amanhecer. Passei a beber todos os dias e quase perdi o emprego pelo qual abri mão da melhor coisa que existia e tanto lutei para ter, porque responsabilidade e assiduidade estavam longe de como eu agia desde então. Quase me perdi, porque de alguma forma passei a acreditar que nada mais importava.

O acidente de moto embriagado mudou minha vida de inúmeras formas. Não apenas porque estive perto da morte, mas porque foi naquele momento que tive a certeza do quão errado eu estava com minhas suspeitas, o que só tornara mais doloroso, para mim, seguir depois disso.

Demorou, especialmente para me recuperar do que havia feito, mas finalmente criei coragem e tentei falar com Mia. Ela obviamente não quis me ouvir. Sequer quis me ver desde então, o que não me surpreendeu, mas ainda assim não passou a ser menos doloroso. Fora mais um baque para mim, mas eu não a julgava por isso, afinal, como ela poderia querer que eu lhe explicasse alguma coisa depois do que fiz conosco?

Enquanto tentava passar os dias, especialmente os que se seguiram ao acidente, acabei tendo que ficar na casa dos meus pais, pois como precisava de ajuda para me recuperar, acabei aceitando. No início neguei, quis dar uma de forte e suficiente, embora estivesse bem longe disso, mas ainda que estivesse magoado e me sentido também traído, não era a hora certa de ter orgulho.

Fui muito bem-cuidado pela minha família, recebi apoio deles em cada etapa da recuperação, mas lá havia duas pessoas que eram como meu sol nos dias mais nebulosos: Vittorio Filho e Lia.

A chegada dos meus irmãos mais novos não fora apenas esperada ansiosamente por todos, mas também duplamente comemorada. Vittoriozinho chegou em nossas vidas com dois anos de idade e, como todo menino que veio de um lar para crianças à espera de adoção, inicialmente estranhava não apenas a

casa, mas também as pessoas.

O processo de adoção foi deveras demorado, quase dois anos, mas ainda que quiséssemos estar por perto, não foi permitido, porque segundo a assistente social, isso poderia vir a prejudicar a criança, caso alguma coisa desse errado no processo. Apesar de termos conseguido visitá-lo poucas vezes, era minha mãe e meu dindo que mantinham contato constante e mais profundo com ele, desde que ainda era um bebê, e decidiram adotá-lo. Apesar de tudo ser supervisionado, o visitavam com frequência e por isso eram os únicos para quem ele corria quando se sentia intimidado com qualquer tentativa de contato da nossa parte.

A psicóloga e também a assistente social já haviam conversado com antecedência com a nossa família sobre essa possibilidade, afinal, ele saía da sua zona de conforto, do único lugar que conhecia como casa e se mudara para um lugar totalmente novo, com pessoas completamente diferentes. Então estranho mesmo seria se ele não agisse de maneira diferente.

Mas apesar da dificuldade inicial, Vittoriozinho era um doce de menino e foi se adaptando aos poucos, interagindo com a família como toda criança da sua idade e recebendo o melhor que poderíamos oferecer: amor.

Embora não tivesse sido planejada e sua chegada tivesse sido mais inesperada do que qualquer coisa, afinal, além da adoção de Vittoriozinho, minha mãe já não era mais uma moça e não achou que pudesse engravidar depois dos quarenta, ainda assim, quando Lia nasceu era como se viesse completar a nossa família.

Sua chegada também fora primordial para ajudar na adaptação de Vittoriozinho, pois mesmo ainda tão pequeno minha mãe fez questão de deixá-lo participar do dia a dia da irmã mais nova. E ele adorava não apenas ajudar, mas estar com ela. Apesar da diferença de dois anos de idade, eles se davam bem e Vittoriozinho fazia o tipo irmão mais velho, porque estava sempre cuidando da nossa caçula com dedicação.

— *Mão?* — Vittoriozinho me chamou, com seu jeito infantil e fofo de chamar irmão, quando me vi um pouco perdido nas lembranças ao mostrar-lhe as fotos do álbum de família que ele insistira para ver.

— Oi.

— *Mia vem, Papai Noiel?* — apontando a foto da última vez que ela tinha estado em casa no Natal, antes de terminarmos, ele fez a pergunta sentado em meu colo.

— Não sei, campeão. Mas eu espero que sim. — Beijei sua cabecinha cheirosa.

— *Saudades mana?* — Sorri quando tornou a perguntar, daquele modo curioso que toda criança fazia, sem nem fazer ideia do quanto uma simples

pergunta mexia comigo.

Olhei mais uma vez para foto e suspirei. Embora tivesse passado quase dois anos desde que nos vimos ou até mesmo falamos, ainda era difícil apenas olhar uma imagem em que ela estivesse. Era aflitivo, até mesmo para respirar, porque seguir sem ela, sem sua presença ou sorriso era doloroso. Ainda mais sabendo que ela estava com alguém que a fazia feliz e esse alguém não era eu.

— Sim, sinto muitas saudades. Mais do que consigo explicar. — Acariciei seus cabelos macios e ele assentiu, antes de parecer pensar por alguns instantes e então indagar:

— *Mashi* do que as *telas* do céu? — Ri da sua necessidade de comparar o tamanho da minha saudade com a quantidade de estrelas, mas ainda assim achando lindo vê-lo querer dimensionar o sentimento, por isso concordei.

— Sim. Muito mais do que as estrelas no céu. Muito mais mesmo.



Depois de tanto tempo sem sequer conseguir levantar com desejo de sorrir, eu fazia isso à toa desde que descobrira uns dias antes que Mia realmente estava vindo para o Brasil para passar as férias. Embora soubesse que isso não significava tê-la de volta em minha vida, ainda assim foi impossível não sentir esperança de que pudéssemos voltar a ficar juntos outra vez.

Muita coisa tinha acontecido para que eu chegasse até ali, a maioria não fora fácil e por causa disso eu não era mais um garoto tolo que preferia esconder a verdade e se magoar, do que fazer isso com a mulher que amava. Embora nunca tivesse sido minha intenção, eu sabia que a havia magoado tantas vezes e, ainda que tudo que tivesse que lhe contar fosse doloroso para ambos, eu não poderia mais continuar assim. Apenas não poderia mais continuar a viver em um mundo em que ela não estivesse comigo.

Mas é aquilo que dizem, quanto mais esperança criamos, maior é a queda. E foi exatamente isso que aconteceu, me vi caindo de um penhasco para a morte quando Mia chegou de Roma acompanhada do seu novo namorado.

Tudo bem que eu sabia que ela estava namorando, mas não sabia que ele viria com ela. Na verdade, essa possibilidade sequer passou pela minha cabeça. Achei que talvez pudéssemos usar esse tempo dela no Brasil para resolver as coisas, o que não seria possível com ele estando ao seu lado.

Quando dizem que não se pode morrer de um coração partido, pode até ser verdade, mas a maior delas ainda é o fato de que dói tanto que você preferiria estar morto. Meu coração se despedaçou e me senti enjoado enquanto, em câmera lenta, eu a via cumprimentar nossa família. Talvez fosse exagero da minha parte, até mesmo apressado, mas foi a primeira vez que me vi pensando

nela construindo uma vida com outro. Eu a amava tanto que sequer consegui respirar com o pensamento de não estar com ela para sempre.

— Olá, Henrique — ela me cumprimentou com uma frieza que me gelou a espinha e, apesar de parecer ainda mais linda do que conseguia me lembrar, em seus olhos alguma coisa parecia diferente.

Eu não disse uma palavra, sequer me importei com seu namorado, com o que ele podia achar ou com quem estava ao meu redor, apenas a abracei, apertando seu corpo ao meu, como se segurasse meu mundo inteiro nos braços. E segurava. Era o que eu precisava naquele instante. Precisava do seu abraço, do seu cheiro, do seu calor... precisava dela.

Quando se está com a pessoa certa, a gente não quer estragar tudo. Mas infelizmente tem algumas pessoas, como eu, que estragam tudo mesmo não querendo para poder dar valor ao que realmente importa. Ela sempre fora tudo para mim, o que eu realmente queria era reencontrá-la depois de tanto tempo e, ainda assim, chegar a essa conclusão mais uma vez era tão delicioso quanto desesperador.

Tentei pensar, agir naturalmente, mas eu não podia. Eu não queria. Todos os anos em que estivemos separados, longe um do outro, estavam sendo preenchidos naquele abraço. Mas sequer pude me aproveitar um pouco mais daquele reencontro, porque Mia logo se afastou, seu olhar, ao fazer isso, me censurando, claramente me dizendo que, apesar de ter fraquejado inicialmente, ainda assim ela não apenas não gostara da minha atitude, mas também me dizia muito mais do que eu poderia entender.

Havia algo ali. Algo tão diferente. Algo forte. Novo. Algo inesperado. Uma sensação ruim me acometeu, mas resolvi ignorar, embora não tivesse sido fácil fazer isso enquanto me perdia olhando para ela. Era como se o brilho que eu costumava ver nas piscinas azuis tivesse se apagado e algo duro tivesse tomado esse lugar, e essa constatação me deu um novo golpe, bem certo, que me desnorteou completamente.

Não era o que eu estava esperando. Não quando sua luz sempre fora o que me encantara. Não quando sua inocência, candura, mas também ardor, me davam força para lutar por ela e para ela. Engoli o nó nervoso na minha garganta, tentando não pensar que eu fora o único culpado por essa mudança e ainda assim falhando miseravelmente.

— Como está a perna?

Novamente percebi que seu tom controlado me dizia que ela não queria saber realmente, era apenas por educação. O que outra vez me nocauteou.

— Está bem. Ainda faço fisioterapia, mas felizmente larguei as muletas. Obrigado por perguntar — eu me forcei a responder e a sorrir, tentando manter

uma naturalidade que estava longe de sentir, e minha tentativa quase foi abaixo quando olhei para o namoradinho que a abraçava de modo possessivo. Tive que trincar os dentes para não dizer nada, quando na verdade queria dizer a quem ela realmente pertencia.

— Que bom. — Foi sua vez de forçar um sorriso. — Você se lembra de Paco? Se não me engano vocês se conheceram quando fomos para Roma.

Mia sabia muito bem que eu lembrava e ainda assim se fez de sonsa, o que não ajudou em nada meu temperamento. E o idiota também sabia sobre nós, especialmente pela maneira soberba que olhava para mim, como se quisesse me dizer que ganhara a garota, o que me irritou sobremaneira. Mas apesar de não merecer, ainda assim decidi ser superior, por Mia.

— Claro que lembro. — Estendi minha mão para cumprimentá-lo. — Como vai, Paco? — Fui educado, afinal, erámos alvo dos olhares atentos da nossa família e ele hesitou por instantes antes de me cumprimentar de volta.

— Muito bem, como pode ver. — Sua provocação foi marcada pelo beijo nos lábios de Mia e novamente me vi trincando os dentes, querendo desesperadamente socá-lo.

Filho da puta! Ele estava me provocando!

Quebrar sua cara de playboy mimado era o mínimo, eu queria acabar com a raça dele. Ele parecia querer esfregar na minha cara que ganhou a garota que perdera para mim quando nos conhecemos. Mas o que ele não sabia ainda era que eu não apenas a teria de volta, como também lhe provaria que ela nunca esteve disponível para ser dele.

— Que bom! Então aproveita e curta sua breve estadia no Brasil — fui cínico de propósito e a boca de Mia se abriu em choque, ao mesmo tempo em que ficou lívida quando percebeu a que eu me referia.

— Não se preocupe que vou aproveitar, afinal, pretendo ficar por muito tempo. — Sua resposta foi acompanhada de um sorriso cínico e também desafiador.

Filho da puta! Ele ia ver só!

Onde estavam a minha espinha dorsal e também meus ovos? Deviam ter se perdido no instante em que a deixei partir da última vez, afinal, eu costumava ser mais forte do que isso.

Estava prestes a explodir, mas mais uma vez tive que me segurar. Não poderia fazer uma cena diante de toda a família. Precisava ser mais inteligente do que isso. Paco definitivamente não estava ali para brincadeira, estava para jogar e não parecia se importar nem um pouco com o que sabia que eu significava para Mia.

Porém, ele não era a maior das minhas preocupações, nem mesmo o

considerava um concorrente, porque mesmo que confiasse no meu taco e no que tínhamos, eu tinha mais problemas para resolver com Mia do que medir nosso nível de testosterona.

— Vamos jantar? — minha mãe interrompeu nossa pequena e silenciosa competição de mijo, fazendo Mia resfolegar, nitidamente aliviada por levar Paco para longe dali.

Ah, ele ia voltar para o lugar dele: longe dali... longe de Mia!



— Você está feliz com aquele idiota?

Mia sentou-se na cama, inicialmente assustada com a minha chegada abrupta em seu quarto, horas mais tarde, e depois olhou para mim confusa. O jantar fora horrível, Paco pareceu determinado a me provocar em cada frase dita e, obviamente, eu não havia ficado nem um pouco feliz por isso. Mia pareceu desconfortável, mas também não fez nada para que ele se calasse ou nem tentou mudar de assunto. Por isso cheguei à conclusão de que, no fundo, essa fora sua pequena vingança.

Mas então, em vez de seguir para meu quarto, conformado com a derrota do primeiro embate, resolvi ir até seu quarto confrontá-la, quando percebi que toda a casa dormia. Inclusive o *asshole* do seu namorado, que dormia no quarto de Léo, que ainda não havia chegado dos Estados Unidos para as festas de fim de ano.

— O quê?

— Eu perguntei se é feliz com aquele *asshole*. — Esperei pela resposta e Mia sentou-se lá por muito tempo... quase como se estivesse realmente tentando pensar muito sobre o assunto e logo sua expressão se transformou quando se pôs de pé, quase como se ela se sentisse insultada.

— É claro que eu estou feliz com ele! Não que isso seja da sua conta, idiota! — E ela estava na defensiva.

— Claro que é da minha conta!

— Não é! Deixou de ser no dia em que me largou! — Apontando o dedo na minha cara, ela simplesmente se afastou, mas fui mais rápido e a puxei pelo braço, fazendo-a se chocar contra meu peito.

— Sei que você tem um milhão de razões para estar chateada comigo, eu entendo e me odeio por cada uma delas. Mas acredite, eu tenho mil razões para te abandonar e mesmo assim procuro por aquela única razão que me faz lutar com e por você: o amor que sinto e nunca vou deixar de sentir.

Boquiaberta ela me encarava, as palavras lhe faltaram, mas as emoções em seus olhos foram resposta suficiente para mim. Aproximei meu rosto do seu e ela não se mexeu, certamente pensou que eu beijaria sua boca, e, apesar de querer desesperadamente fazer isso, a maior prova do meu amor por ela foi não fazê-lo. Por isso fechei os olhos e beijei sua testa de forma demorada, provando com tal gesto o respeito que tinha por ela e, antes de me afastar, sussurrei:

— Eu vou embora agora, mas isso não quer dizer que vou deixar pra lá ou fingir que esqueci, agir como se não importasse. O que é verdadeiro volta. E quem tem que ficar, fica. E quando ficarmos juntos, será para sempre.

Beijei-lhe a testa uma outra vez antes de sair, mas eu esperava que ela soubesse que eu voltaria.



Na manhã seguinte sequer me preocupei em tomar café em família, como costumava adorar fazer. Sequer pregara os olhos durante a noite e apenas achei melhor ir antes que dessem por minha falta. Era o melhor a se fazer, afinal, apesar de ter dito que estava preparado para competir com seu namoradinho, eu não estava preparado para vê-la ao seu lado. E o jantar fora prova disso.

Apesar de já estar bem fisicamente, após o acidente, eu preferia não abusar e não dirigia quando não me sentia bem para isso, por isso que o motorista me levava para meu apartamento, que eu praticamente não usava desde então.

— Olá, seu Robério. Alguma coisa para mim? — indaguei para o porteiro no momento em que passei pela recepção do prédio.

— Bom dia, seu Henrique. As correspondências seu Thiago levou para seu apartamento ontem. No entanto, tem uma moça à sua espera.

— Quem? — confuso lhe perguntei, sem nem ao menos me dar conta da sua presença, coisa que só aconteceu quando se pronunciou:

— Eu.

Sua pele era morena, longos cabelos loiros, um rosto inocente e perfeito me encarava com emoção em conjunto com um belo sorriso. A jovem era linda, apesar das roupas simples, estava bem vestida e tinha olhos compassivos. Bonita como poucas que conheci, se eu não estivesse nesse tipo de situação que me encontrara com Mia e tão loucamente apaixonado por ela, eu provavelmente estaria flertando com a garota.

— Desculpe. Eu conheço você? — Eu estava de fato curioso e, quando ela sorriu um pouco sem jeito, me senti ainda mais confuso.

— Na verdade, não me conhece. Mas vim aqui à sua procura porque gostaria de te conhecer. Meu nome é Ana Renata.

Quatro anos atrás...

MIA

O tempo é tão contraditório, por vezes parece passar tão devagar e chega até mesmo a ser torturante, mas quando mais precisamos que perdure, mais rápido passa e foi exatamente isso que aconteceu com nos lindos anos de faculdade na Itália.

Assim que se graduou, Mariah decidiu voltar para o Brasil, quando Luca chamou-a para abrir seu próprio restaurante em um novo empreendimento dele, que ficava em Manaus. Eu estava muito feliz por ela, era o que sempre quisera, seu sonho, mas me senti tão triste quando decidiu partir, pois antes mesmo já sentia tanto a sua falta. Simplesmente não conseguia mais imaginar uma Roma que não tivesse Mariah nela.

Então seria estranho para mim e Lorena continuarmos naquele apartamento, sem ela junto conosco depois de quatro anos. Por mais que eu amasse morar na capital italiana, no fundo, sabíamos que também havia chegado nossa hora de partir. Eu não sabia dizer por que, mas eu tinha aquela sensação de dever cumprido, que talvez não tivesse a ver com meu diploma pendurado na parede.

Mesmo com vinte e três anos de idade, já trabalhando no meu primeiro emprego com carteira assinada, eu sabia que se não tivesse uma bolsa de estudos ou então pagasse do meu próprio bolso, meu pai não permitiria que eu continuasse longe de casa. Foi assim que depois de meses de espera, com o envio de alguns trabalhos meus na revista em que trabalhava, consegui uma bolsa para Pós-Graduação em Linguagem e Escrita Criativa, em Nova Iorque.

Lorena não precisou de muita chantagem emocional com minha madrastra, apenas disse que iria nem que tivesse que trabalhar. Bem, ela perdeu a chance de ficar calada, porque era isso que teria que fazer mesmo, caso quisesse ir morar comigo lá.

Quando dissemos a Zane que estávamos de partida, imaginei milhões de cenários e dramas da parte do nosso amigo, incluindo ele chorando ou até mesmo se jogando da Ponte Sant'Angelo. Mas o que não imaginei foi que ele ficasse em transe por vários minutos e por fim nos dissesse que iria com a gente.

Sim. Eu estava mais do que feliz!

No meu último dia de trabalho na revista, meus colegas fizeram uma festa de despedida no escritório. Surpreendendo a todos e a mim, até mesmo a minha chefe, mais conhecida por nós como Miranda Diaba Priestly, se emocionou em discurso sobre a minha saída. O que nos deixou chocados, porque nem mesmo sabíamos que ela era capaz de emocionar, pois imaginávamos que ela nem

mesmo tinha um coração. Recebi, inclusive, uma carta de recomendação, coisa que nem mesmo ousei pedir a ela, com medo de virar uma bolsa.

Depois de tudo decidido, em menos de duas semanas conseguimos organizar tudo que tínhamos pendente para fazer em Roma antes de partir. Foi uma sensação estranha estar com seis malas enormes e mais algumas caixas, que guardavam tudo que eu mantinha ali, enquanto olhava o vazio do apartamento, que foi minha casa por longos cinco anos.

— Mia, temos que ir ou vamos perder o voo — Lorena avisou, ao mesmo tempo em que o motorista do táxi e o nosso porteiro levavam nossas coisas para o carro alugado.

— Estou indo. Só preciso de um minuto — minha resposta foi dada sem eu nem mesmo tirar os olhos do vazio em que me encontrava.

Por mais um momento me deixei recordar de tudo vivido naquele lugar que me marcara tanto. Lembrei-me de quando estávamos apenas Luca, Henrique e eu assistindo a televisão nas nossas folgas da faculdade. Quando eles brigavam comigo por pendurar minhas calcinhas no banheiro. E quando brigavam comigo pela minha bagunça. Sim, eles brigavam demais com a minha pobre e inocente pessoa, eu sabia, mas foi incrível estar com eles, apesar de tudo.

Lembrei-me também de quando Mariah e eu ficamos três dias seguidos na casa de Zane, porque estava insuportável ficar no mesmo ambiente que Lorena e Caio, depois da reconciliação número 27 — sim, nós contávamos.

Foi impossível não recordar, também, de quando Lorena se esqueceu de desligar o bolo no forno que Mariah pedira para que fizesse enquanto estava no banho e havia tanta fumaça no nosso apartamento que até mesmo os bombeiros apareceram. Até que conseguíssemos entender o que estava acontecendo, saí correndo e gritando com uma mala cheia de sapatos, carregando minha bolsa Chanel, que era muito bonita para queimar em um incêndio.

Ou quando Mariah e eu, depois de muito tempo sem Henrique e Thiago, nos unimos no álcool e tomamos um pileque daqueles, onde juramos “amor eterno” a eles e na ressaca do dia seguinte prometemos uma para outra nunca comentar sobre isso uma outra vez. Fizemos até mesmo uma promessa, muito adulta, de cruzar com o mindinho para firmá-la.

Deus! Foram cinco anos com corpinho de dez!

Nunca fui tão feliz na minha vida como fui ali. Mas também passei pelos piores momentos naquele lugar. Foram tantas coisas vividas. Tantas histórias para contar. Coisas boas e ruins, que com certeza não caberiam em um livro, se eu resolvesse escrevê-lo. E chegara a hora de ir. Era tão estranho dizer adeus.

Com uma última olhada ao meu redor para aquele lugar que chamei de lar, limpei as lágrimas que derramara e finalmente bati a porta e saí, com a esperança

de ser mais feliz ainda do que fui. E seria.



A *Big Apple* nos recebeu com seu verão, e apesar de termos saído de Roma após anos morando lá, que tem um clima relativamente parecido com o novaiorquino, mais parecia um inverno para nós, brasileiros. Mas apesar da dolorosa partida da capital italiana, rapidamente nos adaptamos ao clima e também ao novo e imenso apartamento da *Fifty Avenue*, que papai comprara para quando fôssemos e também serviu de moradia para Léo durante sua estadia na cidade para pós-graduação em Columbia, após se formar em Harvard.

Havia poucos postos de trabalho que lhe permitiam trabalhar cinco vezes por semana, por três horas ao dia e que ainda por cima pagasse muito bem. Talvez não pudesse comprar *Louboutins*, *Chanel*, *Manolo's* ou qualquer grife amada constantemente, mas ainda assim poderia manter algumas roupas e sapatos decentes, além de, claro, conseguir me virar com o restante da minha mesada. Fora que eu estava falando da *Vogue*, o paraíso do mundo feminino, convenhamos que eu ficaria feliz de trabalhar lá até se fosse de graça.

Eu não tinha medo de trabalhar, afinal, havia começado desde muito cedo a modelar e participar dos concursos de *misses* não era apenas glamour, como a maioria costumava acreditar ser. Por isso não me incomodava de fazer hora extra até de madrugada ou nos fins de semana, e nem mesmo pegar as roupas da minha chefe na lavanderia, porque adorava fazer o que fazia e desde a primeira vez desde que escolhi o que fazer como carreira que me sentia realmente feliz com ela, não importava como o resto da minha vida estava uma merda, trabalhar em revista de moda era o que eu amava.

Chegar tarde da noite em casa, após passar o dia todo até mesmo sem comer, basicamente sobrevivendo a base de cafezinhos, tornara-se minha rotina, especialmente quando era época de fechamento da edição do mês.

Sequer conseguia me lembrar das outras coisas, quando tudo que eu desejava era chegar em casa, tomar um banho relaxante, esquentar uma coisa da geladeira ou com sorte encontrar uma nova e depois apenas cair na cama para descansar o máximo que pudesse, porque ainda cedo teria de estar de pé novamente.

Abri a porta para encontrar a escuridão no nosso imenso apartamento. Zane e Lorena certamente já haviam ido dormir, pois cedo também já deveriam estar em seus respectivos trabalhos, mas ainda assim era uma pena não estarem acordados, pois eu não conseguia me lembrar da última vez que pude estar com eles sem pressa. Na verdade, a última vez que os tinha visto fora no fim de semana, e tinha sido rápido e não fora o suficiente para matar minhas saudades.

Acendi a luz da sala para não esbarrar em nada e tomei um susto quando vi que Paco estava sentado na escuridão.

Que diabos!

— Porra, Paco! Que susto! — Levei a mão ao peito, que, de fato, batia disparado pela sua presença inesperada.

— Estava à sua espera — foi a única coisa que ele disse, enquanto eu ainda tentava me recuperar e colocava minha bolsa no criado e ia até ele para cumprimentá-lo.

— Não sabia que vinha. — Sentei-me no seu colo e, quando fui beijar sua boca, ele desviou.

— Mesmo, Mia? Nós combinamos de jantar, lembra? — Sua voz demonstrava claramente sua decepção e me senti culpada quando olhei para o lado e encontrei a mesa de jantar meticulosamente preparada.

Droga! Como pude me esquecer?

— Me desculpa, amor. Juro que esqueci. Mas eu estava tão ocupada com o fechamento da edição, que sequer tinha como me lembrar. — O pedido de desculpas era sincero, eu, de fato, não consegui me lembrar de que havia marcado qualquer coisa com ele, caso contrário jamais o deixaria esperando.

No entanto isso não lhe pareceu suficiente, porque ele me fez levantar do seu colo e se pôs de pé, enquanto ria com escárnio.

— Claro. Mais uma vez, porque caso não se lembre, você tem uma vida e um namorado fora da revista. Namorado este que está cansado de não apenas ser esquecido, mas também colocado de lado. — O aviso em seu tom de voz estava explícito: ele estava decepcionado. E eu sabia disso, porque não vinha sendo mesmo a mais companheira das namoradas e por isso não tentei falar novamente, sequer me defendi.

Paco continuou a andar de um lado ao outro, deixando claro sua frustração, e eu me sentia pior a cada segundo. Ele parecia pensativo enquanto andava pela sala que parecia pequena diante do seu tamanho e da minha falta de jeito de lidar com a situação.

Fiquei muda, à sua espera, apenas o barulho dos seus passos sobre o piso cortando o silêncio que se formara e parecia tão pesado diante de nós. Depois de um certo tempo, os olhos escuros dele finalmente voltaram-se para mim e fechei os meus, esperando pelo que viria, como se, no fundo, também soubesse que deveria me preparar para o pior.

— Mia, nos últimos anos, tudo que tenho feito é tentado ser o melhor namorado que posso para você. Me dediquei a esse relacionamento como nunca havia me dedicado antes, porque nunca senti por outra o que sinto por você. — Assenti, porque era verdade e eu não podia fazer nada além de concordar. — Eu

te amo, desde que te conheci que nutro essa paixão por você e deixei claro desde então. Por meses corri atrás de você e, quando finalmente ficamos juntos, fiz da minha missão fazê-la feliz. Até mesmo me mudei para cá, para estar ao seu lado, porque era isso que queria fazer.

— Eu sei.

— Sabe? Então por que não sinto que a recíproca é verdadeira?

Outra vez emudeci, uma parte minha querendo discordar e a outra, talvez a mais sensata delas, sabendo que ele estava certo. Eu sabia que, por mais que tentasse, que há muito tempo havia deixado de ser inteira e não podia me doar para ele sem estar completa.

Abaixei a cabeça um tanto envergonha, decepcionada comigo mesma e parando em minha frente, Paco levantou meu queixo para que olhasse em seus olhos.

— Mia, eu te pedi em casamento três vezes e você nunca sequer pensou, apenas disse não estar preparada. E a cada vez que negava, embora tentasse te entender e dizia aceitar, era como se cravasse uma faca em meu coração. Eu te amo tanto, que tenho suportado tudo isso apenas por causa do que sinto e da esperança de que um dia se sinta da mesma maneira por mim. Mas não posso mais ficar assim. Não posso mais continuar em um relacionamento em que você é meu mundo inteiro e eu não sou nada além de um estepe. Por isso que pela última vez vou te perguntar: Você quer se casar comigo?

Parei de respirar naquele instante e acho que ele também. E embora quisesse demonstrar firmeza em suas palavras, vi todo o sangue do seu rosto se esvair tamanha palidez que adquiriu, enquanto esperava pela resposta que mudaria nossas vidas. E por um tempo nenhum de nós disse nada.

Lágrimas começaram a escorrer pelo meu rosto enquanto ele se afastava. Paco havia interpretado meu silêncio. Ele sabia. Sempre soube o motivo das minhas recusas. Não havia mais dúvidas naquele instante, definitivamente assumi a culpa e dei minha resposta sem dizer uma só palavra.

— Adeus, Mia. Seja feliz — foram suas últimas palavras.

Sentei-me no sofá precisando de algum lugar para me segurar e cobri os olhos com as mãos, sem conseguir sequer olhar para Paco enquanto ele saía da minha vida para sempre. Eu era fraca demais para conseguir suportar mais uma partida. Quando a porta da sala bateu, comecei a chorar descontroladamente, porque eu não apenas o havia perdido, mas também perdido a chance de ser feliz com alguém que realmente me amava e fazia de tudo para me ver feliz.

— Burra, Mia. Muito burra! — falei para mim mesma, mais uma vez decepcionada comigo.

Era difícil demais saber que não podia ser outra pessoa para ele. Mas

embora estivesse arrasada por perder uma pessoa tão especial, eu sabia que havia feito a escolha certa. Simplesmente não podia fazer isso com ele. Não podia enganá-lo. Ele merecia mais de alguém. Alguém que o amasse com loucura. Paco merecia alguém inteiro. E esse alguém definitivamente não era eu.

Tempos atuais...

Capítulo 13

MIA

— Boa tarde, vim fazer as fotos para campanha da Dolce Carma — falei assim que me vi diante do balcão da recepção.

— Boa tarde — a recepcionista me saudou, mostrando seus dentes brancos perfeitos. — A equipe já está te aguardando no estúdio. É a terceira porta à direita.

— Obrigada — agradei, antes de seguir em direção ao local indicado.

Não era a primeira vez que eu me questionara sobre estar fazendo ou não a coisa certa, afinal, modelar era algo que eu não apenas havia deixado de fazer há muitos anos, como também não era o que eu gostava e muito menos gostaria de voltar a fazer nessa altura da minha vida.

E a cada passo novo que eu dava, tinha que lembrar que estava fazendo isso por Zane e Lorena. O misterioso sócio deles queria que eu fosse o rosto da marca deles e por mais difícil que fosse ir por esse caminho, eu seria a profissional que sempre fui e faria isso por eles.

O estúdio já estava repleto de gente quando adentrei o lugar logo depois. Equipamentos de fotografia estavam por toda parte, bem como funcionários correndo de um lado para o outro, tentando deixar tudo pronto para o momento. Um homem alto e careca, com um cavanhaque bem-feito, gritava ordens para eles, ao mesmo tempo em que conversava com Zane e Lorena, que pareciam animados.

No momento em que entrei, toda a atenção caiu sobre mim, e não importava quantas vezes já tivesse feito isso antes, o nervosismo era o mesmo de sempre, como se fosse a primeira vez.

Os dois vieram em minha direção, demonstrando a empolgação que eu estava longe, bem longe de sentir.

— Que bom que chegou! Estava começando a achar que você iria correr! — Os olhos verdes de Lorena me encaravam de modo divertido, e quando ela me abraçou, nitidamente aliviada, inevitavelmente deixou-me um pouco mais relaxada.

Sim, Mia. Por eles! Era por eles que estava ali!

— Estive bem perto de fazer exatamente isso. — Eles sabiam que eu estava sendo sincera e o sorriso que me deram em resposta me mostrava quão gratos estavam por eu não ter feito isso.

— Mas o que importa é que está aqui! Você vai arrasas, gata! — Foi a vez

de Zane me abraçar. — Vamos, vou te levar para maquiagem e cabelo. As meninas estavam ansiosas para sua chegada!

— Imagino que tanto quanto eu — fui irônica de proposito e Zane riu.

— Quanto tempo, Mia — o fotógrafo me cumprimentou enquanto andávamos e logo recordei-me de outros trabalhos que fizemos no passado, embora na época ele ainda fosse apenas um mero assistente, e recebi dois beijos no rosto. — Como vai, querida? — o seu sotaque carioca se intensificou quando me perguntou. Carlito Pereira era um fotógrafo talentosíssimo, famoso pelos trabalhos de editoriais para grandes revistas de moda. E também gay, o que se mostrou ainda mais evidente quando enrolou os braços no de Zane e o sorriso convencido dele só me provou que havia coisas ali que ele ainda não me contara. Ele era tão bonito quanto meu amigo, embora Carlito ganhasse em massa corporal, mas perdia em altura.

— Muito bem. Feliz de reencontrá-lo.

— Ainda mais bonita do que me lembrava. — Pegou minha mão antes de beijá-la. — Ainda nem acredito que você não seguiu carreira. — Largou Zane para me fazer dar uma voltinha. — Certamente teria feito mais fama que Gisele Bündchen.

Corei ante suas palavras e me vi abaixando a cabeça envergonhada e um tanto sem jeito. Embora como toda mulher eu ficasse feliz com elogios, quando o assunto era a profissão que não segui eu me sentia dessa forma. E claro que eu achava que era um exagero dele.

— Ahh! Para, querida! Você é linda demais para ter vergonha! — Ele me fez olhar de volta para ele, enquanto segurava meu queixo. — Estou falando sério e os grandes nomes da moda concordam comigo, afinal, para nós foi quase como a morte de Lady Di, quando você pendurou os saltos e decidiu se aposentar da carreira. — Novamente me vi corando. — Você não sabe a honra que é, para mim, marcar o retorno triunfal de Mia Guiotto. Tenho certeza de que todos morrerão de inveja de mim por registrar esse momento!

Vi-me chocada ante suas palavras e estava prestes a corrigi-lo, afinal, não tinha pretensão alguma de continuar na carreira depois disso, mas Zane pareceu perceber o estrago que eu faria no coração do famoso fotógrafo caso lhe dissesse a verdade, porque tratou de voltar a me empurrar enquanto falava:

— Carlito, preciso levá-la para maquiagem e cabelo. Afinal, não queremos nada menos do que a perfeição nessa campanha.

— Exatamente, e por isso não quero um grama de maquiagem nesse rosto perfeito — Carlito tratou de corrigi-lo. — Afinal, ela não precisa de nada além de um sorriso para ser bonita. Quero sua perfeição natural. — E, dessa vez, tanto Zane quanto eu nos vimos surpresos com o elogio, antes de seguirmos em

direção à minha preparação, que passou a ser apenas do cabelo.



— Nem acredito que finalmente vou conhecer o Mr. M — tagarelei, enquanto admirava meu cabelo no reflexo do espelho, um pouco mais volumoso que o normal e um tanto ondulado, me dando um ar mais sexy e ousado.

— Pois é. Tenho certeza de que vocês terão uma relação interessante. — Zane riu, como se tivesse sua própria piada particular, e alcei a sobrancelha, desconfiada desse papo, antes de vê-lo voltar a ficar sério. — Mas, mudando de assunto, você não falou mais com Henrique mesmo? — Arrumou sua sobrancelha no espelho em uma atitude nada casual e suspirei.

— Não sei o que eu teria para conversar com aquele idiota, Zane. Já pedi que Léo resolvesse essa questão da anulação. Sem criar alardes para nossa família, claro. É o certo a se fazer. — Sentei na cadeira quando o maquiador a apontou para mim. — Está claro que, mesmo depois de anos, ele ainda tem um relacionamento com a tal Ana Renata. Não serei eu a ficar no meio dos dois. — Esfreguei o lábio superior no inferior após o maquiador passar um gloss bem natural. — Além do mais, marquei de jantar com Daniel essa noite.

— Você tem que parar com isso. Parar de querer resolver essa situação colocando uma terceira pessoa, que por sinal é completamente inocente, na história — ralhou, me deixando sem graça, e ainda assim prosseguiu: — Sabe qual o maior problema dos dois? Não serem sinceros um com o outro fora da cama. Porque eu juro, caso fossem, já estavam casados há uns quinze anos e teriam pelo menos quinze filhos, vivendo seu felizes para sempre. Mas não, são tão orgulhosos e burros como uma porta! — bufou ao terminar, externando todo seu desagrado.

— Não é tão fácil quanto você acredita ser. — Engoli em seco, sentindo aquele aperto no peito que me era tão normal quanto respirar, quando se tratava de nós dois, e ele riu, embora tivesse saído um tanto forçado.

— Sabe, Mia, você é minha melhor amiga há doze anos e tudo que tenho ouvido nesse tempo todo é que você ama Henrique. Ou você odeia Henrique. Sei o quanto ele errou, o quanto te magoou, porque, acredite, eu estava lá e o odiei tanto quanto você fez. Mas ele não foi o único a errar, porque, para mim, o pior dos erros é errar apenas por medo de tentar. E você é a campeã nisso, porque na primeira oportunidade apenas vira as costas ou bate a porta na cara dele, sem nem ao menos lhe dar a chance de falar a verdade. Porque, no fundo, você é a verdadeira razão para hoje não estarem juntos.

E, dizendo isso, simplesmente saiu. Deixando-me ali com lágrimas nos olhos e uma dor ainda pior no coração.



Dive de Ed Sheeran tocava alto no estúdio, mas não a ponto de ser ensurdecedor, enquanto a equipe terminava os últimos detalhes do set, que mais parecia uma grande suíte de casal e eu ouvia as instruções de Carlito. Mas mesmo estando com quase tudo pronto, ainda estávamos à espera do Mr. M, que fazia questão de estar presente durante o ensaio.

— Ele está atrasado — Lorena falou, enquanto tornava a ligar para alguém, aparentemente, e bufava quando o celular chamava até cair na caixa de mensagem. — Juro que se ele não aparecer, vou matá-lo! — E saiu marchando em direção a não sei onde.

Foi nesse exato momento que as portas do estúdio se abriram, quase com um estrondo, e por elas passou ninguém menos do que Henrique, usando seu habitual terno e gravata sob medida.

O que ele estava fazendo aqui?

— Desculpem o atraso. Estava preso em uma reunião e acabei esquecendo meu celular no escritório quando saí correndo para vir — disse simplesmente, deixando-me de boca aberta, e olhei para Zane, que praticamente me segurava quando quase caí.

Como?

— Surpresa! — Fez cara de inocente, coisa que ele estava longe, bem longe de ser, e sorriu para mim, que estava para ter um ataque cardíaco completo ao vê-lo depois de tantos dias.

— Você só pode estar de sacanagem com a minha cara! — Ele deu de ombros, enquanto eu tinha vontade de quebrar sua cara bonita.

— Sim. Henrique é o Mr. M e sabia que você seria contra ele ser nosso investidor, especialmente quando ele queria desde o início que você fosse a cara da nossa marca. Agora vamos, Mia. Supere isso e vamos fotografar — Lorena sentenciou, deixando-me ainda mais irritada, enquanto me empurrava para o set.

Meu olhar ardia quando Henrique e eu nos encaramos. Tantos sentimentos passavam ali, especialmente o de traição, que não era exclusivo a ele. Todos esconderam de mim o fato de ele ser a pessoa que passei meses tentando descobrir quem era. E ele sabia disso, embora não tirasse os flamejantes olhos verdes de mim nem o sorriso convencido do rosto.

Filho de uma mãe, eu ia matá-lo! Juro que iria!

— Meu Deus! Vocês dois são perfeitos um para o outro. Acabei de ter uma ideia e quero mudar todo o conceito do ensaio! Eu preciso dos dois nessas fotos! — Carlito pulou empolgado demais para o meu gosto, enquanto olhava para nós dois.

— Nem pensar! — praticamente gritei.

— Claro que já pensei — o homem disse, rindo. — Vocês são o tipo de casal que vende!

— Não somos um casal! — tratei logo de corrigi-lo, enquanto Henrique ria.

— Não é isso que nossa certidão de casamento diz, *Miamor* — ele voltou a rir depois de falar, enquanto me via prestes a rosnar em resposta e também atacá-lo, porque eu não tinha sangue frio.

— Meu Deus! Fogo e gasolina! Amor e problemas, obviamente não sexuais, para resolver. É perfeito! É o ápice dos ápices! Donatella Versace chorará de emoção quando vir isso! — Carlito então me abraçou, enquanto implorava: — Por favor, por favor, diz que sim.

— Claro que a resposta é sim. Afinal, não há nada que minha querida esposa não faça para ver o sucesso da *Dolce Carma* — Henrique quem respondeu por mim e mais uma vez tentei me controlar, por isso decidi não discordar.

— Isso é maravilhoso! — Carlito comemorou, antes de se virar para o idiota e dizer: — E você precisa apenas de uma calça jeans e toda essa testosterona.

Ah! Henrique ia me pagar! Ah, se ia!



As roupas *Dolce Carma* eram bem modernas e seguiam a tendência da moda, com uma pegada mais formal, mas também para todos os tamanhos. Eram realmente fantásticas. Não apenas porque quem as tinham feito eram Lorena e Zane, ou que eu tivesse dado meus pitacos aqui e ali, mas vendo cada peça era impossível não se apaixonar.

Olhando-me no espelho fiquei emocionada diante do look. A primeira peça de roupa escolhida foi uma calça preta imitando couro, que moldurava minhas panturrilhas, coxas e também o bumbum, deixando-os modelados e ainda mais bonitos. O *body* rendado preto era transparente nos lugares certos, sexy, e a jaqueta da mesma cor de couro biker trazia um estilo meio motoqueiro e a bota de cano curto com um salto bem alto finalizava o visual.

Quando cheguei ao set dei de cara com Henrique, que me observava de maneira ardente. Carlito não estava brincando quando dissera que lhe bastava um jeans, pois enquanto me trocava, de alguma maneira, haviam lhe arranjado uma calça jeans e também uma bota preta.

Com o tronco desnudo, exibindo aquela quantidade absurda e tentadora de músculos, seu cabelo mais despenteado do que o normal, eu me via sem fôlego e também babando. Sua calça caía sobre os seus quadris, deixando à mostra um

pouco demais do “V” de seu abdômen, que indicava a direção para aquele caminho sem volta para o paraíso e também suas tatuagens, que eram as minhas preferidas. O que, decerto, deixou-me muito tentada a lambê-las.

Olha a vergonha na cara, Mia Guiotto!

Eu não era a única que babava, pois no estúdio parecia não haver um par de olhos que não estivesse nele, até mesmo os de homens héteros. Decidi que não deveria me importar, embora me importasse muito e estivesse olhando para o seu corpo de cima a baixo. Depois me vi lambendo os lábios, pois desde que fiquei de frente para ele que minha boca ficara seca em um instante.

Tentei tirar os olhos de Henrique, mas não consegui. Gostoso e delicioso demais para meu próprio bem, eu sabia que Henrique “*Fodidamente Gostoso*” Ferraz tinha o poder de produzir um terremoto dentro de mim. Embora eu odiasse isso com todas as forças.

E ele também era gostoso demais, eu já disse isso? Deveria ter mencionado vagamente esse fato, embora só precisasse aprender a ignorar esse pequeno detalhe.

Por que tudo que era proibido era mais gostoso? Por que Henrique Ferraz era de longe a promessa de encrenca mais deliciosa da minha vida?!

Senti-me tremer por dentro e por fora. Apesar de ter conseguido ignorá-lo com sucesso por semanas, mais precisamente por quase um mês, desde o casamento de Lorena e Caio, não havia nem mesmo meia hora que nos encontramos e ele já havia me tirado do eixo com apenas um olhar. Eu queria ser mais forte, imune a ele, porque embora o que eu sentisse ainda fosse intenso demais, e, mesmo querendo desesperadamente estar com ele, não poderia me deixar iludir por apenas um sorriso.

Já havíamos tentado por tantas vezes e me machucado por muitas, não poderia permitir que Henrique continuasse a mover minha vida. Eu tinha apenas que parar de permitir que ele fosse meu sol, aquele ao redor do qual meu mundo continuava a girar.

— Você está maravilhosa! — Seu sorriso de canto e cafajeste se intensificou quando me vi ao seu lado, mas fiz questão de olhar para qualquer lugar que não fosse ele.

— Obrigada. — Limpei a garganta para conseguir responder, estava um tanto quanto nervosa.

— Então tudo bem fazer isso comigo? — sua pergunta foi feita perto de mim. Perto demais para o meu próprio bem.

Distância, Mia. Imponha distância!

— Por que não estaria? — tentei soar firme enquanto falava, embora não tivesse tanta certeza de ter conseguido, enquanto dava um passo para longe dele.

— São apenas fotos, Henrique, nada de mais. — Aproximei-me dele quando as ordens se iniciaram e começamos a segui-las. — Sorrisos, caras e poses apenas. Não era como se estivéssemos gravando uma *sexytape* para jogar na internet. — Ele riu profundamente, fazendo coisas com minha barriga, porque eu sempre amava vê-lo rindo assim, mas logo seu semblante ficou sério.

— Eu nunca permitiria que uma *sexytape* nossa vazasse. — Ele me olhou de cima a baixo, seu tom tornando-se cada vez mais rouco e profundo enquanto prosseguia: — Se bem que fazer uma coisa dessas para manter guardado não seria má ideia...

Henrique tremeu com a sugestão, um brilho malicioso dominando seus olhos, que não saíam dos meus.

— Você é um idiota! — Soquei seu peitoral firme, tentando de alguma maneira esconder o quanto ficara abalada com esse comentário indecente, enquanto sua risada baixa e rouca arrepiava minha pele.

— Prontos? — Carlito gritou a pergunta.

— Saudades de ouvi-la gemer em meu ouvido. — Ele apertou minha cintura como ordenado, enquanto sussurrava bem próximo a mim: — De te arrancar gritos de prazer. — Beijando a pele exposta bem abaixo da minha orelha, ele me apertou contra si, enquanto me vi parada, completamente chocada.

Que merda ele estava fazendo?

— Isso! Isso é muito melhor do que eu queria! — Carlito gritava enquanto os cliques de sua câmera e flash pareciam não parar, embora eu não fizesse ideia do que quisesse dizer com aquilo.

A música mudou para *Friends*, também de Ed, de alguma forma fazendo do clima já ardente ainda mais sensual, porque ela parecia contar a nossa história.

*Não somos, não, nós não somos amigos
Nem nunca fomos
Nós apenas tentamos manter esses segredos à luz
Mas se eles descobrirem, tudo vai dar errado?
E o céu sabe, ninguém quer isso*

*Então eu poderia tomar o caminho de volta
Mas seus olhos vão me levar de volta pra casa
E se você me conhece, como eu te conheço
Você deve me amar, você deve saber*

*Amigos apenas dormem em camas separadas
E os amigos não me tratam como você trata
Bem, eu sei que há um limite para tudo
Mas meus amigos não me amam como você
Não, meus amigos não me amam como você*

*Nós não somos amigos
Nós poderíamos ser qualquer coisa, se nós tentarmos
Para manter esses segredos seguros
Ninguém vai descobrir
Se tudo deu errado
Eles nunca saberão
O que nós passamos*

— Venham — Carlito disse simplesmente, levando-nos para o divã. — Quero que fiquem de joelhos. Henrique, fique atrás dela. — Ele riu, um tanto nervoso, e parecia suar um pouco também. — Meu Deus! Vocês são tão quentes juntos que estou me sentindo um pouco *bi* e quero me jogar em um *ménage* com os dois! — Henrique gargalhou, embora eu tivesse ficado um pouco chocada.

— Assim está bom? — Henrique juntou seu corpo ao meu ainda mais, me apertando contra ele e deixando-me sem respirar.

SE-NHOR!

— Perfeito! Do jeito que já começaram, não sei se precisam de instruções, mas confiem em mim, sairá DI-VI-NO!

— Não sei... — balbuciei, um tanto trêmula pela proximidade de Henrique, talvez um pouco mais de espaço fosse mais seguro.

Não! Definitivamente, não confiava era em mim mesma para resistir!

— Pode confiar, Carlito. Eu e Mia vamos fazer o que desejar!

Claro que sim. Porque sou uma idiota e não conseguia resistir a ele!

— Tudo bem. — Respirando fundo me forcei a sorrir.

— Ótimo! — Carlito voltou para sua posição na câmera. — Podemos retornar! — Tirou uma foto e mais duas. — Segura sua cintura, Henrique. Isso, aproxime seu rosto do pescoço dela. Pensem estar se seduzindo com um olhar e façam o que sabem fazer!

Um pouco fora de mim, pela primeira vez sem saber como agir diante de uma câmera, me vi forçada a esquecer o pessoal e ser a profissional que sempre fui. Olhei para Henrique como ordenado e a forma com que ele me encarava não parecia ser nada ficcional.

Oh, Deus! Definitivamente, eu estava fodida!

Suas mãos deslizaram pelo meu corpo, então senti-as se enredar pela minha pele quase desnuda encoberta pelo body rendado. Uma de suas mãos segurou o cócs da minha calça e infiltrava-se ali, fazendo-me estremecer pelo ataque inesperado. Então círculos sobre minha pele um tanto sensível me deixaram entregue, e naquele momento não me importei que ele percebesse o quanto ainda mexia comigo.

É só por causa da campanha, claro!, repetia para mim mesma.

A música que tocava e os cliques da câmera eram as únicas coisas a serem ouvidas, além das nossas respirações descompassadas.

— Isso! Meu Deus! Eles arrasam! — Carlito dizia emocionado. — Agora segure os cabelos dele com força, Mia. Como se fosse puxá-los!

Obedeci, colocando minhas mãos em seus cabelos, aproximando seu rosto do meu. Henrique tinha seus olhos fechados, mas seus lábios entreabertos, e o aperto das mãos grandes era quente e tentador. Nós dois sabíamos, embora seguíssemos as ordens dadas, que não estávamos posando. Era real. Éramos apenas nós dois, entregues à paixão e ao tesão que sentíamos um pelo outro. Esses sentimentos arrebatadores independentes de qualquer coisa.

Quando meus dentes mordiscaram seu queixo, um som primitivo quase lhe escapou da garganta, embora eu ainda tivesse escutado. Ele então começou a tirar minha jaqueta com lentidão, suas mãos ásperas roçando levemente em minha pele, deixando-me em brasa. Seu nariz deslizou no meu, seus lábios cada vez mais próximos dos meus também, um simples roçar tentando-me e me levando próximo à ebulição.

— Isso! Isso! Isso! — Carlito dizia por cima da música, mas quem poderia prestar atenção em qualquer coisa que não fosse Henrique? Ele logo tomou meu lugar no sofá, antes de me segurar pela cintura quando me colocou sentada em cima dele.

— Curve suas costas.

Não sei por que, mas fiz o que Henrique me mandou, ainda assim preendi a respiração quando sua boca encontrou minha cintura, ainda encoberta pela roupa transparente. *Body* este que não me ajudava em nada e eu podia sentir cada gesto úmido seu.

— Agora sinta meus lábios em sua pele. Pense em tudo que posso fazer ao despi-la — continuou a falar, enquanto eu fechava os olhos, entreabrindo os lábios e me entregando ao seu pedido.

Foi nesse exato momento que senti a luz ainda mais próxima de nós dois e lembrei-me de onde estávamos. Mas isso não foi o suficiente para pará-lo, pois, me puxando de volta para si, seu rosto ficou contra o meu pescoço, sua respiração quente me causando sensações que eram mais do que inconvenientes no momento e ambiente que nos encontrávamos, especialmente quando tínhamos uma plateia nos observando.

Ainda assim sentia-me quente. Meus seios pesados, a respiração descompassada, o sangue correndo rapidamente em minhas veias, tudo isso causando em mim algo que apenas ele parecia capaz de apagar. E ouvir os batimentos de seu coração, sua respiração descompassada sussurrando em meu ouvido, demonstrando claramente que eu não era a única afetada, não me

ajudava em nada.

— Isso, meu casal. Maravilhoso! — E mais cliques e flashes. — Agora quero que Mia troque de roupa e Henrique... — Quando me pus de pé, com um sorrisinho de canto, ele olhou por tempo demais para o cara que me fazia quente. — Apenas continue assim.

Merda! Esse era o problema!



Alguns minutos mais tarde, eu usava um vestido preto que seguia o mesmo estilo do anterior, de couro preto colado ao corpo, e calçava dessa vez uma bota de cano longo, mas com um salto tão alto quanto o anterior. E acho que eu poderia estar usando uma burca e ainda assim me sentiria sexy pela forma que Henrique me olhava.

— Acho que não precisam de minha instrução. Vocês dois têm uma química pela qual é impossível não se apaixonar. Apenas continuem fazendo esse sexo tântrico que está deixando todo mundo aqui louco para estar no meio de vocês — Carlito disse, arrancando algumas gargalhadas no estúdio.

— Ei, eu não! — Lorena protestou, antes de revirar os olhos. — Ok. É mentira. Mas só se Henrique não fosse meu irmão, claro.

Respirei fundo outra vez, tentando muito não surtar. Eu não precisava olhar para Henrique para saber que ele estava gostando daquilo tudo.

— Por favor, podemos continuar? Hoje tenho um jantar que não posso perder. — Sorri sem jeito, tentando demonstrar uma confiança que estava longe de sentir.

— Sim. Vamos prosseguir. Só vamos precisar de mais algumas com os dois juntos e amanhã daremos prosseguimento às fotos com outros looks, mas, no caso, você estará sozinha nelas. — Resfoleguei aliviada, porque não sabia se conseguiria sair viva de mais uma sessão como aquela. Ele acenou para Henrique, que me chamou com sua mão, com aquele olhar preguiçoso e perigoso demais de quem está prestes a dar o bote.

— Jantar é? — sua pergunta foi feita quando segurou minha mão e me puxou para ele.

— Isso. Quero os dois em pé, você, Mia, de costas para ele. — Carlito recitava as ordens.

— Com quem? — tornou a me questionar, quando seus dentes encontraram a pele do meu pescoço e um som lânguido me escapou.

— Não é da sua conta. — Inverti nossa posição e deslizei minhas mãos pelo seu peitoral, antes de arranhar seu abdome com as unhas e foi sua vez de gemer.

— Meu Deus! Perfeito! Perfeito! — Carlito gritava, desatando a fotografar

o momento, enquanto meus lábios fizeram um caminho de beijos suaves pela pele das suas costas e pude ouvir seu grunhido baixinho. — Agora quero você na cama, Mia, e ele em cima de você.

Engoli em seco, definitivamente não esperava por nada disso quando aceitei fazer essas fotos, mas ainda assim concordei quando olhei para Zane e Lorena, que me deram um sorriso encorajador, e respirei fundo, tentando não surtar. Quando estava deitada, como ordenado, Henrique se posicionou em cima de mim e, quando o vi vindo em minha direção, meu nome se tornara parada respiratória.

Com seu corpo sobre o meu, ele poderia certamente me esmagar com facilidade devido ao seu tamanho, embora eu receasse que isso fosse a última coisa que eu parecia sentir. Seus olhos viajaram para cima e para baixo do meu corpo, do mesmo jeito que suas mãos faziam, deixando-me sem conseguir fazer nada além de ficar entregue.

Toda vez que ele olhava para mim, era como se estivesse me vendo pela primeira vez, e a paixão nos olhos dele me fez tremer novamente. Nosso desejo estava ali, impossível de se ignorar... como as Kardashians.

Meu Deus! Isso lá era hora de pensar nas Kardashians?

— Se eu soubesse que faríamos um ensaio de filme pornô, teria cobrado um cachê mais alto que o da Dakota em Cinquenta tons de Cinza — sussurrei para que apenas Henrique pudesse ouvir, e ele riu baixinho, antes de responder:

— Apenas confessa que está gostando.

Jamais! Preferia morrer seca e sem uma Gucci!

Começou a tocar *What Hurts the Most* de Rascal Flatts logo em seguida, e quando Carlito pediu, Henrique ficou de pé e me puxou para os seus braços. E, porra, era foda tentar ignorar o fato de que eu parecia me encaixar perfeitamente contra ele. Eu rezei para que ele não estivesse ouvindo a música. Que ele não entendesse e muito menos que usasse daquele momento como pedido de desculpas pela sua traição. Puxando-me ainda mais para perto dele, embora negasse, enquanto as palavras da canção tocavam eu queria tanto poder dizer alguma coisa a ele.

Eu consigo aguentar a chuva no teto desta casa vazia, isso não me incomoda

Eu posso pegar algumas lágrimas agora e apenas deixar elas rolarem

Eu não tenho medo de chorar

De vez em quando, mesmo pensando que continuar sem você me chateia

Há alguns dias

Como agora e novamente, em que eu finjo que estou bem, mas não é isso que me incomoda

O que mais machuca foi estar tão perto

E ter tanto pra dizer

*E ver você indo embora
E nunca saber, o que poderia ter sido
E não ver que amar você
É o que eu estava tentando fazer*

*É difícil lidar com a dor de perder você em todo lugar que eu vou
Mas eu estou fazendo isso
É difícil forçar o sorriso quando eu vejo nossos velhos amigos e estou sozinho
Ainda mais difícil, me levantar, trocar de roupa, viver com esse arrependimento*

*Mas eu sei que se pudesse fazer isso novamente
Eu trocaria, daria todas as palavras que eu salvei em meu coração, que eu deixei não ditas*

*O que mais machuca, foi estar tão perto
E ter tanto pra dizer
E ver você indo embora
E nunca saber, o que poderia ter sido
E não ver que amar você
É o que eu estava tentando fazer*

*O que mais machuca, foi estar tão perto
E ter tanto pra dizer
E ver você indo embora
E nunca saber, o que poderia ter sido
E não ver que amar você
É o que eu estava tentando fazer*

*E não ver que amar você
Isso é o que eu estava tentando fazer?*

— Mia, segure o rosto dele e continue arranhando sua pele com as unhas.
— Acordei do meu torpor e obedeci. — Quero selvageria — Carlito nos instruiu e eu tive que rir, um tanto forçado, admito.

— Estamos falando de tapas e socos? Porque, sério, posso fazer e ficarei bem feliz em trabalhar com isso. — Tornei a rir e Henrique fechou a cara, nitidamente irritado.

— Concentre-se — rosnou, antes de pressionar seu corpo contra o meu outra vez.

Henrique tinha que parar de me desestruturar dessa maneira, não era fácil, para mim, fazer nada daquilo, especialmente em se tratando dele. Fechei meus olhos, tentando buscar a força que precisava para continuar e ainda assim sabendo que falharia miseravelmente. Ele lentamente me empurrou contra a parede. O que agradei silenciosamente, porque eu precisava de algo para me ajudar a ficar de pé diante das minhas pernas que fraquejavam debaixo de mim.

A próxima música era uma versão remixada de *Give me love* e em diversos momentos repetiu a frase “*Tudo que quero é o sabor que seus lábios permitem/*

Minha, minha, minha, minha, oh, me dê amor...”que certamente era para terminar de foder comigo e Henrique ainda repetia a letra para mim, enquanto eu era atacada deliberadamente pela minha tortura.

— Prontinho. — O fotógrafo finalmente encerrou e resfoleguei quando todos ao nosso redor bateram palmas. Não esperei para empurrá-lo, antes de sair de perto dele. Precisava de distância. — Parabéns, Mia. Como sempre, você foi espetacular. Podem se preparar, porque depois que essas fotos forem divulgadas, seus telefones não irão parar.

— Obrigada. — Sorri, agradecida ao abraçá-lo. — Mas na verdade pretendo continuar aposentada. Só resolvi fazer essas fotos por causa de Zane e Lorena. Apenas. — Achei por bem lhe dizer a real e, como suspeitei, ele empalideceu diante da minha resposta.

— Isso não pode ser verdade. — Ele estava chocado e, quando viu que não neguei, pude ouvi-lo limpar a garganta, quase como se estivesse prestes a chorar. — É realmente uma pena. Um talento como o seu nós só vemos uma vez a cada encarnação — lamentou e novamente me vi sorrindo para ele.

— Eu acho que minha missão nessa deve estar cumprida então. — Foi sua vez de sorrir, embora dessa vez parecesse um pouco triste.

— Foi muito bom trabalhar com você, minha linda. Obrigado por me dar esse prazer. Estou ansioso por mais fotos amanhã, que sei que não sairão menos do que um arraso. Sua mãe certamente ficaria orgulhosa do que conquistou. — Carlito então me beijou o rosto, parecendo completamente alheio ao que seu comentário me causara, antes de se virar para Henrique. — Você foi fabuloso também. Se eu fosse essa moça, não o deixaria escapar.

— Ela não tem escolha e muito menos motivos para se preocupar com isso. — Henrique já estava com uma camisa quando lhe respondeu.

— Eu acho que vou trocar de roupa, porque, como disse, tenho um compromisso assim que sair daqui.

Não esperei por uma resposta dos dois, apenas corri para o banheiro e, assim que me encarei no espelho, pude ver que eu estava mais pálida do que o normal. Se estar com Henrique já era o suficiente para me pôr nervosa, falar sobre minha mãe ou apenas mencionar seu nome me deixava ainda mais.

Merda! Por que tinham que lembrar-me dela?

Com minha bolsa no balcão do banheiro, peguei a nécessaire e retirei a maquiagem de lá, antes de começar a usá-la em meu rosto, ignorando todas as semelhanças que via no reflexo do espelho. Em minutos eu tinha uma nova aparência e não podia fazer nada além de agradecer a Deus pelo poder que a maquiagem nos proporcionava.

Depois de trocar as belas roupas da coleção da *Dolce Carma* pelas minhas,

estava prestes a sair do banheiro quando meu celular tocou.

— Alô — atendi, sabendo de quem se tratava.

— Oi. Está pronta? Já estou aqui embaixo do prédio que você me enviou a localização. — Sorri para mim mesma quando Daniel terminou de falar.

— Já sim. Estou descendo.

Tentei sair sem falar com mais alguém e não sei como, mas consegui entrar no elevador e cumprir tal façanha. Daniel me esperava encostado no seu elegante carro esportivo quando cheguei ao saguão do térreo. Ele parecia tão bonito em seu terno sem gravata e, depois de tanto tempo sem vê-lo, foi como se seu sorriso trouxesse um pouco da calma que eu precisava desesperadamente sentir depois de tanta tempestade.

— Oi, linda. — Ele me recepcionou com um beijo no rosto e sorri com seu frescor. Mas no momento em que achei que estava tudo bem, olhei por sobre o ombro dele e foi quando vi que Henrique nos encarava.

Achei que sentiria alguma coisa e senti, especialmente porque ele não estava sozinho. E alguma coisa me dizia que aquela mulher linda ao seu lado era Ana Renata.



Não foi fácil passar por aquele dia depois de vê-lo com a mulher que não fora a responsável, mas tivera um papel importante no nosso término nas últimas duas vezes que nos separamos. Ainda assim eu ignorei tudo e passei por aquela noite com louvor.

Foram preciso mais dois jantares para Daniel e eu reatarmos e uma viagem de fim de semana para que eu finalmente acabasse com meu medo de dizer “sim”. E foi assim que, depois de tanto tempo fugindo de casamento, voltei de Angra noiva dele.

A mãe de Daniel, suas irmãs, tias e minha dinda não paravam de falar sobre o casamento durante o jantar de noivado. Pela minha sogra, faríamos uma enorme e suntuosa festa de casamento, com direito a utilização do salão Norte do Copacabana Palace, com muito champanhe, flores, uma centena de convidados e um vestido que precisasse de ajuda para passar pela porta.

Eu deveria estar feliz. Deveria estar sorrindo. Afinal era minha festa de noivado e qualquer mulher em meu lugar estaria feliz por ter um homem maravilhoso como Daniel ao seu lado. Achei que estava tudo bem. Que estava certa da minha decisão, no entanto, lá estava eu, usando um sorriso automático durante a festa, pois mal conseguia respirar.

O que eu estava fazendo?

Não sabia dizer. Na minha tentativa desesperada de esquecer de uma vez

Henrique, acabei voltando a namorar Daniel e, quando vi, aceitava o pedido de casamento que ele me fizera antes que rompêssemos naquele dia na fazenda.

Não havia jeito, vivia naquela noite uma situação em que eu mesma me colocara, sem ter a certeza de que era mesmo a coisa certa a se fazer. Exatamente por isso, depois de o meu pai e sogro mencionarem a palavra “netos”, no plural, devo ressaltar, pedi licença e fui tropeçando na direção do escritório do meu pai. Ar... Precisava respirar e precisava de um tempo de toda aquela maluquice.

Seria possível passar o resto da vida amando duas pessoas?

Tinha tantas coisas erradas acontecendo. Para começar, eu estava completamente errada de ter levado isso até ali, quando tinha tantas coisas a resolver antes. Principalmente porque, apesar de ser apaixonada por Daniel, ainda assim tinha certeza de que ele merecia alguém que realmente o amasse e o fizesse feliz. Que não tivesse seu coração dividido por outro homem, apesar de tudo. Alguém que certamente não era eu.

Quantas vezes o magoei sem que soubesse? Nunca tive a intenção, mas o traí diversas vezes, não no sentido literal, mas, sim, porque nunca fui definitivamente dele. Fora que assim que nos separamos, literalmente minutos depois, acabei voltando a ficar com Henrique e ainda por cima me casei em uma noite desregrada de bebedeira.

Eu me sentia péssima. Eu era uma pessoa horrível. Daniel não merecia nada disso. E ainda assim lá estava eu, dando para trás na noite da nossa festa de noivado.

A porta do escritório se abriu e fechou, revelando um Henrique parecendo extremamente ferido enquanto olhava para mim.

— Pensei que você tinha dito que não viria — consegui encontrar minha voz para falar, depois de nos olharmos por um tempo que me pareceu infinito.

— Eu não vinha. Mas não consegui ficar em casa e deixar isso acontecer. — Suspirou. — Mia, não faça isso. Por favor — pediu assim que ficou de frente a mim.

— Henrique, por favor... — implorei não sei pelo quê, sentindo meus olhos se enxerem de lágrimas.

— Mia, eu te amo. Você pode negar quantas vezes quiser, mas sei que me ama também. Durante os últimos anos tivemos nossos desencontros e admito o quanto errei. Tenho completa ciência disso e acredite em mim quando digo que me arrependo todos os dias. Queria ter feito diferente, mas não pude... Mas antes tarde do que nunca. Quero fazer agora. Por que você não pode nos dar mais uma chance? — Sua pergunta foi feita beirando o desespero.

— Eu não posso — consegui responder chorando, não querendo mais que ele dissesse qualquer coisa.

— Por quê? Por que você é orgulhosa e mimada? — Ele estava irritado, mas resolvi ignorar isso.

— Não. Eu não posso porque cansei de me magoar por sua causa! — acabei perdendo a calma e gritei. — Cansei de sofrer cada vez que você prioriza qualquer coisa ou alguém, em vez dos seus sentimentos por mim. Cansei de ser traída e abandonada! — Minha voz continuou a subir ainda mais enquanto cada palavra era dita.

— Eu nunca abandonei você — tentou se defender e tive que rir desse absurdo, mesmo que não achasse nenhuma graça.

— Você não pode estar falando sério! Claro que abandonou! Nos últimos nove anos só isso que tem feito comigo!

— Nunca abandonei você! Nunca! Porque não poderia fazer isso! — repetiu e estourei:

— Mesmo? Onde você estava quando decidiu ficar no Brasil, em vez de voltar para Itália comigo? Então com quem eu estava, quando meses depois te dei mais uma chance, apenas para você desistir de casar comigo, e eu voltei grávida para Roma? Você estava comigo quando desmaiei e acordei numa poça de sangue, quando sofri um aborto e quase morri? Não. Eu estava sozinha. Porque você me deixou sozinha! — o grito indignado e doloroso ao me lembrar desse momento rasgou minha garganta enquanto ele olhava para mim em choque.

— Vo-você... — gaguejou. — Você perdeu um filho meu? — perguntou já com lágrimas nos olhos, que decidi ignorar, assim como por tantas vezes ele fez comigo, com nosso amor.

— Sim, Henrique! Tive um aborto com dezoito anos. Sozinha. Em um país distante, longe da família, eu quase morri, sabia? E sabe por quê? Eu estava tão infeliz, tão arrasada, apenas porque você mais uma vez voltou atrás e abriu mão de ficar comigo — confessei aos prantos, a raiva e a dor vibrando em cada parte de mim.

— Mia, se eu soubesse...

— Se você soubesse o quê? Nada! Não mudaria nada! Você teve a chance de fazer isso tantas vezes e nunca fez. A única coisa que sabe fazer é me deixar e fazer sofrer!

Essa era a verdade. Ele sempre me deixara. Sempre arranjava uma maneira de me magoar e fazer isso acontecer. A verdade era que ele nunca fora homem o suficiente para admitir que me amava, para assumir o que tínhamos e viver por mim, lutar por nós. Mas, ainda assim, chegar a essa conclusão não fazia mais fácil toda essa situação.

— Isso tudo é culpa minha. Eu nunca abandonaria você — ele disse

chorando, enquanto andava de um lado ao outro.

Comecei a chorar também. A dor da perda do nosso filho, mesmo que há tantos anos, viera com toda força. Uma parte de mim queria tanto poder confortá-lo, mas, ao mesmo tempo, eu queria que ele sofresse e se machucasse tanto quanto fui machucada e ainda era. Queria que sofresse tanto quanto sofri naquela noite, em que uma parte de mim morreu também, e em todas as noites desde então. De certa forma, durante todos esses anos eu o culpava por tudo que me aconteceu.

Mas poderia mesmo?

Sentindo-me cada vez mais fraca, fiquei de joelhos no chão e comecei a chorar ainda mais, chorar por tudo que não havia chorado, por tudo que havia segurado. Minha respiração engatou na minha garganta e o ar me faltou. Era como se inexoravelmente estivesse revivendo tudo que vivi ou senti naquela noite e nas seguintes.

— Você está sentindo alguma coisa? — Henrique perguntou preocupado, imitando a minha posição.

— A dor... Eu não consigo respirar quando começo a lembrar aquele dia — confessei, embora minha voz estivesse falha e difícil.

— Mia, só respire. Por favor. Respire. Se você não estiver bem para me contar agora, eu espero.

Concordei. Mas sabia que eu precisava de um encerramento quanto a isso. Henrique também. Talvez, se eu compartilhasse os meus sentimentos, se dividisse tudo com ele, de alguma maneira fosse doer menos.

— Eu não estava me sentindo muito bem, depois que você disse que não queria mais ficar comigo. Voltei para A Itália e ignorei todos os sintomas do que estava acontecendo. Eu estava sozinha aquela noite. Dei pausa no filme e estava saindo da cozinha quando aconteceu. A minha sorte foi que Zane resolveu vir me checar, como sempre fazia desde que eu voltara, e me encontrou desacordada em uma poça de sangue, antes de me levar para o hospital. Fiquei dias internada. Os médicos disseram que foi um milagre eu ter chegado ainda viva e sem nenhum dano maior causado. Mas eu... eu o perdi! Simplesmente perdi o meu bebê. Meu anjo. — Tornei a chorar, apontando para a tatuagem desenhada em meu pulso, que eu fizera em sua homenagem, e ao contrário do que achei que aconteceria, aquela dor me dominara outra vez. Henrique me abraçou, chorando também, como se quisesse me consolar, embora também precisasse ser consolado.

— Oh, meu Deus! Por que não me ligou? Eu teria pegado o primeiro voo para Roma e teria ficado com você. Juro que não a teria deixado ficar sozinha! — Ele não tentou esconder que também chorava e eu neguei com a cabeça, antes de me afastar.

— Zane tentou me convencer a fazer isso. Mas eu não podia suportar te ver. Sentia ódio de você... de mim. Só conseguia pensar que perdi o filho que eu estava carregando e nem mesmo sabia. Eu te culpava também, porque na minha cabeça, se você estivesse comigo seria diferente. Não estaria deprimida e não teria perdido. Teria forças para mantê-lo em meu ventre. E por mais que eu não soubesse que estava grávida, até isso acontecer, é como se uma parte de mim tivesse morrido há oito anos... E morreu.

Henrique levantou a cabeça e olhou para mim com os olhos cheios de lágrimas não derramadas. Eu sabia que ele estava sofrendo e se sentindo culpado também. Mas decidi que não me importaria. Não podia me importar.

— Não vou deixar você de novo, Mia. Eu nunca vou deixar você de novo. Eu prometo — garantiu e chorei ainda mais, porque se o propósito das suas palavras fora aliviar a minha dor, o tiro saía pela culatra, porque me doía ainda mais.

— Não... Vá embora! — Eu me levantei após gritar, precisando desesperadamente me afastar.

— Não estou te deixando, Mia. Não mais. — Ele se pôs de pé também antes de prosseguir: — Você pode gritar e gritar o quanto quiser, mas nunca vou sair do seu lado novamente. Não importa se você vai me dizer que não me ama. Sei que me ama e isso é tudo que me importa.

— Henrique, não faça isso. Apenas vá! Você fez sua escolha há muitos anos. Não importa que nós tenhamos perdido um filho. Não importa que a gente tenha se casado em Vegas. Tantas coisas nos separaram durante esse tempo todo... simplesmente não dá mais.

— Sei que fiz escolhas erradas. — Ele parecia desolado, inconformado quando prosseguiu: — Sei que essas mesmas escolhas podem tê-la feito sofrer, eu sei e me sinto culpado, porque se não tivesse terminado com você novamente, há oito anos, teríamos nos casado como eu sempre sonhei e teríamos a chance de ter tido esse filho que perdemos. Por minha causa, eu só fiz a mulher que eu amo sofrer. Por minhas decisões, você perdeu o meu filho... Isso dói. Demais. — Aos prantos, bateu com força no próprio peito.

— O que vocês disseram? — a voz do meu pai cortou o que eu diria e nós dois olhamos para encontrá-lo parado na porta, completamente aturdido.

Eu estava chocada demais para responder, ou mesmo me mexer. Olhei para Henrique, e ele percebeu o pânico em meus olhos, porque me segurou no exato momento em que senti minhas pernas fraquejarem.

O momento pareceu passar em câmera lenta. Nós não falávamos. Ninguém sequer piscava. Até que a dor no rosto do meu pai e seu movimento involuntário de segurar o local no peito onde ficava seu coração chamou nossa atenção.

Antes que sequer pudéssemos reagir, meu pai caía no chão e Henrique corria para ajudá-lo. Tudo parecia irreal. Depois de anos de terapia e controle sobre meu problema, eu sentia o ataque de pânico vindo, ao mesmo tempo em que a voz de Henrique me chamava ao longe.

Eu precisava acordar e fazer alguma coisa para ajudar. Não podia deixar meu pai morrer. Mas como fazer isso quando eu não conseguia respirar? Eu não podia respirar...

Mova os pés, mova!

Juntando toda a força que consegui, saí correndo do escritório para buscar ajuda para o meu pai. Não precisei de muito, pois assim que passei pela porta do escritório esbarrei em Daniel.

— Mia... Mas o q...

— Ajuda meu pai, Daniel. Ajuda ele, pelo amor de Deus! — implorei e, ainda que assustado com a minha reação exacerbada, ele assentiu antes de ir atender meu pedido.

HENRIQUE

Os minutos seguintes passaram em um borrão. Daniel prestou os primeiros socorros para meu dindo ali mesmo no escritório e em seguida ele foi levado para o hospital, onde seria atendido como deveria e precisava depois do acontecido.

Não precisava dizer que a maldita festa de noivado foi para o espaço e desde então estávamos na sala de espera do hospital por notícias do homem que nos amava incondicionalmente e fez da sua missão de vida ser o melhor homem e pai.

Mia ainda parecia perdida desde o ocorrido. Chorava em silêncio, certamente sentindo-se culpada e com medo do que poderia acontecer. E embora eu quisesse desesperadamente abraçá-la e também consolá-la, algo forte me impedia de fazer o que eu vinha fazendo a vida toda.

Eu queria chorar. Queria gritar. A culpa me corroía pelo que meu dindo passava. A culpa pelo que fiz com Mia durante todos esses anos. A culpa pela perda do filho que nunca tive a chance de conhecer, abraçar e sequer cheirar... Culpa. Culpa. Era a maldita culpa me corroendo para todos os lados. Eu era apenas um cara cheio de culpa e dor.

Os minutos pareciam mais longos do que nunca enquanto esperávamos por notícias do cara que sempre foi muito mais do que um pai para mim, fora meu herói. Eu não conseguia suportar a possibilidade de perder meu dindo. Não podia acreditar, quiçá aceitar, que Deus pudesse tirar de nós a pessoa que me ensinou a ser o homem que eu era.

— Tome um café. — Minha mãe estendeu a mão com uma xícara e eu neguei.

— Não quero — consegui falar finalmente, minha garganta parecia seca demais para tal feito.

— Você precisa beber alguma coisa — ela falou com a doçura que lhe era habitual, enquanto sentava-se ao meu lado.

Partia-me o coração saber que minha mãe estava passando por isso outra vez. Ela já havia enterrado um marido. Um marido bastardo e mentiroso, mas um que ela amava e tinha lhe dado seus primeiros filhos. Eu sabia que ela estava péssima porque meu dindo era o marido que ela merecia, eles se amavam e se respeitavam muito e ainda assim ela estava aqui, querendo consolar seu filho, que deveria estar fazendo isso por ela. E não o contrário.

— Desculpe, mãinha, mas não quero. Enquanto não souber que meu dindo está bem, não consigo. — Fechei os olhos e recostei a cabeça no sofá da sala de espera.

— Ele vai ficar bem, filho. Eu sei. Meu marido é forte e ele tem muita vida pela frente. — Seu tom era choroso, mas era de uma mulher que apesar do receio acreditava no que dizia. E naquele momento foi na força e na fé dela que me apeguei.

— Deus queira, mãe. Deus queira. — Agarrei-a para um abraço, precisando de mais dela e dando tudo que podia de mim.



Depois de um tempo, o pai de Daniel, que também era médico de meu nonno, informou que meu dindo estava bem, e que apesar do susto que nos dera, fora apenas um infarto leve, mas que estava descansando e ainda assim ele precisava de observação e também cuidados, dali em diante. Por mais que ele dissesse que poderíamos ir para casa, para que voltássemos pela manhã no dia seguinte, Mia, minha mãe e eu ficamos onde estávamos.

Mia tinha adormecido trinta minutos antes, ainda chorando quando finalmente o fez. Por saber que, apesar de tudo, meu dindo estava bem, foi impossível não voltar a pensar no que nos levava até aquele momento.

Coloquei minha mão na cabeça quando comecei a sentir as lágrimas querendo escorrer dos meus olhos novamente. Se eu tinha certeza de uma coisa era que, se Mia tivesse me dito alguma vez que estava grávida, eu teria largado tudo e escolhido fazer as coisas de modo totalmente diferente.

Isso fora totalmente culpa minha. Nosso bebê foi embora, sem eu nunca ter chegado a colocar minha mão na sua barriga. Não pude nem mesmo sentir a emoção de saber que um pedaço nosso nasceria e que eu seria pai. Nunca tive um segundo sequer para apreciar apenas a ideia de ser pai de um filho de Mia. Claro que já havia pensado tantas vezes nisso, mas a ideia do que aconteceu com ela sem que eu nem mesmo soubesse me fazia sentir tanta dor.

Deus, eu não podia imaginar o quão assustada ela deve ter estado sozinha!

Desde que me contara, nem mesmo tive a chance de apenas abraçá-la. Eu só queria confortá-la por tudo que passou. Pelo que não passei ao seu lado. Queria chorar com ela, chorar pela vida que perdemos. Queria chorar com ela e dizer o quão arrependido estava de ter sido covarde e egoísta, de não ter lhe dito toda a verdade na época. E nem mesmo tive coragem de dizer atualmente.

Por saber que dormir seria a última coisa que eu faria e não querendo acordar ninguém, me levantei e fui em direção à lanchonete. Não queria comer nada, mas precisava de um café para me manter acordado. Assim que paguei por

um expresso e me sentei em uma mesa, a cadeira na minha frente foi preenchida pela minha mãe.

Sua chegada fora inesperada, mas ainda assim ensaiei um sorriso, mas só de olhá-la nos olhos as emoções dentro de mim ameaçavam transbordar.

— Tudo bem, filho. Sei que estava preocupado com Vittorio, mas você tem andado estranho ultimamente. Conte para sua mãe o que está acontecendo — ela praticamente implorou e engoli em seco.

— Nada, mãinha. Só estresse do trabalho.

— Henrique, você pode me dizer que está bem, mas só de olhar nos seus olhos eu sei que está mentindo para mim. — Ela me deu um olhar de censura. — O que aconteceu no escritório? Quer me dizer ou prefere que eu diga a você que eu sei de tudo?

— O que a senhora tá dizendo, Mãinha? — perguntei sem entender aonde queria chegar.

— Ok. — Ela suspirou resignada. — Vamos pela minha intuição de mãe então. Devo começar dizendo que sei sobre você e Mia? — sua pergunta foi feita de forma desafiadora, deixando-me de boca aberta e com o coração disparado.

Quatro anos atrás...

Capítulo 14

MIA

Dizem que a inteligência de alguém pode ser medida pela quantidade de vezes que se volta com ex. Se isso fosse realmente correto, não saberia explicar então como Lorena teria conseguido seu diploma em *Design de Moda*, pois tecnicamente seu cérebro deveria ter o tamanho de um grão de área.

Sério, depois de mais de anos de namoro, era de se esperar que Lorena e Caio tivessem uma relação madura e estabilizada. Muito pelo contrário. Os dois pareciam ainda terem 15 anos, ou melhor, Lorena parecia ter. Qualquer coisinha ela arrumava um motivo para brigar ou discutir com ele e por fim terminar.

Depois de passar quatro anos estudando em Roma por causa de Lorena, Caio voltou para o Brasil para advogar na empresa de seu pai. Apesar de ser constante a vinda dele para Nova Iorque ou então ela indo ao Brasil, a mocinha sempre inventava alguma coisa para o término. E era justamente durante termos que ela soltava a franga e pegava todos os caras que via pela frente. Zane e eu chamávamos esse tipo de comportamento da parte dela de Seu-Eu-Bipolar-Periguelístico-Pós-Caio.

Quando ela viu na em uma revista de fofoca uma foto dele com uma modelo ao seu lado em uma festa beneficente em que nossos pais também estavam, mesmo que ele tivesse negado que aconteceu alguma coisa, Lorena o ignorou, gritou e terminou com ele pela milionésima vez. Isso tinha sido dois dias antes.

Mas ao contrário das outras vezes em que o luto do fim do relacionamento durava apenas duas horas, eu ainda estava consolando-a desde então. Até dormir em sua cama com ela me foi exigido. Mesmo que seu uniforme fosse uma camisa velha dele que ela não tinha tirado desde então e eu juro que estava começando a cheira de forma azeda, porque não me lembrava de vê-la tomando banho desde então.

Estava tentando fazê-la comer alguma coisa que não fosse *Nutella*, única coisa que ela tina ingerido desde que entrou no seu processo depressivo, quando a companhia de casa tocou. Zane tinha saído mais cedo, então isso significava que alguém tinha que atender, o que foi particularmente difícil, visto que Lorena parecia uma criança com medo do bicho-papão quando tentei me afastar.

— Prometo que já volto. — minha voz soou tão infantil na minha promessa, quanto ela parecia agir.

Ceguei até a porta animada com a expectativa de ver outra pessoa que não

estivesse perto da morte, mesmo que fosse um Testemunha de Jeová, que eu certamente ouviria suas palavras com alegria, mas abri e me vi completamente surpresa por dar de cara com Caio de pé parecendo tão deprimido como fiquei quando perdi a primeira liquidação da *Chanel* quando viemos morar em Nova Iorque.

Senti-me culpada por ficar feliz ao vê-lo com a mesma cara de morte iminente que Lorena ostentava desde que terminaram. Caio tinha enormes olheiras embaixo de seus olhos vermelhos, como se não tivesse dormido por ao menos duas semanas, mas ao menos minha felicidade significava que sua chegada resolveria com os problemas deles mais uma vez. Ao menos era isso que eu esperava.

— Uh. Caio? Acho que é uma longa viagem do Brasil para Manhattan apenas para uma visita de surpresa. — ainda estava um tanto chocada quando falei e por que não emocionada também?

Atrás de mim, ouvi Lorena suspirar ao fundo ao murmurar:

— O que?

— Desculpa chegar sem avisar, Mia. — não esperou que eu lhe desse passagem, antes de passar por mim, não se importando em me pedir licença, nem desculpas e muito menos dizer o que diabos tinha ido fazer, apesar de eu ter uma enorme suspeita.

Seus olhos já estavam em Lorena deitada no sofá da sala, em uma tentativa muito suspeita e nada convincente de fingir que não sabia da sua presença. Na verdade, ela até mesmo parara de chorar e fizera cara de paisagem, o que já era um enorme passo dado as circunstancia que vinha vivendo.

Sem dizer mais uma única palavra, Caio a alcançou no sofá e a puxou, jogando-a por cima do ombro, fazendo sua cabeça bater em suas costas e ela se debater enquanto gritava:

— Que inferno que você está fazendo, Caio? — tornou a socá-lo. — Não sei se você se lembra, mas terminei com você. Você não pode simplesmente vir aqui me jogando por cima do seu ombro, como um homem das cavernas! — terminou de falar gritando cada vez mais alto.

— Chega, Lorena Ferraz de Oliveira! Você já tem sido ridícula o bastante esses dias. Ou melhor, com seus términos cada vez mais infantis! Você vai aprender de uma vez por todas que não existe nenhuma outra mulher para mim que não seja você! — Ele disse sério, antes de ir em direção a seu quarto, com Lorena se debatendo em seu ombro, enquanto me sentei no sofá rindo do show.

— Me solta! — ela gritava e se contorcia. — Me ajuda, Mia! — gritou por socorro e a minha resposta foi rir ainda mais.

Até parece que briga de marido e mulher eu iria meter minha colher!

E convenhamos, eu estava mais do que aliviada.



Caio estava em casa há duas semanas quando chegou o *Halloween*. Não que eu não gostasse dele, porque realmente adorava-o e apesar dos surtos de Lorena, ele realmente aguentava demais dela, porque a amava muito e a fazia feliz como sabia que ninguém seria capaz de fazer.

Eu era feliz por eles. Mas o que eu não gostava mesmo, era do barulho que eles faziam no nosso enorme apartamento na *Upper East Side*. Zane tinha desistido dos tampões de ouvidos e foi para casa do seu namorado no dia seguinte a sua chegada. Não que ele quisesse realmente uma desculpa para ir para lá. Eu não o julgava por isso, eu também sairia se tivesse um namorado para me socorrer.

Manhattan, como sempre, estava cheia de festas para comemorar o dia das bruxas, que era uma das festas mais esperadas do ano para os americanos. Podia ver milhares de pessoas, boas intenções e motivos para serem felizes. Costumava ser era a primeira a querer procurar um motivo para sair por aí, beber e se divertir, afinal, normalmente adorava festas comemorativas e inventar motivos para beber.

Mas onde estava? Em casa, sentada sozinha no sofá, como se não houvesse nada mais importante na vida do que isso!

Naquele dia eu estava bem mais interessada na maratona de episódios *Friends*, do que ter que usar alguma fantasia sexy, que os homens achavam que erámos obrigadas a usar. Fora que depois da semana cansativa que havia tido com o lançamento da revista do mês, minha missão era atacar um pote de sorvete como se não existisse celulite.

— Gostosuras ou travessuras? — Lorena me perguntou, quando chegou à sala já usando sua fantasia de vinil de Bombeira Sexy, com botas até o joelho.

Não disse? Fantasia Sexy!

— Férias. — Respondi voltando meu olhar para TV, comendo mais uma colherada do meu pote de *HÄAGEN DAZS* de Baunilha e Cookies, meu preferido.

— Não me diga que você ainda está com essa ideia idiota de não sair. — ela estava carrancuda e suspeitei que seu comentário não seria retórico, ela de fato esperava uma resposta diferente da realidade.

— Sim, não é uma ideia. É um fato concreto. Não vou sair. — nao lhe dei muita importância, apenas voltei meus olhos para *Phoebe*, que dava luz aos trigêmeos no episódio que reprisava.

Em um ato muito adulto, Lorena se pôs na minha frente e antes que eu

reclamasse, simplesmente desligou a televisão. A raiva ferveu dentro de mim enquanto olhava para cara de desafio dela e tive que respirar fundo para não xingá-la como merecia.

— Que porra está fazendo, Lorena? — interoguei irritada.

— O que você está fazendo? — rebateu de pronto, nem um pouco intimidada pelo meu tom.

— Vendo *Friends*. Phoebe estava dando à luz aos trigêmeos, que ela foi barriga solidária do seu irmão. — respondi imediatamente e ela cerrou seu olhar para mim.

— Você tem que parar com essa merda! Você terminou com Paco porque quis! Já faz dois meses! — seu comentário foi acusatório como tem sido desde então, mas ainda assim não a deixaria falar sobre o que não tinha nada a ver com o que ela fazia agora.

— Isso não tem nada a ver com ele. Eu posso até sentir falta de Paco, mas nós sabemos que não daríamos certo. Ele não queria as mesmas coisas que eu e agora estou apenas querendo assistir um pouco de TV, o que isso tem demais? — minha pergunta foi feita apenas para esconder algo que não sabia explicar o que e sem poder nem mesmo olhar para ela, me dirigi para cozinha, onde tratei de pegar outro pote de sorvete, já que o meu tinha acabado de acabar.

— Claro que não queriam a mesma coisa. Qual mulher não aceitaria se casar com um cara lindo, rico e que ficou os últimos quatro anos lhe pedindo em casamento? — dessa vez sua pergunta foi retórica, ainda que não escondesse nem um pouco seu sarcasmo que naquele momento para mim fora tão cruel. — Ah claro! Você! — bufei irritada, enquanto a engraçadinha apontava o dedo para mim.

— Muito maduro falar isso para mim, Senhora “eu-terminei-com-meu-namorado-mil-vezes-na-vida-porque-sou-uma-menina-idiota”. Olha, vou te dar um conselho de amiga, um dia Caio vai cansar da garota mimada que você é. — não me importei em revidar e sua boca caiu aberta em choque, pois certamente não esperava pelo contra-ataque.

— Como pode falar isso para mim? — ela tinha lágrimas nos olhos, quando me perguntou de modo ferido, mas não me importei. Ela havia cutucado onça com vara curta.

— Como você pode querer questionar, se as minhas decisões foram erradas ou não? As decisões são minhas, ninguém tem nada a ver com isso! Eu amava Paco, mas não como ele merecia que eu o amasse! — gritei para ela, colocando para fora minha própria mágoa pelo assunto.

— Claro que não! Porque você ainda ama o idiota do meu irmão. Que só te fez sofrer desde que ficaram juntos. Só um conselho: esqueça isso, Henrique não

nasceu para ser de uma mulher só. — Lorena não se importou em gritar de volta, acabando de acabar comigo e senti as primeiras lágrimas rolando pelo meu rosto.

— Parem com isso as duas já! — Zane se colocou entre nós, dando um fim a nossa discussão infantil ao chegar no momento exato em que parecíamos prestes a colocar fogo no parquinho. — Vocês estão sendo duas idiotas mimadas! — me conhecendo como conhecia, logo completou quando viu o que eu diria: — As duas. E a verdade é que são mesmo! Isso sim! — ele disse apontando para cada uma de nós. — Não posso acreditar que estão brigando, porque de uma maldita festa de Halloween. Pelo amor de Deus!

Abaixei a cabeça e mesmo não sendo a primeira a provocar o ocorrido, me senti um pouco envergonhada. Eu escolhia as minhas brigas. Embora, normalmente prefira evitá-las. Era como o velho ditado dizia: “Eu dou um boi para não entrar em uma briga, mas uma boiada para não sair”. Nós eramos melhores amigas desde o nascimento, ela era como uma irmã para mim e nunca ficávamos bravas por muito tempo, mas eu não queria que ela saísse de casa magoada comigo, por motivos tão esdrúxulos diante o que significava uma para vida da outra. Pelo menos não aquela noite.

— Desculpe. Eu falei demais. — funguei, enquanto olhava para ela um tanto tímida.

— Não, me desculpe. Eu fui uma idiota mimada. — ela disse fungando também, antes de me abraçar e suspirei profundamente, sabendo que apesar da minha vida amorosa ser a pior das piores, eu tinha nos meus amigos o melhor que alguém poderia ter.



Eu estava péssima. Não, péssima era apelido. Apesar de Lorena e eu termos feito as pazes rapidamente, as palavras dela vinham me assombrando desde que me vi sozinha em casa após todos eles saírem para comemorar o Halloween. Aparentemente não estava sabendo lidar com nada do que foi dito, pois, apesar de saber que teria fotografar para uma campanha usando apenas biquíni nos próximos dias, ainda assim tinha acabado com um pote de sorvete e como isso me pareceu pouco, um pacote de cookies também fora devorado.

Estava realmente começando a me preocupar com a quantidade de glicose anual que tinha ingerido apenas aquela noite. Me sentia tão culpada, que pensei em comer um pouco mais por isso, mas quando estava prestes a abrir outro pote de sorvete, me desesperei e comecei a achar que não apenas teria problemas para pagar minhas contas, porque não conseguiria entrar nos biquínis da sessão de fotos, mas mais importante do que isso: eu não caberia no meu jeans da *Diesel*, que eu orgulhosamente tinha há mais de cinco anos. Portanto eu não poderia

engordar, senão ele não caberia mais.

Já não sabia que horas eram quando fui para o quarto me deitar, apenas sabia que tinha assistido quase uma temporada inteira de *Friends*. Estava ciente de que dormir cedo era assinar o atestado de incompetência como moradora de Manhattan, a cidade que nunca dormia, mas realmente não me importei em ser a incompetente, coisa que de fato era. Estava na hora de dar esse dia de merda como terminado. Meu dia de *Maratona de Friends* definitivamente não tinha sido muito bem-sucedido.

Aproveitei a falta de sono e peguei meu laptop, pra jogar o nome do *Ashton Kutsher* no *Google* imagens, coisa que fazia com um ou outro famoso nas horas vagas.

— Demy Moore, amiga, você pode reclamar de qualquer coisa nessa vida, menos de homem. — pensei em voz alta e foi quando meu telefone tocou.

Telefone tocando aquela hora, só imaginava que alguém morrera ou que Lorena entrara em alguma encrenca. Ou que Zane estivesse em um hospital tomando glicose, o que era bem provável.

— *Hello*. — atendi, com a voz mais desanimada, que a do assassino do Pânico.

— *Mia, você estava dormindo?* — minha madrastra perguntou do outro lado da linha.

— Não, Dinda, estava acordada.

— Desculpe o incomodo, querida, mas liguei apenas porque achei que você estivesse em alguma festa. — tentou se desculpar, embora não tive motivos para isso.

— Não, dinda, tudo bem. Estava apenas deitada, fazendo umas pesquisas importantes na internet — respondi sorrindo com sua preocupação e também com a mentira ridícula que inventei. — Está tudo bem? A senhora está me ligando tão tarde. Aconteceu alguma coisa com alguém? Vittoriozinho? Lia? — a preocupação inevitavelmente me atingiu.

— Não. Tudo bem. Só queria te pedir um favor — um suspiro lhe escapou e já me preparei.

Ai, Jesus! Tome conta de mim!

— Lore disse que vai passar o final de semana nos Hamptons com Caio, Zane e uns amigos, mas eu precisava que você pegasse Henrique amanhã de manhã no aeroporto. Ele saiu a pouco no jatinho de seu pai, pois está em negociação com algo da empresa e deve passar a semana por aí. — engoli em seco, quando ela terminou de falar, sem saber como reagir diante do seu pedido.

Oh Deus! Eu teria que ficar um final de semana sozinha com Henrique?

Nem estava realmente acreditando que aquilo era verdade. Que minha

dinda tivesse, de fato, me pedido para pegar Henrique no aeroporto. Especialmente quando seria a primeira vez que estaria solteira em tanto tempo e ainda por cima sozinha, sem ninguém por perto.

Sério. O que fiz para merecer isso?

— Tudo bem, dinda. — me dei por vencida, sabendo que não poderia negar nada a ela. — Me mande uma mensagem com o horário que o jatinho pousa e onde, que estarei lá para recepciona-lo. Espero que dê tudo certo aqui. — minha afirmação em nada tinha a ver com sua negociação para empresa e sim sobre nós.

Mas a verdade era que eu nem mesmo sabia ao certo se estava fazendo a coisa certa dessa vez. E mais uma vez não estava errada.

HENRIQUE

Ir para Nova Iorque, era mais uma desculpa para ver Mia, do que um negócio mais propriamente dito. Havia sim uma proposta empresarial para *Guiotto*, mas não algo que tivesse a necessidade da minha presença tão longe da sede da empresa. Ainda assim, em minutos depois da minha decisão de ir até lá, eu estava me preparando para partir.

Ainda não sabia se era boa ideia simplesmente aparecer, porque embora essa vontade louca de vê-la não fosse recente, há anos eu tentava deixar que Mia seguisse com sua vida, mesmo que isso significasse que eu estava sofrendo como um condenado. Mas essa coisa de benevolência da minha parte e do livre-arbítrio que eu tinha lhe dado há muito tempo, mudara aquela noite como um passe de mágicas.

O motivo foi uma ligação que recebi de Lorena mais cedo aquela noite. Primeiramente fui xingado por uns bons cinco minutos, depois ouvi muitos gritos seus, culpando-me por ter brigado com Mia por minha causa e então para finalizar suas palavras exatas foram:

— Mia terminou com Paco por sua causa, sabia? — a pergunta era retórica, mas eu, de fato, não sabia. — Mas isso não é realmente relevante, o que importa é que eu acho bom você deixar, de uma vez por todas, de ser um babaca e idiota e finalmente vir pegar o que é seu. Você tem o final de semana para consertar isso, Henrique Ferraz. Estou te dando o fim de semana inteiro sozinho come ela para dar um jeito nessa situação que você mesmo formou. Caso contrário, vou em uma mãe de santo... bruxa, quem quer que seja, mas vou fazer com que ela esqueça esse amor que sente por você de uma vez por todas, porque isso só pode ser uma praga! Praga ruim! Pode ser amor de pica, que dizem que é amor que fica, mas quero ver se vai ficar ainda depois de uma boa mandinga! Fui clara?

— Como um a luz do sol — me vi respondendo, completamente boquiaberto e assustado também, porque era impossível não levar minha irmã à sério. Especialmente sabendo o quão louca poderia ser.

Meiga essa minha irmã, né?

Bem fofa ela fora, tão fofa que me causara alguns arrepios com suas frases sombrias, mas ainda assim talvez devesse lhe agradecer, pois por causa das suas palavras tomei a coragem de finalmente ir atrás de Mia. E esperava sinceramente estar fazendo a coisa certa.

Passei a madrugada de sexta viajando e amanheci com o jato pousando na *Big Apple*. Estava tão nervoso, que apesar do cansaço da semana de trabalho,

não havia conseguido sequer pregar os olhos. Ansioso era apelido. Já havia passado dessa fase há séculos. Especialmente depois que soube pela minha mãe que Mia me pegaria assim que aterrissasse.

Encostada em um *Mustang 95* na cor amarela, Mia estava a minha espera, usando óculos escuros, enquanto segurava dois copos de isopor de café da *Starbucks*. Engoli em seco, porque não poderia mais postergar aquele reencontro. Principalmente sabendo que minhas horas estavam contadas pela minha irmã. Então cada segundo era precioso.

Depois de me despedir da equipe de bordo, tomei uma respiração profunda e com minha pequena mala na mão, desci os pequenos degraus do jato, tentando me conter para não correr para ela.

Linda, usando apenas coturnos, short jeans desfiado e blusa surrada, Mia mais parecia o Sol que iluminava toda Nova Iorque e também a minha vida, enquanto bebericava de modo casual sua bebida quente.

Era difícil esquecer uma beleza como a dela, que nos deixava fascinados com apenas um olhar. Mas depois de meses sem vê-la, ela apenas havia se tornado ainda mais linda do que podia me lembrar. O tempo definitivamente era seu amigo, meu céu e também meu algoz.

As pernas longas e douradas, o corpo perfeito, os seios cheios, aquela bunda e redondinha... o pacote perfeito para mim. Os cabelos loiros compridos estavam presos em um coque frouxo, dando um ar um pouco desleixado a perfeição loira diante de mim. Os lábios rosados ressecados pelo vento forte de outono daquela manhã, embora também estivessem meio úmidos pela bebida que tomava e me pareceram mais um convite para tomá-los.

— Olá, babaca! — me saudou com um sorriso e ele, foi o suficiente para me desarmar. Não tinha jeito. Toda vez que Mia sorria eu parava de respirar.

— Oi. — deixei a mala no chão e não me fiz de rogado, antes de ir em sua direção e abraçá-la com ardor.

Eu precisava daquilo. E pelo visto ela também, porque apesar da surpresa pelo gesto, Mia retribuiu, embora tenha feito um pouco de malabarismo para segurar os cafés enquanto isso.

Caralho, eu nem podia acreditar nas saudades que sentia!

Senti-la em meus braços era ainda melhor do que a lembrança que eu revivia a cada dia. E a minha vontade mesmo era de segurá-la e nunca mais largar. O que eu, de certo, pretendia fazer. Seu cheiro, sua pele, seu calor... Tudo sobre ela me deixava de joelhos.

Aproveitando-me do momento beijei sua bochecha demorando mais do que deveria e quando a vi prender a respiração, tive que me lembrar de que tinha fazer as coisas certas dessa vez. Por isso que ainda que estivesse reticente, me

afastei.

— Café? — ela estendeu o copo para mim e sorri, grato. Porque ela sabia que eu era movido por ele, especialmente pela manhã.

— Obrigado. — peguei minha mala de volta, enquanto com a outra mão entornava um gole longo da bebida divinamente quente.

— Fez boa viagem? — ela perguntava tentando soar casual, enquanto eu colocava a bagagem no porta malas pequeno do seu conversível.

— Sim. Tudo tranquilo. — fechei-o, antes de virar para ela e estendi a mão livre. — Chaves.

— Do meu bebê? — perguntou um tanto cética, antes de rir alto. — Mas nem sonhando você vai dirigi-lo! Estamos falando da 4ª. Geração de um dos carros mais amados do mundo!

Para dar mais ênfase ao que disse, tirou os óculos do rosto e quando aquelas orbitas surpreendentemente azuis me encaravam, quase vacilei. Seus olhos eram ridicularmente lindos. Azuis realmente impressionantes e uma cor tão bonita, que jamais vi igual e pareciam ser tão dela.

Tentando me manter são, limpei a garganta para falar:

— Conversível da versão GT 5.0, o Mustang é dotado de apenas um comando no cabeçote e 16 válvulas, o oito cilindros gera 218 cv de potência a 4.400 giros e 39,4 kgfm de torque a 3.500 rpm. O câmbio é um manual de cinco marchas. A arrancada até os 100 km/h se dá na faixa de 7 segundos e a velocidade máxima chega aos 225 km/h. É um V8 sobre rodas, com motor, semelhante ao que foi usado pelo Landau e Maverick. Eu poderia passar o dia todo falando sobre ele, mas acho que devo me ater ao fato de você saber que dirijo bem, afinal, foi eu quem te ensinei. E, claro, eu tenho um desses. Só que na cor preta. — sorri convencido, enquanto ela bufava, porque uma coisa importante sobre nós, era que éramos os dois apaixonados por carros.

— Metido — reclamou e então entregou as chaves para mim, antes de ir para o banco dos passageiros batendo os pés.

Ah! Esses dias ao seu lado seriam interessantes!



Não nos falamos muito enquanto seguia seus comandos sobre como chegar até o apartamento da nossa família. Obviamente não era a primeira vez que eu iria para lá, mas como não estava acostumado com o percurso, precisava das suas instruções para chegar sem me perder.

A *Quinta Avenida* estava movimentada como todos os outros dias, sobretudo por se tratar de um sábado, dia escolhido pelos nova-iorquinos que trabalhavam durante a semana para fazerem suas compras ou até mesmo passear

pelas principais ruas da cidade.

Chegamos não muito tempo depois ao *Upper East Side* e após estacionar o carro na garagem no subsolo do prédio, subimos pelo elevador que nos levou para o belíssimo apartamento no décimo andar com vista para o famoso *Central Park*.

— O quarto do meio está vago e com a cama arrumada, acho que tem toalhas no banheiro — Mia tagarelava, parecendo tentar não demonstrar o quanto parecia mexida com a minha chegada e achei bonitinho ela tentar. Por isso, em uma tentativa de não intimidá-la ainda mais, olhei ao redor do local que eles haviam transformado em lar desde que vieram de Roma.

— Obrigado. Não se preocupe que me viro — me limitei a responder, embora a minha vontade mesmo fosse dizer que eu não pretendia usá-lo e sim o seu quarto. — Acho que vou tomar banho.

Mia assentiu e achei que era uma ótima ideia mesmo, porque meus pensamentos já estavam se desviando para onde não deveriam. Ao menos não por hora.

— Tá bom. Vou preparar alguma coisa para o brunch — e dizendo isto, simplesmente sumiu ao entrar na cozinha, obrigando-me a fazer mesmo o que eu dissesse que faria.

Minutos mais tarde eu retornava para sala de banho tomado e antes de seguir o cheiro bom que vinha da cozinha, uma estante me chamou a atenção. Ela não estava ali da última vez que estive em Nova Iorque, pouco mais de um ano atrás e por isso ficou obvio para mim que era coisa de Lorena, Zane e Mia.

Os objetos trazidos de viagens, simbolizando as muitas viagens que fizeram, apesar de muitos não eram o que se destacavam, mas sim os infinitos porta-retratos, que estampavam diversas imagens eternizadas em fotos. Umas mais antigas, outras mais recentes, outras nem tanto, fotos em grupo, outras individuais, até mesmo com artistas, mas todas elas tinham um único motivo: registrar um momento, para eternizar lembranças.

Olhei cada uma delas e comecei a pensar sobre uma a uma como nunca tinha feito outrora. Ao vermos alguém registrando algum momento, não chegamos a sequer questionar o porquê dela ser realmente importante e de que maneira pode mudar na vida de algumas pessoas.

As fotos nos permitem deixar para a história, tudo aquilo que vivemos, através da fotografia. Às vezes parece tão importante fixar na mente aquilo que já vivemos, ou quem conhecemos, ou fomos, ou até como crescemos, que rever essas imagens nos permite “olhar para trás” e reviver tudo aquilo de novo.

Fotos de aniversário, no colégio, rodeado de seus velhos amigos, essas eram memórias que um dia poderiam vir a se tornar importantíssimas para o nosso

futuro.

Nada acontecia de forma igual. Nenhum momento se repetia. As horas são as mesmas, mas os acontecimentos, jamais seriam. Eles eram únicos. Exatamente por isso relembra-las nos faz sentir tantas emoções, podendo ser elas boas ou ruins, mas importantes o suficiente para podermos ultrapassar os obstáculos e seguir em frente... Como eu precisava fazer.

Em minhas mãos eu carregava uma foto nossa, em Paris, anos atrás. Mas não estávamos sozinhos, pois Luca, Mariah e Thiago também estavam posando conosco. Lembrava-me com clareza daquela viagem. Era meu aniversário e eles foram nos visitar em Roma, quando decidimos mochilar pela Europa no último final de semana.

Nós cinco sorriamos abertamente. Mais precisamente gargalhávamos de forma escancarada, porque havíamos pedido para uma pessoa que passava para tirar uma foto com todos juntos e enquanto nos posicionávamos, cada um abraçado a seu par, Luca que ficara no meio fez uma graça sobre ser o único a não estar em casal. Apesar do pequeno surto de Mia naquele mesmo final de semana, nunca havia me sentido tão feliz e perto dela como me sentia naquela época. Mas não muito tempo depois tudo entre nós ruiu.

— Eu fiz o café e... — Mia parou de falar quando me viu segurando o porta retratos, parecendo acanhada, como se eu tivesse flagrado algo que não pudesse ver.

— Eu acho que não tenho essa foto — falei olhando de volta para aquele momento precioso em minhas mãos. — É uma pena. Porque esse fora meu aniversário preferido. Lembro que Luca disse alguma coisa sobre namorar uma mulher fantasma e que faria uma montagem naquela foto quando tivesse uma mulher para chamar de sua no futuro. — me vi sorrindo, embora o sorriso tivesse o tom um pouco melancólico. — Nós juramos a ele que um dia refaríamos essa foto quando estivesse finalmente com alguém e foi quando ele começou a se benzer. — foi impossível não rir e ouvi Mia fazer o mesmo, embora alguma coisa no som que lhe escapou apenas confirmasse minhas suspeitas, de que ela também chorava. — Não voltamos lá. Ao menos não juntos. E fora Luca, que ainda continua sozinho, nenhum de nós mais está junto, embora tenho certeza de que todos naquele momento acreditassem que era “para sempre”, que realmente voltaríamos para recriar essa cena e bater uma nova foto.

Ouvi Mia fungar, mas não consegui encará-la. Seria mentira se eu dissesse que não doeu. Porque doeu. Demais. Doía a cada noite ao dormir. Doía a cada amanhecer. Doía estar sem ela.

Caralho! O que eu estava fazendo?

Minha ida para Nova Iorque malmente havia começado e já estava dando

tudo errado. Uma simples foto despertara tantos sentimentos e emoções, que tive medo de já ter colocado tudo à perder por causa de uma lembrança do que perdemos.

Tive que fechar os olhos em uma tentativa de não dar mais vazão a essas recordações, mas aparentemente a minha sina era ser masoquista, porque tudo estava de volta. Foi impossível não sentir aquela vontade louca de voltar no tempo e estar lá com ela outra vez, onde nossa maior preocupação era em qual temperatura o aquecedor estaria durante a noite.

Bateu aquela vontade louca de voltar no tempo, de esquecer tudo que houve e apagar os dias ruins vividos sem ela ao meu lado. De protagonizar as cenas mais quentes e abraçadoras com ela. De viver com ela e para ela.

Olhando para Mia, foi impossível não ver que ela também sentia aquela mesma vontade esmagadora que eu, de tê-la em meus braços, sentindo seu calor, seus beijos, de estarmos juntos... tudo que eu precisava para ser feliz e nada mais.

— Henry... — sua voz era fraca quando murmurou meu nome, mas não deixei que continuasse, antes de colocar o porta-retratos sobre a estante e ir até ela para falar:

— Você pode não saber, mas não importa quanto tempo passe, eu ainda sofro sem você. — coloquei uma mecha do seu cabelo que soltara atrás da orelha e ela engoliu em seco, sua falta de palavras me forçando a continuar: — Quero você, quero minhas coisas no meio das suas. Quero suas manias, suspiros... Respirar o mesmo ar e todas coisas que alimentam àquela nossa, tua, minha inesgotável saudade e paixão. Me desculpe por tudo. Me desculpe por ter tirado isso de nós por tantas vezes. Estou aqui para tentar reparar isso. Só não pense. Apenas me deixe... Me deixe te amar.

— Não, Henry... Por favor... — seus lábios tremeram, enquanto ela fechava os olhos e tentava empurrar o nó de sua garganta.

Respirando fundo controlei minhas próprias lágrimas, enquanto secava as suas com o polegar. Era difícil, eu sabia. Nós havíamos nos colocado em uma situação difícil, mas eu acreditava com toda força do meu ser que era reparável. E por isso, tentando de todas as formas resistir a ela e ainda assim não querendo, prossegui:

— Só me ouça. — meus dedos acariciaram a pele cálida e também úmidas de sua bochecha. — Só peço que me escute, pois quero que saiba como me sinto... — meu tom de voz era de súplica e não tentei escondê-los quando era exatamente assim que me sentia.

Porra! Como explicar o inexplicável?

— Não tem um segundo da minha vida em que eu não sinta sua falta. Ou

que me arrependa de ter feito as coisas do jeito que fiz. — tomando uma respiração profunda continuei: — Nunca deveria ter te deixado ir. E me odeio tanto por não ter ido atrás de ti. Por não lutar por você. Por não lutar a cada segundo da minha vida por esse sentimento louco e irracional que sinto. Porque não importa o quanto eu tenha errado, no meio dos meus erros, o meu único acerto foi você. Minha única verdade é você, Mia.

Seus lábios tremeram, mas ela pareceu recuperar a postura enquanto limpava suas lágrimas e simplesmente disse:

— Tudo bem. Agora apenas fale menos, me beije mais.

E eu fiz sem pensar duas vezes.

Quando os lábios dela tocaram os meus, meus olhos se fecharam. Eu teria ficado cego mesmo se eles abrissem, porque tudo que conseguia pensar ou sentir era seu beijo, seu sabor. Deslizando minhas mãos por suas costas, saboreei a sensação de sua pele sob as palmas das mãos e quase me perdi.

Enquanto minha boca matava a fome do seu gosto, minhas mãos deslizavam pela sua pele, matando o desejo incessante que tinha de tocá-la. Precisava senti-la. Precisava dela.

A beije como se não houvesse mais nada no mundo inteiro além do seu sabor, o calor, a pressão e a textura de sua língua contra minha. Enlaçando-a pela cintura, puxei-a para mim, a pressão do seu corpo contra o meu fazendo minha necessidade já ávida, transformar-se em algo primitivo e completamente sem controle.

— Deus, espero que ame e isso signifique que me perdoa, porque você me possui completamente — enquanto carregava-a para o quarto, me afastei o suficiente para falar, e então me inclinei e voltei a beijá-la com paixão.

— O fato de não falar com você, — ela riu, tentando fugir da minha boca que não queria se afastar e continuava com seus ataques errantes. — não quer dizer que eu tenha parado de pensar em você. E muito menos que não te ame apesar de tudo. Embora também te odeie com bastante intensidade na maioria do tempo.

Não discordei, afinal, ela tinha toda razão de se sentir desta maneira depois de tudo que a fiz passar. A única coisa que faria era provar para ela que aqueles momentos fariam parte do passado e construiríamos uma vida completamente nova dali em diante.

Segurei seu rosto enquanto lhe beijava e não me parei. Simplesmente porque minha razão desaparecia quando nós estávamos juntos. Era muito intenso o que sentia por ela. Intenso demais até mesmo para tentar explicar ou controlar. Minha intenção era levar as coisas na calma, pois não queria assustá-la com minha fome, no entanto, a necessidade vital que parecia sentir para tê-la apenas

se intensificou enquanto continuei a beijá-la.

Porém, quando Mia arranhou a pele das minhas costas, me vi movendo meus quadris contra os dela, esfregando meu desejo insano, mostrando-lhe o quanto a queria. Pensei que pudesse me parar, porém não podia estar mais errado, porque minha garota esfregou-se desavergonhadamente em mim e qualquer razão que ainda pudesse ter para parar foi pelos ares.

Mordi seu lábio inferior e o puxei, fazendo-a gemer, antes de deslizar minha língua por sua boca e brincar com a sua, querendo morder e provar cada pedaço seu.

Chegando ao seu quarto, coloquei-a no chão e Mia fez um esforço para empurrar-me de costas contra cama e obviamente deixei, porque não queria mais nada além de estar ali. E essa certeza apenas se fortaleceu quando ela subiu em mim.

Enquanto eu segurava sua cintura durante o beijo, suas mãos passeavam pelo meu dorso, onde brincava com meu corpo como queria. Seus quadris remexiam-se de uma forma gostosa contra os meus, deixando-me no ponto de tomá-la para mim.

De repente, ela simplesmente afastou e me olhou um tanto assustada, como se tivesse algo para me confessar. Eu sabia que tínhamos coisas demais a falar e a resolver, mas a última coisa que eu queria era que ela tivesse dúvidas, porque a única certeza que eu tinha da minha vida era essa: que ela era tudo que eu precisava.

— Não fala nada, apenas me beija e me deixa matar essas saudades de você — pedi, antes de calar sua boca com um beijo, fazendo-a esquecer qualquer bobagem que não tivesse importância naquele momento.

Rapidamente estávamos sem as roupas, nossos corpos se encontrando daquela maneira tão deles. Encaixando-me entre suas coxas, a beijei com urgência, precisando de mais. Eu queria provar cada pedaço do seu corpo, sentir seu gosto, seu prazer, mas antes disso precisava desesperadamente do calor do seu corpo, estar dentro dela.

Depois de anos sem tê-la, meu pau pulsava de necessidade e não poderia não matá-la. Nossas bocas se devoraram, enquanto mudei nossas posições e me pus sobre ela, suas pernas enroladas em minha cintura e com a voz roca me ouvi dizer:

— Dessa vez será rápido. Porque preciso matar essa vontade que está me matando. Mas prometo que te recompensarei depois. — e então sem aviso a penetrei de uma só vez, bebendo seus gemidos com a minha boca.

Put a que pariu! Caralho! Eu não ia aguentar!

Quando o calor do seu canal apertado envolveu meu pau, não me contive e

fui logo metendo mais profundamente, ao mesmo tempo que minha língua enredava dentro da sua boca. Mia me segurava firme pela nuca, enrolando os fios do meu cabelo entre os dedos, deixando-me a beira de um orgasmo como um maldito adolescente.

Porra, o que era aquilo?

Era o que apenas ela me causava. Não importava com quantas mulheres eu tenha estado ao longo dos anos, nenhuma delas se comparava a como eu me sentia com Mia. Meu coração batia descompassado, meu corpo desesperado por mais, nossos movimentos, sons, respirações, tornando tudo cada vez mais intenso entre nós.

Seus gemidos e sussurros arrepiavam minha pele. Nossos corpos se tocando, se fundindo de uma forma única. Minha vontade era de gritar pelo prazer que era estar com ela outra vez. De gritar como um homem das cavernas que ela era minha e que não a deixaria novamente. Que dessa vez seria para sempre. Por isso continuei tomando sua boca com a minha, temendo que eu dissesse qualquer coisa que pudesse estragar aquilo e tentando de alguma maneira controlar o êxtase que tinha certeza que não demoraria para vir.

— Mais, Henrique... Mais — ela implorou e eu dei.

A minha vontade era de chorar, porque foi inevitável não pensar em ficar sem ela e não sabia como poderia sobreviver a isso. E quanto mais a fodia, louco, desenfreado, com mais raiva eu ficava de mim mesmo, porque ainda que tenhamos tido tantas idas e vindas, era por minha causa que estávamos separados há tanto tempo. Eu não queria isso mais. Não aguentava. Não deixaria que isso acontecesse, não importava quanto Mia lutasse. Eu lutaria ainda mais para lhe provar isso caso ousasse tentar.

MIA

Ok. Não acho mais que eu poderia mais falar sobre os termos e reconciliações de Lorena ou do seu cérebro do tamanho de um grão de areia, porque pelo visto eu não era muito diferente dela. Eu também tinha uma inteligência muito limitada quando se tratava de Henrique.

Tudo bem, talvez eu não devesse ter cedido tão facilmente a Henrique, mas como dizia aquele velho ditado: O amor tem razões que a própria razão desconhece. E tinha mesmo, porque depois de tudo, após anos afastados, foi inevitável não me ver em seus braços outra vez.

Nosso final de semana fora maravilhoso e apesar de saber que ainda tínhamos muito para conversar, era impossível não me sentir feliz com ele ao meu lado. Eu não podia mais fazer isso. Eu precisava agir com a razão. Sempre que seguia meu coração em relação a Henrique, ele nos levava até a cama e precisávamos de mais do que isso.

Mas quem disse que eu conseguia?

Deitados no sofá, nos beijávamos com paixão, e mesmo sabendo que precisaria sair em breve para fazer um trabalho *freelance* como modelo, não conseguia parar. Não conseguia me desgrudar. Era como se eu estivesse fisicamente incapacitada de ficar longe dele.

— Ei, gente, parem com isso! Me respeitem! Nada de safadeza no sofá! — Lorena gritava, tentando tirar, em vão, Henrique de perto de mim. Especialmente quando ela parecia não ter se tocado que seu pequeno tamanho, não daria conta do homenzarrão do seu irmão.

— Ao invés de se preocupar com o que estamos fazendo, por que não vai fazer o mesmo? — Henrique nem mesmo terminou de falar e voltou a me beijar, com a nítida intenção de provocá-la. O que conseguiu com sucesso, pois a ouvimos bufar e bater os pés enquanto se afastava.

— Oh, como se nós já não tivéssemos feito safadezas neste sofá, querida — Caio a lembrou, enquanto ria da noiva.

Sim. Eles finalmente haviam ficado noivos!

Pelo visto esse final de semana servira não apenas para reconciliações, como era o meu caso e o de Henrique, como também para firmar os relacionamentos dos casais apaixonados. E eu não poderia estar mais feliz por nós.

Olhei para Henrique e percebi que ele olhava para mim com amor. Balancei minha cabeça, porque eu não sabia como descrever o que eu estava sentindo. Inclinei-me e coloquei minha cabeça em seu ombro, enquanto ouvíamos sua

irmã gritar com Caio e ainda assim apreciando um pouco mais desse momento precioso ao seu lado. Ele deitou sua cabeça em cima da minha e beijou meu cabelo, enquanto ela continuava sua sessão de reclamações:

— O que me lembra, Caio, aquela história de querer sua prima perigete como nossa madrinha!

— O que isso tem a ver? — o moreno indagou meio aturdido pela mudança de assunto de maneira um tanto abrupta e até mesmo eu fiquei surpresa.

— Tudo... e nada — a baixinha admitiu, embora não tivesse perdido a postura desafiadora. — Ela não será nossa madrinha e pronto!

— Mas ela é minha prima!

— É com prima que o pau empina! Para cima de mim não, playboy!

— Para com isso, Lore. Seja mais condescendente — tentei intervir e ela virou seus olhos cor de mel acusatórios para mim, sua sobranalha erguida de modo significativo, deixando bem claro seu desagrado sobre nossa intromissão e fazendo com que eu me recolhesse a minha insignificância.

— Condescendente de cú é rola! — soltou a perola e me controlei para não rir. — Não se metam vocês! — tratou logo de dizer, quando viu que seu irmão estava prestes a abrir a boca para falar também e ele conhecendo a peça tratou logo de se calar. — Olha, pouquíssimas vezes na história da minha vida alguém me deu tanta gastura como aquela sujeita. Então não, ela não será nossa madrinha e pronto!

— Sabe que minha mãe ficará chateada — Caio voltou a falar quando achou que fosse seguro. O que eu considerava ser de muita coragem.

— Então eu não me caso até que você tire essa ideia estapafúrdia da cabeça! — e então se voltou para gente outra vez para completar: — Se um dia disser para vocês que ela será nossa madrinha, com certeza estarei louca do cu. Então podem chamar uma ambulância, por favor!

— Tudo bem. — me pus de pé, mesmo querendo continuar aonde estava, nos braços de Henry. — Acho que é a nossa deixa. — estendi a mão para ele, que segurou para também se levantar.

— Aonde vão? — Lorena indagou com uma doçura que estava longe daquela louca que acabara de perder a compostura.

Sim. Ela era bem bipolar!

— Para bem longe de você, *Loucarena* — Henrique gracejou e eu ri baixinho do apelido que ele dera para ela desde a infância.

— Tenho uma sessão agora e depois vamos para um pub beber alguma coisa com meus colegas de trabalho da Vogue. — eu buscava minha bolsa enquanto explicava.

— Então até mais tarde. Boa sorte! — Lorena me beijou a bochecha e nos

despedimos.

E eu mal sabia que ia precisar mesmo.



Depois de horas fotografando no estúdio para um editorial de moda fitness, tudo sob a supervisão dos olhares de aguia de Henrique, que não pareceu muito contente de ver uma quantidade considerável de pele minha exposta, fomos encontrar com meus colegas de trabalho conforme havíamos combinado antes. Após algumas bebidas, rindo como dois cúmplices Henrique e eu dançávamos no meio da pista de dança da boate, ao som de *No One* versão remixada.

E quando Alicia Keys cantou o primeiro verso da canção que dizia *“Eu só quero você por perto, onde você possa ficar para sempre, você pode ter certeza que assim será muito melhor...”* Henry me puxou ainda mais para si, nós dois juntos no ritmo quente da melodia. A letra falava ainda muito sobre nós, sobre não deixar ninguém mudar o que sentimos e era verdade. Mas também sobre ficar tudo bem apesar de tudo e esse era meu maior desejo.

O som da música alta pulsava e as luzes coloridas piscavam ao nosso redor, bem como as pessoas que pareciam dançavam completamente alheias aquele casal apaixonado, mas com tanta coisa para confessarem.

Eu sabia que nós dois tínhamos muito o que conversar, que as coisas ainda não haviam mudado entre nós, que não poderíamos seguir em frente sem que fossemos completamente sinceros um com outro. Ainda assim eu sentia medo. Um medo irracional de falar com ele sobre o que deveria. Era apenas covarde demais para tomar essa atitude, embora já tenha ensaiado diversas vezes desde que nos encontramos.

Por isso, ao invés de chamá-lo para voltar para casa e conversarmos, apenas puxei-o para mim, nossos rostos colados um no outro, até que sua boca tomou a minha.

Me possuindo como toda vez que me beijava, sua língua brincava e me provocava em uma dança lasciva, que me fazia esquecer até mesmo meu nome. De repente Henrique se afastou, antes de me puxar para o sofá mais próximo, me colocou em seu colo e voltou a me beijar. Suas mãos grandes logo estavam em minha pele, deslizando de forma firme pelas curvas da minha cintura, enquanto sua língua me provocava, deixando-me completamente rendida.

E apesar de estar apenas sentada em seu colo, de um modo talvez não muito inocente, eu podia senti-lo em todos os lugares. O cheiro, músculos, seu calor e sua ereção, que me permitia sentir o tamanho do “problema” que me encontrara estando tão entregue em suas mãos.

Mas a fisgada dura no sexo, a sensação de fôlego líquido que me provocava, só provava o quão ansiosa eu me encontrara para resolver tal problema. Tudo que eu queria era ele. Deixar que me tomasse, que me fizesse esquecer qualquer medo ou receio sobre nós.

A razão havia me dado “tchau”, pois estava mergulhada demais em seu gosto, em seu toque, em seu cheiro, naquela necessidade que parecia pulsar em mim.

— Eu acho melhor pararmos aqui — Henry constatou o óbvio ao se afastar, os olhos fechados, a respiração ofegante e o peito subindo e descendo provando que eu não era a única afetada naquele momento. Bem como o quanto desaprovava o fato de ter de fazer tal coisa.

— Tudo bem — escorreguei para o lado e resfoleguei, nós dois começando a rir baixinho.

— Meus Deus! Como eu te amo, *Miamor*. — segurando meu queixo beijou minha boca com vontade, terminando com um selinho demorado. — Vou ao banheiro e que tal irmos para casa terminarmos essa conversa? — sua pergunta fora sugestiva, bem como o olhar recheado de promessas.

— Claro. Acho que temos muito para falar. — fiz uma cara que eu esperava ser sexy e ele piscou para mim, quando mandei um beijo para ele antes de ir em direção ao banheiro.

Heart Attack tocava nas alturas quando Betty, uma colega minha do estágio, sentou-se ao meu lado e depois de pedirmos uma bebida para o garçom que passava, começamos a conversar.

— Mia, acho que o celular é do seu namorado. — estendeu-o para mim o aparelho que aparentemente estava no lugar que ocupava e eu o peguei.

— Nossa! É mesmo! Ele sequer deve ter notado que esqueceu! — e com ele em mãos, acabei destravando-o sem querer. E foi naquele exato momento uma mensagem de texto chegara e acabei abrindo-a no processo.

Meus olhos inevitavelmente foram até tela e me vi em choque. Colocando o copo de cerveja que levaria a boca de volta à mesa com um estalido seco, não conseguia acreditar na mensagem que lia.

Mio, como vão as coisas? Conseguiu resolver o que precisava? Me liga quando puder. Volte logo que já estou com saudades.
Amo você!

Betty disse alguma coisa, mas não consegui sequer ouvi-la, estava muito ocupada vendo todas as promessas, planos, a minha vida se ruírem completamente sem que eu pudesse fazer nada. Fiquei ali parada, por um tempo que me pareceu eterno, lendo e relendo a maldita mensagem, tentando extrair de

cada letra, cada palavra, alguma coisa diferente ao que realmente parecia. Mas, sem sucesso, porque nada conseguiu tirar de mim aquela dor pela apunhalada no coração pela traição.

O garçom veio servir a bebida que havíamos pedido e foi quando notei que Betty não estava mais na mesa comigo. Mas não havia tempo para me sentir culpada, não quando meu mundo inteiro se desmanchava junto com as lágrimas que eu derramava.

Por isso virei a minha bebida e a dela de uma só vez, bem como a de algum cliente que ele estava pronto para servir. Não era coisa certa em meu estado. Mas se o álcool antes ajudava a esquecer, ele não estava cumprindo seu propósito como deveria. E antes que eu percebesse, limpava minhas lágrimas e seguia em direção à pista de dança.

Comecei a dançar como se não houvesse o amanhã, e talvez não houvesse mesmo, porque embora tentasse transparecer outra coisa, me via prestes a desfalecer. Por isso respirei fundo e acompanhando a canção que tocava, uni todas minhas forças para não desabar. Não poderia despencar. Não importava que estivesse sentindo o inferno de um nó na garganta e o peito apertado, um sentimento ainda maior me dominava e era nele que deveria me concentrar: na raiva.

Comecei a suar enquanto dançava, quando senti mãos masculinas se enredarem em minha cintura. Eu sabia que não era Henrique, afinal, eu reconheceria seu toque imediatamente, mas ainda assim permiti e até mesmo me aproximei do desconhecido.

Nossos quadris se remexeram junto com a música e apesar de saber que estava sendo mais ousada do que normalmente era, isso não me impediu de empurrar meu traseiro contra ele, o que fez o meu novo amigo gemer.

Aceitando isso como um convite, seus lábios provocaram a pele suada do meu pescoço e fiz de tudo para não lembrar de outra pessoa. Virei-me para ver o rosto daquele que me faria esquecer tudo aquela noite e, quando estava me preparando beijá-lo alguém nos interrompeu:

— Que porra é essa? — Assustada, me virei para dar de cara com Henrique, que nos olhava com os olhos em chamas e os dentes cerrados.

Merda!

Senti-me pequena diante dele. Henrique era bem mais alto e forte do que a maioria dos homens. E intimidador também. Mas não o suficiente para me fazer esquecer da sua interrupção.

— Quem é você? — o rapaz bonito que eu tratei de enrolar meus braços no pescoço perguntara.

— Sou o namorado — e então tirou meus braços do outro sem pedir

licença.

— Não é nada — fiz questão de corrigir e fui fuzilada por olhos verdes implacáveis.

— Desculpa, cara, eu não fazia ideia. — o idiota se afastou, fazendo questão de levantar as mãos em rendição, antes de desaparecer.

Frouxo!

Fiquei puta da vida. Aparentemente não se faziam mais homens como antigamente, daqueles que adoravam entrar em uma briga com outro por uma mulher gostosa. Mas a covardia dele não iria me parar.

— Não tem problema. Arranjo outro — e com um sorriso maquiavélico passei por Henrique, que segurou meu braço, impedindo-me de prosseguir.

— Por que está fazendo isso? — sua voz era seca quando perguntou e desvencilhei-me do seu toque, porque não suportava mais que me tocasse.

— Acho melhor perguntar para Ana Renata-Coraçãozinho — comentei docemente, sem conseguir disfarçar o tom sarcástico e também perigoso em cada palavra dita e joguei o aparelho contra ele.

Henrique não disse nada enquanto segurava seu celular como se nele tivesse um vírus contagioso. Ficou ali, no meio da multidão parado, sem dizer uma palavra sequer. Pareceu muito assustado para reagir e a forma desesperada que me encarava, me irritou sobremaneira.

Virei as costas para ele, prestes a sair dali, quando ele finalmente resolver abrir a boca:

— Não se afaste. Me deixa te explicar — o pedido foi feito em um sussurro e quando sua mão contornou minha cintura, virando-me de frente para ele outra vez, me senti enojada.

— Me solta! — exigi, porque não suportava que me tocasse. Não queria que me tocasse.

— Vamos conversar em casa — praticamente implorou e eu ri com escárnio, sem conseguir acreditar realmente no que me pedira.

— Esta é a beleza de viver na América, Henrique Ferraz. Você não pode me obrigar a fazer uma maldita coisa! — com uma joelhada contra seu sexo, fiz com que ele caísse de joelhos no chão com meu golpe e fugi em plena multidão.



Naquela noite não voltei para casa. Não conseguia e também não podia. Precisava de alguma coisa para me fazer esquecer as últimas horas e isso significava álcool e um carinho que eu certamente nunca mais veria na vida. Apenas na manhã seguinte que cheguei em casa, porque além de saber que em algum momento teria de retornar, como todos os reles mortais tinha que ir

trabalhar.

Descabelada e com as sandálias de salto na mão, abri a porta da sala para dar de cara com o vazio. *Talvez fosse minha sina*, pensei. E talvez fosse mesmo, porque não importava quanto tempo passasse, ou onde estivesse, eu sempre parecia voltar ao mesmo lugar... Sozinha. Abandonada... e sem ele.

Entrando no imenso apartamento vazio, olhei meio desorientada ao meu redor antes que os eventos da noite anterior viessem a minha mente ainda cheia de sono. Tentei controlar as lágrimas que ameaçavam me derrubar e muito arduamente consegui ao fechar a porta, antes de colocar minha bolsa sobre o aparador da sala.

Não sabia bem por que em algum momento pensei que encontraria o ambiente em uma situação diferente, quando todos também tinham um emprego e uma vida que não girava em torno da minha.

Mas aparentemente a minha girava em torno de alguém...

Fechei os olhos e repeti: *eu sou mais forte do que isso. Sou mais forte que a minha dor.*

Enquanto ia para o banho coloquei uma música para tocar, precisava me arrumar para o trabalho e também retomar o controle que eu tanto precisava ter. Necessitava lavar tudo dentro de mim. Necessitava esquecer.

Embora insistisse em dizer para mim mesma que o pior já havia passado, a porra do nó na minha garganta ainda não havia se desfeito. E enquanto a água do chuveiro caía sobre mim, as lágrimas caíam junto. O coração tão apertado, mas tão apertado, que o ar me faltava.

Quando retornei para o quarto, John Meyer cantava *Gravity* com aquela voz grave e rouca que eu tanto adorava, parecendo pressentir exatamente como me sentiria instantes depois. Enxugando meus cabelos molhados com a toalha, foi que reparei que sobre a mesa de cabeceira havia um pedaço de papel.

Sua ausência já deveria ser um prenúncio do que me esperava naquela carta, bem como suas malas que não estavam mais ali e eu sabia, por isso quando a peguei minhas mãos estavam um tanto trêmulas. Respirei fundo mais uma vez, desejando ter forças para lê-la e fiz:

Mia,

Escrever essa carta talvez tenha sido a coisa mais difícil que já fiz. Mas também a mais sensata.

Não sei em que momento as coisas entre nós começaram a mudar e embora tenha tentado sempre fazer as coisas da melhor forma, tudo sempre parece sair errado. E eu sinto muito. Mesmo.

Planejei falar tanta coisa para você quando chegasse, mas desde que te vi as coisas simplesmente saíram de controle, nos magoamos outra vez e então chegamos até aqui.

Imagino o quanto está chateada, se sentindo também traída e um dia queria poder explicar, mas agora simplesmente não posso. Simplesmente não consigo, embora tudo que eu mais queira é estar com você.

Sei que está me odiando agora, que está com raiva, acreditando que menti para você, mas ainda assim te peço, que, por favor, não esqueça nunca que o meu amor por você é verdadeiro e não importa quanto tempo

passe, quantas pessoas entrem em nossas vidas, isso ninguém pode nos tirar.

Eu te amo ao infinito e além.

Henrique Ferraz

Chorando e ajoelhada ao chão, eu me abraçava quando terminei de ler sua carta, antes de rasgá-la, como ele havia feito comigo. Jurei pra mim mesma que essa seria última vez que sofreria por Henrique. Que seria a última vez que permitiria que ele me iludisse com suas promessas. Que confiaria nele... Que acreditaria que o tínhamos era real e verdadeiro.

Aquilo tinha que acabar. Eu não podia mais viver dessa maneira. Não podia mais olhar suas fotos e ouvir as músicas, que falavam tanto por nós. Eu precisava esquecê-lo, nem que para isso precisasse jogar fora tudo que me lembrava ele. E foi o que fiz.

Me bateu um desespero depois, uma dor que não parecia sessar, porque, no fundo, eu sabia que por mais que não tivesse mais nenhuma lembrança sua, ainda assim nunca poderia ser bem-sucedida em se tratando de Henrique, mas eu apenas precisava tentar. Precisava escrever um novo capítulo na minha vida, uma edição nova, em que ele não fizesse parte da minha história além do ponto final.

Por mim, apenas por mim e pela minha sanidade mental, eu precisava acabar de uma vez por todas com o meu amor impossível por Henrique. Tinha de me libertar. Desenjaular aquele sentimento que me mantinha presa. E eu arrancaria o coração do meu peito caso pudesse para conseguir.

Antes do que nos aconteceu ali, apesar de brigarmos muito, nós sempre fomos grandes amigos. Mesmo depois do que vivemos no passado, e talvez por morarmos longe um do outro, conseguimos manter as coisas de alguma forma. Mas e dali em diante? Como seria? Tudo isso que estava arruinado. Eu não podia mais vê-lo. Não podia sequer falar com ele.

— Acabou — balbuciei para mim mesma, em uma tentativa de reafirmar o que tinha de ser.

Mas apesar de decidida, como nunca outrora, ainda assim doía tanto. Doía, porque era como se, de repente, tivesse percebido a perda de mais um pedaço importante da minha vida. E de fato perdi.

Tempos atuais...

Capítulo 15

HENRIQUE

— O que? Como assim, mãinha? — perplexo me vi perguntando a minha mãe, que riu diante minha surpresa.

— O que esperava? Você é meu filho, oras. Mia também é como uma filha para mim, sabe disso. Acha mesmo que nunca percebi a troca de olhares? De sorrisos? As farpas? As provocações? — ela voltou a rir, parecendo achar engraçada a minha inocência e embora estivesse nervoso e envergonhado, como se tivesse sido flagrado, me vindo rindo junto.

Completamente chocado era como me encontrava diante minha mãe. Tanto, que sequer conseguia dizer nada. Nem mesmo conseguia me explicar e percebendo isso ela continuou:

— Sempre foram mais do que dois amigos que se consideravam irmãos. Sempre foi diferente do que ela tinha com Léo e até mesmo com Luca e Thiago. No segundo em que botei os olhos em vocês anos atrás, eu sabia que algo havia mudado entre os dois. Eu só não entendo porque vocês nunca assumiram isso. — seu sorriso era triste quando terminou de falar e o meu logo seu espelhara ao dela.

— É complicado, mãinha. — suspirei sentindo-me derrotado. — Nos últimos anos, aconteceram tantas coisas. Fomos muito felizes também, mas tivemos uma sucessão de erros e desentendimentos, tantos que por anos sequer nos falamos e eu tinha que me contentar em me alimentar de notícias dela por vocês. Ela não quis mais falar comigo e eu aceitei, porque quase sempre foram minhas escolhas erradas que nos separaram — admiti envergonhado e minha mãe segurou minha mão parecendo perceber minha vulnerabilidade.

— Mas por que vocês nunca consertaram isso realmente? — seu tom era carinhoso, mas também preocupado e era isso que eu precisava, do seu apoio. Não de julgamentos.

— Nós tentamos. Mas sempre tive medo. Medo do que vocês achariam e principalmente, medo de não fazê-la feliz.

Essa sempre fora a real razão. Não era sobre ter dúvidas ou sobre como eu me sentia ou ela, nunca foi, pois meu amor por Mia sempre fora o que tinha de mais verdadeira e concreto, mas sim sobre ser o suficiente. Sobre ter medo de perdê-la, de fazê-la sofrer, embora tivesse feito exatamente isso desde então.

A bem da verdade, era que desde que me entendia por gente, que olhava para aquela boneca pequenina em seu berço, tentei protegê-la. Protegê-la de

tudo, de todos e também do mundo. Mas na minha tentativa de fazer o correto, de fazer o melhor para vê-la realizada, apenas errei e acabei destruindo o nosso mundo, nossa chance de ser felizes como merecíamos desde o princípio.

— Eu a amo, mãeinha. Sempre amei. Nunca houve outra, porque sempre fora ela. — aquela que me conhecia como ninguém sorriu, um tanto emocionada e um suspiro sonhador lhe escapou quando apertou minha mão.

— Eu sei, filho. Isso me deixa feliz, mas também triste, porque me dói saber que meus meninos sofreram e ainda sofrer tanto por esse amor. — beijou-me a mão e com a delicadeza de uma mãe me pediu: — Por favor, me conte tudo.

Então contei. Pela primeira vez em minha vida, desatei a falar para minha mãe sobre nossas idas e vindas, como sempre desejei fazer. Enquanto lhe falava, tentei deixar para lá meus medos e receios e recebi em troca sorrisos, algumas gargalhadas e até mesmo olhares reprovadores, mas ainda assim nunca me senti tão bem em dividir o que vivemos com alguém.

— Você sabe o que tem que fazer, não é? — assenti, sabendo o que ela queria dizer. — Então não deixe ser tarde demais, filho.

E eu não deixaria.



O Sol já havia nascido quando retornamos para sala de esperas horas mais tarde. Mia acordara, mas ela não estava sozinha quando chegamos, pois Daniel estava ao seu lado, abraçando-a de forma protetora.

Vê-la nos braços de outro, ainda que fosse apenas para lhe consolar e dar-lhe força naquele momento tão difícil para todos nós, não era uma cena que eu conseguia encarar com naturalidade. Podia parecer até mesmo insano da minha parte, mas por mais errado que eu estivesse, vê-la com alguém, sendo este alguém tão especial para ela como eu sabia ser, consolando-a e protegendo como eu deveria estar fazendo, era uma tortura, um castigo, que eu estava decidido a enfrentar.

Felizmente ou infelizmente, eles não ficaram ali por muito tempo naquela posição e disseram que iam tomar um café. Quando vieram nos dizer aonde iriam, Mia ainda não estava olhando para mim, e depois de tudo que havia acontecido na noite anterior, imaginava que ela não quisesse ou não estivesse preparada para me encarar e muito menos conversar comigo, mas ainda assim nada me impedia de sentir meu coração doer.

Mais do que nunca eu precisava dela. Ao menos de um pouco. Precisava do seu apoio. Do seu abraço. Precisava que me deixasse confortá-la e fizesse o mesmo por mim, mas imaginei que ela não me daria espaço, porque pelo visto seu desejo era que eu ficasse longe e então me contive.

— Tenha paciência, filho. Tudo dará certo — minha mãe me garantiu, enquanto eu os via se afastar. E eu tinha que acreditar nisso.

Horas mais tarde, ela voltara com ele enquanto aguardávamos o horário de visitas. Fiz algumas ligações enquanto isso, mandei alguns e-mails e cancelei os compromissos que tanto eu quanto meu dindo teríamos nos próximos dias, porque o que importava mesmo era sua saúde e bem-estar.

Minha mãe foi a primeira a entrar em seu quarto a pedido dele. Fui beber água no bebedouro do corredor e quando retornei, decidi que havia sido compreensivo demais e iria tirar o *Dr. Incrível* de perto da minha loirinha.

Queria muito falar com ela, poderia não ser o momento ideal para isso, mas precisava. E com esse grude do lado dela era difícil, até mesmo para os mais pacientes, agir de modo racional, o que de fato eu não era, porque não havia uma grama de paciência em mim.

— Daniel, estão te procurando. — foi o que consegui inventar quando me vi diante deles.

— Quem? — perguntou, parecendo genuinamente confuso.

A morte!

— Seu pai menti, dando um gole na minha bebida, esperando ter soado convincente.

— Ah... Obrigado, cara. ele se virou para minha loirinha. Miss, vou ver o que meu pai quer. — Eu revirei os olhos pela escolha idiota do apelido, logo se via que o Dr. Incrível não a conhecia mesmo, porque Mia nunca gostara de nada que a lembrasse os concursos de Miss que participava no passado. — Você vai ficar bem? — ele parecia preocupado e eu nem um pouco. Afinal, eu estava ali para ficar com ela.

— Sim. Não se preocupe. Estou bem. — ela lhe garantiu com um sorriso fraco em uma tentativa de reafirmar suas palavras. O que só fez com que ele parecesse ainda mais receoso em partir.

Merda! Por que ele apenas não ia e nos deixava em paz?

— Não se preocupe que eu cuido dela. — me pus em sua frente para falar e era verdade.

Mia não olhou para mim quando eu disse e nem eu para eles enquanto Daniel se despedia dela com um beijo rápido nos lábios e então finalmente saiu, deixando-nos sozinhos.

— Ninguém está procurando por ele, não é? — Mia não estava perguntando, estava afirmando. Ela me conhecia bem demais para saber que era algo que eu faria apenas para tirá-lo de perto dela.

— Sim. — admiti com um sorriso que estava longe de combinar com o olhar reprovador que recebi dela em troca.

— Por que você tem que ser tão idiota? — ela estava irritada, mas ainda assim nada me impediu de sentir uma vontade irresistível de beijá-la. Mas me controlei.

— Eu precisava ficar sozinho com você. — fui sincero, mas isso não a amoleceu como eu gostaria, pois ela bufava enquanto caminhava para fora da sala de esperas fugindo de mim e eu a acompanhei.

— Não temos nada para falar — ela foi seca, mas sua resposta não fora o suficiente para me fazer desistir.

— Temos sim, Mia. E você sabe. Por favor, vamos conversar.

Meu “por favor” foi significativo e ela pareceu achar o mesmo, pois parou no mesmo instante em que insistia em tentar fugir de mim. O semblante irritado mudou para grave e também atento enquanto olhava para mim, incentivando-me a continuar. Mas pelo visto não seria naquele instante que conversaríamos.

— Mia? Henry? Venham. Vittorio está esperando por vocês agora — minha mãe nos interrompeu e apesar de feliz por saber que poderíamos vê-lo, foi quando que me dei conta que ficaríamos frente a frente com meu dindo depois de tudo. Principalmente depois do que ouvira.

Inevitavelmente tive medo. Medo de ver a decepção em seus olhos. Medo de ser rechaçado, desprezado, mesmo que conhecesse-o bem demais para crer que ele jamais faria isso comigo, quem ele criara como um filho, ainda assim temi.

Percebendo uma certa hesitação da minha parte, Mia voltou para o exato lugar onde estava e sua expressão se suavizou um pouco, enquanto me encarava de modo significativo, como se soubesse exatamente como me sentia.

— Vamos — pegou minha mão e me puxou, incentivando-me a segui-la e eu fiz.

Deitado na sua cama, Vittorio Guiotto observava de forma atenta o apartamento confortável em que ele estava acomodado desde que saíra da emergência. Se demorando um pouco mais nas flores espalhadas pelo ambiente, seus dedos pareciam inquietos sobre a cama, um gesto parecido com o que sua filha mais velha fazia quando estava nervosa.

Ter a certeza de que ele não era o único tenso por essa conversa, deveria me ajudar com o meu próprio nervosismo, mas não era bem o caso. Eu temia ver o desapontamento nos olhos daquele a quem eu considerava como meu pai. E embora soubesse que teria o apoio de minha mãe, temia que tudo dali em diante desandasse.

Ao perceber que nos aproximávamos, meu dindo virou a cabeça com os cabelos loiros levemente grisalhos e olhos azuis cinza brilhantes, também tão parecidos com o outro que eu amava com loucura e não foi decepção que vi ali.

Apenas culpa, culpa esta que se espelhara em seu sorriso fraco, embora genuíno.

— Oi — ele quem nos cumprimentou primeiro e foi a deixa para Mia ir correndo para abraçar o pai, que retribuiu como podia, fechando os olhos no processo.

Ao ver aquela cena o caroço da minha garganta pareceu difícil de engolir e a vontade de chorar foi enorme. Como sempre dona da intuição materna exemplar, dona Socorro segurou minha mão e seu olhar não apenas me dava forças, mas também me dizia que estava comigo.

— Me desculpa, pai. Me perdoa — Mia chorava enquanto tentava se desculpar e ficou mais do que claro para gente o quão culpada ela se sentia por tudo. E isso doeu. Não deveria, mas doeu.

— Shhhh, minha filha. Para com isso. Você não tem que se desculpar por nada. Não é por culpa de ninguém que estou aqui. — ele lhe acariava os cabelos enquanto lhe dizia isso e então me encarou. — Vem aqui, filho

Novamente me vi engolindo em seco, ao passo que caminhava até sua cama. Tudo pareceu ficar em câmera lenta e cada passo que eu dava, era como se um filme da minha vida se passasse em minha cabeça e eu visse em flashes todos os momentos que nos levaram até aquele instante.

Nosso primeiro beijo... A tragédia que vimos acontecer ainda aquela noite... Nossa recaída... O término... Nossa primeira noite juntos... A briga do dia seguinte... A ida para Roma... Nossos meses juntos vivendo como casal... A morte de tia Paola e também quando escolhi ficar, deixando-a partir... O pedido de casamento meses depois... E o motivo que me levou a terminar nosso noivado... A minha recém-descoberta de que Mia perdera um filho nosso após o rompimento... Anos separados e nosso retorno breve em Nova Iorque, que se tornara mais um término quando ela descobriu sobre Ana Renata... Seu retorno para o Brasil... Nosso casamento em Vegas... Mais uma separação... Seu noivado com Daniel... Ela me contanto sobre o que passou e então ali estávamos, naquele instante inevitável que por tanto tempo postergamos.

— Preciso pedir desculpas a vocês — meu dindo então começou a falar e Mia e eu olhamos para ele de certo modo confusos.

— Não tem nada para se desculpar, pai. Pelo amor de Deus! — a voz de Mia subiu alguns tons, tão incrédula como eu me encontrava.

— Sim. Não tem, dindo — reafirmei, porque para mim era absurdo que ele sequer considerasse que era culpado por alguma coisa.

— Claro que tenho. — ignorou nossa defesa em seu favor, e segurando minha mão prosseguiu: — Preciso me desculpar, porque se eu não fosse tão cego, tanta coisa poderia ser diferente. Desde o início. Desde antes de Mary e Paulo morrerem.

Vi Mia resfolegar, enquanto eu tentava controlar as batidas do meu coração. Pois depois de anos, mais precisamente treze anos, não acreditava que estávamos realmente falando daquele assunto.

MIA

Estranhei a conversa. Nós quase nunca falávamos da minha mãe, ou do Paulo, muito menos do acontecido. Não que fosse um assunto proibido nem nada, mas estávamos adaptados ao arranjo familiar a que a circunstância nos obrigou.

Já não bastasse a situação que nos encontrávamos, em que meu pai depois de ter passado mal parecia decidido a nos pedir desculpas por alguma que nunca foi culpa dele, ainda assim resolvera falar sobre a morte dos dois e por isso me vi completamente sem ar.

Temer ter um ataque de pânico diante de todos, o que de certo só acrescentaria mais um item em sua lista. Então tentei de todas as formas não ceder a crise. Precisava me controlar. Precisava ser mais forte do que era. Precisava estar bem pelo meu pai.

Fechei os olhos e repeti meu velho mantra, aquele que não me deixava cair ou sucumbir: *eu sou mais forte do que isso. Sou mais forte que a minha dor.*

Ver meu pai passando por aquilo fora, sem sombra de dúvidas, um dos piores momentos da minha vida. Quero dizer, *Papa* era grande e forte. Aos meus olhos ele era invencível. Meu super-herói particular. E mesmo sabendo que já estava bem, não conseguia vê-lo daquele jeito, deitado naquela cama de hospital. Ele parecia... impotente.

— Socorro me contou tudo. — sentindo meu rosto arder de vergonha, levantei a cabeça do seu peito para olhar para Henrique, que parecia envergonhado e um pouco perdido também, embora absurdamente lindo segurando o terno em uma mão, enquanto a outra segurava a de meu pai. — E eu sinto muito não ter percebido antes. Sinto muito não ter visto o quanto se amavam e estavam sofrendo.

Novamente me vi fechar os olhos. Não estava esperando por aquilo. Não era culpa sua, eu sabia, especialmente porque dentre todas as coisas fora nossa escolha não contar. Ainda assim eu o entendia, porque, de fato, todos esses momentos em que sofremos, ambos calados, teriam sido muito mais fáceis se tivéssemos tido o apoio deles.

— Por favor, dindo, não faça isso — Henrique interrompeu o que meu pai diria para falar. — Se tem alguém culpado em toda essa história sou eu. Eu que fui covarde. Eu que não lutei pelo amor da sua filha. E o senhor não sabe o quanto me arrependo. — Engoli em seco ao encarar a intensidade feroz nos seus olhos verdes. — Saiba que não ficar ela foi a coisa mais difícil que já fiz na

minha vida. — novamente me vi desconcentrada, seu tom de voz deixando explícito a dor crua do que sentira. — Eu amo sua filha, dindo. Sempre amei. E embora tenhamos errado tanto, nos magoado, sei que ela me ama.

Meus olhos encheram-se de lágrimas. Eu morria de medo do que sentia por ele. Não deveria sentir, e me odiava por esse motivo. Eu disse que nunca mais faria isso. Prometi a mim mesma que não abriria meu coração para ele novamente. Mas não adiantava. No fundo, eu sabia, que nunca deixaria de amá-lo.

— Eu não quero amar você. — forçando minha voz a sair através do nó na minha garganta, admiti com meus olhos presos aos seus e seus lábios se entreabriram, trémulos, emudecendo-o. E então levantei a cabeça para sua mãe e continuei: — Mas amo seu filho mesmo assim. E estou cansada de lutar comigo mesma e também de fingir que esse sentimento não me move. — minha dinda assentiu, um tanto emocionada.

Eu não quis sorrir, mas foi o que inevitavelmente me vi fazendo enquanto olhava de volta para Henrique, que passou a sorrir aliviado com a minha confissão.

— Eu sei, admito, que fui o maior culpado por nossas separações. Peço desculpa mais uma vez Mia, mas também ao senhor, dindo. — largando o terno sobre a cadeira, segurou minha mão, enquanto olhava para as pessoas que ele mais amava na vida. — Acreditem em mim quando digo, que não importava onde e como estivéssemos, todos os dias ao acordar de manhã, meu primeiro pensamento sempre foi você, Mia, e no quanto eu sentia sua falta. O quanto queria estar acordando com você em meus braços. E a cada minuto do resto dos meus dias eu pensava em você de um jeito ou de outro. É inevitável, você está em mim, mesmo tendo passado tantos anos, sempre estive em mim.

— Henrique... — balbuciei seu nome emocionada, não sabendo como responder.

— Mia, sei que você acredita que te trai, mas eu juro, perante nossos pais, que nunca poderia. E você sabe por que — me olhando de modo significativo, deixou subentendido o que diria e eu não disse nada, porque sabia o que ele queria dizer com aquilo. E como o assunto fora rapidamente esquecido, achei por bem não voltar a tocar nele.

Nós dois havíamos sido testemunhas de uma traição que terminara em desgraça. E pela primeira vez, desde que acreditei que ele tivesse me traído, me senti boba, porque depois daquela noite do nosso primeiro beijo, há mais de doze anos, sabia que Henrique jamais poderia fazer isso comigo. Ele jamais seria capaz de repetir um erro que quase me tirou a vida.

— Ouvir tudo aquilo que ouvi, não foi fácil para mim. — abaixei a cabeça

envergonhada quando meu pai tomou a palavra outra vez. — E não vou mentir dizendo que não fiquei chateado por vocês não terem dividido nada conosco ou ao menos comigo, mas isso não vem ao caso agora.

— Pai... — tentei me desculpar, ao mesmo tempo que Henrique também tentava:

— Dindo... — mas ele nos cortou:

— Não, tudo bem. Eu entendo. Juro que entendo. Não consigo sequer me colocar no lugar de vocês. O quanto sofreram escondo isso. Imagino que tenham achado que de alguma maneira eu interviria ou que ficaria chateado. O que, convenhamos, nunca aconteceria, porque eu não consigo ver pessoas melhores uma para o outro. — ele sorriu para nós e acariciou meu rosto com amor, do mesmo jeito que fazia quando eu era uma criança e me colocava para dormir. — Mas o que importa não é o tempo perdido e sim que não é tarde para fazer as coisas do modo correto. Nenhum relacionamento é fácil, eu sei disso, afinal, somos humanos e passivos a erros. Sei que vocês têm tanta coisa para resolver sozinhos, meus filhos. Mas, por favor, pelo amor que nós sentimos por vocês, apenas parem com essas idas e vindas.

— Sim, por favor — minha dinda reiterou com um sorriso debochado, vindo abraçar seu filho mais velho.

Mordi meus lábios, em uma tentativa de reprimir a onda de emoções que ameaçavam me derrubar. Abracei meu pai, como estava precisando naquele momento. Ele estava certo. Sempre estava. Sabia que um dia teria de encarar a verdade, querendo ou não, sendo orgulhosa ou não, jamais poderia negar o meu amor por Henrique.

Casar-nos em Vegas, em uma noite de farras e extremamente bêbada fora irresponsável e também tão clichê, que acabei concluindo que, no fundo, fiz algo que verdadeiramente queria. Era sincero, que o pouquinho de sobriedade que existia em mim naquela noite consentiu que eu subisse ao altar e dissesse “sim”, para o homem que de certa forma por tantas vezes me disse “não” ou eu mesma neguei sermos “nós”.

Confesso, que quando descobri que esse casamento era real, que de fato acontecera, eu meio que surtei e fui invadida por tantos arrependimentos, mas também fui dominada pelo de alívio e alegria por ter feito isso com ele. Já havia passado, estava dito o temível “sim”. Eu não poderia continuar negando tudo que existia entre nós, em especial depois de tudo que passamos e principalmente quando naquele momento tínhamos o que mais queríamos e ao mesmo tempo temíamos: a bênção de nossos pais.



— Tá bom. O que está havendo? Você está mais louca do que o normal. — Mariah me perguntou no dia seguinte, enquanto almoçávamos uma deliciosa lasanha verde que ela tinha acabado de fazer na minha cozinha praticamente intocável.

Suspirei, ponderando se deveria ou não falar para eles o que havia acontecido mais cedo aquela manhã, o que eu ainda não havia contado para ninguém, nem mesmo para Henrique.

— Eu não vou mais casar. — finalmente tomei coragem para finalmente falar.

— Como é que é? — ela gritou, sua sobrancelha praticamente fora parar no alto da testa, enquanto se afastava com o banco completamente aturdida.

— Por favor, só me diga que isso é um antigo nome de programa de TV. — Thiago implorou, um gemido de desagrado lhe escapando.

Não era. Era apenas a realidade. Meu pai finalmente havia recebido alta do hospital pela manhã e quando Daniel veio em minha casa pouco depois, após muito postergar, havia decidido ser sincera com ele.

— Não. Eu rompi com Daniel — falei verdadeiramente triste.

— Oh, amiga. — Mariah me abraçou em uma tentativa de me confortar. — E como foi?

— Horrível.

E foi mesmo. Embora pudesse ter sido ainda pior.

De alguma maneira completamente egoísta, eu havia levado as coisas entre nós até ali e simplesmente não podia mais ignorá-las. Com muito pesar, lhe disse que era melhor terminarmos de modo definitivo aquela vez. Não era justo conosco e muito menos com Daniel, que insistíssemos em uma relação fadada ao fracasso. Então por mais doloroso que fosse, ele merecia toda verdade. E enquanto confessava todos os meus pecados, não tinha sequer coragem de olhar para ele.

Deus! Isso foi tão difícil!

— Sinto muito. — Consegui dizer, por fim, um fio de voz segurava a minha vontade incontrolável de chorar.

— Mia, eu entendo. Estou sofrendo sim, afinal, o que sinto por você é verdadeiro, mas ainda assim te entendo. Talvez apenas nunca fosse para ser mesmo. — Engoli em seco, enquanto ele enxugava uma lágrima minha que escorria. — A nossa vida pregressa deveria ser um prenuncio que nunca daríamos certo. Mas acho que fui um pouco persistente ou egoísta demais para não querer enxergar a verdade. Por favor, não se sinta culpada por amar alguém.

Foi impossível não me sentir ainda pior depois que disse isso. Ele estava se culpando por algo, que se tivesse de fato um culpado não poderia ser outra pessoa senão eu. Simplesmente não consegui mais segurar as lágrimas, apenas as derramei. Era triste dizer “adeus” para alguém tão especial, que me fizera tão bem e que me trouxe de volta aquele sentimento de contentamento que sentíamos quando alguém era apaixonada por nós. Eu não queria ter de fazer essa escolha, mas era preciso. Principalmente por ele. Era hora de deixar que ele partisse e encontrasse alguém que poderia dar a ele o que eu não poderia dar a outro que não fosse Henrique.

— E foi isso. — coloquei uma garfada da deliciosa lasanha na boca quando por fim terminei de lhes contar como ocorrera o término e como me sentia desde então.

— Imagino que sim. Mas acho que alguém vai ficar feliz com a notícia. — Thiago então pegou seu celular e discou o número de alguém e imaginei que só pudesse ser uma pessoa o motivo daquilo tudo.

Desde a conversa que tivemos com nossos pais no dia anterior, apesar de sabermos exatamente o que queríamos, ainda assim decidimos esperar. Talvez fosse absurdo dar um tempo para colocarmos nossa cabeça no lugar antes de fazermos qualquer coisa, depois de tudo, especialmente quando tínhamos uma história de treze anos nos separando, mas era o certo a se fazer.

Não havíamos conversado desde então. Henrique provavelmente estava na empresa trabalhando ou com meu pai em sua casa, ajudando na sua recuperação, coisa que eu também pretendia fazer mais tarde. Mas embora tenhamos combinado e ele estivesse cumprindo com sua parte em me deixar sozinha, para minha tortura, nada me impedia de sentir aquela coceirinha de ligar para ele e pedir para vim me ver.

— Eu acho que você vai gostar da novidade. — não emití nenhum som enquanto tentava arrancar o celular das mãos de Thiago para tentar impedi-lo de fazer o que faria, mas obviamente fora em vão. — Mia terminou com Daniel e está esperando por você — ele disse de uma só vez, antes que eu finalmente conseguisse arrancar o celular de suas mãos e Mariah ria.

Malmente tive tempo de desferir uns tapas em Thiago por fazer aquilo, quando Henrique, sem um convite prévio ou até mesmo tocar a campainha, irrompeu pela porta do meu apartamento com um sorriso lindo iluminando seu rosto.

— Isso é sério? — foi o que me perguntou e assenti, um tanto acanhada, voltando para o lugar onde me sentava antes, em uma tentativa patética de me esconder.

Com apenas uma boxer, seus cabelos escuros meio bagunçados, como se

tivesse acabado de levantar da cama, embora o rosto perfeito comprovasse definitivamente ao contrário, Henrique me encarava com um olhar longo e sugestivo. Definitivamente eu não estava preparada. Sequer pensei que ele pudesse estar em casa. Quanto mais nos confrontar e ainda por cima na frente dos nossos amigos.

— E agora? — acabei soltando a pergunta de um milhão de dólares e ele sorriu de modo apaixonado.

— Agora não, mas mais tarde vou levar você para jantar. — ele se aproximou como se estivesse prestes a dar o bote e não precisei ansiar pelo seu toque que logo veio, acariciando a pele do meu rosto com uma ternura que me deu vontade de chorar.

— Como um encontro? — enrolei meus braços em seu pescoço enquanto perguntava e sua expressão se suavizou enquanto ele se acomodava entre minhas pernas. Não como eu gostaria, obvio.

— Sim. — quando Henrique respondeu, quase me engasguei com a risada que me escapou, mas parei no exato instante em que percebi que ele estava falando verdadeiramente sério.

— Oh meu Deus, você não está brincando! — constatei o obvio, enquanto nossos amigos riam, sem nenhuma discrição.

— Claro que não! — garantiu de modo firme, mas de um jeito suave, passando as mãos pelos fios do próprio cabelo. — Você deveria saber que sou um homem à moda antiga. — sorriu, forçando-me a morder o lábio para reprimir meu próprio sorriso e o humor que enxergava naquela situação. — E, convenhamos, temos treze anos de encontros românticos para colocar em dias.

Oh Jesus! Henrique não poderia estar falando sério!



Sim. Ele estava!

Um pouco depois daquela conversa, descobri que Henrique não apenas falava sério, como também parecia ter alguma coisa grande preparada. Quando me passou as instruções sobre que horas deveria estar pronta para o jantar e, aonde deveria esperá-lo, ele apenas foi embora, me deixando ali com a cara de boba e sequer me beijou depois disso. A não ser claro, que um simples roçar de lábios e um beijo na testa pudesse se qualificar como um daqueles que ele costumava me tirar do chão apenas com sua boquinha.

É. Eu estava enlouquecendo e ele sendo perverso!

Segundo suas instruções, a que eu menos entendia entre todas, ele me pegaria na casa dos nossos pais. O que era, fala sério, ilógico, especialmente quando seria muito mais fácil para ele me pegar em meu apartamento que era ao

lado do seu.

Ainda que achasse toda aquela situação muito estranha, eu ao menos tinha que tirar o chapéu para ele, que, aparentemente, estava se esforçando para que as coisas entre nós saíssem perfeitas. Ao menos ir para a casa em que crescemos me distraiu de pirar enquanto esperava até o horário marcado. Embora ter sido entretida pela minha família e também por meu pai, que se recuperava maravilhosamente bem após o susto, eu me via ansiosa como nunca antes.

Quando o relógio marcou as oito, desci as escadas pronta, em uma saia jeans, cropped branco e saltos da mesma cor, conforme me instruíra a escolher o tipo de vestimenta. Quando cheguei ao último degrau, encontrei Henrique sentado no grande sofá, acompanhado de toda família, que sorria emocionada.

Com um copo de uísque na mão, ele vestia uma calça jeans, jaqueta de couro marrom e por baixo uma camisa de banda bem surrada na cor branca, fazendo-me lembrar imediatamente do *bad boy* meio rebelde que ele fora na adolescência.

Assim que me viu, Henrique se pôs de pé e sorriu para mim de modo apaixonado. Com os olhos presos aos meus soltou um assobio, que me fez segurar o riso.

— Uau, você está incrível! Linda demais, *Miamor!* — me puxando para ele, me fez girar ao seu redor e sorri ao mesmo tempo em que me vi corando diante seu elogio.

— Obrigada. — me vi agradecendo, um tanto tímida por estarmos fazendo aquilo diante de todos e ele franziu a testa.

— Agora você poderia voltar lá para cima e ficar menos sexy, por favor? — seu pedido foi feito de um modo engraçado, que fez todos rirem.

— O quê? — perguntei rindo, sem acreditar que estava mesmo me pedindo aquilo.

— Acho melhor mudar — disse simplesmente e vendo que sua resposta não bastara, continuou: — Desculpe, você está linda mesmo. Mas só de imaginar os caras olhando para minha mulher com essa roupa, já fico um pouco louco. — sua confissão nos tirou mais risadas e foi a sua vez de parecer tímido perante os outros.

Acho que eu tinha me esquecido o quanto Henrique era ciumento e territorial. Quando namorávamos, ele passava noventa por cento do tempo em que estávamos juntos na rua, tentando garantir que todos soubessem que eu era dele. Como se precisasse disso.

— Você ainda é um adolescente inseguro? — fiquei na ponta dos pés para encostar minha boca na sua, sentindo o gosto dos lábios doces e viciantes dele, que fez seu trabalho em me provocar mordendo os meus.

— Não. Mas sou um adulto muito possessivo. — me garantiu com um olhar provocativo.

— Hm... Eu gosto disso. — meu tom sugestivo fez seu sorriso safado se ampliar, intensificando suas covinhas sexys da bochecha e queixo.

— Sei que sim. E adoro saber que é minha. — as palavras foram ditas com a boca colada em minha orelha, deixando-me mole diante dele.

— Hmhm. — com uma limpada na garganta e mais alguns risinhos dos outros, fomos lembrados que não estávamos sozinhos e inevitavelmente me vi corar por termos sido pegos. Me virei para eles para ver que erámos alvo de olhares sonhadores de uns e também zombeteiros, como era o caso de Lorena e Léo. — Acho que está na hora de irem. — meu pai nos lembrou — Preciso falar a que horas quero os dois em casa, Sr. Henrique? — sua pergunta me pegou de surpresa, mas não mais do que com a resposta do seu afilhado:

— Às dez.

— Acho bom. Caso contrário colocarei os dois de castigo e nada mais de encontros.

Meu Nonno riu alto, e os outros não fizeram diferente, enquanto eu os encarava aturdida.

— Encontros? No plural? — a incredulidade estava estampada em minha voz.

— Sim. Há treze anos deveríamos ter começado esse relacionamento, então teremos treze encontros. Um para cada ano que perdemos. — Henrique explicava enquanto me olhava intensamente, estudando minha reação diante sua ideia.

Senhor! Era por isso que estávamos ali e ele se vestia como um adolescente em sua época?

— Já não era sem tempo — Lorena falou, em tom de deboche. Uma chicotada distópica para o irmão, que não parecia nem um pouco incomodado com a indireta.

— Isso é sério? — me virei para ele, esperando uma resposta, que obviamente não veio.

— É estranho olhar para meus dois irmãos e saber que estão namorando. Me parece... incesto. — Vittoriozinho falou com uma expressão séria, uma delicada ruga se formando em sua testa, uma inflexão bem parecida com a de seu irmão mais velho, Henrique, que costumava assumir quando ficava pensativo quanto o menor parecia estar.

— O que é incesto? — Lia gritou a pergunta e eu gemi.

Jesus, isso estava se saindo pior que eu imaginava!

Mas não sem antes um flashe disparar na nossa cara.

— Sorriam! — Zane pediu, antes de tirar uma foto nossa pelo seu celular.
Que...?

— Tirem esse olhar interrogativo do rosto que dá rugas! Quero sorrisos e olhares apaixonados! Esse é um momento histórico para toda essa família. Me sinto como tia Help e tio Vittinho, como se os meus dois filhos estivessem indo para o baile. Demorei muito tempo para ver essa cena acontecendo. Temos que registrar esse momento que marcará a história. — foi dramático de propósito, fazendo com que todos caíssem na gargalhada e eu me visse revirando os olhos.

Oh. Meu. Deus!

— A pergunta sobre incesto já aconteceu. Acho melhor irem logo antes que isso piore. Vou publicar isso no meu Instagram. Divirtam-se! — Zane nos empurrou porta afora, enquanto eu ainda tentava colocar minha cabeça no lugar.

— Vamos? — Henrique parecia verdadeiramente animado enquanto segurava minha mão com a sua. Quando olhei para ele, um tanto nervosa, piscou cínico e um tanto misterioso, antes de irmos em direção ao primeiro, dos treze encontros que teríamos pela frente.

Treze anos antes, aquela noite...

Capítulo 16

MIA

Não sabia que horas eram quando decidimos por fim voltar para casa. Havia perdido a noção de tudo desde o momento em que nos beijamos. E quem poderia me culpar? Não queria que nosso tempo acabasse. Não queria me afastar de Henrique. Tudo que queria era estar com ele. Mas embora a felicidade se fizesse presente como nunca outrora, havia um aperto no peito que insistia em não ir.

Poderia ser besteira, eu não sabia, afinal, estávamos tão bem desde o momento em que ele finalmente confessou querer estar comigo, então por que a sensação de perda era tão grande?

Dizem que quando estamos prestes a perder alguém nosso coração sabe. E sabia mesmo. O olhar e sorriso de Henrique durante todo o caminho deveriam ser o suficiente para me acalantar, mas não foram. Eram como uma xícara de café quente em um dia frio como aquele. Porém, a cada passo dado em direção à casa, era como se, embora a xícara ainda estivesse com café, ele houvesse esfriado, esfriado porque não resistira à temperatura. E eu me sentia assim, cheia de algo que inevitavelmente esfriou. Ou melhor dizendo, cheia de amor que que encontrara seu fim antes mesmo de começar.

E foi exatamente isso que aconteceu quando abrimos a porta...

A escuridão e o som tão característico da madrugada nos receberam no exato instante em que entramos no casarão. Meu coração batia rapidamente, a respiração cada vez mais pesada, a adrenalina fazendo seu trabalho em me deixar um tanto eufórica. Aquela sensação do proibido acelerando meu fluxo sanguíneo, ouriçando meus sentidos, deixando tudo mais real para mim.

Ainda assim, alguma coisa parecia me impedir de dar um passo à frente. Como se dali em diante algo fosse mudar irrevogavelmente. Uma parte de mim dizia que talvez a mudança não fosse de uma forma boa. E por não saber do que se tratava, sem saber como pisar no novo terreno, temi ir em diante.

Percebendo uma certa hesitação da minha parte, Henrique segurou minha mão e beijou-a, seu gesto demonstrando claramente sua apreciação pela textura macia de minha pele e depois me apresentou com um olhar terno e apaixonado que me aqueceram o peito de forma única. Só então entrelaçou nossos dedos juntos, me convidando a seguir e então fui. Fui porque sabia que ele estaria

comigo.

No primeiro degrau, ouvi sussurros que despertaram ainda mais a sensação de adrenalina que corria pelo meu corpo. Medo de sermos pegos, talvez. Por um momento achei que fosse apenas coisa da minha cabeça, mas então Henrique impedindo-me de prosseguir e inclinando-se para que apenas eu ouvisse perguntou:

— Ouviu isso? — anuí e ele então franziu o cenho, suas sobrancelhas grossas unindo-se, deixando clara sua confusão e então pareceu tão desconfiado quanto eu.

Henrique subitamente se afastou e pareceu compelido a ir em busca do destino do som, mas antes mesmo que eu pudesse impedi-lo de continuar, ele partia em direção ao local. Apesar de achar aquilo uma péssima ideia, não tive outra alternativa senão segui-lo, porque caso ele se encrencasse, estávamos juntos e então assumiríamos os dois as consequências pelos nossos atos.

Enquanto caminhava em direção ao que me parecia ser a biblioteca, umedei com a ponta da língua os lábios subitamente ressequidos. O coração, que antes batia rapidamente, passou a parecer prestes a sair do meu peito. E de frente para porta entreaberta confirmamos que de fato não era coisa de nossa cabeça.

Pela porta entreaberta da biblioteca, assistimos, Paulo, o pai de Henrique e também meu padrinho, conversar de maneira quase sussurrada com uma cópia mais velha de mim: minha mãe.

— As coisas não vão bem e estão prestes a descobrir o desfalque na empresa. Precisamos fazer isso esse final de semana, Mary. — ele parecia preocupado e ela não estava diferente.

— Não sei se tenho coragem, Paulo. Não tenho sangue frio a ponto de envenenar Vittorio.

— Não é hora de dar para trás, Mary. Planejamos isso por tanto tempo, que não fazer isso agora pode colocar em jogo tudo que construímos ao longo dos anos. *Ele é idiota, não vai perceber nada, querida. Nunca percebeu. Apenas vamos fazer logo isso*, melhor você bancar a viúva de luto do que a gente tenha que fugir, porque assim vamos perder muito mais.

E então em choque, Henrique e eu vimos o momento exato em que nossos pais, se beijaram para selar o acordo macabro de tentativa de matar meu próprio pai.

Por um momento o mundo pareceu parar por um instante, ambos chocados demais para saber o que dizer ou até o que pensar diante de tal atitude repulsiva. O ar parecia me escapar um pouco mais a cada segundo, as coisas ao meu redor aos poucos foram perdendo sentido, cor...

— Que porra é essa? — Henrique fez questão de se mostrar presente, a raiva parecendo emanar de cada poro do seu corpo, que tremia levemente enquanto encarava os dois, também surpresos por serem flagrados que certamente não esperavam serem descobertos.

— O que está fazendo aqui, garoto? — Paulo grunhiu, se colocando em frente a aquela que um dia chamei de mãe e naquele momento em diante passei a sentir tudo, vergonha, repulsa, menos consideração ou um pinga de amor sequer.

— Estou aqui para acabar com essa pouca vergonha e mandar prendê-los, porque está claro para mim que orquestravam a morte do meu dindo. — Novamente as palavras de Henry os chocou, deixando-os claramente sem saber como agir diante o eminente fato.

Seu pai era alto e forte, mas Henrique certamente ganhava tanto em altura quanto em massa corporal e ali ele pareceu ainda maior enquanto se encaravam com fúria.

— Não seja ridículo, garoto. Vocês não viram nada, é apenas invenção da cabeça apaixonada de dois adolescentes idiotas — tio Paulo disse, deixando-me ainda mais incrédula diante suas palavras, que nunca foram diferentes de carinhosa para comigo e ali descobri que não passara de uma farsa, assim como tudo que ambos representavam.

— O que está fazendo acordada, Mia? — minha mãe me perguntou um pouco fora de si, enquanto pai e filho continuavam com um ataque silencioso com os olhos.

— Não é obvio, Mary? Certamente estavam fazendo o que não deveriam. — tio Paulo riu com escárnio, seu olhar de deboche nunca deixando o de Henrique enquanto completava e tom irônico: — Cuidado, porque essa coisa entre vocês pode se tornar um pouco incestuosa. Vocês podem estar cometendo um pecado.

Eu não ouvi mais nada, sequer consegui me recordar dessas palavras depois daquela noite. Apenas corri dali, desesperada por ar e para ficar longe daquela cena a qual vi acontecer e tudo que planejavam acontecer depois.

Enquanto lutava contra a escuridão que ameaça cobrir meus olhos como um véu, eu buscava também o ar para meus pulmões, que pareciam cada vez menos eficazes em fazer seu trabalho. Ouvi a voz deles discutindo alguma coisa, mas eu não estava mais ouvindo. Não podia.

Não sei como consegui chegar até a baia onde havíamos prendido nossos cavalos pouco antes e muito menos como consegui montá-lo, mas fiz. A sensação cortante do ar frio em minha pele se tornou cada vez menor enquanto cavalgava em direção ao desconhecido. Assim como também sentia tudo se esvaír ao meu redor, como um castelo de areia em uma tempestade, embora meu

sentimento fosse de quem estivesse sendo aterrada por ele.

Ao longe ouvia meu nome, mas o chamado se tornara cada vez mais baixo e distante. Nada mais fazia sentido, a não ser, claro, o desejo intrínseco e também desesperado de ser apagada de qualquer existência. E de certa forma fui.

HENRIQUE

Um segundo pode mudar toda uma vida. Para quase todas as pessoas do mundo, um segundo é muito pouco, é um piscar de olhos, uma respiração... Mas quando uma tragédia acontece, um segundo representa muito. Senão tudo.

Dizem que quando se está prestes a perder a vida, não sofremos, pois tudo acontece muito rápido, em um instante ínfimo de tempo. Não dói porque simplesmente é nossa hora e de alguma forma sabemos disso. Mas quando vemos a nossa vida, aquela pessoa que amamos e que realmente nos importa diante essa posição, as emoções são impossíveis de serem controladas e muito menos ignoradas.

As palavras daquele que deveria amar seus filhos de forma incondicional, ao menos não era o meu caso, não tinham importância para mim. A bem da verdade, era que estava acostumado com seu comportamento cruel para comigo, havia crescido sendo o seu filho menos querido. Muito menos me preocupei em ver aqueles dois miseráveis tentando fugir em um carro depois de descobrimos seus planos maquiavélicos, apenas fui atrás de Mia, que era o que realmente me importava. E sempre seria assim.

Dalm não parecia correr rápido o suficiente enquanto seguia atrás dela, que por algum motivo montava um cavalo que não era o seu e por ainda estar sendo domado, não era totalmente confiável para montá-lo. Precisava alcançá-la, mas quanto mais me aproximava, a sensação que sentia era que mais longe ela ia.

— Mia! Mia!

Eu gritava por ela, que não me ouvia ou sequer parecia responder ao mundo exterior. E quando por fim ultrapassou a cerca que delimitava as terras da Fazenda Guiotto e atravessou a pista que descia a Serra, mais precisamente em direção ao carro dos fugitivos próximo ao despenhadeiro, minha angústia e aflição se tornara desespero.

Sem parar nem mesmo para respirar, usei cada segundo precioso para chegar até Mia. Consegui de alguma maneira alcançá-la a tempo e puxei seu corpo antes que o animal se chocasse ao veículo, que em câmera lenta pude ver cair no despenhadeiro.

Aquele instante foi horrível, uma cena que de certo nunca esquecia em minha vida. Mas também um alívio. Poderia soar ruim, mas fora coisa de Deus conseguir alcançá-la. Um verdadeiro milagre. Por pouco Mia apenas desmaiara em meus braços e não tivera o mesmo destino que os outros.

O tempo pareceu se mover devagar. Não pensei em fazer nada a não ser

cuidar de Mia e por mais angustiado que ainda estivesse com tudo que vi, meu foco foi para ela. Apenas para ela. Enquanto cavalgava devagar de volta para casa, não poderia colocar em palavras a dor que senti por vê-la daquela maneira. Por mais segura que estivesse, a cada segundo que passava, aquele buraco em meu peito apenas se ampliava, assim como o desejo de voltar até o exato instante em que nos beijamos finalmente e congelá-lo para sempre.

Todos ainda adormeciam quando chegamos e carregando Mia, a levei até sua cama. Não pude sair do seu lado. Esperava tanto que nada lhe acontecesse e rogava a Deus por isso. Eu não era lá muito religioso, mas me tornei ao ver minhas crenças sendo colocadas à prova e mais precisei Dele. Até mesmo fiz a promessa de protegê-la, inclusive de mim se fosse o caso, apenas para que ela ficasse bem.

Quando não acordou logo, chamei por ela, cada vez mais preocupado e ainda assim Mia não abriu seus lindos olhos azuis para mim. Enquanto cantarolava *Faz assim* em uma tentativa de arrancar alguma reação sua, não conseguia parar de pensar que a culpa de tudo aquilo ter acontecido ser minha. Porque caso tivesse sido sincero desde que me descobri apaixonado, ela não estaria ali daquele jeito.

Aquela noite deveria ter sido mágica para nós. Eu ao menos havia planejado para que fosse. E por mais que soubesse das coisas terríveis que meu pai e sua mãe planejavam fazer, ter feito que Mia testemunhasse aquilo só fazia minha consciência ainda mais culpada.

Angustiado com tudo, fechava os olhos, um aperto horrível em meu peito dificultava até mesmo respirar sem me lembrar das últimas horas. Nossos momentos juntos na cachoeira se misturando com o instante em que a peguei em meus braços, evitando uma tragédia de maior proporção, não me deixavam nem mesmo adormecer apesar de todo cansaço. Era como um pesadelo sem fim.

E tinha a espera, a espera pelo seu despertar que se tornara cada vez mais angustiante. Eu precisava que Mia acordasse. Queria falar com ela, ter certeza de que estava realmente bem e me via sufocando pela falta de respostas. Minha respiração mais difícil, meu peito subindo e descendo de forma irregular, em um misto de tanta dor e culpa, que simplesmente não sabia mais o que fazer para aliviar o que se tornava mais árduo a cada segundo.

Por muito tempo Mia permaneceu daquele jeito e continuei ali, sem sair de perto do meu amor, o que eu tinha de mais precioso na vida. Sabia que o dia estava prestes a amanhecer e que teríamos que explicar muita coisa caso fôssemos flagrados juntos em seu quarto, mas era muito mais forte do que eu. Muito mais forte do que qualquer coisa que já senti.

Queria vê-la tão desesperadamente que doía. Queria dizer a Mia que

lamentava pelo que passou e pedir perdão por isso. E mesmo que estivesse disposto a tudo por ela, ainda podia sentir-me prisioneiro do que aconteceu e sabia que tudo entre a gente teria de mudar ali em diante.

Pegando o celular em meu bolso da calça, lembrei-me que alguém teria de saber sobre o acidente e então fiz uma ligação anônima sobre o ocorrido. Estava fugindo, eu sabia. Mas falar a verdade implicava em mais coisa que poderíamos explicar e também lidar com todas as consequências. Coisa que nem eu e muito menos Mia, estávamos prontos para passar.

Naquele instante não me apeguei as palavras ditas, Paulo Oliveira havia sido um pai horrível para mim e apesar de ter me feito sofrer muito, bem como eu sabia que Mary fizera com Mia, era o mínimo que eu poderia fazer naquela situação. Eles poderiam ter nos marcado de forma profunda e definitivamente, mas não seria eu o responsável pelo que aconteceu, abandonando-os a própria sorte.

Desliguei a ligação e sem conseguir me impedir, revia e revivia em minha mente cada momento ao seu lado em uma tentativa de amenizar o bombardeio doloroso em meu peito. E quando ela acordou finalmente, meu alívio foi tão grande quanto minha vontade de não largá-la mais. Sentia-me perdido, louco para tê-la em meus braços, para confortá-la e ser confortado. Louco para assumir meus sentimentos para ela e nossa família, mas sem saber realmente como agir dali em diante.

Um pouco mais tarde, um grito de dor ecoou pelos corredores da mansão que carregava a história da família Guiotto e saímos correndo porta à fora. Quase nos esbarramos com Leonardo e Lorena enquanto eles também saíam pelo corredor para ver o que estava acontecendo e não tardou a descobrirmos. No térreo, encontramos minha mãe aos prantos nos braços de meu dindo, que também chorava e ao lado deles um Policial. Imediatamente senti um frio preencher-me. Aquele sentimento ruim que revolia meu peito.

Eu poderia ter visto tudo acontecer, mas ouvir pela boca dele sobre o acidente o tornara, de fato, real.

Após um aviso por ligação anônima, um carro fora encontrado em um acidente na descida da Serra. Aparentemente um animal se chocara contra o veículo, fazendo o motorista perder o controle e então explodir. E apesar do corpo de Mary não ter sido encontrado após a explosão, haviam vestígios seus, sangue, muito sangue, que levavam a crer que não estava mais viva. Assim como meu pai que fora reconhecido pelos objetos pessoais e documentos, pois tinha o corpo praticamente carbonizado.

Os dois estavam mortos.

Tempos atuais...

Capítulo 17

MIA

Em um simples encontro, o primeiro deles em uma cantina italiana que se parecia muito com a que frequentávamos na época que ele dizia que deveríamos ter tido no nosso primeiro encontro — treze anos atrás —, Henrique me provara que ele queria não apenas fazer aquilo entre nós dar certo, mas também determinado a fazer isso acontecer.

O segundo encontro não foi menos especial, nem mesmo os seguintes. Todos eles marcantes a sua maneira, até mesmo a viagem rápida que fizemos a Roma e também a Nova Iorque, onde aconteceram os encontros de número 4 e 9, para representar os anos em que morei nos dois lugares. Em apenas alguns dias ele conseguira o feito inédito de que eu não me lembrasse das nossas idas e vindas ou demonstrasse alguma mágoa por isso. E, como se fosse possível, me apaixonasse ainda mais por ele.

O último encontro, o número treze, era um mistério completo para mim e eu seguia mais ansiosa a cada dia, embora não tivesse nenhuma pista de como e quando seria. E tentando não pensar muito sobre ele, não havia nada melhor para isso do que ir a um salão de beleza, onde fui massageada, esfoliada, hidratada, depilada até em lugares inconfessáveis.

Quando estava fazendo as unhas, meu telefone tocou. Olhei para tela para descobrir que era meu pai, o que inevitavelmente me fez sorrir. Depois do susto que nos deu, ele ainda estava em casa meio que em um repouso forçado. E isso significava que ele fazia de tudo para estar mais presente na vida dos filhos, seja indo pegar os mais novos na escola ou ligando para os mais velhos sempre que podia. Como era o caso.

— Oi, pai — falei ao atender no primeiro toque.

— Mia? Tudo bem? — estranhei sua voz. Ele não parecia estar tao bem quanto parecia querer transparecer. Havia alguma coisa em seu tom que me incomodara.

— Sim tudo e o senhor? Está tudo bem?

A resposta não veio tão rápido quanto eu gostaria e isso me deixou preocupada diante os últimos acontecimentos. Meu pai já não era mais jovem e embora para nós ele fosse um super-herói, às vezes esquecíamos que também poderia sangrar. E depois de tudo, eu estava mais assustada e sofrendo com antecedência, com medo de qualquer coisa acontecer com ele.

— Não se preocupe, não aconteceu nada que precise se preocupar. Só

preciso que você e Henry venham para casa agora. Tem uma coisa que quero falar com vocês.



Eu não estava gostando nada daquilo, uma sensação ruim se fazia presente em meu peito desde que meu pai ligara e por isso pedi para Henrique vir me pegar no salão e então fomos juntos para casa do meu pai.

Henrique também não fazia ideia do que estava acontecendo e muitos menos por que havíamos sido chamados tão repentinamente para ir até lá. Apesar de tentar me acalmar durante todo o caminho, eu o conhecia bem demais para que ele conseguisse esconder seu nervosismo. O que, de certo, não me ajudava em nada.

Abrindo a porta da frente, entrei para encontrar minha família quase toda reunida ali, nitidamente a nossa espera. Meu pai, minha dinda e meu Nonno, conversavam baixinho e quando perceberam nossa presença simplesmente se calaram. E olhando a maneira como se portavam não compreendi o que estava acontecendo, mas ainda assim sentia um frio na barriga.

— Espero que esteja acontecendo realmente algo importante, porque tive que sair correndo da manicure, para poder vim. — brinquei, em uma tentativa de aliviar a tensão que se formara enquanto me encaravam.

— Desculpe, chamá-la assim de última hora, filha. Mas tem alguém que queria te ver. — sua voz estava tensa e quando minha dinda abaixou o olhar, como se estivesse fugindo do meu, me vi um pouco perdida.

— Quem, *Papa*? — a angustia em minha voz fora perceptível até mesmo para os meus próprios ouvidos e uma resposta foi completamente desnecessária, quando ela então apareceu na sala.

Em minha frente, como em um passe de mágicas, ou um milagre estava à mulher que se dizia a minha mãe. Enquanto a encarava, me vi respirando e inspirando profundamente, em busca de ar. Meu coração acelerou e quando um enjoo repentino pareceu querer dominar-me, Henrique veio para o meu lado, em uma postura quase protetora. E ao perceber que eu estava prestes a desmaiar, me segurou no exato instante em que minhas pernas vacilaram.

Tive que lutar contra a escuridão que ameaçava me consumir. Tudo começou a rodar e ruir diante de mim. Por mais que me esforçasse para que não acontecesse, as lembranças daquela noite vieram a todo vapor. Meu peito se apertou a ponto de dor e meu corpo tremia, enquanto tentava me manter sã. Meu sangue corria com velocidade proporcional às batidas do meu coração, o que dificultava ainda mais que eu respirasse. A impressão que tinha, era de estar caindo em um enorme buraco interno. Em um buraco imenso que nunca

consegui pavimentar e sequer sair. E então cai.

— Miamor, respire. Estou aqui. Sempre estive e sempre estarei, Mia. Volte para mim, por favor — a voz que eu tanto amava sussurrava em meu ouvido, enquanto sentia seus braços ao meu redor, balançando-me de frente para trás como um bebê frágil.

Tentei seguir sua voz, tentei nadar através do pânico, acalmar minha respiração e me encontrar, para encontrá-lo. E como sempre acontecia, o som repetido da sua voz chamando por mim finalmente me resgatou. Minha visão começou a clarear, as coisas passaram a fazer sentido novamente e aos poucos minha respiração difícil voltou a pegar seu ritmo e se equilibrar. E foi olhando para Henrique, que me segurava com cuidado, seus olhos verdes ainda nos meus, que me senti viva como apenas ele parecia ser capaz de fazer.

— Henry... — sussurrei seu nome, ganhando de volta um sorriso amoroso que demonstrava toda sua preocupação.

— Eu. O seu eterno amor. — seus dedos acariciaram meu rosto, antes da sua boca encostar a minha em um beijo delicado. — Você está se sentindo melhor agora, Miamor? — a tensão estava clara em seu tom de voz e foi olhando para o seu lado que por fim deixei a vergonha me dominar.

Todos ali haviam presenciado o que aconteceu. Eu havia tido um ataque de pânico diante toda minha família. Havia demonstrado a fraqueza que por tanto tempo escondi.

Deus! O que eu faria?

Engoli em seco, sem saber como reagir. Não esperava ter o problema que por anos lutava para manter sob controle tão exposto daquela maneira inesperada.

— O que aconteceu? — meu pai estava assustado quando perguntou, sua respiração difícil me fez temer que ele passasse mal outra vez.

— Um ataque de pânico. — minha madrinha respondeu por ele enquanto me dava um copo de água e fechei os olhos quando vi Henrique assentir. — Há quanto tempo Mia sofre com isso, meu Deus?

— Há treze anos. — finalmente tive coragem para falar e depois de tomar um pequeno gole, com cuidado me sentei, quando me senti melhor para fazê-lo.

— Por que nunca me disse, filha? — as lágrimas nos olhos de meu pai me quebraram e eu apenas fiz um gesto de negativa com a cabeça, sem conseguir ou sequer saber como respondê-lo.

— Eu era o único que sabia, dindo. Ela demorou para começar a se cuidar, mas há um bom tempo que ela frequenta um especialista para que isso não aconteça. No entanto, quando alguma coisa que mexa com ela profundamente acontece, ela não consegue controlar. — Henrique explicou, sem soltar minha

mão, enquanto eu parecia concentrada em brincar com nossos dedos juntos sem conseguir olhar para ninguém.

— Mas ela está bem, não está? — meu avô quis saber e foi impossível não me sentir culpada vendo a preocupação em cada um.

— Isso é está bem para o senhor, seu Enrico? — era a voz dela, aquele tom cínico inconfundível e foi então que me lembrei o que me levava a passar por aquela experiência outra vez.

Tomei a coragem e levantei meu olhar para ela. A mulher que se tornara meu pesadelo desde sua partida.

Minha mãe ainda parecia à mesma mulher de anos atrás. Seus cabelos ainda eram de um loiro curto Chanel, no entanto os olhos castanhos pareciam um pouco mais vividos e o mesmo eu diria das pequenas marcas de expressão do seu rosto. No entanto, ainda mantinha a mesma pose de mulher arrogante que para mim tinha morrido há treze anos.

Com exceção da cor dos olhos, olhar para Mary Kate era como olhar para um espelho que refletia uma imagem minha do futuro. E essas semelhanças físicas me incomodavam sobremaneira, porque para mim não importava minha beleza, era como um lembrete diário de quem eu era e o que me tornara por sua culpa. Além claro, de no passado fazer para agrada-la, meu rosto era um dos motivos que me faziam odiar fotografar, pois para mim era como um castigo carregar os traços da mulher que nunca foi nada além da minha mãe no papel.

— Como vai, Mia? — minha mãe perguntou de uma forma casual que estava longe de combinar com a situação que nos encontrávamos.

— Que diabos está acontecendo? — perguntei, para ninguém em particular.

— Filha, — meu pai se adiantou. — Sua mãe está viva.

— Isso eu estou vendo. Só quero saber como no inferno isso possível? — pela primeira vez desde que me entendia por gente ela pareceu vacilar. Aquela postura de mulher que se achava a cima de tudo e de todos simplesmente se foi.

— Não vai nem vim dar um abraço na sua mãe, depois de tantos anos? — foi a pergunta que me fez quando se recuperou e se não tivesse com tanta raiva pela sua provocação até ria pela ironia da situação.

— Você morreu — aponte o obvio e ela riu.

— Não. Como está vendo eu não morri.

— Mas como? — eu ainda não conseguia crer que isso fosse realmente possível.

— Você estava no mesmo carro que meu pai! — Henrique falou, também sem entender como poderia ser verdade que ela estivesse ali em carne e osso depois do que presenciamos.

— Ah, sim. Isso. — ela revirou os olhos como se não fosse nada demais,

enquanto colocava uma mecha de cabelo atrás da orelha, buscando aquela perfeição que lhe era habitual. — Não, eu não estava.

— Mas eu vi vocês dois entrando no mesmo carro, naquela maldita noite e a polícia confirmou que você esteve lá! — Henrique insistiu, lembrando-se do que aconteceu.

— Sim, você viu. Nós dois entramos no carro e depois você saiu correndo atrás de Mia. — e com um sorriso frio, que certamente indicava a forma que ela se sentia sobre nós, ela então prosseguiu: — Eu realmente estava lá, mas consegui sair quando o veículo se chocou contra o animal. Logo depois, o carro caiu no precipício e explodiu. — um olhar melancólico cruzou seu rosto e de uma forma discreta e rápida, até mesmo limpou uma lágrima que escorreu enquanto relembrava. O que me surpreendeu, porque eu nem mesmo imaginava que ela pudesse sentir alguma coisa, quiçá ter coração.

— Por isso nunca acharam seu corpo — pensei em voz alta e todos os outros concordaram comigo em silêncio, mas ela não parecia nem um pouco a fim de fazer o mesmo porque respondeu:

— Sim. Por um milagre consegui escapar com vida. No entanto, vi o homem da minha vida morrer e não fui capaz de fazer nada para ajudá-lo.

Chocada. Não havia outra palavra para descrever o que estava acontecendo. Minha mãe “voltara” da morte ou do inferno depois de treze anos e simplesmente nos contava como o homem da sua vida, que por sinal era seu amante, morrera diante dos seus próprios olhos com uma naturalidade que estava longe de ser o que sentíamos mediante os fatos e pessoas atingidas.

Com exceção dela, ninguém parecia lidar com aquilo com facilidade. O que era de se esperar, claro. Henrique também devia estar em estado de choque. Eu com certeza estava.

— Mas então por que acharam que ela estava morta? — eu não entendia isso e tinha que saber.

— A quantidade de sangue que encontraram era grande demais para que tivesse sobrevivido sem socorro imediato. E quando não acharam o corpo, acreditaram que algum animal a tivesse levado ou coisa do tipo. — meu pai andava de um lado ao outro da sala, nervoso, incomodado e me angustiava vê-lo tendo que passar por isso, depois de tudo que havia sofrido com sua suposta morte.

— Eu fiquei bastante ferida mesmo. Perdi um Rim e também o útero, além de todos os outros ferimentos e cicatrizes que obtive. — aquela informação de alguma forma me chocara ainda mais, porque não imaginava nada além da perfeição quando se tratava dela.

— Por que não disse que estava viva? Por que não voltou? Por que nos

deixou enterrar um caixão vazio? — apesar de ter perguntado, não sabia se queria a resposta. Por isso me vi arrependida antes mesmo de escutar uma. Mas já era tarde demais.

— Dizer por quê? Se eu voltasse para casa, sabia que você, a filhinha do papai, sua queridinha já teria contado para ele sobre tudo. Para que me arriscar? — novamente aquele tom ácido que lhe era tão peculiar se fez presente enquanto falava sobre minha relação com meu pai. E ainda assim respondeu como se não fosse nada demais, forçando-me a respirar fundo uma e outra vez, antes de me sentir bem para responder:

— Eu nunca contei. — senti meu peito doer e então olhei para meu pai, a cima de tudo sentindo-me envergonhada. Com medo de ver a decepção em seus olhos. Com medo que acreditasse que eu o traía por nada ter lhe dito. Medo de decepcioná-lo.

Se a minha mãe não fosse tão fria como sempre fora e não tivesse aprontado o que aprontou com nossa família, eu tinha plena ciência de que minha relação com o meu pai poderia ter se tornado só a metade do que era. E eu o amava demais para abrir mão do “inteiro” que ele significava para mim.

— O que você não contou, Mia? — sua pergunta foi feita olhando para mim, mas não havia nada do que eu esperava ali senão pena. E por instantes não soube o que responder, mas eu tinha que fazê-lo. Precisava.

— Aquela noite da morte deles foi a primeira vez que Henrique e eu ficamos juntos. E quando voltamos para casa os flagramos juntos na biblioteca. — emudeci, sem conseguir prosseguir. Poderiam ter passado muitos anos, mas a dor e a culpa ainda eram muitos cruas para que eu conseguisse falar sobre isso com facilidade.

— Enquanto Paulo e eu discutíamos, Mia acabou tendo seu primeiro ataque de pânico, pegou um cavalo e saiu. E os dois fugiram — Henrique continuou, em uma tentativa de fazer aquilo mais fácil para mim. Mas não era. — Fui atrás de Mia e felizmente consegui puxá-la a tempo para que não se batesse contra eles também.

— Nós pensamos que o animal havia fugido — meu pai falou, lívido, certamente chocado com a nova informação que apenas três de nós sabíamos e obviamente chocado que sua primogênita poderia ter morrido também.

— Não. Mia o montou. Mas como eu disse, ela estava tendo um ataque de pânico, sequer se dava conta do que estava acontecendo. — Henrique se pôs em minha defesa e eu neguei, antes de fechar os olhos para falar o que por tanto tempo me assombrara:

— Eu fui a culpada pelo acidente. Eu os matei.

Era a verdade. A verdade que me fez refém. Pela primeira vez depois de

treze anos finalmente tive coragem de dizer aquilo em voz alta. Pela primeira vez confessava aquilo que por tanto tempo quis esconder. Até de mim mesma. E por mais aliviada que me sentisse, ainda assim era doloroso demais pronunciar minha própria culpa.

— Você não foi a culpada de nada! — Henrique mais uma vez tentava negar a verdade e eu discordei.

— Não é bem assim. Se eu não tivesse pego o cavalo, nada daquilo teria acontecido! — ele se pôs de pé em um rompante, revoltado e de certo chateado pelo que eu inevitavelmente sentia.

Meu pai fez um gesto para me acalmar, mas eu não podia. Meu corpo inteiro precisava estar ao lado de Henrique mais do que nunca antes. E quando estava perto, suas palavras me paralisaram:

— Para com isso, Mia! Por muito tempo também me culpei pelo que aconteceu, mas nós éramos duas crianças, pelo amor de Deus! Duas crianças que flagraram seus pais não apenas traindo seus respectivos cônjuges, mas que também orquestravam a morte de um deles!

Ai. Meu. Deus.

Fechei os olhos sem acreditar que ele realmente falara aquilo e o silêncio que se seguiu tornou-se fúnebre. Ninguém falou depois disso. Sequer parecia que alguém respirava. Quando finalmente tomei coragem de abrir os olhos outra vez, vi a pele já branca de minha mãe perder o restante de cor que ainda restava. Ela também não estava esperando por aquilo.

Quer dizer, o que ela esperava realmente? Que ela voltaria apenas e não diríamos nada?

Era ridículo. Uma coisa seria se realmente estivesse morta como achávamos estar e pensávamos estar poupando-os de mais uma dor desnecessária. Mas com ela voltando não podíamos simplesmente nos calar mediante a verdade.

— O que... vo-voce quer dizer com isso? — meu pai tomou coragem para perguntar depois de um tempo que pareceu eterno e eu não pude fazer nada além de sentar e esperar que a verdade viesse a tona.

— Paulo. — seu nome me fez estremecer e em minha frente Henrique pareceu perder o ar também, antes de voltar a sentar ao meu lado, como se precisasse disso. — Ele queria que eu o envenenasse. — minha mãe tentou manter uma naturalidade enquanto falava, mas de longe era o que parecia.

— Por quê? — minha dinda quem perguntou, um tanto chocada, enquanto o outros pareciam muito aturdidos para fazer qualquer coisa. E quando ela não respondeu de imediato prosseguiu: — Você quer responder agora ou prefere que eu chame a polícia para que faça isso? Porque acredite, além de falsidade ideológica e da falsa morte, o pouco que já ouvi aqui é o suficiente para que seja

presa e eu verei isso acontecer sem nenhuma pena. — a postura defensiva da minha madrinha deixou claro que ela não hesitaria em fazê-lo. E minha mãe percebeu, pois engoliu em seco a ameaça velada da mulher que, de fato, me dera o amor materno que sempre foi necessário para mim e deixara claro que ela não tinha escolha senão obedecê-la.

— Tudo bem. Só peço que me escutem. Sei que não mereço isso depois de tudo que aconteceu, mas imploro para que me deixem falar antes que chamem a polícia. — não tive nem um pinga de compaixão enquanto ela implorava, suas palavras para mim soavam vazias. Tão vazias como ela parecia ser. — Vocês sabem que Vittorio tinha pedido a separação. — não, eu não sabia. Aquilo também era novo para mim.

— E você sabe muito bem o porquê disso, Mary. — eu nunca havia visto meu pai tão sério enquanto encarava aquela, que por tantos anos fora sua mulher e que a última vez em que esteve por perto planejava sua morte.

— Vittorio... — Ele a cortou com uma voz dura:

— Nós sequer mais tínhamos uma vida de marido e mulher, Mary. Quando nos casamos, você era uma pessoa diferente da que se tornara depois. Por muito tempo continuamos casados por causa de Mia. E você sabia disso.

— Sabia. — ela vacilou por um instante. — E odiava que minha filha fosse o motivo daquilo.

Embora não devesse, suas palavras doeram e incomodaram sobremaneira. Não importava que, no fundo, eu soubesse a verdade. Talvez eu esperasse que sua resposta fosse diferente. Que ela fosse diferente apesar de tudo.

— Por isso fazia questão de se realizar através dela, mesmo que soubesse que a fazia infeliz no processo? — Meu nonno indagou, embora parecesse já ter sua resposta e ela anuiu em silêncio.

— Sim. Vocês sabem, eu fugi de casa para tentar seguir a carreira ainda muito nova, mas nunca consegui nada. E quando me casei com Vittorio achei que pudesse fazer isso, mas como sua esposa ninguém queria me levar a sério como profissional.

— Eu odiava tudo aquilo. — limpei as lágrimas que inevitavelmente escorriam, lembrando-me de tudo que tive que fazer em uma tentativa de agradá-la, mas ainda assim nada pareceu suficiente para que minha própria mãe me desse uma simples aceitação. Quanto mais seu amor.

Mary deu de ombros, como se pouco importasse com meus sentimentos. E não se importava mesmo, suas palavras eram prova daquilo, sempre fui apenas um meio para o seu fim.

— Paulo e eu estávamos juntos há muito tempo. Antes até que conhecesse os dois.

— Por isso que ele a contratou como minha secretaria. — meu pai pareceu começar a juntar as peças, a expressão derrotada em seu rosto me quebrando.

Filhos da puta! Eles eram pior do que eu imaginava!

— Sim. Nós planejamos cada passo para que eu me casasse com você. E quando ele casou com Socorro, a filha de um rico fazendeiro de cacau, achamos que nosso plano de enriquecer não poderia ficar melhor. Mas quando as coisas entre nós começaram a desandar e você pediu o divórcio, ele se desesperou, porque você começou a desconfiar do desvio de dinheiro na empresa e eu estava grávida. — ela engoliu em seco quando terminou de falar, enquanto ainda olhávamos incrédulos para ela.

— O filho não era meu. Porque já não tínhamos mais relações há muito tempo. Você estava grávida dele. — ela assentiu em silêncio e por um tempo esperamos que continuasse, antes de finalmente prosseguir:

— Eu posso não ter sido a melhor das pessoas, Vittorio, mas eu juro, nunca seria capaz de prosseguir com o plano. Paulo estava com medo de colocar tudo à perder e achou que seria uma ótima ideia que eu ficasse viúva antes do divórcio sair, porque assim lucraríamos mais. Eu iria enrolá-lo o quanto pudesse, mas não deixaria que chegasse a isso. Juro que não. Posso ser tudo, fria, até mesmo mal caráter, mas não sou assassina. Mas os dois nos flagraram e não vimos outra alternativa a não ser fugir. E foi quando tudo aconteceu.

Era incrível como ela contava todas aquelas coisas sórdidas com tranquilidade, sem sequer esboçar um pinga de arrependimento. Na verdade, era notável que sua única emoção eram os sentimentos sublinhados a cada menção do nome do Pai de Henrique. Se alguém havia conseguido algum sentimento dela, era ele. Ela nunca havia me amado. Ou amado meu pai. Sempre foi ele.

— Como eu ia dizendo, estava muito ferida e com muito custo consegui por socorro. Fiquei alguns dias no hospital, em estado bem complicado e não fui encontrada, porque usei meu nome verdadeiro para que não me encontrassem. Perdi também meu filho aquela noite — sua mão resvalou sobre sua barriga plana quase de forma inconsciente e seu simples gesto mexeu comigo, porque soube ali o que estava por vim. — E sofri por mais essa perda, porque eu amava aquele bebê como nunca havia amado outra pessoa além de Paulo. Era a única coisa que restara do seu pai. Do amor da minha vida. Mas uma histerectomia se fez necessária para que eu não viesse à óbito e como a gravidez ainda era muito recente, eu o perdi.

Doeu. E muito. Porque pelo visto eu não era e nunca seria digna do seu amor. Estava arrasada. Chorava com raiva de mim. Dela. Há muito anos havia prometido para mim mesma que não mais derramaria uma lágrima ou me permitiria sentir qualquer coisa pela minha própria mãe, nem mesmo a culpa que

eu ainda carregava. Mas naquele momento, isso se tornara impossível. Não quando ela declarava abertamente que nunca me amava. Mais uma vez ela havia conseguido infringir toda dor que podia.

— Quando finalmente me recuperei, — ela prosseguiu, como se não tivesse acabado de acabar comigo. — decidi que o melhor era continuar morta para todo mundo. Fui embora do país e por lá fiquei. Apesar de saber onde Paulo havia guardado o dinheiro que roubara da empresa, nunca mexi em um centavo. Me mantive esses anos todos com o que eu mesmo havia poupado desde que nos casamos.

— Ou seja, com o dinheiro da nossa família. Que nobre que você é, Mary — desdenhei de propósito, sem me preocupar com nada além de causar-lhe dor. Assim como ela me causara a cada palavra dita.

— Não seja besta, eu teria dito direito a muito mais caso a separação tivesse saído. — deu de ombros. — Mas acho que seu tom de voz significa que então você não vai me dar um abraço? Porque estamos aqui há horas conversando como aquela grande família que éramos e até agora não recebi um.

Isso era mesmo sério? Ela só podia estar brincando!

— O que? — perguntei incapaz de entender como ela sequer podia ter coragem de dizer isso. — Você não pode estar falando sério! — tentei de todas as formas não demonstrar as emoções conflitantes que me envolviam completamente enquanto falava, mas de certo falhando miseravelmente.

— Vejo que se esqueceu os bons modos que lhe ensinei. — afirmou da mesma forma sarcástica, que costumava dizer a mim que “eu estava longe de ser a filha perfeita que queria que eu fosse.”

— Que merda é essa, Mary? Você estava morta para todos. Aí você aparece treze anos depois de fugir com seu amante e quer que simplesmente sua filha caia nos seus braços? — Henrique perguntou a ela, sua voz não negando em nada a raiva que sentia e minha mãe sorriu para ele.

— É verdade. Vejo que pouca coisa mudou por aqui. Você ainda continua defendendo-a, como se Mia não fosse capaz de fazer isso por ela mesma. — minha mãe disse diretamente a ele e tive que segurá-lo para que não reagisse, ainda que fosse incapaz de falar qualquer coisa.

Minha mãe costumava me controlar segundo as suas leis: Beleza e Perfeição. Isso significava mais para ela, do que seu marido ou filha. Ela sempre me considerara fraca, incapaz, embora eu me esforçasse para fazer tudo perfeito como exigia. A verdade era uma só: eu nunca fui suficiente para ela.

A dor que eu sentia pela sua perda, havia voltado com toda a força. Eu tinha conseguido enterrá-la ao longo dos anos, mas com esse breve encontro tudo estava de volta. Mas por mais difícil que fosse tentar seguir sem dar importância

a tal fato, era como o caixão vazio que enterramos, não era o bastante, ela estava ali para me mostrar exatamente isso.

— Pare com isso, Mary. Como você achou que Mia iria reagir? Queria que ela achasse que está tudo bem depois de tudo? — meu pai perguntou irritado, seu tom calmo e conciliador longe do que demonstrava naquele momento.

— Sim. Nada mudou por aqui. Ela continua uma menina problemática, fraca, cheia de... de defeitos e a culpa é de vocês por isso. Pois sempre passaram a mão na sua cabeça, não deixando-a lutar as próprias batalhas. — novamente o sarcasmo estava explícito em sua voz, assim como o nojo enquanto me olhava, lembrando-nos cada vez mais da mulher que conhecemos. Ou ao menos achávamos conhecer.

— Olha, Mary, — meu Nonno se levantou e se pôs de frente a minha mãe. — Mia não é problemática e mesmo que fosse, a amaríamos da mesma maneira e estaríamos ao seu lado como uma família que a ama. E seria culpa sua, porque o que fez com essa menina, a pressão psicológica que a infringiu, nenhuma criança merece. Mas ela está aqui, linda, talentosa, cheia de predicados e com uma carreira brilhante que ama, que construiu sozinha, por seus próprios méritos. Sempre tivemos ao seu lado, mesmo quando estava longe em busca do seu futuro e ainda assim é essa menina maravilhosa, que ama sua família. E graças a Deus você não estava por perto, porque por mais que eu saiba que nos esforçaríamos para que fosse possível, talvez não fosse com você envenenando sua vida como sempre fez. E esse é o primeiro e último aviso que lhe dou: Não sei se você se lembra, mas essa ainda é a minha casa. Não vou permitir que fale assim com qualquer pessoa da minha família. Ou se comporta e nos respeita, ou a ponho daqui para fora. — apesar de ter sido uma ameaça, suas palavras me emocionaram, ainda que minha mãe tivesse sorrindo de forma insolente.

— Tudo bem, senhor. Eu vim em paz. — com os braços em rendição, ela cruzou as pernas torneadas como se estivesse muito a vontade e eu a queria longe dali, por isso recuperei minha voz para perguntar:

— O que você quer?

— Poderíamos conversar em particular? — ela sequer piscou enquanto me perguntava.

— Não. Você não vai ficar sozinha com Mia. Depois de tudo que causou a ela, a última coisa que Mia precisa é ter um tempo com você. — Henrique avisou, me apertando mais junto a ele.

— Por favor, Mia. — seu tom de voz me surpreendeu, pois suavizara quando o ignorou e continuou a me encarar a espera de uma resposta.

— Ele está certo. — a cortei quando vi que ela estava prestes a rebater: — Independente de que inferno queira falar comigo, você pode falar na frente da

minha família.

Era a primeira vez que eu a enfrentara na vida. Sempre havia feito tudo como me pedia ou no seu caso, como exigia. Nunca havia contrariando-a. Nunca. Tentar satisfazer suas necessidades e pedidos vazios eram a minha forma torta e imatura de tentar conseguir o seu amor materno. E embora soubesse que não merecia mais de mim do que eu já estava dando, não fazer como ela me pedia, me incomodava tanto, que tive que fechar minhas mãos com força, a ponto de sentir minhas unhas cumpridas perfurando a pele.

— Papa, quem é essa mulher? — Lia perguntou ao entrar na sala, seguida de Vittoriozinho que a encaravam com curiosidade.

— Lia, Vittoriozinho, vão para seus quartos. Nós estamos tendo uma conversa de adultos. Agora vão. — minha dinda ordenou com um nítido desejo de vê-los longe dali o mais rápido possível e como meninos obedientes que eram, meus irmãos a obedeceram sem sequer contestar.

Enquanto se afastavam, Mary Kate olhou para os meus irmãos se com curiosidade e logo depois uma malícia que lhe era tão peculiar e não soube como reagir diante o iminente fato. Entendi o que ela estava pensando e não queria isso. Não importava que fosse minha mãe, ela não tinha nada a ver com nossa família. Ela nunca quis ter.

— Filhos de vocês dois, Socorro? — ela então perguntou a minha madrastra, aquela que por tantos anos acreditou na sua amizade e o tom invejoso da sua voz não me passou despercebido.

— Sim, são. Não que isso seja da sua conta, Mary. — ela respondeu de modo defensivo, sua irritação pelas palavras não ditas embora entendidas estavam claras. E minha dinda não pareceu disposta a deixar isso barato. Nem eu permitiria.

— Você foi rápida não? O marido morre e você rapidamente foi atrás do marido viúvo da amiga. — ela continuou provocando e eu sabia aonde ela queria chegar.

— Olha Mary, eu não admito que fale assim com a minha esposa, entendeu? — meu pai bradou para sua ex, que não pareceu nem um pouco assustada.

— Eu sempre soube, Vittorio. Sempre. Você pode tentar negar, mas há um bom tempo você não conseguia mais esconder que estava apaixonado pela mulher do seu amigo! — outra vez a acidez estava lá, mas o sorriso de escárnio de meu pai que me surpreendeu, bem como suas palavras a seguir quando se pôs de pé também:

— Amigo? Você está brincando, não é? Ele nunca foi meu amigo e você mesmo me provou isso contando sobre o plano sórdido de vocês ao nos escolher

para casar, como quem escolhe uma carne no açougue e posteriormente ao planejar minha morte. Eu não fazia ideia de nada disso, apesar de desconfiar do caso de vocês. Por anos sequer toquei no nome de Paulo e muito menos falei qualquer coisa que o denegrisse na frente dos seus filhos, nem mesmo na frente de Socorro, embora eu tenha certeza de que ela tenha desconfiado do caso com a fuga inesperada dos dois. Mas não vou me calar mais diante de tudo que falou. Eu estava apaixonado por Socorro sim, mas isso não significa que traí como vocês faziam pelas nossas costas ou fiz alguma coisa para tirá-la de Paulo.

— Claro, porque ela era alheia aos flertes inocentes que tinham. — riu com amargura e a raiva borbulhou em minha pele.

— Para com isso, Mãe. Você perdeu o direito de dizer qualquer coisa, quando se deitou com o marido da sua amiga. Você não vai vim aqui na nossa casa e julgar alguém como se fosse o exemplo de coerência. Afinal, o que são treze anos fingindo que está morta? — eu a acusei, fazendo sua pose arrogante vacilar outra vez.

— Tudo bem. Já disse que vim em paz. — um pequeno sorriso cínico ainda brincava em seus lábios quando sentou-se, mas me recusei a fazer o mesmo.

— O que você quer, Mary Kate? — tornei a perguntar, tentando ser mais forte por mim e pela minha família.

— Você poderia se sentar? — ela pediu e eu rapidamente neguei.

— Não, obrigada. Estou bem onde estou. Bem longe de você!

E então ela finalmente revelou o motivo da sua volta.



Pensei que treze anos sem a minha mãe me faria imune a ela, mas isso não aconteceu obviamente. Aquela tarde fora uma prova do que Mary Kate poderia fazer e sua volta só fizera com que velhas mágoas doessem ainda mais.

— Você quer uma bebida? — Henrique me perguntou no momento em que pusemos os pés no meu apartamento horas mais tarde, enquanto ia direto para o meu bar super abastecido, onde começou a se servir.

— Ainda são 15h, amor. — joguei-me no meu enorme sofá confortável, cansada. Querendo tanto um banho, conchinha e nada mais. Mas ele pareceu muito determinado que eu lhe respondesse a essa questão, porque insistiu:

— Isso é um não?

— Estou com raiva. — me vi falando, porque desde que as coisas entre nós começaram a se acertar, que nós concordamos em falar sobre como nos sentíamos, independente de ser difícil ou não para nós admitir qualquer coisa.

— Não fique, talvez tenha novas oportunidades para você colocar essa raiva para fora... — seu sorriso cafajeste fez meu estomago revirar e o coração

acelerar. Mas de uma forma boa. Só ele parecia capaz de me fazer sentir daquela maneira.

— Como o que? — ansiei pela resposta e como ele vinha fazendo desde que voltamos me provocou deliberadamente:

— Tipo na cama.

— Estou começando a achar que beber é uma boa ideia. — e ele então riu com vontade, parecendo feliz com a minha resposta frustrada.

O encontro número um foi tipo uma surpresa para mim, porque além de não imaginar que ele pretendia ter uma série de encontros para nós, jamais imaginei que isso significasse que ficaríamos sem sexo até o final deles. Ainda nem conseguia acreditar que não havíamos dormido juntos um dia sequer desde então, sequer fazer sexo. E isso significava que eu estava, tipo, subindo pelas paredes, enquanto ele fugia de mim como o diabo foge da cruz quando as coisas entre nós começavam a esquentar.

— Toma. — me entregando uma taça de vinho, ele se sentou ao meu lado e puxou meu corpo para o dele, enquanto degustávamos a bebida doce em silêncio antes de perguntar: — O que você vai fazer quanto a Mary?

— Eu não sei ainda.

Realmente não sabia. Se ainda era difícil para mim assimilar o fato de que estava viva quando por anos achamos que não estava, me pedir para ficar com ela por um tempo, porque estava doente e perto da morte, me parecia ser quase impossível de aceitar.

Eu nem sequer podia crer ainda que ela voltara e saber que não teria mais muito tempo de vida me fazia doente.

— Ela está com câncer. — ele anuiu em silêncio. — Olhando para ela, sequer me passou isso pela cabeça, Henry. Mas ela está morrendo. De verdade. — ele beijou minha cabeça e depois de mais um gole falou:

— Me desculpe falar isso, mas isso me parece um castigo.

— Eu sei. — suspirei. — Mas embora saiba a pessoa horrível que ela era, ainda assim é minha mãe. Ela entregou todas as informações do dinheiro roubado nas mãos de meu pai e em troca pediu que não a entregássemos para polícia. Que não queria morrer na cadeia, que apenas queria fazer isso sozinha e em paz. E ainda por cima me pediu para ficar com ela, pois não tem mais ninguém além de mim. O que eu devo fazer?

Eu sabia que ele não poderia responder a minha pergunta, que apenas eu poderia dar essa resposta. Mas por mais que seu abraço me confortasse, que me dissesse sem palavras que estava comigo, tinha certeza de que qualquer decisão que tomasse me faria sofrer. E inevitavelmente faria.

Capítulo 18

HENRIQUE

Treze.

Muita gente sente repulsa, aversão ou estranhamento quando se trata dele. Uns até mesmo afirmam ser sinônimo de “mau agouro”, enquanto outras pessoas acreditam nas boas vibrações do número. Eu era um deles. Não era uma pessoa muito ligada a numerologia essas coisas, mas o número treze tinha diversos significados para mim.

Partindo do princípio, o 13 é formado pelos números 1 e 3. Segundo a Numerologia, ciência que estuda os números e sua influência sobre a vida das pessoas, o número 1 simboliza independência, coragem, originalidade, força, ambição, liderança, criatividade, ousadia, iniciativa, persistência, positividade. Já o número 3 autoconfiança, otimismo, comunicação, entusiasmo, sociabilidade, sentimento de leveza perante os desafios da vida.

A soma dele — ou seja, 1 mais 3 —, totaliza o número 4, formando assim ideias opostas, pois o 4 na Numerologia simboliza estabilidade por meio de regras, planejamento, disciplina, organização, trabalho. É considerado um número tranquilo, calmo e com planejamento e praticidade, tudo se alcança. Assim como as coisas entre nós.

Eu nasci no dia treze, o que eu humildemente considerava um presente para o mundo. Mia e eu ficamos treze anos separados, para então finalmente nos acertarmos. E então treze foram o número de encontros que prometi a ela, um para cada ano em que não estivemos juntos, para então fazer exatamente o que deveria ter feito há muito tempo. E a data escolhida para que esse momento se eternizasse também era o treze.

Por mais determinado que eu estivesse para fazer tudo mais fácil para Mia, a volta de Mary inevitavelmente mudara o percurso das coisas para gente. Ela ainda não havia falado com a mãe, que ligava para ela todos os dias e embora tentasse não transparecer sabia que ficar nessa indecisão a incomodava. Por isso que na noite do nosso décimo terceiro encontro me perguntei se era mesmo o momento certo. Mas já havia adiado demais para que deixasse mais um empecilho nos atrapalhasse. Simplesmente faria.

Quando chegamos ao Copacabana Pallace, local escolhido para o desfile de lançamento da marca da *Dolce Carma*, Mia não fazia ideia da surpresa que a esperava.

Uma sucessão de *flashes* vieram em nossa direção no exato instante em que

soltamos do carro. Não me intimidei por eles, estava acostumado com o assédio da imprensa, mas vinha fazendo de tudo para evitá-lo por causa de Mia. Apesar de ser o esperado, a Mídia sensacionalista fazendo suposições e criando teorias, Mia não estava lindando muito bem com as fofocas que corriam com nosso nome.

Embora não me importasse, ao menos não por mim, era uma situação delicada a que nos encontrávamos. Primeiro, porque muitos não viam com bons olhos nosso relacionamento pelo simples fato de termos sido criados juntos e fazermos parte da mesma família. E segundo, porque recentemente ela havia terminado um relacionamento com Daniel e apesar de termos tentado não nos expormos, em especial por respeito a ele, inevitavelmente fomos flagrados em uma das nossas saídas casuais.

Dando a mão para ajudá-la a descer do carro, sorri para ela em uma tentativa de encorajá-la e recebi um fraco em troca. Com a mão em sua cintura, puxei-me junto de mim e enquanto andávamos mantinha a expressão formal que costumava ter na presença de fotógrafos.

Diferente das outras vezes em que éramos assediados pelos *paparazzi*, em que Mia transparecia o quão desconfortável estava com a situação, consegui senti-la segura ao meu lado. Ela chegou até mesmo a posar para fatos, o que acabou me tirando um dos meus raros sorrisos para imprensa, que erroneamente achavam o futuro Presidente da *Guiotto's Indústria e Comércio de Alimentos* sério demais.

Percebendo a mudança de postura da nossa parte, os jornalistas enlouqueceram, tirando cada vez mais fotos e fazendo perguntas que não eram o momento de obter respostas. Aquele fora um passo importante para nós. Nossa primeira aparição pública assumindo nosso relacionamento. Era oficial, eramos um casal.

Feliz com aquele avanço, achei por bem não exigir demais de Mia e tratei de puxá-la um pouco mais para mim, apertando ainda mais o braço na minha cintura, enquanto seguíamos para dentro do local do desfile.

— Tudo bem? — eu quis saber quando ficamos sozinhos na segurança do saguão do hotel e finalmente me senti seguro para perguntar.

— Sim. — ela pareceu um pouco pensativa, mas sua resposta soara verdadeira.

— Então podemos ir? — perguntei depois de beijar levemente seus lábios carmin.

— Podemos. Mas antes quero dar uma passadinha nos bastidores para ver Lorena e Zane e ter certeza de que está tudo certo.

— Sem problemas. Só não tenho tanta certeza de que eles a deixarão

continuar com seu lindo vestido vermelho. Pois ainda acredito que para eles não é tarde e ainda há esperança de que você entre naquela passarela. — fiz um gesto indicando o salão onde pouco mais tarde aconteceria o grande desfile e Mia fez uma careta, antes de por fim dizer:

— Tenho certeza de que está tudo bem e se não estiver eles poderão se virar sem mim. Vamos para nossa mesa mesmo. — e enquanto seguíamos, foi impossível segurar o riso até lá.

Apesar de ter concordado em participar das fotos da campanha e em continuar sendo a cara oficial da *Dolce Carma*, Mia não desfilaria. Essa fora uma decepção para aqueles dois malucos, que fizeram de tudo para fazê-la mudar de ideia. Mas sem sucesso.

Até mesmo para mim tentaram recorrerem, que tratei de deixar claro para eles que minha exigência anterior sobre Mia estar na marca se tratava apenas de uma tentativa minha de acabar com seus traumas adquiridos por causa da mãe no passado. E claro, também de um meio para o meu fim, que esperava apenas me aproximar e não cair de paraquedas como modelo e participar do ensaio com ela. Embora, não tenha o que reclamar, porque também tirei bastante proveito da situação.

Se não era o que Mia queria fazer, não seria eu a pessoa a convencê-la do contrário. Por isso apenas me abstive, enquanto a louca da minha irmã me xingava e Zane a segurava, tentando lembrá-la que ela estava fazendo isso com seu sócio investidor. Me senti um pouco vingado quando ele disse isso, mas isso não quer dizer que eu não tenha sido alvo de suas caras feias também. Que só melhoram quando lhes contei meu plano para aquela noite.

Quando chegamos ao salão norte, onde aconteceria o evento, nos dirigimos para a mesa em frente a passarela que fora reservada para nós. E enquanto sentava, respirei fundo, nervoso, tentando me acalmar, pois a primeira parte do meu plano acabava de começar.



O desfile estava perfeito. Quase todos os especialistas, blogueiros e grandes nomes da moda estavam presentes e a admiração estava estampada na cara de cada um, enquanto na passarela os modelos desfilavam as peças da coleção de lançamento da *Dolce Carma*.

Eu não havia me colocado no meio daquela sociedade apenas para me aproximar de Mia. Afinal, abri mão de muita coisa na vida para conseguir construir meu patrimônio e não investiria em nada que eu não acreditasse ou que pudesse me trazer algum retorno financeiro. E uma coisa que eu acreditava era no talento de Lorena e Zane, por isso investi. E não era à toa que o desfile nem

mesmo havia chegado ao seu fim e mesmo assim já era um sucesso.

Quando o DJ colocou *Marry Me* de Jason Derulo para tocar, soube que era a minha deixa.

— Eu já volto. — tentei controlar o nervosismo em minha voz, mas não sabia estar sendo bem sucedido.

Não lhe dei nem uma chance para perguntar nada, apenas sai correndo dali, deixando-a confusa na mesa acompanhada da nossa família e amigos. Enquanto me afastava, pude ver as modelos passarem a entrar em pares, uma a uma com um modelo masculino de mãos dadas. E assim como toda plateia, Mia certamente não estava entendendo nada. Ao menos não por enquanto.

Nos bastidores da passarela, encontrei com Zane, que parecia eufórico a minha espera.

— Tudo certo? — eu quis saber, enquanto tentava voltar a respirar normalmente em uma tentativa de me acalmar.

— Sim. — ele estava emocionado enquanto sorria para mim. — Vamos finalmente fazer isso.

A passarela então ficou vazia. As luzes se apagaram e então *A Thousand Years* começou a tocar e no telão ao fundo fotos e vídeos, de diversos momentos de nossas vidas passavam como uma retrospectiva nossa. Desde muito pequenos, comigo carregando-a ainda bebê, a nós crianças, depois adolescentes, ou mais tarde enquanto namorávamos em Roma, em Nova Iorque e então as mais recentes, incluindo a Viagem à Vegas, o ensaio da própria *Dolce Carma* e por ultimo então um registro de cada um dos nossos doze encontros.

A música que eu havia escolhido tinha um significado tão profundo, tão parecido como me sentia diante meu amor por ela, que me deixava sem fôlego enquanto esperava o momento certo para prosseguir com o plano.

O coração acelerado
Cores e promessas
Como ser corajosa?
Como posso amar quando eu estou com medo de cair?
Mas vendo você ser independente
Todas as minhas dúvidas de repente vão embora de alguma forma
Um passo mais perto

Eu tenho morrido todos os dias esperando por você
Querida, não tenha medo, eu tenho te amado
Por mil anos
Eu vou te amar por mais mil

O tempo para
Beleza em tudo o que ela é

*Eu serei corajoso
Eu não deixarei nada levar embora
O que está na minha frente
Cada respiração
Cada hora tem caminhado pra isso
Um passo mais perto*

*Eu tenho morrido todos os dias esperando por você
Querida, não tenha medo, eu tenho te amado
Por mil anos
Eu vou te amar por mais mil*

*E o tempo todo acreditei que te encontraria
O tempo trouxe o seu coração pra mim
Eu tenho te amado por mil anos
Eu vou te amar por mais mil*

*Um passo mais perto
Um passo mais perto*

*Eu tenho morrido todos os dias esperando por você
Querida, não tenha medo, eu tenho te amado
Por mil anos
Eu vou te amar por mais mil*

*E o tempo todo acreditei que te encontraria
O tempo trouxe o seu coração pra mim
Eu tenho te amado por mil anos
Eu vou te amar por mais mil*

De onde eu estava, eu via Mia emocionada, uma mão na boca e uma no coração, como se tivesse que segurá-lo. E depois de um tempo que me pareceu eterno, então foi a minha vez de entrar. Com um buquê de rosas nas mãos, atravessei a passarela e sem tirar os olhos dos dela, desci a escadinha posicionada propositalmente ao lado da mesa que ela estava sentada.

A música e o vídeo continuavam quando me ajoelhei em sua frente, fazendo-a levar dessa vez as duas mãos à boca, enquanto eu respirava fundo mais uma vez, controlando as batidas incessantes do meu coração, e então começar o discurso da minha vida:

— Treze anos... Treze encontros... Reencontros. Tantas idas e vindas... Mas nem que eu quisesse esquecer de você poderia. Nada funciona, ninguém pode te substituir, porque ninguém se comparará a você. Você é uma parte de mim, Mia. É parte da minha infância, da minha adolescência. Você é parte do que eu me tornei como homem adulto. Não foram os quatro anos que ficamos sem nos ver que me resumiu e sim um ano e nove meses de vida que tive antes de você nascer. Porque sem você, eu não seria eu! — ela já estava em lágrimas, quando

meu dindo estendeu para ela um lenço, também bastante emocionado. — A gente briga, mas também se entende como ninguém. Você é tudo que eu não sou, meu avesso, meu completamento perfeito. Você é toda a razão, toda a esperança. E é apenas com você que já tive e tenho todos os sonhos da minha vida. Ninguém pode esquecer seu coração. Você é o meu coração e eu não poderia seguir em frente sem você. Então eu te pergunto: Casa comigo e vamos ser apenas nós dois para sempre, *Miamor*?

Mia soluçou forte, a emoção a flor da pele sendo refletida em nós dois e antes de se abaixar para acariciar meu rosto, ela finalmente respondeu:

— Amo tanto você, Henrique Ferraz, que quero matá-lo na maioria das vezes. Mas fazer isso me tiraria a própria vida, porque também não posso viver ou seguir em frente sem você. Sim. Eu quero casar com você e realizar todos os nossos sonhos juntos. Quero que nós dois nos tornemos um só. — respondeu, fazendo-me perder o fôlego.

Enquanto as palmas ecoavam ao nosso redor, não esperei por mais nada, pois já havia esperado por tempo demais e então apenas a beijei. Úmido e ardente, um misto maravilhoso de emoções que nos dominava por completo. Depois de algum tempo, nos afastamos, sorrindo, cúmplices, nós dois sem conseguir deixar de chorar, nos tocar ou sorrir. Suspirei contra sua pele, nossos corpos unidos, como se não pudessem se separar e murmurei com a voz rouca:

— Eu te amo, mas prometa que não vai me matar.

— Eu te amo, e não posso prometer nada. Me diga logo o que aprontou, Henrique Ferraz. — um sorriso brincava em seus lábios perfeitos e não tive outra alternativa senão prosseguir.

— Eu nunca assinei o divórcio, pois por bem ou por mal não ia permitir que se casasse com Daniel. Porque se prosseguisse, eu ia dar um jeito de anular a maior merda da sua vida. Então tecnicamente ainda estamos casados. — fechei os olhos e esperei por uma reação não muito boa. Reação esta que não veio.

Quando tomei coragem, voltei a abri-los e para minha surpresa ela ainda sorria de modo divertido enquanto olhava para mim com os olhos azuis brilhantes.

— Se a sua preocupação é quanto a isto, não precisa se desesperar, meu amor, porque eu já sabia. Léo me disse quando ainda estávamos no hospital com *Papa*. Se você acha que pode se livrar de mim tão fácil, está completamente errado. Agora cale a boca e me beije. — gargalhei alto quando ela me puxou pela gravata, antes dos nossos lábios se encontrarem outra vez.

Minha. Nós dois. Sempre.



Na véspera do nosso novo casamento, tudo estava pronto. Convites enviados e convidados confirmados. A igreja perfeita. O salão de festas incrível. O buffet maravilhosamente preparado pelo *Per Mangiare*, sob o comando da nossa chefe preferida, Mariah. Um bolo de mil andares e mais camadas do que um vestido de séculos atrás. Mas por mais que soubesse que nada precisaria ser feito, que tudo estava apenas a espera do nosso “eu aceito”, por algum motivo eu tinha em minha mente a conversa que aconteceu no dia seguinte do pedido.

— Eu quero um casamento pequeno. — Mia falou enquanto tomávamos café com nossa família.

— O que? Você usou drogas? — Lorena perguntou incrédula.

— Sério. Não quero nada demais. — reiterou, tornando a comer do seu mamão.

— Isso é terrível e totalmente inapropriado, Mia — Lorena disse horrorizada, embora ali também houvesse uma tentativa persuasão.

— Não sei se você lembra, mas eu e Henrique já somos casados, graças a você e sua ideia brilhante de despedida de solteira em Las Vegas. — a voz de Mia havia tom de acusação, embora o sorriso brincando em seus lábios dissesse ao contrário.

— Ei. Não venha jogar a culpa para cima de mim. Afinal, se não fosse a minha brilhante ideia vocês não teriam se casado. Então me agradeça. — ela riu e então foi impossível não acompanhar.

E hora depois, um casamento com proporções gigantescas havia sido programado. Mas no fundo, eu sabia que fora apenas uma tentativa de Mia de agradar minha mãe e irmã.

Talvez fosse tarde demais para isso, mas eu estava começando a me questionar se era, de fato, o certo a fazermos. Como todo homem, nunca sonhei com uma festa de casamento, sonhei apenas com o enlace matrimonial para ter Mia como minha esposa.

Só que ao contrário de nós do sexo masculino, toda garota sonha com isso desde muita nova. Seja com a festa, igreja, com o vestido perfeito, por isso apenas precisava ter certeza de que estava tudo bem para ela. De que tudo estava acontecendo como ela realmente queria. Se não estivesse, mandaria um foda-se para tudo e todos e faria exatamente do jeito que ela sonhara.

Preparava-me para ligar para ela, quando então o telefone da minha mesa tocou.

— Pronto? — assumi a postura formal que deveria ter estando na empresa. Especialmente quando queria deixar tudo resolvido, sem nenhuma pendência,

pois entraria de férias à partir do dia seguinte.

— Bia Soares está aqui para vê-lo e diz ser urgente. — estremeci diante o aviso da minha secretária.

Não estava esperando aquela visita e apesar de saber que seria incomoda, estava cansado da sua insistência desde que a mídia noticiara meu casamento com Mia.

Não era a primeira vez que Bia me procurava. Estava farto já e pretendia que essa fosse a última.

— Mande-a entrar.

Respirei fundo e tentei juntar toda paciência que já não tinha para com ela. Outra vez me culpava por estar passando por aquilo, afinal, eu que havia tido a ideia idiota de chamá-la para sair apenas para atrair a atenção de Mia, mesmo sabendo que haveriam consequências por causa dessa atitude impulsiva.

— Olá, Henrique — me cumprimentou no instante em que passou pela porta, e encostado a mesa eu estava e lá mesmo fiquei. Não me aproximaria. Não iria sequer até ela cumprimentá-la.

— O que quer, Bia? — fui grosso de proposito. Não seria educado. Só a queria longe de mim e de Mia o mais rápido possível.

— Estou grávida.

Pisquei os olhos rapidamente e só demorou um instante para entender o que ela queria indo até ali. E quando isso aconteceu, comecei a gargalhar. Muito. Até mesmo me vi sem ar enquanto me curvava para frente rindo. Acho que nunca havia rido tanto em minha vida.

Meu Deus! Sério que ela achava que eu acreditaria nesse velho golpe da barriga?

— Por que está rindo? — ela estava irritada. E eu? Nem um pouco preocupado que se sentisse insultada pela minha reação. Na verdade, eu queria mesmo era que ela não ficasse nada feliz comigo.

— Estou rindo por você achar que essa novidade pudesse de alguma maneira me abalar. Esse filho não é meu, Bia. — balancei a cabeça de um lado para o outro, antes de morder os lábios para não rir e desisti logo em seguida.

— Mas poderia — disse simplesmente com sua postura altiva, o que me fez gargalhar alto dessa vez.

— Não seja ridícula, Bia. Claro que não poderia. — ri baixinho. — Para que isso fosse possível, a biologia explica que precisaríamos transar. O que não acontece conosco há no mínimo dez anos — contei com os dedos e mordi os lábios enquanto ela revirava os olhos.

— Mas ninguém sabe desse pequeno detalhe.

— O que importa é que eu sei e tenho minha consciência tranquila quanto a

isso. — voltei a me sentar tranquilamente em minha cadeira e não a convidei para fazer o mesmo, deixando-a em pé no meio da sala.

— Olha, vamos ser sinceros aqui, ok? — não respondi, apenas deixei que continuasse com esse papo que não nos levaria a lugar nenhum. Ao menos não a mim. — O filho que estou esperando é de um figurante com que trabalhei na última novela que fiz há alguns anos e desde então nós mantivemos um caso. Mas nunca o assumi publicamente porque ele é um zé-ninguém, sequer tem talento fora da cama — alcei a sobrancelha enquanto a encarava, sem acreditar que ela falara mesmo aquilo. — Você sabe que não consigo um trabalho descente ou importante na TV há muito tempo e quando saímos da última vez, pintaram algumas coisas. Mas os trabalhos já acabaram.

— E o que eu tenho com isso, Bia? Diga logo de uma vez! — estava irritado. Não gostava do rumo que aquela conversa estava tomando e muito menos de esperar para saber o que ela queria.

— Tudo. Eu tenho uma proposta a fazer. É o seguinte, use seus contatos para me conseguir alguma coisa, uma novela das oito talvez.

— Ou? — eu sabia que haveria um “ou”, por isso achei por bem acabar logo com aquilo.

— Ou eu vou a público para falar que esse filho é seu nas vésperas do seu casamento e que você me mandou que eu abortasse, para poder ficar com Mia. — disse simplesmente.

Talvez eu devesse ficar chocado com sua malvadeza. Ou talvez devesse sentir receio de que fizesse exatamente o que prometera. No entanto, nada senti. Eu não era mais aquele cara cheio de inseguranças. Que preferia correr do que lutar pela mulher que amava. Havia amadurecido e não permitiria que houvesse mais nada que pudesse atrapalhar a felicidade ao lado da mulher que eu amava.

— Agora é a minha vez de ser sincero. — me pus de pé e quando fiz isso, ela pareceu muito menor do que realmente era. — Eu não vou fazer nada por você, porque nunca foi e nunca será ninguém de importância em minha vida. Não venha querer me chantagear, porque não conseguirá nada de mim. Entendeu? E caso tente alguma coisa, qualquer coisa, acredite em mim quando eu digo que você nunca mais conseguirá nada. Nem mesmo comercial de material de limpeza.

Bia vacilou em seus próprios pés, parecendo chocada com minha ameaça velada.

— Me desculpe, Henrique. Eu só estou desesperada. Não sabia mais o que fazer — suas lágrimas de crocodilo não me convenceram e tampouco me deixei abalar.

— Não me interessa, Bia. Só quero que vá embora e nunca mais me

procure. — ela assentiu.

— Tudo bem. Eu vou. Só me deixe, por favor, usar seu banheiro. Estou apertada, porque faço xixi o tempo por causa da gravidez. — inspirei profundamente e como não poderia negar isso, indiquei a porta para que fosse fazer o que precisava para então ir embora.

Aquela situação era ridícula. Digna de uma novela mexicana de quinta, que ela certamente daria uma ótima protagonista.

Por mais que soubesse que Mia surtaria quando soubesse, achei por bem lhe contar quando eu chegasse em casa. Não queria guardar nem um segredo dela. Só havia um segredo que ainda nos separava e eu ainda me preparava para contá-lo, mas ainda assim não lhe esconderia mais nada.

O telefone voltou a tocar.

— Dr. Ferraz, a senhora Guiotto está aqui para vê-lo — minha secretária falou quando atendi, deixando-me um pouco confuso.

— Qual senhora Guiotto? Mia ou minha mãe? — indaguei, achando brevemente graça daquilo, mas sua resposta fez meu coração quase chegar à boca:

— Ela diz se chamar Mary Kate.



Quando cheguei em casa mais tarde aquela noite, estava cansado, me sentindo frustrado e mais do que nunca impotente. Como se me sentir daquela maneira não fosse o suficiente, fiquei ainda pior quando descobri que Mia não estava lá e que por uma ligação me avisara que passaria a noite da véspera do nosso casamento na casa dos nossos pais.

Dormir sem ela não parecia mais ser possível. Sequer preguei os olhos. Ainda era madrugada quando desisti de tentar dormir e depois de preparar um shake nutritivo com frutas, fui para academia tentar colocar para fora e descontar os sentimentos ruins. O dia amanheceu e eu continuei treinando pesado, batendo forte no saco de areia, com raiva de mim mesmo por ter deixado aquela situação chegar até ali e permitir me sentir daquele jeito.

Eu conhecia o meu limite e somente quando meu corpo e músculos doíam pela exaustão e eu mal conseguia respirar, que voltei para casa, onde me enfiei embaixo do chuveiro por um longo tempo.

Sabia o que aquele aperto doloroso no meu peito significava: eu precisava falar com Mia. Precisava dela. Mas por mais que tivesse ligado ou ido a sua procura, tudo parecia conspirar para que não pudéssemos ter um minuto só de conversa.

Deixei para fazer isso na igreja. Então com a esperança renovada de que

resolveríamos isso a tempo da cerimonia, resolvi me preparar para o nosso dia.

Ainda era um pouco cedo quando cheguei na esperança de poder falar com ela. Consegui convencer Zane a me deixar encontra-la, mesmo que fosse através de uma porta e que não nos víssemos. Mas enquanto isso não acontecia, fui o noivo que deveria ser, cumprimentando cada convidado que vinha nos parabenizar.

Zane havia me falado que estavam retocando a maquiagem de Mia em uma sala privativa no fundo da igreja e eu me preparava para ir ao seu encontro, quando então Bia apareceu.

Pedi desculpa a algumas pessoas com quem eu falava e fui em sua direção irado, sem entender o motivo da sua presença, que de certo não estava na lista de convidados, e muito menos compreendia o sorriso satisfeito no rosto.

— Que merda está fazendo aqui, Bia? — rosnei entre os dentes.

— Calma, meu querido. — seu sorriso apenas cresceu. — Vim aqui apenas cumprir com a minha promessa. Lembra que eu disse que ainda se arrependeria de ter terminado comigo? Pois bem, ontem lhe dei a chance de se redimir, Henrique Ferraz. E você me deu algo muito melhor: a chance de estragar a sua felicidade.

Não tive tempo de sequer pensar sobre suas palavras, pois Zane veio correndo em minha direção, parecendo desesperado. E com o coração aos pulos eu tive vontade de morrer quando ele então falou:

— Mia fugiu.

Capítulo 19

MIA

Casar com Henrique seria, de todas as difíceis decisões que tive que tomar na vida, sem dúvidas, a mais fácil. A que mais temi, ao mesmo tempo a que mais ansiei. Mas então Bia apareceu quando estava prestes a lhe dizer “sim”, tornando o meu sonhado conto de fadas um pesadelo e eu me vi fazendo algo que jamais pensaria que faria: fugi do meu próprio casamento.

Um mês já havia se passado e apesar de não me arrepender da decisão, de saber que estava fazendo a coisa certa ao sair correndo da igreja, nada se tornara mais fácil. A falta que eu sentia dele era maior que a raiva que se tornara cada vez menor desde o instante em que descobri que ele me escondera seu próprio filho.

Um filho.

Eu nem conseguia acreditar que aquilo fosse verdade mesmo.

Henrique Ferraz, o amor da minha vida, tinha um filho e eu só conseguia pensar que me escondera essa verdade por tempo demais. Me escondera esse pedaço tão importante da sua vida. E mais do que isso: me tirara o direito de ser mãe do seu primeiro filho.

Talvez fosse imaturidade da minha parte, mas me dei a chance de ser egoísta depois de tudo. Só queria acordar e pensar que aquela certidão de nascimento que vi não era nada além de uma mentira. Eu só queria ele.

Queria sentir de novo aquele cheiro de banho na sua nuca, que sempre me fez sorrir e me ensinou a ser mais feliz com a vida. E depois matar a saudade da sua mão quente me puxando pela cintura, me pegando da sua forma um pouco bruta, mas não menos excitante, me dizendo que amava e que não importava o que acontecesse, ele ficaria comigo para sempre e que tudo ficaria bem apenas por isso. Independente de qualquer coisa.

Queria ouvir de novo a nossa música, que eram tantas, que mais me pareciam uma coletânea, me embalar com ele ao som de qualquer uma delas e sonhar com o nosso primeiro e também o último beijo da vida, porque eu tinha certeza que seria dele. Meu primeiro e último beijo.

Queria sentir sua voz mansinha no meu ouvido dizendo que me amava. E então tudo ser perfeito, mesmo diante tantas imperfeições. Mas eu não podia, porque suas omissões me quebraram outra vez e eu precisava ficar longe de tudo e todos.

Eu voltei para Nova Iorque para fugir de Henrique e de todas as mentiras

que existiram no nosso relacionamento. Mas em Manhattan, por mais que eu tentasse me afastar ou correr de tudo, eu não conseguia simplesmente fugir do passado. Nem que ele ficasse longe de mim por mais dez anos, depois mais dez; e muito provavelmente era isso mesmo que ia acontecer, eu conseguiria esquecê-lo.

No fundo, eu precisava saber que, em algum lugar deste planeta, ele continuava existindo, para que eu também pudesse continuar respirando. Principalmente naquele instante em particular, que eu acabava de descobrir estar grávida dele.

O exame de farmácia ainda estava em minhas mãos quando a campanha tocou. Estranhei que alguém tivesse ido até ali, porque por mais notícias que eu tivesse dado a minha família, apenas para tranquiliza-los, ninguém sabia onde eu estava realmente. Achei que seria óbvio que eu fosse para o apartamento que morava antes e por isso acabei pedindo abrigo para uma antiga colega de trabalho. Mas então eu abri a porta para dar de cara com Henrique.

Quando o vi, percebi o quanto parecia torturado naquele momento. Tão desorientado, que lágrimas inevitavelmente brotaram em meus olhos.

Fechar a porta na cara dele era a coisa mais inteligente a fazer. Infelizmente, quando se tratava de Henrique, eu perdia cada pedaço do meu bom senso.

— O que está fazendo aqui? — perguntei sentindo meu coração na boca. Ele parecia arrasado. Cansado. Como se há muito não dormisse. E eu não duvidava disso, quando eu mesmo não me dava a esse luxo desde que o abandonei no altar um mês antes. — Precisamos conversar — ele disse, com a voz séria e forte. — Não sei o que poderia ter para conversar. — tentei fechar a porta, mas ele colocou o pé me impedindo. — Precisamos. Preciso te dizer a verdadeira razão por eu ter escondido isso tudo de você. — Ele engoliu em seco e continuou: — Por favor. Eu não deveria permitir que entrasse, mas eu fiz. Como eu disse, perdia o bom senso quando se tratava de Henrique. Mas por mais doloroso que fosse pensar daquela maneira, talvez tivéssemos que fazer isso. Ao menos por causa do filho que eu carregava e ele sequer imaginava.

Seus olhos verdes estavam vermelhos e pareciam desesperados enquanto olhavam para mim. Ele tentou se aproximar, mas parou no exato instante que viu que aquilo seria um erro.

— Vamos avançar rapidamente com toda esta conversa, para que eu possa deixar de perder meu tempo.

— Não sei o que dizer. — novamente ele parecia sofrer e de forma hercúlea tentei ignorar.

— Que tal, tchau?

— Mia, não é assim. — ele parecia nervoso, mas eu apenas não podia

permitir que minha fraqueza deixasse fazer o que bem entendesse. Não deixaria. Não mais.

— Tchau, Henrique. Vá embora e não me procure mais.

— Eu não vou embora até você ouvir a história toda. — ele disse com a voz embargada.

— Eu não...

— Mia, sobre o que a Bia te disse. — ele me cortou quando viu que eu estava prestes a abrir a porta e então paralisei. — Eu realmente não conseguia falar sobre esse assunto e quando contar a verdade, espero que entenda porque fiz isso. Eu não queria mentir para você...

— Mas mentiu! — gritei, externando toda mágoa por mais uma mentira.

— Menti porque não queria te magoar! — ele gritou de volta e suspirou em uma tentativa de acalmar a si próprio. — Você lembra quando pegamos sua mãe com meu pai?

Concordei me sentindo mal só de lembrar sobre a noite em questão. As coisas horríveis que escutei. A escuridão que me envolveu depois e me seguira desde então.

— Meu pai disse algo que me deixou intrigado. Da maneira sádica dele de me provocar, disse para eu tomar cuidado por quem eu me apaixonava, porque eu poderia estar cometendo um pecado. — ele andava de um lado ou outro, passando as mãos no cabelo demonstrando sua postura angustiada diante aquela conversa.

— Não entendo. — ou não queria entender.

— Pois é. Eu não entendi na época também. Mas ainda assim resolvi me afastar para o seu bem, pois me senti culpado de fazer você passar por tudo aquela noite. No casamento dos nossos pais, Nonno disse algo que me marcou e levei para minha vida, o que consequentemente influenciou todas as minhas decisões no nosso relacionamento. Ele disse que você tinha sofrido demais, que sua mãe tinha feito isso com você e não merecia mais nenhuma decepção — ele apertou sua nuca em um gesto nervoso e me vir respirar fundo em uma tentativa de me acalmar.

— Mas você fez exatamente ao contrário. — o tom magoado da minha voz estava claro. Eu não havia superado. Não importava o fato de ter tentado esquecer, depois de me ver mais uma vez decepcionada, tudo voltara à tona.

— Fiz. Apesar de me arrepender de cada escolha feita, eu achava que estava fazendo a certa. Para você. — ele apontou para mim e eu ri, embora não achasse graça alguma.

— Não venha jogar a culpa para cima de mim. — gritei, sem acreditar que ele estivesse mesmo dizendo aquilo.

— Não vou jogar. Porque foram minhas as decisões, mas elas foram feitas por sua causa.

— Henrique...

— Quando seu pai me chamou para trabalhar com ele, vi a oportunidade de provar que não era igual ao desprezível e traidor do meu. Queria provar para mim e para meu pai, que podia ser o homem que ele nunca foi. Eu não soube te explicar na época, aquele assunto era delicado demais para mim, mas disse que queria que ficasse. Mas ainda assim você decidiu ir. — ele suspirou.

— Você traiu tudo que combinamos. Era a chance de contarmos tudo sobre nós. Ainda assim negou para meu pai naquele momento que estava com alguém. — as lágrimas escorrendo nos meus olhos eram prova viva de que nada entre nós fora superado.

— Esse erro foi meu. Eu tive medo da reação dele. Mas queria e ia falar. Só que você decidiu ir embora assim mesmo. Pensei que quando voltasse poderíamos conversar. E foi o que fiz.

— Conversamos e mais uma vez você me deu um chute na bunda. — o lembrei.

— Eu queria te pedir em casamento, como aconteceu. Planejei durante meses tudo aquilo. Arrumei nossa casa. Era exatamente o que eu queria para nós dois.

— Não pareceu. — me joguei no sofá, sentindo-me um pouco enjoada com aquela lembrança.

— Naquela noite que eu voltei para casa e disse que era melhor que a gente terminasse, eu recebi uma visita no escritório. — ele estava pálido quando terminou de falar, mas não me importei, queria entender aquilo que dissera por isso me ouvi perguntando:

— Que visita?

— Uma ex-secretária de meu pai. Ela se aposentou antes que eu começasse a trabalhar na empresa, mas nos viu juntos na praia e achou que eu precisava saber de algumas coisas. — Henrique engoliu em seco.

— O que?

— Ela sabia sobre o caso dos nossos pais. Meu pai pagava a faculdade da filha dela para que pudesse se manter em silêncio. Naquela noite, ela me entregou uma agenda de meu pai, que pegara da gaveta da mesa dele e escondeu após sua morte.

— O que tinha na agenda dele? — perguntei com o coração aos pulos.

— Uma carta. — ele suspirou. — Uma carta de amor de sua mãe para meu pai. A carta tinha sido escrita quando você tinha mais ou menos uns quatro anos. Nela ela falava sobre as dúvidas que tinha, mas que achava você cada dia mais

parecida com meu dindo. A carta levantava suspeitas sobre você ser filha de meu pai ou não. — sua voz estava embargada quando terminou de falar. Meus olhos se arregalaram, mas meu coração não desacelerou.

Oh meu Deus!

Eu não sabia nem o que pensar. Enquanto as lágrimas escorriam nos meus olhos, minha mente girava a mil por hora. Mil coisas passavam pela minha cabeça. E de forma torta, embora não menos dolorosa, finalmente entendi o porquê de tudo que fez comigo ao longo dos anos: Henrique achava que era meu irmão.

— Você... — gaguejei, sem conseguir sequer concluir meu pensamento. O sentimento sobre aquilo se tornando horrível para se dirigir ou suportar até mesmo respirar.

Percebendo que eu estava começando a entrar em pânico, Henrique sentou ao meu lado e segurou minha mão, antes de me puxar para ele.

— Não! Apenas não! E depois dessa conversa jamais torne a pensar sobre isso outra vez! Entendeu? — exigiu e anui em silencio, incapaz de fazer qualquer coisa a não ser balançar a cabeça. — Mas imagine como me senti quando descobri que poderíamos ser irmãos? Eu me sentia sujo. Sentia dor por amar a minha própria irmã. Foi horrível. Eu só não sabia o que fazer para mudar o que estava sentindo.

— Por que você não me disse nada? — eu chorava imaginando sua dor e também o que poderia ser diferente entre nós, todo sentimento evitado, caso soubesse disso na época.

— Por isso. — ele apontou para mim. — Eu não podia fazer nada para mudar o que eu estava sentindo, mas eu podia fazer para não deixar você sofrer. O que o Nonno me disse, ficou batucando na minha cabeça. Eu não queria que você passasse e sentisse o que senti. — afirmou me olhando nos olhos, as lágrimas rasas dos seus verdes, apenas provando o quanto sofria.

— Então você não queria dizer que eu posso não ser filha de meu pai? Quer dizer que ainda posso ser sua irmã? — perguntei com medo da resposta.

— Não. Você não é minha irmã. Graças a Deus. — ele suspirou, parecendo aliviado pela primeira vez. — Mas naquela época eu não sabia se poderia estar errado ou não. Fui covarde e a deixei partir mais uma vez.

— Como você sabe? Como tem tanta certeza de que não sou mesmo? — perguntei e nunca o vi seu olhar tão quebrado, como o que via diante de mim naquele instante.

— No mesmo ano, eu surtei. Você deve ter escutado que eu vivia em farras... Bebia... Estava vivendo uma vida desregrada. — foi a minha vez de engolir em seco. — Entenda, eu não me importava mais com nada, porque

achava que a única coisa que queria na vida não podia ser minha: Você. — sussurrou a última palavra e dessa vez ele não tentou segurar e sequer esconder suas lágrimas.

— Eu não entendo. — falei, fungando, ainda sem saber como agir diante tanta coisa dita.

— Lembra que nesse ano eu tive um acidente de moto? — concordei com um aceno fraco. — Eu quebrei o tornozelo e tive que colocar pinos no local. No dia do acidente, o hospital estava com pouca quantidade de sangue do meu tipo sanguíneo. O médico falou com minha mãe que Leonardo poderia doar, já que ele era obviamente a pessoa mais próxima e isso de certo adiantaria a cirurgia. — ele voltou a empalidecer enquanto falava. — Minha mãe pareceu em pânico e desconversou. Ali eu percebi que tinha alguma coisa errada. Por que meu irmão, com a mesma herança genética que a minha, não poderia me doar sangue?

— Por que não? O que você descobriu? — perguntei intrigada.

— Assim que sai do hospital decidi investigar. Entrei com um processo na justiça, pedindo para fazer exame de paternidade no corpo do meu pai, porque alguma coisa me dizia, talvez os anos de agressão psicológica, que tinha alguma coisa a ver com ele. Mesmo que o processo corresse em segredo, eu sabia que minha mãe seria notificada. E bem, eu não precisei continuar com o processo, pois ela me procurou e contou tudo. — dessa vez ele chorou e aquilo me assustou.

Só uma vez eu tinha visto ele chorar daquela maneira e fora quando ele descobriu sobre o filho que perdermos. E então ele chorava novamente e apesar de ainda estar magoada, sentia a dor dele e queria mais do que tudo que não sofresse. Via em seu rosto o quanto isso tudo era doloroso. Então quando segurei sua mão, ele levantou seu olhar até o meu e tive vontade de chorar ainda mais, pelo que via em seus olhos.

— Paulo não era meu pai — admitiu, enfim.

— Como assim? — perguntei em estado choque.

— Quando minha mãe conheceu Paulo, ela foi porque veio para o Rio de Janeiro estudar. Ela veio fugida do meu avô, porque engravidou e o namorado dela a largou quando descobriu que carregava um filho seu. Para meu avô, era errado o que estava acontecendo. Filho sem casamento era abominável. Ela não queria desonrar a família, sendo mãe solteira. Então fugiu. Veio para o Rio de Janeiro e conheceu meu pai. Quer dizer, conheceu Paulo. Ele prometeu a ela que cuidaria de mim como se fosse meu pai, mas nós sabemos que não foi bem assim que tudo aconteceu.

— Henrique... — eu nem sabia o que falar, mas aparentemente depois que ele começara, parecia ainda ter muito para colocar para fora.

— Quando estávamos aqui há quatro anos, a mensagem que você viu não era mais uma mulher, era uma irmã.

— Como assim?

— Meu pai biológico tentou entrar em contato comigo há algum tempo, mas eu não quis conversar. Então ele pediu que sua filha tentasse fazer uma aproximação. O nome dela é Ana Renata. Ela tem vinte e quatro anos e é um doce — o primeiro sorriso sincero dele apareceu e me senti aliviada. — Desde que nos conhecemos, nos aproximamos e ficamos juntos sempre que posso. É estudante de jornalismo e há uns três anos conheceu um carinha que era seu chefe no estágio e acabou se envolvendo, então engravidou. Eles estavam felizes. O cara estava mesmo nas nuvens. Havia pedido ela em casamento e tudo, mas então em uma reportagem sobre o tráfico na Rocinha foi vítima de uma bala perdida e morreu.

Senhor! Que triste!

— Eu sinto muito. Coitada dela. — eu realmente sentia. Pior que perder alguém em vida, era perder alguém de uma forma irrevogável. Isso era realmente doloroso e não havia paliativo que ajudasse a curar.

— Eu gostava muito dele. A Ana, claro, ficou arrasada. Quase perdeu o bebê, mas felizmente depois de toda complicação na gravidez, o Gael nasceu e ganhou o nome do seu pai. — ele então sorriu outra vez, um sorriso que demonstrava claramente o quanto era apegado ao menino e aquilo aquecera meu coração ao pensar sobre o bebê que crescia em meu ventre. — Pensando em tudo que minha mãe havia passado e eu também como filho, acabei me oferecendo para assumir o Gael como filho. A Ana negou no início, mas depois de pensar no bebê, acabou aceitando.

Eu não sabia como perguntar ou tocar no assunto, mas a curiosidade sobre foi mais forte do que eu e então perguntei:

— Mas e o seu pai?

— Eu não tenho pai. O único pai que tenho se chama Vittorio Guiotto. — ele foi seco, mas sua resposta não fora o suficiente para me fazer desistir.

— Você sabe bem o que eu quero saber. — ele suspirou, de certa forma derrotado e lhe dei um tempo para dirigir a questão, ficando calado por uns instantes.

— Por mais que eu ame a Ana Renata, que a gente se fale e que eu faça questão de estar presente na vida do moleque, nunca tive coragem de conhecê-lo pessoalmente... Ao menos até sua mãe voltar dos infernos. — seu tom de voz não escondia seu degrado e nem mesmo a careta que fiz.

— Minha mãe? O que ela fez?

— Sua mãe veio atrás de mim, Mia. Ela encontrou meu pai verdadeiro, o

que nada me tira da cabeça ter feito aquilo de propósito e trouxe-o ao meu encontro. Meu pai queria, porque queria uma aproximação. Ele acha que podemos superar o que aconteceu.

— Mas aonde Bia entra nessa história? — perguntei ainda em choque, não estava conseguindo entender o que um teria a ver com o outro.

— Na véspera do nosso casamento, Bia veio me encher o saco no escritório e pediu para ir ao banheiro. Foi aí que sua mãe chegou. Conhecendo a forma que tento te proteger de tudo, ela me garantiu que havia tirado a prova sobre a paternidade e ameaçou te contar toda a verdade, caso não a ajudasse a se aproximar de você. Bia escutou toda a conversa e não saiu do banheiro. Na verdade, esqueci completamente que estava lá. Então, o resto você já sabe.

Oh. Meu. Deus!

Estava tão chocada com o que ele tinha me dito, que eu não tinha nada a dizer. Na verdade, não sabia se eu conseguiria emitir qualquer som sequer. Todos os cenários que eu já tinha sonhado sobre o segredo de Henrique giravam em torno dele manter a verdade de mim por causa de culpa, por causa de outra traição. Mas nunca imaginei que ele estava escondendo coisas de mim não apenas por dor, principalmente porque ele não conseguia lidar com a situação, mas também para me proteger.

Embora ele tivesse me deixado sozinha para voltar a Itália, não poderia sequer imaginar como se sentiu quando descobriu que parte da sua história era uma mentira. Sua mãe o amava demais, mas ainda assim ele foi criado por um homem que fazia questão de lhe desprezar. E por mais que a verdade tivesse vindo à tona, não que justificasse, havia uma explicação para tudo aquilo. Ainda assim, não fazia sentido para mim o que meu dindo fez com ele. Ele era uma criança, não tinha culpa de nada.

Henrique foi gerado e abandonado pelo seu pai, assim como sua mãe fora pelo namorado. Ele deixou-os de uma forma, que ninguém deveria ter que passar por isso. Eu não podia nem mesmo imaginar o que Henrique sentiu e ainda sentia. Confuso? Sim. Machucado? Também. Ou talvez ele não estivesse sentindo nada. Talvez estivesse sofrendo de um caso de negação.

Achei que Henrique fez o que queria e fez. A verdade sobre suas escolhas finalmente me bateram. Por tanto tempo pensei que ele me deixara, quando na verdade tudo o que fez foi tentar me proteger e livrar da dor que ele próprio carregava sozinho. Me falar a verdade era o que ele achava que precisava fazer para deixar tudo para trás e me provar de uma vez por todas o quanto se preocupava comigo e me amava.

— Eu sinto muito sobre isso — sua sinceridade era crua enquanto olhava para mim acariciar seu rosto com a barba grande, de quem há muito não se

barbeava.

— Me desculpa, Mia. — seus lábios tremeram quando falou e eu fechei os olhos, tentando controlar as batidas incessantes do meu coração.

— Eu também tenho que te pedir desculpas. Várias. Por ter sempre te julgado, sem fazer ideia de que tudo que fez foi por mim. E te agradecer por ter tentado me proteger. Por ter tentado impedir que eu sofresse. Mas você não pode passar a vida toda lutando minhas batalhas sozinho.

— Mia...

— No dia em que você me pediu eu casamento da última vez, você me pediu para que fôssemos dois. E eu respondi que seríamos um só. Eu sempre fui e sempre serei apaixonada por você, Henrique. Sempre. E conhecendo o sentimento que transborda em meu peito, eu sei que podemos passar por tudo, mas juntos.

Fechei meus olhos e os senti queimando com a ameaça de lágrimas outra vez. Eu o amava. Sempre amei. Talvez não merecesse o seu amor. Mas quando eu lentamente os abri para vê-lo olhando para mim, eu soube que não havia motivo para sequer duvidar do meu merecimento, ou pensar em lógica, quando a única coisa que importava era amor que nos movia.

— Por mais que a gente brigue por dias. Por mais que a gente deixe de se falar por anos e cada um decida seguir sua vida, tenho certeza de uma coisa: Nunca conseguirei ser completa sem você. Assim como uma tatuagem, mesmo que eu não queira você ficará gravado em mim. Para sempre! Além do mais... Estamos ainda mais ligados daqui para frente. — coloquei sua mão sobre minha barriga e seus olhos se arregalaram enquanto me perguntava:

— Você está... — anui em silencio, derramando lagrimas de emoção por dividir aquele presente tão especial com ele.

Henrique não disse mais nada, apenas fechou os olhos como quem apreciava a notícia e então quando voltou a abri-los, me olhando com aqueles verdes profundos que me apaixonei há muito mais tempo do que podia me lembrar e então me beijou.

Me carregando para sentar em seu colo, enfiou a mão em meu cabelo e saboreou meus lábios com os seus macios, nós dois nos entregando completamente com uma única certeza: de que nunca esqueceríamos aquele momento. Não estávamos mais sozinhos, eramos dois e dali em diante três. E aquele era o momento que irrevogavelmente começava nossa felicidade.

Epílogo

HENRIQUE

Mia parecia ainda mais bonita e tão surpreendente brilhante com seu vestido branco. Na verdade, não havia como ela ficar feia, até mesmo com um saco de batatas ficaria linda. Embora, claro, eu aprecie muito mais quando está sem nada. Mas isso apenas em quatro paredes. Ou sem paredes, tanto faz.

E embora os pensamentos fora de hora me ocorressem, eu simplesmente não conseguia tirar meus olhos dela enquanto caminhava até o altar.

Era incrível como ainda poderia ser capaz de me perder apenas com um olhar no seu azul tão único, como acontecia a cada vez que nos encarávamos.

Deus, eu a amava tanto!

Pisquei para ela quando se posicionou do lado oposto ao meu no pequeno altar da igreja. E enquanto aguardávamos o início da cerimônia, Mia então sorriu para mim, o que foi o suficiente para me fazer derreter.

A luz brilhou em seu obscuro anel de noivado e toda vez que isso acontecia, eu costumava brincar com ela que era como se Deus apenas confirmasse a minha promessa de nunca deixá-la outra vez e quando notou para onde eu olhava, colocou a mão sobre seu ventre ainda plano.

— Eu amo vocês. — murmurei para que ela lesse em meus lábios e recebi o mesmo amor de voltar. Ou ainda maior:

— Nós também amamos você.

A marcha nupcial interrompeu nossa pequena paquera quando começou a tocar e então nós olhamos para frente a tempo de ver Nonna Fiorella andando pelo corredor de braços dados com seu filho, tio August.

O vestido rosa claro era simples, mas não menos formoso para velha senhora que o usava. O cabelo muito branco estava arrumado com flores na mesma cor e eu nunca a tinha visto tão bonita e feliz como naquele instante. E eu poderia dizer o mesmo de meu Nonno, que não parava de sorrir e não poderia estar mais feliz por ela finalmente estar se casando com ele.

Mesmo depois de uma cancela de mais de cinquenta anos de paquera, Sr. Enrico não desistiu e quando ela finalmente aceitou, aquele momento tão especial precisava ser comemorado por todos e era isso que fazíamos com alegria.

A bênção do padre foi emocionante e não teve uma pessoa presente que não tivesse derramado suas lágrimas. Menos eu, claro, que tive apenas um cisco no

olho. Após o final da bela cerimônia, que fora realizada apenas para família, fui logo ao encontro de Mia e enquanto seguíamos para a pequena recepção realizada na área externa da fazenda da família Campanaro, tratei logo de arrastá-la em direção a pista de dança.

Mia ria enquanto eu a girava ao redor do lugar e mergulhei seu corpo algumas vezes de forma exagerada. Por um instante pensei que não pudesse ser tão feliz como já era ao seu lado, porque a mulher em meus braços era a única razão para essa felicidade que eu sempre precisaria, afinal, ela era a dona do meu coração. Minha alma gêmea. Tudo para mim. E então me lembrei que faltavam mais duas coisas para que a felicidade fosse completa: nosso novo casamento e a chegada do nosso filho.

— Ansiosa para o nosso dia? — ela assentiu, capturando os meus lábios com os seus.

— Muito. — e então sorrindo me pegou de surpresa com as palavras a seguir: — Eu te amo, Henrique. — Ela sussurrou em meu ouvido, provocando arrepios em minha pele. — Eu sempre fui e sempre serei apaixonada por você, Henrique. Sempre.

Fechei meus olhos e os senti arder com a ameaça de lágrimas. Não, era apenas a porra de um cisco. Mentira, eu amava essa mulher para caralho e não tinha vergonha de me emocionar por tudo que me provocava. Eu não merecia o seu amor, mas passaria o resto da minha vida tentando merecê-lo.

— Não mais do que eu, Miamor.

MIA

Alguns dias depois do casamento de Nonno com Nonna Fiorella, recebi a notícia que minha mãe estava morta. Apesar de ter tentado de todas as formas mudar minha decisão, depois da tentativa de ameaça que Henrique sofrera dela, decidi não lhe dar uma chance, pois ela havia tido tantas e ainda assim não fez nada para ser uma pessoa melhor. E quando sua hora chegou ela estava como merecia: sozinha.

Dizer que não sofri com a notícia seria mentira, mas também não me deixei abater por alguém que para mim estava enterrada há mais de treze anos. Mary Kate não voltara para se redimir ou coisa do tipo, mas sim para ter a chance de pela última vez me fazer sua refém e então sofrer com sua morte. Só que eu não era mais a garota que ela conheceu e para mim ela era uma página virada que decidi esquecer e eu tinha tanto para viver ainda ao invés de ficar me remoendo pela sua partida que era mais do que certa.

“A dor muda qualquer um.” Era o que minha psicóloga repetia para mim.

E muda. Eu era a prova viva do quanto cada ferida me modificara e fizera, mesmo que a troncos e barrancos, me tornar quem eu era. E quem eu me tornara? Eu era Mia Guiotto Ferraz, mulher apaixonada – e loucamente retribuída - pelo mesmo homem há mais tempo do que podia contar; filha do melhor pai do mundo – a qual nunca quis tirar a prova biológica -; que tinha um avô incrível, uma mãe drasta sem procedências; os irmãos mais companheiros; bem como os amigos mais foderas, uma carreira que amava e estava grávida do meu primeiro e muito esperado filho.

É. Não são os rótulos que nos definem, mas sim quem somos. O propósito de tantas mudanças, de cada etapa vivida, é sempre crescer, olhar para frente com a sabedoria de quem já aprendeu com os erros, não guardar mágoas pelo que passou e seguir seu destino sem olhar para trás. E era por isso que duas semanas antes do meu casamento com Henrique, que eu o incentivava a finalmente fazer isso por ele mesmo, levando-o para conhecer seu pai.

Não foi fácil convencê-lo a ficar frente a frente com aquele que o decepcionara antes mesmo de nascer. Mas embora tivesse tentado fugir e estivesse nervoso enquanto estávamos a sua espera, Henrique fez isso por mim.

Gael foi o primeiro a aparecer, vindo correr para abraçar o tio que carinhosamente chamava de Mio, como sua mãe também o chamava. Ana Renata veio logo em seguida, vindo correndo atrás do seu pequeno, que já matava as saudades da gente depois de dias sem nos ver.

— Oi, gente. Desculpem. Mas ele saiu correndo assim que passamos pela porta do restaurante. — nós rimos, enquanto Henrique fazia cocegas no sobrinho e recebia um beijo da sua irmã por parte de pai. — Como você está, Mio? Ansioso? — ele respirou fundo e apertei sua coxa para lembrá-lo que estava ali.

— Sim. Onde ele está?

— Foi estacionar o carro. Também está ansioso para finalmente te conhecer.

Henrique não teve tempo de se preparar caso essa fosse a sua vontade, porque ele logo chegara. A tensão se acumulou enquanto pai e filho se encaravam e me vi completamente sem fôlego. Eu sempre achei que ele fosse parecido com a mãe, no entanto, eles se pareciam tanto que era impossível que qualquer pessoa que passasse duvidasse da sua paternidade.

— Oi — a versão mais velha de Henrique o cumprimentou e ele permaneceu em silêncio. Muito sério.

— Oi. — me levantei para não aumentar a tensão que já era grande. — Meu nome é Mia, eu sou a esposa de Henrique.

— Como vai, Mia? Ouvi muito falar de você. É um prazer enorme conhecê-la. — ele sorriu e me pareceu sincero, então não vi outra forma a não ser retribuir o abraço que ele veio me dar quando me cumprimentou.

Só esperava que Henrique desse a ele uma chance também.



Foi em uma tardezinha, ao som de *Nossa Conversa*, que finalmente nos casamos. O local escolhido para firmarmos nosso compromisso perante a nossa família, não poderia ser outro a não ser onde tínhamos as nossas melhores lembranças, na Fazenda.

Aquele era o casamento que sempre quis, não o pomposo a qual eu havia fugido. O altar improvisado em frente a lagoa era tudo que sempre sonhei e quando o vi a minha espera, lindo como nunca, mais muito nervoso, apenas nossos amigos mais íntimos e familiares como testemunhas e para completar também um lindo por do sol, eu não poderia ter desejado algo mais perfeito.

Seu pai participou do nosso casamento. Ana Renata e Gael já eram presenças constante em nossa vida e pouco a pouco as coisas entre os dois começaram a crescer e ele foi ganhando espaço no coração do meu amado, que começava a amolecer. E eu ficava feliz a cada vez que ele o inseria quando o assunto era família.

Minha gravidez foi tranquila, embora tenha ficado um pouco enjoada nos primeiros meses, consegui trabalhar até o final. Quando cheguei ao nono mês, eu estava enorme. E também exausta.

Eu havia decretado há um bom tempo que não era como Sophia, que além

de adorar procriar, pois já havia dado à luz a quatro, aparentemente passava a gravidez como se não fosse nada demais e isso me invejava. Por mais linda que fosse a experiencia de gerar um filho, ter os pés inchados, as costas doendo, não encontrar sequer uma posição confortável para dormir era o suficiente para querer que o bebê nascesse logo.

Henrique fez tudo para que as coisas fossem as mais confortáveis possíveis. Mesmo que isso significasse ter que sair tarde da noite para atender um desejo meu. Ou me dar massagens relaxantes. Ou tendo que aguentar a grande bomba hormonal que eu me tornara. A verdade é que a impressão que se passa do oitavo para o nono mês é de que vamos ficar grávidas para sempre.

Senti-me um pouco como a Rachel, que fez de tudo para começar a ter contrações quando a desejada semana de número quarenta chegou e estava prestes a acender uma fogueira para ver se ela saia também.

Então quando finalmente aconteceu, eram mais de oito da noite e depois de informá-la, segui as instruções da minha médica para passar pelo período pré-parto da forma mais tranquila possível. Procurei pela bola ginástica, para que ela pudesse ajudar a aliviar as dores na coluna, especialmente a região da pélvis e também na hora da dilatação.

Henrique estava na cozinha fazendo nosso jantar e eu não queria que começasse a entrar em pânico, então com apoio do sofá, me sentei na bola e comecei a balançar o quadril devagar de um lado pro outro, fazendo movimentos circulares. Quando as contrações vinham, cada vez mais próximas, meus movimentos se intensificaram e ajudaram a aliviar as dores.

E foi no exato instante em que eu me ajoelhei no chão e abracei a bola contra o peito, jogando o corpo para frente ao passo que apoiava os ombros e peito na bola, e curti o leve relaxamento que me trazia que Henrique decidiu entrar:

— O que diabos está fazendo? — ele me encarava com uma careta estranha, enquanto eu respirava e inspirava através das contrações.

— Estou tentando aliviar minhas contrações.

— Você o quê? — os olhos verdes se arregalaram e ficaram em pânico. — Já está na hora? Não é muito cedo? Devo levá-la para o hospital agora? Eu vou pegar sua mala e a da bebe. — e então saiu antes mesmo que eu pudesse responder alguma coisa ou sequer gritar com ele.

Como assim está cedo? Ele achava que eu era o que? Um elefante para ter uma gestão de dois anos?

Decidi ignorá-lo. Afinal, já que eu era a única a estar sentindo dor, castigá-lo não faria mal. Por isso simplesmente continuei com a minha bola, rebolando de um lado para o outro, enquanto o ouvia gritar por qualquer coisa e corria ao

redor da casa completamente desesperado.



Por mais que eu insistisse que ainda tínhamos tempo, vinte minutos depois ele me carregava para o hospital. Horas mais tarde, eu poderia ter matado o meu marido, minha médica ou qualquer pessoa que tivesse por perto ou ao alcance das minhas mãos e não tivesse drogas.

Não importava quanto a gente se preparava, estudava ou seguisse a risco tudo conforme nos instruem, aquela coisa de parto natural, humanizado, sem dor, simplesmente não faziam mais sentido para mim. Eu ia morrer, tinha certeza. E depois de exigir uma epidural, aos gritos diga-se de passagem, as coisas se tornaram não menos desconfortáveis, mas ao menos mais fáceis.

Por que diabos não optei por uma cesariana?

Henrique me ajudou o melhor que pôde, mas a minha vontade enquanto segurava minha mão e dizia coisa do tipo “*Você está indo muito bem, amor. Quase lá.*”, era de socar sua cara bonita ou mandá-lo para fila da vasectomia.

Minha médica era outra que eu passara a odiar profundamente. Não aguentava mais que dissesse para que eu empurrasse, queria era de chorar, mas antes disso tinha que ter certeza de socá-la. Eu só queria que aquilo terminasse. Logo.

— Mais uma vez, Mia. — ela comandava e eu até ria se não tivesse como a minha vagina, literalmente, em suas mãos.

— Vamos, amor. Você consegue.

Eu sabia que podia também, mas naquele instante dei tudo de mim apenas para não ouvir mais a voz irritante dos dois. E então finalmente consegui.

O alívio foi quase imediato, e eu sabia que tinha conseguido antes de ouvir o bebê chorar. Nós dois chorávamos pela emoção do momento quando Henrique beijou minha boca, parecendo não se importar nem um pouco por estar suada.

— Você foi incrível. Tão forte — ele sussurrou, ao mesmo tempo em que a enfermeira colocava Letícia em meus braços e fechando os olhos, consegui dar um pequeno sorriso, agradecida.

Ela era tão linda. Tão perfeita, que olhando para ela, um pequeno pedaço nosso, sabia que faria qualquer coisa para tê-la outra vez.

— A experiência foi tranquila. Nem senti nada.



— Podemos encomendar logo outro — Henrique disse, enquanto observava nossa filha amentando em meus seios.

— O que? — perguntei em pânico.

Henrique apenas sorriu e acenou com a cabeça, enquanto continuava bebendo do seu uísque e eu ficava lá pirando completamente. Fiquei murmurando os inúmeros motivos que ele estava louco por querer outro filho, sabendo que Letícia tinha nascido há poucos meses e sobre o quanto parir era doloroso. Eu não conseguia nem raciocinar direito com o pensamento sobre isso.

— Terminou? — um sorriso satisfeito estava em seus lábios quando parei de falar dez minutos depois.

Esse era o novo truque que ele usava comigo quando eu saía de mim e dava meus ataques de loucura. Ele adorava me provocar e achava graça quando me via perder a compostura, isso me deixava ainda mais irritada. Mas, no fundo, eu não me importava realmente, porque eu o amava mesmo assim. E amava muito mais o que ele havia me dado.

Nunca se esqueça: Quando um capítulo termina, outro começa. E depois outro. Então não importa o quanto você esteja sofrendo, ou quantas batalhas diárias tem de enfrentar, sempre vai ter um recomeço e no fim terá alguém ao seu lado para dividir tudo e te amar.

Ou querer matá-lo.

— Henriqueeeeeeee! — dez minutos mais tarde eu gritava seu nome, pois havia acabado de fazer o teste de farmácia que ele havia deixado propositalmente a minha espera no banheiro. — Não acredito que você me engravidou de novo, seu filho da mãe!

E de longe eu ouvi sua gargalhada gostosa, confirmando que não apenas estava feliz por isso, mas também que não importava o que acontecesse, o quanto eu surtasse e o xingasse durante os nove meses, ou quantas vezes eu ficasse louca por engravidar, depois de todas as nossas idas e vindas, sabia ele estaria ao meu lado como sempre prometera. Juntos, até *o infinito e além...*

Fim...

Letícia Guiotto Ferraz

Ainda nos beijando no escuro, saímos andando em direção ao celeiro. O aniversário do meu pai ainda estava a todo o vapor, com música, comida e bebida, o que era mais do que normal, quando se tratava de juntar toda a família e amigos na fazenda e eu não achava que alguém ousaria notar nossa ausência. Não que eu me importasse, especialmente enquanto sentia o caminho de doces beijos pelo meu pescoço.

— Paolo, alguém pode entrar e nos ver — tentei dizer, mas minha voz saiu quase como um gemido.

— Foda-se! Que vejam, não aguento mais fingir que não temos nada. Estamos juntos há quase seis meses. — se afastou apenas o suficiente para que continuasse a roçar seus lábios macios na pele sensível do meu pescoço. — Quero que todo mundo saiba que você é minha, Letícia — sussurrou as últimas palavras em meu ouvido e estremeci, um longo gemido me escapando.

Inferno! Como ele poderia fazer com que eu me sentisse assim... tão entregue?

Paolo e eu começamos a namorar há uns seis meses, mas apesar de nossos pais serem como nós, amigos de infância, não tinha certeza de que meu pai aceitaria muito bem nosso namoro. Não que Paolo não fosse um bom cara, mas meu pai vivia repetindo que ele e seu irmão gêmeo, Pietro, eram cópias idênticas do pai deles na mesma idade. Ninguém poderia discordar, especialmente por eles serem idênticos ao tio Luca, com o mesmo cabelo escuro, olhos extremamente azuis, sorriso torto, exceto talvez pela doçura de tia Sophia.

Paolo e Pietro eram gêmeos, mas apesar de serem visualmente cópias um do outro, não eram tão parecidos no jeito de ser. Os dois herdaram todo o charme, beleza e sangue quente que a família Campanaro tinha, então eles claramente se aproveitavam dos seus dotes com as meninas. Quer dizer, Pietro ainda se aproveitava e muito disso. E pelo bem da integridade física de Paolo, esperava que seus dias de conquista tivessem mesmo ficado para trás.

Não era a primeira vez que Paolo falava em assumir nosso relacionamento, mas ainda não tinha certeza de que era o momento. Eu sinceramente queria contar, queria mesmo, não gostava de mentir para ninguém, especialmente para os meus pais. Eu sabia que minha mãe me apoiaria, mas era isso, tinha realmente medo de que meu pai acharia da sua filha mais velha namorando ou até mesmo que tentasse nos impedir de ficar juntos. Tudo bem que eu já tinha quinze anos e ele dezesseis, mas meu pai era muito ciumento e não parecia ter se dado quanto

que cresci.

— Eu também quero contar, mas não é assim — ele afastou seus lábios dos meus, não parecendo entender minha posição.

— Amor, por que tem tanto medo de contar? — sua voz era doce quando perguntou, demonstrando não apenas seu carinho, mas também preocupação.

Essa era uma das coisas que eu mais amava nele, Paolo era lindo, sexy, quente e doce para caramba. Não importava o quão quente as coisas iam entre a gente, ele sempre se preocupava como eu me sentia. Eu sabia que ele não era mais virgem, ainda assim não me pressionava, dizia que não queria apressar as coisas e por mais que eu quisesse ir além, ele se importava apenas sobre mim. Ele poderia ser melhor?

— Não sei... — ele alçou sua sobrancelha quando percebeu que eu estava mentindo e decidi admitir: — Tudo bem. Tenho medo de que talvez meu pai nos impeça de namorar. — senti meu rosto corar, o que não era muito difícil de se acontecer quando se tinha uma pele muito branca como a minha.

— E por que Tio Henrique faria isso? — segurou meu rosto, enquanto me olhava com um sorriso travesso nos lábios.

— Você sabe como meu pai é. Luísa está bem, porque ela ainda tem treze anos e o foco de Dr. Henrique está todo em mim. — e era verdade, ele parecia como um falcão, de olho em tudo que eu fazia.

— Bem... Você se sente melhor se eu disser, que posso ganhar pontos por conhecerem muito bem minha família? — brincou e eu fracassei na minha tentativa de não rir.

— Sério, Pa. Você viu como tio Luca foi com a Giovanna e agora com a Giulia. — empurrei seu peito de brincadeira, antes dele me abraçar pela cintura.

— *Baby*, para começar, meu pai ainda pega muito no pé da Giovanna. Para o seu alívio e desgosto dela e de seu tio Vittorio, Nonno faz visitas durante toda semana para eles. Acho que ela está arrependida de ter ido para Itália, ao invés de ter ido para Paris como minha mãe sugeriu. — eu sorri com a imagem de Giovanna que ele pintou e suspirei sonhadora, ao pensar nela realizando um sonho que também era meu, assim como minha mãe fez no passado.

A Giovanna era a filha mais velha de tio Luca e tia Sophia. Na verdade, descobri há poucos anos que ela não era realmente filha de sangue de tio Luca. O que me surpreendeu horrores, porque ele era tão louco por ela, quanto por seus outros filhos, Pietro, Paolo, Giulia e a pequena.

Giovanna tinha vinte e um anos e há cerca de três anos foi estudar Arquitetura em Roma, onde meu tio Vittorio também estava terminando sua pós-graduação. Ela sempre fora apaixonada pelo meu tio, mas começaram a namorar um pouco antes dela ir para Itália e recentemente ficaram noivos.

— Mas a Gio está longe e ela já namora com tio Vittorio há tempos e em breve eles vão casar — eu o lembrei e ele acenou com a cabeça.

— Sim. Mas isso não quer dizer que meu pai não surtou. Eu não lembro, mas minha mãe diz que quando a Giovanna arranhou o primeiro namorado, meu pai se embebedou e chorou, dizendo que ela tinha prometido que só namoraria com dezoito anos e ela só tinha dezesseis na época. Fora que seu tio é bem mais velho que ela. — gargalhei.

— Meu pai tinha dito algo do tipo, mas achei que era brincadeira. — eu ainda ria e ele assentiu.

— É verdade. Quanto a Giulia, você a conhece. — ele bufou. — Sorte de meu pai não ter tendência para calvície, porque eu juro que ele está para perder todos os seus cabelos por preocupação. Ele diz que a culpa é de minha mãe, que a Giu é igualzinha a ela. Dinamite pura. — não tive como não rir depois que ele terminou de falar.

Giulia Campanaro ou simplesmente ‘Giu’, como todos a chamavam, era realmente muito parecida com tia Sophia, uma dinamite. Em tudo, do jeito de ser ao resto. Com exceção dos belos olhos azuis, tão iguais aos do meu namorado. Enquanto Giovanna era tímida e mais na dela, a Giu era o seu oposto. Ela também era linda, mas era determinada e incrível. Nós tínhamos a mesma idade e ela era a minha melhor amiga.

Conseguia me lembrar com exatidão do dia que ela decidiu furar seu nariz, exatamente como nossas mães. A Giovanna, como irmã mais velha, disse que Giu estava linda com seu piercing, mas logo a alertou que o pai delas ia surtar. E surtou.

Tio Luca disse que ela era uma criança, que não poderia ter feito isso e não sei o que. Giulia simplesmente respirou fundo e enfrentou seu pai, disse inclusive que ele se apaixonou pela mãe com o nariz furado, porque ela não poderia ter um piercing no nariz também. Meu exemplo pode parecer besteira, mas é que eu admiro a capacidade de Giu lutar e argumentar pelo que quer. Ela não aceitava um ‘não’ como resposta.

— Eu queria ter a coragem dela — Admiti, acariciando seu peitoral já esculpido pelo Muay Thai. — Como ela consegue enfrentar seu pai assim? Às vezes acho que o meu me mataria ou pior, mataria você, se soubesse que estamos namorando escondidos — confessei e ele me deu aquele sorriso malicioso, que fazia com que eu me sentisse a garota mais sortuda no mundo.

— Amor, você é corajosa. Não estou dizendo para você gritar com seu pai, mas você apenas tem que mostrar para ele o que você quer. — seu tom era carinho e beijo suave que recebi em seguida apenas deixou-o mais fofo.

— Eu sei. Mas e se mesmo assim ele disser que não quer nosso namoro? —

minha pergunta não era retórica, mas eu não esperava que ele me respondesse. Mas ainda assim recebi um leve sorriso em resposta, que me agitava o estomago.

— Se isso acontecer, vou tentar fazer com que ele mude de ideia provando o quanto eu te amo — sussurrou entre leves beijos nos meus lábios, antes de me segurar pela cintura e aprofundar ainda mais o beijo.

Eu estava condenada!

— Eu posso saber que diabos está acontecendo? — a voz irritada de meu pai nos tirou do nosso momento de paixão e assustada, me virei para dar de cara com quem eu menos gostaria de ver.

Oh, diabos! Estávamos ferrados!

Por enquanto é isso... Em breve a nova geração dos Campanaros, Guiottos, Ferraz e de toda turma!

Playlist

The Penis Song – Filme Tudo para ficar com ele

Happier – Ed Sheeran

Friends – Ed Sheeran

What Hurts the Most - Rascal Flatts

No One – Alicia Keys

Heart Attack – Demi Lovato

Gravity - John Mayer

Faz assim – Bruno Miguel

Marry Me - Jason Derulo

Thousand Years -

RG – Luan Santana e Anitta

Oi – Léo Magalhães

Duas doses de Saudade – Ludmilla

Nossa Conversa – Kell Smith

Refém – Dilsinho

Tell Me You Love Me - Demi Lovato

Agradecimentos

Escrever esse livro foi extremamente difícil. Primeiro porque comecei há muitos anos, lá no comecinho da minha carreira como escritora, quando eu sequer pensei que teria uma carreira, ainda era imatura — e ainda me considero — , e teria feito muita coisa diferente, mas eles tomaram as rédeas e contaram sua história exatamente como queria.

Novamente tenho que agradecer aos personagens mais teimosos que eu já tive o prazer de escrever. Obrigada Henry e Mia por me darem a honra de contar essa história tão cheia de idas e vindas, mas que mesmo com os tocos, os desvios, tem o mais importante para um casal: amor.

E parasafreando Osvaldo Montenegro: Porque metade de mim é amor... e a outra metade também. Por isso sempre terei a agradecer àqueles que me dão tanto a cada dia.

Deus, sempre, pela dádiva da vida e por cada bênção, cada vitória. Aos meus pais, meus maiores fãs, mal sabendo eles que a recíproca é mais do que verdadeira. Aos homens da minha vida, meu marido Lucas e ao meu filho, por serem o que me movem.

À Carlie Ferrer, que me mostra a cada dia o poder da amizade. À Maria Rosa, amiga querida que sempre lembrarei como uma das primeiras que me deu força para seguir. <3

Larissa Maps, Kami e Marta, por serem as pessoas que me alegram e me fortalecem em cada momento vivido.

Taciana, Thais & Thuany, meu amor e gratidão por vocês é eterno. <3

A Panela de Pressão: Joice Bittencourt, Evy Maciel, Sue Hecker, Kacau Ti Amo, Márcia Lima, Sylmara, Bya Campista, Camila Ferreira... <3

Ao Lado Purpurinado da Força: Villar, Paulinha, Liv, Sara, Marta e Kami, por serem a purpurina que faltava em minha vida! Amoooo <3

Minhas princesas lindas, meus leitores queridos, que me acompanham em cada trabalho. Cada palavra de carinho que recebo são o gás que preciso para seguir. Obrigada não apenas por estarem comigo a cada livro, mas principalmente por acreditarem e me darem forças para continuar nessa jornada. S2

A minha equipe maravilhosa de divulgação, que propagam meus bebês para o “mundo”: Laís, Paula, May, Alinne, Laiza!<3

A Evelyn Santana, por me amar, mesmo quando me odeia profundamente! <3

As minhas colegas talentosas que colore o mundo: Mary Oliveira, Milena

Cavalcanti, Ali Graciotte, ALC Alves, Bia Tomaz, Lucy Berhends, Janaína Rico, Nana Pauvolih, S Miller, Ju Mendes e LM Gomes.

Danilo Barbosa, meu agente por não apenas acreditar em mim, mas também cuidar de mim como ninguém! <3

Aos meus queridos Gracielle Rattes, Alinne Leite, Mayse Margarida, Thays Lima, Bianca Patacho, Vanessa Fiorio, Aline Mendes, Aline Silva, Deisi Riewi, Débora Favoretto, Mari Sales, Diana Medeiros, Anne, Ellen, Nilton, Mariana Ornelas, Marianna Rodrigues, Dammy, Veveta, Daiane Marinho e todos os meus parceiros, que me apoiam a cada nessa louca jornada. <3

E você, que está aqui, que por mais que tenha querido me matar me deu a honra de lhe contar mais essa história... Espero que tenha gostado e obrigada por me deixar entrar!

Até breve!
Beijos,

Míddian Meireles



Sobre a Autora

Míddian Meireles

Filha única e nada mimada. Mas ainda assim era aquela menina que trocava um quarto de brinquedos por uma caneta e um papel mesmo antes de aprender a escrever. Era aquela que escrevia no diário sobre o seu dia a dia, mas também sobre seus medos, sonhos e desejos. Aquela que odiava Matemática, mas adorava Redação.

É Mãe, esposa, amiga, viciada em maquiagem e sapatos. Aquela em que seus fiéis companheiros para a Insônia são os livros e por essa paixão incontrolável, resolveu usar a imaginação e escrever suas próprias histórias. E hoje com vinte e tantos anos, encontrou-se na escrita, redescobriu-se através das palavras, novas histórias e personagens.

Contato: contato@mimeireles.com

[Perfil](#) | [Grupo Face](#) | [Página Face](#) | [Site](#) | [Wattpad](#)

Conheça meus outros livros clicando [aqui](#).
Gostou? Deixe seu feedback, ele é muito importante para nós
autores... <3

¹ Asshole – em inglês algo como Pau no C*. Henrique escolheu um xingamento em inglês, justamente por causa da origem do personagem de Paco, que é da Inglaterra.

Table of Contents

[Sinopse](#)

[Aviso antes da Leitura](#)

[Capítulo 1](#)

[MIA](#)

[Capítulo 2](#)

[MIA](#)

[Capítulo 3](#)

[MIA](#)

[HENRIQUE](#)

[MIA](#)

[MIA](#)

[Capítulo 6](#)

[MIA](#)

[Capítulo 7](#)

[MIA](#)

[HENRIQUE](#)

[Capítulo 8](#)

[MIA](#)

[Capítulo 9](#)

[HENRIQUE](#)

[MIA](#)

[Capítulo 10](#)

[MIA](#)

[Capítulo 11](#)

[MIA](#)

[Capítulo 12](#)

[HENRIQUE](#)

[MIA](#)

[Capítulo 13](#)

[MIA](#)

[HENRIQUE](#)

[Capítulo 14](#)

[MIA](#)

[HENRIQUE](#)

[MIA](#)

[Capítulo 15](#)

[HENRIQUE](#)

[HENRIQUE](#)

[MIA](#)

[Capítulo 18](#)

[HENRIQUE](#)

[Capítulo 19](#)

[MIA](#)

[Epílogo](#)

[HENRIQUE](#)

[MIA](#)

[Letícia Guiotto Ferraz](#)

[Playlist](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a Autora](#)

[Notas de Rodapé](#)